

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA -
DOUTORADO**

Eduardo Luis Cormanich

A Psicologia Teórica na Fenomenologia de Husserl

JUIZ DE FORA
2024

Eduardo Luis Cormanich

A Psicologia Teórica na Fenomenologia de Husserl

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração História e Filosofia da Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Arja Castaño

JUIZ DE FORA
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cormanich, Eduardo Luis.

A Psicologia Teórica na Fenomenologia de Husserl / Eduardo Luis
Cormanich. -- 2025.

177 f.

Orientador: Gustavo Arja Castaño

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto
de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
2025.

1. Fenomenologia. 2. Psicologia Teórica. 3. Epistemologia. 4.
Psicologia Fenomenológica. 5. Epistemologia da Psicologia. I.
Castaño, Gustavo Arja, orient. II. Título.

Eduardo Luis Cormanich

A Psicologia Teórica na Fenomenologia de Husserl

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em 28 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Dr(a) Gustavo Arja Castañon - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) Richard Theisen Simanke

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) Nathalie Barbosa de La Cadena

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) Adriano Furtado Holanda

Universidade Federal do Paraná

Prof(a) Dr(a) Jean Marlos Pinheiro Borba

Universidade Federal do Maranhão

Juiz de Fora, 22/11/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Gustavo Arja Castanon, Professor(a)**, em 07/12/2024, às 20:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Richard Theisen Simanke, Professor(a)**, em 09/12/2024, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Furtado Holanda, Usuário Externo**, em 19/12/2024, às 14:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jean Marlos Pinheiro Borba, Usuário Externo**, em 18/01/2025, às 12:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nathalie Barbosa de La Cadena, Professor(a)**, em 07/02/2025, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2115430** e o código CRC **534E8369**.

Por meus filhos, por minha amada
esposa e pelo amor à Verdade.

RESUMO

Este trabalho examina os conceitos fundamentais da obra do filósofo Edmund Husserl que possibilitam o estabelecimento da Psicologia Teórica como fundamentação da Psicologia Científica. Suas hipóteses centrais são: 1) a Fenomenologia se desenvolveu como resposta ao processo de promoção da Psicologia de uma disciplina filosófica a uma disciplina científica e 2) a Fenomenologia pode ser entendida, em grande parte, como uma Psicologia Teórica, tanto em seu caráter ontológico quanto metodológico. Esta tese contextualiza o surgimento da Fenomenologia no final do século XIX, durante a institucionalização da Psicologia nas Universidades alemãs, e analisa os principais aspectos da Psicologia Fenomenológica na obra de Husserl e suas implicações epistemológicas para a fundamentação da Psicologia Científica. Por fim, são descritas possibilidades práticas para o desenvolvimento de uma Psicologia Teórica fundamentada na Fenomenologia husserliana. Conclui-se que a Fenomenologia oferece uma base conceitual para a Psicologia, mas sem que toda a sua estrutura se reduza a esta, devido ao seu caráter de análise eidético-transcendental.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicologia Teórica; Epistemologia; Psicologia Fenomenológica.

ABSTRACT

This study examines the fundamental concepts in Edmund Husserl's work that enable the construction of Theoretical Psychology as a field of investigation and foundation for Scientific Psychology. The central hypotheses are: 1) Phenomenology developed as a response to the elevation of Psychology from a philosophical to a scientific discipline; and 2) Phenomenology can largely be understood as Theoretical Psychology, both in its ontological and methodological dimensions. The study contextualizes the emergence of Phenomenology in the late 19th century, during the institutionalization of Psychology in German universities, and analyzes key aspects of Phenomenological Psychology in Husserl's work and its epistemological implications for the foundation of Scientific Psychology. Finally, practical possibilities for developing a Theoretical Psychology based on Husserlian Phenomenology are described. It concludes that Phenomenology provides a conceptual foundation for Psychology, while acknowledging that not all of Phenomenology is reducible to Psychology, due to its eidetic-transcendental nature.

Keywords: Phenomenology; Theoretical Psychology; Epistemology; Phenomenological Psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E EPISTEMOLÓGICA DA EMERGÊNCIA DA PSICOLOGIA E DA FENOMENOLOGIA.....	17
1.1 A REFORMA EDUCACIONAL ALEMÃ E A CRIAÇÃO DA DISCIPLINA DA PSICOLOGIA.....	17
1.2 O PAPEL DA PSICOLOGIA NA REFORMA EDUCACIONAL ALEMÃ.....	24
1.3 O SURGIMENTO DA PSICOLOGIA EXPERIMENTAL, DO PSICOLOGISMO E A QUERELA DA CÁTEDRA.....	32
2. ANÁLISE DO CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NAS PRINCIPAIS OBRAS HUSSERLIANAS.....	40
2.1 O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA.....	40
2.2 ANÁLISE DA OBRA “INVESTIGAÇÕES LÓGICAS” DE 1901.....	44
2.3 ANÁLISE DA VI INVESTIGAÇÃO LÓGICA: A PSICOLOGIA DESCRIPTIVA COMO FUNDAÇÃO DA PSICOLOGIA TEÓRICA.....	64
2.3 ANÁLISE DA OBRA “FILOSOFIA COMO CIÊNCIA DE RIGOR” DE 1911...	66
2.4 ANÁLISE DA OBRA “IDEIAS PARA UMA FENOMENOLOGIA PURA E PARA UMA FILOSOFIA FENOMENOLÓGICA” DE 1913.....	90
2.4.1 Psicologia Racional e Fenomenologia - Psicologia Experimental.....	118
2.5 ANÁLISE DA OBRA “LIÇÕES SOBRE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA” DE 1925.....	126
2.5.1 Por uma Psicologia Não-Naturalista.....	127
2.5.2 Intencionalidade: a possibilidade de uma ciência da psíquico.....	130
2.5.3 Psicologia Fenomenológica – Uma Ciência Apriorística.....	137
2.5.4 O Objeto da Psicologia Fenomenológica: a Experiência Pura.....	140
3. A PROPOSTA DA CONSTITUIÇÃO DE UMA PSICOLOGIA TEÓRICA A PARTIR DO CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM HUSSERL.....	147
3.1 SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA PSICOLOGIA TEÓRICA.....	147
3.2 PSICOLOGIA TEÓRICA COMO CIÊNCIA EIDÉTICO-IRREAL.....	153
3.3 DESCRIÇÃO DAS ESTRUTURAS DA CONSCIÊNCIA PSICOLÓGICA...	159
3.4 SOBRE A MULTIPLICIDADE DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS E SUAS CORRELAÇÕES.....	166
CONCLUSÃO.....	169
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	172

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere dentro do campo da discussão da Psicologia Teórica. Embora a maior parte do trabalho busque descrever a Psicologia Fenomenológica de Edmund Husserl (1859-1938), nosso principal objetivo é o de apresentar como, a partir da leitura e dos conceitos da Fenomenologia e, em especial o conceito de Psicologia Fenomenológica, é possível estabelecer alguns critérios ontológicos e metodológicos para pensar a possibilidade da fundamentação epistêmica da Psicologia a partir da Fenomenologia de Husserl.

A Psicologia Teórica, em sua acepção canônica delineada por autores como Kukla (2001) e Castaño (2012), configura-se como um campo de investigação estritamente conceitual e não-empírico, análogo ao papel da física teórica para a física experimental. Seu propósito fundamental é executar atividades indispensáveis ao avanço da ciência psicológica – tais como a construção e análise de teorias, a clarificação conceitual, a identificação de pressupostos e a derivação de consequências testáveis – partindo do pressuposto da viabilidade do conhecimento científico sobre o psíquico. É precisamente nesta acepção que a presente tese se insere, propondo investigar em que medida a Fenomenologia de Husserl, em especial o conceito de "Psicologia Fenomenológica", pode ser compreendida como a execução desse programa de fundamentação teórica para a Psicologia.

Importante destacar que a Psicologia Teórica, assim concebida, distingue-se tanto da Epistemologia da Psicologia – que questiona os fundamentos e a possibilidade mesma de uma ciência psicológica – quanto da chamada Psicologia Filosófica – que, ao rejeitar o método científico para certos problemas, posiciona-se como alternativa a ele. A Psicologia Teórica opera, portanto, no interior do empreendimento científico, fornecendo-lhe sua infraestrutura conceitual. Neste contexto, a Fenomenologia husserliana não será tratada aqui como uma forma de Psicologia Filosófica, mas sim como uma candidata a preencher o núcleo duro da Psicologia Teórica, fornecendo descrições rigorosas das estruturas ontológicas e dos métodos de acesso ao psíquico que podem servir de base para a investigação empírica.

Dessa forma, a hipótese central que orienta este trabalho – a de que a Fenomenologia pode ser lida como uma Psicologia Teórica – vincula-se diretamente à definição restrita e fundacional do termo. O objetivo não é reduzir a Filosofia Fenomenológica à condição de subsidiária da pesquisa empírica, mas demonstrar que

seu projeto de uma "Psicologia Fenomenológica" compartilha a mesma missão estruturante da Psicologia Teórica: estabelecer, por meio de uma análise eidética e a priori, os fundamentos ontológicos e as condições de possibilidade metodológica que devem orientar qualquer investigação psicológica que aspire ao estatuto de ciência rigorosa. Esta interpretação busca, assim, oferecer uma sistematização teórica robusta, de caráter propedêutico, para a Psicologia Científica.

Podemos aqui citar algumas importantes contribuições que buscaram estabelecer esta relação entre a Fenomenologia e a Psicologia, que não é nova. Destacamos, por exemplo, as obras de Giogi & Souza (2010), Holanda (2009) e Feijoo & Goto (2016), apenas no âmbito acadêmico brasileiro. São várias tentativas e interpretações possíveis do trabalho de Husserl, que reforçam a importância da apresentação de argumentos do próprio criador da Fenomenologia. Isso se dá porque boa parte de seu trabalho ainda permanece desconhecido ou mesmo inacessível para diversos psicólogos que têm interesse no estudo desta relação. Gostaríamos de destacar, antes de tudo que, mesmo já em vida, como destaca Spielberg (1960) reconhecido historiador do movimento fenomenológico:

O que ele [Husserl] sentia cada vez mais ser a necessidade era uma psicologia fenomenológica para preencher a lacuna entre a filosofia e a melhor psicologia da época, mas também como uma abordagem privilegiada à fenomenologia propriamente dita. (Spielberg, 1960, p. 150, tradução nossa)¹

Partindo desta leitura, com a qual concordamos, propomos uma leitura mais fidedigna do pensamento husserliano, e não uma tentativa, com ares de modernidade, que busque naturalizar ou instrumentalizar a fenomenologia de modo a descaracterizá-la². Nesse sentido, nos colocamos em defesa de uma interpretação fidedigna do trabalho husserliano, com todos os problemas que desta podem advir, contudo, reconhecendo que existe um trabalho ainda a ser feito, como bem colocam DeCastro e Gomes

Parecem, portanto, se destacar duas linhas de argumentação conflitantes sobre as possíveis relações entre fenomenologia e ciências empíricas. De um lado, se o objetivo das ciências empíricas foi buscar inspirações metodológicas para praticar fenomenologia como um recurso técnico, tal empreendimento já alcançou resultados. Contudo, se o interesse for estabelecer um novo programa científico, com definições lógicas claras e diferenciadas, como queria Husserl,

¹ What he [Husserl] felt increasingly to be the need was a phenomenological psychology to fill the gap between philosophy and the best psychology of the day, but also as a privileged approach to phenomenology proper. (Spielberg, 1960, p. 150)

² Podemos citar os intentos dos trabalhos de Zahavi (2004) e Gallagher & Zahavi (2007).

esbarra-se invariavelmente em um conflito paradigmático sobre critérios de acesso à verdade. (DeCastro & Gomes, 2011).

E é sobre esta dificuldade em se estabelecer um “novo paradigma científico” tal qual queria Husserl, e tal qual o filósofo imaginara ser possível a partir da adequada implementação de sua Fenomenologia pela Psicologia, que a presente tese se dispõe a trabalhar. Embora seja de difícil compreensão e de reconhecida dificuldade, o acompanhamento do pensamento filosófico de Edmund Husserl, e a fidelidade aos seus intentos, urge como um trabalho ainda a ser feito. A visão e as noções que a Fenomenologia de Husserl trouxe para as ciências em geral, e não só para a Psicologia, ainda constituem um trabalho a ser realizado, perseguindo de forma mais estreita seu pensamento. Buscar a fidelidade à interpretação husseriana do seu próprio conceito de Psicologia Fenomenológica, aqui interpretado como uma Psicologia Teórica, é o que motiva o presente trabalho.

Do ponto de vista metodológico, esta investigação se orienta pelos princípios da Sociologia do Conhecimento Filosófico (SPK, do inglês *Sociology of Philosophical Knowledge*), tal como desenvolvida por Martin Kusch (1995). Esta abordagem oferece um quadro integrado e pluralista para a investigação filosófica, recusando explicitamente a dicotomia convencional – e, a nosso ver, estéril – entre uma história “interna” das ideias, centrada na análise imanente de argumentos e conceitos, e uma história “externas”, voltada para contextos sociais e institucionais. A SPK parte do pressuposto fundamental de que a produção filosófica é uma prática social complexa, na qual a formação, a contestação e a consolidação de conceitos e teorias são indissociáveis dos contextos históricos concretos, das disputas por autoridade institucional e das estratégias retóricas e argumentativas mobilizadas pelos atores envolvidos.

Nossa opção por esta perspectiva posiciona-se criticamente no debate metafilosófico contemporâneo acerca da natureza da investigação filosófica. De um lado, alinha-se a uma visão, defendida por autores como Jorge J.E. Gracia, que postula uma autonomia metodológica para a filosofia sistemática. Para Gracia (1992), a tarefa filosófica por excelência é a busca atemporal por verdades sobre o mundo, devendo ser avaliada por sua coerência lógica e força argumentativa no presente. Nesta concepção, o estudo histórico dos textos e contextos do passado, embora possa ser útil para combater um “provincianismo cultural”, não é essencial para o trabalho filosófico propriamente

dito, estabelecendo-se uma relação de dependência unidirecional da história em relação à filosofia sistemática.

Contra essa visão autonomista, a SPK de Kusch sustenta, de forma convincente, que a história é constitutiva da própria filosofia sistemática. Kusch aponta para a falácia de uma suposta sincronia, argumentando que o "mundo" investigado pela filosofia inclui, inescapavelmente, seu próprio passado conceitual e institucional. Ignorar essa historicidade significa examinar uma abstração, e não a realidade concreta do pensamento. Ademais, a visão autonomista exclui arbitrariamente um conjunto de questões filosóficas genuínas e sistemáticas – como as que indagam sobre a dinâmica das controvérsias, a possibilidade de progresso teórico ou a relação entre instituições sociais e a produção de conhecimento –, as quais são intrinsecamente históricas e demandam ferramentas analíticas que integrem a reflexão conceitual e a investigação contextual. É nesta segunda vertente, que reconhece a inextricabilidade entre o sistemático e o histórico, que o presente trabalho se fundamenta.

Aplicada ao nosso objeto específico, a SPK nos incita a tratar a relação entre a Fenomenologia de Husserl e a Psicologia não como um dado pacífico, mas como uma controvérsia filosófica seminal. Em vez de tomar seu desfecho – a refutação husserliana do psicologismo e a proposta da Psicologia Fenomenológica – como um fato filosófico auto-evidente, propomo-nos a reconstruí-lo como o produto de um processo complexo. Para tanto, adotamos os postulados centrais dessa abordagem: a simetria e a imparcialidade, que nos levam a analisar os argumentos de todos os lados da disputa sem pressupor a superioridade racional a priori da posição que historicamente prevaleceu; o foco nos mecanismos de fechamento, mediante os quais investigamos as estratégias argumentativas, retóricas e institucionais empregadas para estabilizar significados e encerrar o debate; e o rastreamento da trajetória das afirmações, seguindo a transformação de proposições-chave de hipóteses contestadas em pressupostos consolidados, ou "fatos filosóficos", no interior do programa fenomenológico.

Este compromisso com um pluralismo metodológico rigoroso – que integra análise histórica, sociológica do conhecimento, exegese filosófica e elaboração teórica – materializa-se na própria estrutura da tese, organizada em três movimentos analíticos complementares. O primeiro capítulo constitui-se em um estudo de contextualização histórica e institucional. Nele, mapeamos o campo social e acadêmico da Alemanha do final do século XIX, no qual emergiu a Psicologia Científica, com o intuito de identificar os atores, as instituições universitárias e os interesses em disputa que

formaram o solo concreto da controvérsia sobre os fundamentos da Psicologia e, por consequência, da gênese da Fenomenologia.

O segundo capítulo se configura como um estudo de trajetória argumentativa e conceitual dos próprios textos husserlianos. Através de uma análise textual detalhada das obras centrais de Husserl, focamos no núcleo filosófico interno da Fenomenologia. Contudo, guiados pela sensibilidade da SPK, não realizamos uma exegese isolada. Buscamos demonstrar a flexibilidade interpretativa de conceitos como "psicologia descritiva" ou "psicologia eidética" e analisar as estratégias específicas de fechamento conceitual utilizadas por Husserl para forjar a noção de "Psicologia Fenomenológica" e estabelecê-la como fundamento necessário das ciências do espírito. A análise dos textos está exposta de forma igualmente cronológica, a fim de acompanhar o próprio progresso dos fatos históricos detalhados e analisados no primeiro capítulo da tese.

Esperamos, desta forma, fornecer ao leitor a possibilidade de compreender a obra husseriana, em especial, em uma relação imbricada - e nem sempre fácil de explicar - do surgimento da Fenomenologia com a própria elevação do status da Psicologia de uma disciplina filosófica para o status de disciplina científica. Esta relação específica e o contexto no qual se encontram o surgimento da Psicologia e da Fenomenologia.

Como a data de fundação da Psicologia científica é considerada usualmente a da criação do primeiro laboratório e Instituto de Psicologia, em Leipzig, no ano de 1879, assim também buscamos descrever os principais problemas enfrentados por Husserl àquela época, em especial as questões que implicaram diretamente tanto a filosofia como aos filósofos a ele contemporâneos. Assim, o segundo capítulo inicia-se com as análises dos Prolegômenos à Lógica Pura, obra esta que inaugura as famosas Investigações Lógicas, as quais foram publicadas entre os anos de 1900 e 1901. Neste texto Husserl busca fundamentar sua Fenomenologia a partir da crítica aos intentos de alguns psicólogos (e filósofos) em suplantar a filosofia por meio de achados e experimentos dito "científicos". É ali que Husserl traça seu conhecido embate ao psicologismo, no qual apresenta os principais argumentos para se repensar a forma como a influência da recém-criada ciência psicológica, buscava suplantar, ou mesmo substituir, a filosofia e a lógica vigente. Para além da crítica daquele texto, já é possível extrair boa parte dos fundamentos que Husserl buscará para alicerçar para a sua Fenomenologia e, como buscaremos demonstrar, já traz uma proposta de

fundamentação das ciências do Espírito, entre elas dando um maior destaque para a ciência psicológica.

Seguimos, ainda no capítulo II, analisando outra importante obra publicada em 1911, a qual, com certeza, devido ao teor e tons das críticas ali proferidas à Psicologia, traduzem bem o espírito de uma época na qual a Filosofia passava por uma enorme crise institucional nas Universidades alemãs, causada principalmente pela ocupação frequente das cátedras de Filosofia por psicólogos. O texto da “Filosofia como Ciência de Rigor” estabelece críticas duras à Psicologia e suas intenções em se estabelecer como ciência a partir de um modelo adotado das ciências naturais. Assim é que, boa parte desta obra, se destina a criticar, tal qual nos Prolegômenos, os intentos dos psicólogos em tentar impor uma doutrina do psíquico por meio de experimentos dito científicos. Contudo, ali também, já é possível prever outros conceitos que seriam desenvolvidos em obras posteriores, como a possibilidade, por exemplo, da descrição das experiências psíquicas em níveis fenomenológicos mais exigentes. Continuamos o capítulo oferecendo uma análise inédita, ao mesmo em língua portuguesa, do texto de Ideias III, o qual versa diretamente sobre a possibilidade da fundamentação da Psicologia a partir da fenomenologia husseriana. Este texto, é bom antecipar, foi escrito em conjunto com o texto de Ideias I, o qual foi publicado em 1913, e teve grande impacto nos seguidores de Husserl, principalmente por ter sido ali que Husserl teria deixado mais explícito a sua opção por um idealismo, mesmo que com contornos fenomenológicos. Contudo, o texto de Ideias III só veio a ser publicado posteriormente, e muito pouco ainda se analisa ou se estuda sobre ele. Buscamos, pois, revalorizar o texto que fala diretamente sobre a possibilidade de fundamentação da Psicologia, no qual ele antecipa diversos temas que seriam, posteriormente, alvo das suas lições nos semestres de verão de 1925. Tais lições foram posteriormente publicadas no volume IX do conjunto das obras completas de Husserl, e ficaram conhecidas como “Lições sobre Psicologia Fenomenológica”, texto com o qual encerramos a análise do segundo capítulo.

Por fim, o terceiro capítulo assume um caráter de estudo teórico-construtivo. Partindo do resultado da controvérsia analisada – a saber, a Psicologia Fenomenológica como fundamento –, exploramos suas consequências para a constituição de uma Psicologia Teórica propriamente dita. Utilizando o método fenomenológico da variação eidética como ferramenta operacional, propomos uma taxonomia de categorias e escalas do psíquico. Este movimento final visa demonstrar a produtividade teórica do

paradigma husserliano, completando o arco que vai da análise genealógica de uma ideia à elaboração de um constructo teórico original a partir dela.

O capítulo III possui uma característica diferente pois parte da premissa de que o leitor já tenha compreendido e assimilado a maior parte dos conceitos da filosofia fenomenológica apresentados nos dois capítulos anteriores (em especial no capítulo II). O 3º capítulo possuí uma característica mais autoral e oferece uma proposta de elaboração de uma Psicologia Teórica a partir das categorizações e das descrições oferecidas pela Fenomenologia. Assim, ao buscarmos descrever fenomenologicamente as principais categorias psíquicas, buscamos seguir, de forma mais fiel possível, aqueles ditames e propostas fenomenológicas elencadas nos capítulos anteriores. O que ali está exposto não tem nenhuma pretensão de esgotar as possibilidades das descrições fenomenológicas das experiências psíquicas e, principalmente, que poderiam ser considerados os principais regramentos da estrutura psíquica da consciência. Antes, o que nos propusemos a fazer é estabelecer alguns critérios do que poderia ser considerado “científico”, no sentido fenomenológico da filosofia husserliana, e como este científico, aplicado à Psicologia, pode ser elaborado na prática.

Dessa forma, os três capítulos que compõem esta tese não representam mera divisões temáticas, mas etapas metodologicamente articuladas de uma mesma investigação. Esta estrutura tripartite, conduzida sob a perspectiva unificadora da Sociologia do Conhecimento Filosófico, permite compreender a obra de Husserl de modo integrado: simultaneamente como um evento histórico marcado por conflitos institucionais, um corpo argumentativo de notável sofisticação e uma fonte viva para a construção teórica contemporânea na Psicologia.

Sobre as citações das obras de Husserl, buscamos seguir a tradição de seus estudiosos, descartando sempre as páginas correspondentes às páginas originais das publicações canônicas da Husserliana. Elas são apresentadas entre os símbolos colchetes (“<>”) ao final de cada referência.

Para deixar ainda mais explícito nossos objetivos com este trabalho, gostaríamos de destacar duas grandes hipóteses, das quais partimos para sua elaboração. A primeira, que consideramos mais forte, defende que a Fenomenologia surgiu como reação à tentativa de se estabelecer a Psicologia e sua doutrina filosófica adjacente, o psicologismo, como fundamento da Filosofia. A segunda hipótese, defendemos que podemos compreender a Fenomenologia, ela própria, uma Psicologia Teórica, capaz de

fundamentar a Psicologia enquanto ciência. A relação entre estas duas hipóteses, é o que buscamos descrever durante toda esta tese.

Para testar nossas hipóteses, partimos para a descrição da Fenomenologia e seu surgimento com ênfase em seu contexto histórico, institucional e filosófico relacionando-a ao estabelecimento da Psicologia Científica. Com isso, buscamos fundamentar e compreender a possibilidade do uso da Fenomenologia como uma Psicologia Teórica. Dado esses objetivos, resumimos aqui a estrutura do trabalho, que começa com uma descrição histórica e institucional do contexto do aparecimento das duas disciplinas, a Fenomenologia e a Psicologia (capítulo 1). Segue com uma análise minuciosa dos principais trechos das principais obras husserlianhas que versam sobre a relação da Fenomenologia e da Psicologia (capítulo 2). Finalmente, sugere o estabelecimento de uma Psicologia Teórica a partir destas análises anteriores (Capítulo 3).

CAPÍTULO 1

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E EPISTEMOLÓGICA DA EMERGÊNCIA DA PSICOLOGIA E DA FENOMENOLOGIA

Os objetivos do presente capítulo são apresentar uma leitura do contexto histórico alemão no qual surgiram tanto a Psicologia quanto a Fenomenologia. A primeira será apresentada a partir da criação dessa disciplina no ambiente escolar e acadêmico alemão, e sua relação direta com as propostas reformistas presentes, entre outros, no cenário prussiano do início do séc. XIX. Já o surgimento da Fenomenologia a partir dos primeiros escritos de Edmund Husserl terá sua ênfase destacada a partir do surgimento da Psicologia, principalmente como disciplina autônoma que, ao pleitear sua existência independente da Filosofia, gera diversas tensões tanto no âmbito teórico, como acadêmico na virada do século XIX para o XX. Buscaremos, portanto, descrever de forma histórica e teórica, quais são as relações possíveis que se pode encontrar entre o surgimento da Psicologia como ciência autônoma e o da Fenomenologia, feita por Edmund Husserl, em um contexto muito próximo, não apenas geograficamente, mas também teórico, em torno de uma disputa de interesses que revela a crise das Universidades alemãs e que teve como cume a conhecida “Querela da Cátedra de Malburg”. Neste capítulo avaliaremos as consequências e, portanto, conclusões a se extrair deste embate entre filósofos e psicólogos. Nos próximos, buscaremos tratar de forma mais detida as relações teóricas entre estes dois campos (Capítulo 2) para, posteriormente, sugerir algumas novas reflexões tanto de ordem teórica como prática, para a Psicologia e, principalmente, sobre a necessidade da fundamentação teórica e metodológica desta ciência (Capítulo 3).

1.1 A REFORMA EDUCACIONAL ALEMÃ E A CRIAÇÃO DA DISCIPLINA DA PSICOLOGIA

As reformas que ocorreram no reino da Prússia, desde o início do século XIX, em especial a reforma educacional promovida pelo barão de von Humboldt (1767-1835), foram posteriormente adotadas em todas as demais regiões da Alemanha unificada. Neste contexto, surge a psicologia, primeiramente, como uma disciplina obrigatória nos colégios prussianos; e, posteriormente, como curso universitário. Devido às necessidades de um maior espaço entre as pesquisas acadêmicas realizadas

neste período, teve seu crescimento incentivado e financiado nas universidades alemãs. O contexto no qual surge a psicologia pode ser compreendido, neste sentido, como uma tentativa de substituição, como veremos, da própria filosofia nos contextos escolares e acadêmicos da Alemanha. Nossa objetivo neste capítulo é, portanto, buscar esclarecer de que maneira foi possível o surgimento do cenário que possibilitou a criação do primeiro instituto e laboratório de psicologia, em 1879 em Leipzig e, como tal evento afetou a vida acadêmica da época, os círculos filosóficos e, principalmente, como estes acontecimentos se relacionam com a própria fundação da Fenomenologia, de Edmund Husserl. Buscaremos, pois, traçar neste capítulo, um panorama geral do contexto histórico e acadêmico da Alemanha, em especial, aquele que compreende a segunda metade do século XIX, e como este contexto alicerçou as bases do que viria a ser os prolegômenos da Fenomenologia de Husserl.

Seguiremos apresentando, portanto, uma sequência cronológica dos eventos que se sucederam desde o preâmbulo que justifica a implementação da psicologia como disciplina obrigatória no recém-criado “Ensino Médio” alemão – como consequência direta das reformas promovidas pelos Reino da Prússia - no início do século XIX; até a contextualização na qual se encontrou o surgimento da Psicologia e a apresentação da Fenomenologia por Husserl. Nossa intuito é contextualizar historicamente o surgimento da proposta da Fenomenologia, como resultado de uma tensão pré-existente entre aqueles que recebiam com bons olhos o surgimento da ciência psicológica, daqueles que se colocavam contrários à possibilidade de que esta disciplina pudesse ser autônoma em relação à Filosofia. É exatamente neste contexto de disputas teóricas e institucionais, e que revelam também interesses pessoais, que este capítulo se insere, buscando revelar tais relações e possibilidades de reflexões que nos auxiliaram a fundamentar nossa principal proposta, qual seja: uma releitura da fenomenologia husseliana como uma protopsicologia ou ainda, uma Psicologia Teórica, desde o seu surgimento.

Em uma Europa já devastada pelas Guerras Napoleônicas no início do século XIX, um grupo de intelectuais em Berlim, capital da Prússia, planejavam o “renascimento cultural alemão” (Steiner, 2015, p. 453). Este grupo era encabeçado pelo ministro da educação prussiano, nomeado em 1809, Wihelm von Humbolt, o qual ficou mundialmente famoso pela verdadeira revolução promovida no modelo educacional que, posteriormente, seria exportado para todo o mundo. Além dele, ainda participaram deste grupo Fichte e Friedrich Scheliermacher. Conforme assinala Steiner (20215):

Educando uma nova geração de cidadãos informados e engajados politicamente mais do que sujeitos obedientes, tornou-se o principal objetivo das reformas educacionais prussianas, as quais foram encabeçadas pelo polímata e diplomata Wilhelm von Humboldt quem se tornou ministro da educação em 1809. Essas reformas, que aconteceram durante as guerras napoleônicas, testemunharam ao mundo que, apesar da derrota militar e da ocupação, o espírito alemão permaneceu intacto. Assim, enquanto a coalizão anti-napoleônica planejava rechaços militares, um grupo de intelectuais em Berlim, incluindo Wilhelm von Humboldt, Fichte, Friedrich Schleiermacher e vários outros, planejavam um renascimento cultural alemão. Eles viam a Prússia e a Alemanha, por analogia com a Grécia, como a pátria da filosofia e da cultura, e acreditavam que fomentar o espírito de livre investigação entre os jovens era a chave para criar cidadãos genuínos.

A ideia iluminista de educação (*Erziehung*), tanto do indivíduo quanto da humanidade, foi reinterpretada como um processo natural, intrinsecamente ligado à evolução linguística e cognitiva da consciência. Humboldt e seus seguidores introduziram um novo ideal de autoformação, conhecido como *Bildung*. Esse conceito passou a representar o desenvolvimento integral da mente e do espírito por meio do domínio de línguas — tanto a materna quanto as línguas clássicas e estrangeiras — e do aprofundamento em diversas culturas. Essa nova visão de autoformação exerceu uma influência duradoura no futuro das humanidades, não só na Alemanha, mas em todo o Ocidente. Além disso, essa perspectiva inovadora das humanidades deu origem a uma nova concepção de universidade, redefinindo também o papel da educação pública como um todo.

Estas reformas tinham como propósito uma modernização do Estado, reformando, principalmente, estruturas arcaicas que possuíam e mantinham privilégios ligados a oligarquias e famílias tradicionais dentro da monarquia alemã. Existia um temor que alguns ideais da Revolução Francesa, ainda em curso, pudessem transpor o Reno e chegar as terras alemãs. Assim, uma forma de contrapor a crescente crítica às estruturas medievais oligárquicas seria a promoção de uma reforma em toda a estrutura do Estado, principalmente na Prússia, o principal reino da Confederação Alemã. Por esse motivo, eles (a aristocracia prussiana) haviam determinado que a “revolução” deveria vir de cima, controlada e canalizada pela burocracia, para que o Estado pudesse ser imunizado contra uma revolução vinda de baixo. Seria uma revolução baseada no primado da lei, na aplicação do raciocínio lógico e no interesse pelo bem do Estado. Um governo monárquico receberia um grau de legitimidade popular para evitar os horrores da democracia revolucionária e um reinado de terror.

Vale ressaltar que a reforma educacional também tinha como objetivo o combate a uma aristocracia presente também no ensino, a qual era caracterizada por um ensino rígido e conservador, muitas vezes ligado às instituições religiosas, as quais detinham boa parte da gerência das escolas e Universidades. O objetivo dos reformadores era o de garantir o amplo acesso da população ao ensino superior, buscando, para isso, um esforço que envolvia a fundação de novas universidades, e a reformulação das antigas universidades, sob os moldes humanísticos, e a mudança dos seus currículos, através do ensino obrigatório de filosofia, a todos os cursos das universidades. Esta foi uma resposta ao modelo educacional que vigorou durante as monarquias absolutistas que, após as Guerras Napoleônicas, ocorridas no início do século XIX, deixaram como legado as grandes inspirações dos filósofos e pensadores do Iluminismo. Uma vez que fosse possível garantir o acesso universal da população em geral à educação de qualidade, através da formação educacional básica de qualidade, Humboldt e seus correligionários, inspirados pelas revoluções protagonizadas pela França, acreditavam que assim poderiam assegurar uma sociedade mais igualitária e progressista, e mais adaptada ao novo modelo de estado-nação que estava surgindo na Europa. Modelo este que se tornou vigente, principalmente após o Congresso de Viena, o qual, basicamente, reconfigurou todo o cenário europeu após a derrota das tropas francesas e que levou diversos governos antes absolutistas a flexibilizarem suas condutas. Com o reino da Prússia não foi diferente. Humbolt conseguiu convencer diversos outros intelectuais da época e o próprio rei Guilherme I a levar adiante suas ideias reformistas também ao campo da educação fundamental.

Segundo Kitchen, essas idéias refletiam uma resposta aos ideais revolucionários e, principalmente, foram influenciados pelas ideias do Iluminismo. Entre alguns dos princípios destes reformadores, o autor destaca que:

A administração seria racionalizada e carreiras seriam abertas às pessoas talentosas. A economia seria libertada dos grilhões do passado, e o Manchesterismus seria o seu princípio norteador. O exército seria reformado, com as promoções baseadas no talento e não no status social. A sociedade seria libertada das restrições e desigualdades da antiga ordem. Haveria uma total igualdade diante da lei. O poder criativo das pessoas seria dedicado a uma causa comum (Kitchen, 2013, p. 36).

Durante este período, também a estrutura educacional das universidades alemãs passou por profundas reformas, especialmente sob a liderança da Prússia. O impacto das Guerras Napoleônicas e a subsequente reorganização política dos estados

alemães, deram início a uma série de mudanças que transformariam não só os diversos reinos alemães, sua estrutura burocrática e suas políticas, mas também todo sistema de ensino, incluindo o ensino das escolas e das universidades alemãs.

Antes das reformas, a educação universitária alemã era elitista e voltada predominantemente para as classes mais altas, com um foco na formação de teólogos, advogados e médicos. No entanto, sob a influência de figuras como Humboldt, o modelo universitário começou a mudar para se alinhar mais com a ideia de *Bildung*, ou formação humana integral. Esse espírito de inovação, já estava presente como forma de crítica feita por outros pensadores, como o próprio filósofo Immanuel Kant que, em 1798, chegou a publicar um ensaio denominado “A disputa das Faculdades”³, no qual buscava evidenciar as fragilidades do sistema educacional tradicional, e buscava realçar a importância da filosofia na formação humanista e cultural do “homem livre”. Segundo Steiner (2015) para Kant, “apenas a faculdade de filosofia ensinava aos alunos simplesmente como exercitar suas capacidades racionais e defendia sua autonomia pessoal” (p. 455). Esse era o espírito que animava os reformadores, que buscavam transformar as universidades alemãs em pólo do pensamento livre. Ainda conforme Steiner (2015), ao comentar o pensamento do filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), dirá que

Ecoando o ensaio de Kant “O Concurso de Faculdades”, ele [Fichte] argumenta que a filosofia deve se tornar a disciplina principal em uma universidade moderna, porque a principal função da universidade é ensinar os alunos a se engajar na busca autoguiada da sabedoria. Esse cenário liberal concebe a universidade como um pódio onde artistas-filósofos se apresentam diante de um grupo de iniciados, demonstrando a eles o que significa pensar com nitidez e beleza ao mesmo tempo (pág. 459).⁴

Portanto, a nova visão que Humboldt defendia para as Universidades não apenas tinha como propósito a transmissão de conhecimentos técnicos, mas o desenvolvimento completo do indivíduo, com uma forte ênfase na filosofia, nas ciências humanas e na liberdade acadêmica. A reforma educacional planejada por estes intelectuais pretendia não apenas atingir os estudantes, mas toda a sociedade alemã (que, neste momento, ainda não existia como unidade nacional). Nessa mesma esteira, esse grupo visionário acreditava que a guerra contra um “inimigo em comum”, a França Napoleônica, era a ocasião ideal para promover suas mudanças educacionais, ao mesmo tempo em que os

³ “Der Streit der Fakultäten” Ensaio de 1798.

⁴ Como veremos adiante, o propósito de elevar o valor do papel da filosofia será determinante para a criação e o surgimento da própria Psicologia que, neste primeiro momento é compreendida como uma disciplina filosófica.

atores políticos buscavam promover a unidade do povo alemão sob um mesmo reinado. Este componente político e o receio de que os ideais revolucionários pudessem atingir os reinos alemães foi fundamental para impulsionar estas e outras reformas que culminaram em sua unificação. Como a força motriz por trás das reformas era libertar a Prússia dos franceses, as reformas visavam fortalecer sentimentos patrióticos e nacionalistas, subordinando assim mais ainda as liberdades individuais a uma causa comum.

Humboldt acreditava que a educação superior deveria ser construída sobre três pilares: a união entre pesquisa e ensino, a autonomia acadêmica e a liberdade intelectual. Esse modelo humanístico se afastava de uma educação meramente utilitária, promovendo uma abordagem que valorizava o questionamento crítico, a pesquisa original e a busca pelo saber puro (Östling, 2020). As universidades alemãs passaram a ser conhecidas por promover o ideal de *Wissenschaft*, o conceito de ciência enquanto investigação rigorosa e sistemática do mundo natural e humano. Ainda segundo Östling (2020), a ideia de ciência e pesquisa foi uma pedra angular na concepção do novo ideal de universidade. Segundo este autor, Humboldt sustentava que a universidade deveria ser um lugar onde a ciência e a erudição no seu sentido mais profundo, extenso e puro tivessem a sua morada. Dessa forma, a universidade seria um lugar não apenas de obtenção do conhecimento, mas o lugar mais do que privilegiado no qual as ideias novas, o pensamento e novas pesquisas seriam incentivadas e teriam seu espaço reservado para acontecerem. Neste sentido, o ideário de Humboldt enfatiza que é apenas a ciência e o conhecimento que se origina dentro das pessoas que podem moldar o caráter, e que deve ser o objetivo tanto do Estado quanto da humanidade produzir caráter e ação, e não apenas conhecimento superficial.

Tais investigações ocorreriam na universidade, na qual Humboldt e seus colegas reformadores buscaram transformar de uma instituição escolástica onde várias gerações de estudantes aprendiam os mesmos assuntos canônicos nas mesmas interpretações aprovadas pelas autoridades eclesiásticas e seculares, para uma universidade moderna onde o ensino é baseado em pesquisas contemporâneas e promove pesquisas avançadas. (Steiner, 2015, p.454)

Segundo Kitchen (2013), os reformadores se inspiravam, igualmente, no elevado conceito de Kant dos direitos e obrigações individuais, e do interesse pessoal fundamentado. Assim, a reforma educacional não apenas reestruturava quem tinha o acesso à universidade, modificando, por exemplo, como veremos, o processo de ingresso nela, mas também tinha como objetivo uma profunda transformação da própria

educação em si, que passava de uma mera estrutura formadora de novos trabalhadores, para novos cidadãos livres pensadores, autônomos e responsáveis, conforme o ideal kantiano. Ainda conforme Kitchen:

O cidadão, como indivíduo, atingiria a maioridade, atingiria o seu pleno potencial, livre das restrições de uma sociedade hierárquica, livre para desenvolver os seus próprios talentos e suas habilidades, livre para contribuir para o bem comum. O absolutismo iluminado do antigo regime seria substituído pelo absolutismo esclarecido do eu, que residia no coração do humanismo liberal da era burguesa (2013, p. 36).

O grupo de Humboldt planejou e fundou, em 1809, a Universidade de Berlim, que já trazia em sua estrutura curricular e hierárquica toda a proposta reformista destes humanistas. “Humboldt imaginou uma universidade como um lugar onde cada aluno poderia embarcar em uma busca intelectual independente, realizando suas potencialidades únicas” (Steiner, 2015, 460). A Universidade de Berlim representava um novo modelo de academia que tinha como sua principal característica a valorização da formação humanística, representada pela valorização do currículo da Filosofia e das Artes, somada à valorização e o investimento em pesquisas. A faculdade de Filosofia e Artes (entre as outras faculdades de Medicina, Direito e Teologia) passou a fazer parte integrante dos currículos dos demais cursos oferecidos pela Universidade. Em outras palavras, todos os acadêmicos, das mais diversas áreas e dos mais diversos cursos, deveriam passar por disciplinas ministradas pela Faculdade de Filosofia e Artes. Estas exigências correspondiam aos ideais humanistas, como citados acima, e faziam referências diretas ao pensamento filosófico de Immanuel Kant, o qual defendia que uma adequada educação, voltada para o correto uso da liberdade e da razão, traria progresso para toda a humanidade, e consequentemente, correspondia aos ideais liberais e românticos, presentes no projeto da unificação alemã.

Outro importante ponto a se destacar, assim, como já dito acima, a reforma educacional promovida por Humboldt e seus colegas não apenas visava o ensino superior, mas objetivava a mudança de todo o sistema educacional. Como lembra Steiner (2015):

A reforma universitária, entretanto, foi apenas uma das mais audaciosas e internacionalmente visíveis partes das reformas e transformou todo o sistema educacional estatal, incluindo os Ginásios, ensino elementar e secundário. (p. 454)

Assim, a reforma do sistema educacional prussiano realizada durante o mandato de Humboldt como ministro também incluiu uma reorganização das escolas

secundárias e do *Gymnasium*⁵. Neste contexto filósofo Fichte já abordava em suas palestras o papel da reforma que compreendia todo o sistema educacional prussiano começando com as escolas elementares e terminando com as universidades. Esclarece-nos Steiner (2015) que

Assim como Pestalozzi, Fichte acredita que o objetivo principal da educação é construir o caráter de uma criança e garantir que o amor pelo aprendizado e a vontade de criar, quando a criança crescer, se transformem em traços de caráter estáveis. Como o próprio Fichte colocou a nova educação, de fato, visa especial e diretamente apenas estimular a atividade mental regular e progressiva. O conhecimento (...) resulta apenas incidentalmente e como uma consequência inevitável. (p. 459)

O próprio Humboldt e seus colaboradores, incluindo F.A. Wolf, Johannes Schulze e Johann Wilhelm Süvern, procuraram reformar o *Gymnasium* de forma a colocar maior ênfase nas línguas e literaturas clássicas. Neste sentido, a busca por uma renovação no ensino e, particularmente no ensino básico e fundamental, foi, como definiu Gunlasch (2012), um dos principais fatores a promover a inserção da psicologia como disciplina do currículo secundarista. Esse novo modelo de educação teve impactos diretos na maneira como disciplinas como a psicologia foram incorporadas ao currículo acadêmico. Embora a psicologia ainda estivesse profundamente ligada à filosofia e à teologia, as reformas educacionais permitiram que ela começasse a se destacar como uma área de estudo separada, embora fosse ainda marginalizada em relação às ciências naturais estabelecidas, como a física e a biologia.

1.2 O PAPEL DA PSICOLOGIA NA REFORMA EDUCACIONAL ALEMÃ

Para compreendermos o surgimento da Psicologia como uma pretensa ciência em 1879, através da fundação do primeiro laboratório experimental de Psicologia e do primeiro Instituto de Psicologia na Universidade de Leipzig por Wilhelm Wundt, será necessário remontar alguns elementos que propiciaram e favoreceram, o surgimento deste projeto no cenário alemão do final do século XIX. Não é possível falar de Psicologia, sem mencionar seu passado como uma disciplina filosófica, e tão pouco é possível falar da relação da Psicologia com a Filosofia sem mencionarmos como esta ciência recebeu um papel de destaque na formação acadêmica como um todo no projeto

⁵ *Gynasium* foi o nome dado às instituições que promoviam uma preparação para as Universidades. Podemos considerar algo análogo ao Ensino Médio atual no Brasil. A inovação trazida por esta instituição foi revolucionária, pois buscava dar um ensino preparatório de qualidade e acessível a todos, sem distinção de classes, a fim de universalizar o acesso às Universidades.

de reforma educacional alemão. Este projeto está profundamente ligado ao projeto de uma nação conduzida por ideais liberais e humanistas, tendo como pano de fundo a ideia de uma nação moderna, progressista e, de certa maneira, vanguardista na Europa. Se o adágio bem conhecido de Ebbinghaus a respeito da Psicologia diz que esta é uma disciplina de um “passado muito longo, mas de uma curta história⁶” é verdade também que pouquíssimos conhecem a respeito do longo passado desta disciplina, principalmente no que diz respeito à relação da Psicologia com a Filosofia e, em específico, dentro do cenário alemão da segunda metade do século XIX. Portanto, buscaremos aqui traçar uma relação histórica entre a Psicologia e a Filosofia, em específico a relação que tem seu início na reforma educacional promovida por Humboldt e o lugar dado a esta para a Psicologia, culminando na necessidade de se criar Institutos especializados para esta nova ciência. Desta forma, buscaremos, como meta maior deste capítulo, explicitar como o surgimento da Psicologia neste cenário está indissociado a proposta da Fenomenologia de Edmund Husserl.

Para compreendermos pois o surgimento da Psicologia, será necessário retomar o contexto histórico e político acima elencado, a saber, as diversas reformas ocorridas, inicialmente no Reino da Prússia, no início do século XIX e como estas, aos poucos, foram sendo inseridas nos demais reinos pertencentes à Confederação Alemã até a unificação destes no atual Estado Alemão que apenas se daria em 1871. As reformas que pretendiam reformular as diversas instâncias do Estado também atingiram a própria educação (como descrito na seção anterior) e tiveram impacto direto na forma como o conteúdo filosófico foi elevado a prioridade. Tais ideais, por sua vez, tem sua origem no *Aufklärung*, a versão alemã do Iluminismo francês. Enquanto os ideais iluministas foram rechaçados inicialmente pelas universidades francesas, nas universidades alemãs, ao contrário, tiveram um campo fértil para se desenvolver, ajudados principalmente pelos ideais reformistas. Cabe ressaltar que neste contexto a redescoberta da psicologia pelos intelectuais alemães foi ao encontro dos interesses daqueles que buscavam reunir diversos conhecimentos dispersos como por exemplo a caracterologia, a fisiognomia, a memória e a percepção ótica em um único campo de estudo que passou a ser chamado de *Psychologia*⁷ conforme nos aponta Gunlach (2015). Ainda em meados do século XVIII, Christian Wolff (1679-1754) buscou estabelecer alguma organização deste

⁶ Ebbinghaus, 1908.

⁷ Esta nomenclatura é uma adaptação neolatina no termo original em grego *ψυχολογία*. A ênfase no uso de termos originalmente gregos não é meramente ao acaso. A tentativa de evitar termos latinos demonstrava uma intenção de se afastar do latim tradicionalmente associado às igrejas cristãs.

nascente campo, publicando os manuais de *Psychologia empirica* (Wolff, 1732, *apud* Gunlach, 2015) e *Psychologia rationalis* (Wolff, 1734, *apud* Gunlach, 2015). Nestes tratados, já se pensava na necessidade de uma *psychometria*, ou seja, em métodos que possibilitassem a medição dos fenômenos mentais para, por sua vez, adequar este novo campo do conhecimento às exigências de padrões científicos defendidos já à época por Issac Newton e Galileu Galilei. Nos anos iniciais do século XIX, a psicologia se tornara um assunto de interesse acadêmico e público, tendo afetado por isso mesmo não só os estudos acadêmicos como também a própria literatura, em especial o Romantismo Alemão, como ressalta Bell (2005):

Durante o século XVIII e início do século XIX na Alemanha, a psicologia cresceu de um ramo menor da doutrina filosófica para um dos pilares centrais da cultura intelectual. No processo, a base evidencial, a estrutura teórica, as formas de articulação e o status da psicologia, tanto como disciplina científica quanto como fenômeno cultural, assumiram uma forma reconhecidamente moderna. Tornou-se um elemento fixo nos currículos das universidades alemãs, um assunto em debate público e acadêmico e um fenômeno de publicação popular, com coleções de histórias de casos, periódicos e histórias de vida factuais e ficcionais aparecendo em números cada vez maiores. (p. 1, tradução nossa)

Esse crescente interesse pela Psicologia no cenário alemão do início do século XIX, inicialmente teve a forma da abertura à discussão de diversos temas relacionados aos aspectos subjetivos humanos, para depois se tornar uma espécie de grande área do conhecimento que reunia diversos tipos de saberes desconectados entre si. Isso tornou este “novo” campo de grande interesse entre aqueles que buscavam refundar o próprio projeto de estado-nação. A psicologia passou então a ser utilizada como uma parte fundamental da reforma educacional humboldtiana, e foi incluída como parte integrante do currículo das escolas e universidades, como veremos a seguir. É importante ressaltar, porém, que a própria criação da disciplina de psicologia se deve às características específicas pelas quais os ideais iluministas chegaram nas universidades alemãs. Como aponta Gundlach (2015)

A reorganização das universidades alemãs não foi tão drástica quanto na França, onde as universidades foram abolidas durante a Revolução. Mas as reformas na Alemanha tiveram consequências significativas para a Faculdade de Filosofia e para a psicologia. Nós assistimos à criação de uma disciplina com o nome de psicologia (p. 140).

É relevante ressaltar, portanto, a importância que teve a criação de uma nova disciplina com o nome de Psicologia, no contexto acadêmico e educacional alemão. Na verdade, apenas analisando sob este prisma, ou seja, sobre a importância que a

institucionalização que a Psicologia recebeu neste cenário, é que é possível compreender as razões do primeiro laboratório e do primeiro Instituto de Psicologia ter florescido em terras germânicas. Paralelamente, a formulação da própria Fenomenologia traz, em seu bojo, circunstâncias que coincidem com a criação destes espaços institucionais, como buscaremos demonstrar a seguir.

Antes de prosseguirmos com a análise do surgimento da disciplina psicológica, se faz mister igualmente realçar a mudança ocorrida dentro do espaço acadêmico das universidades alemãs. Sobre isso, vale a pena lembrar que a grande maioria das universidades fundadas ainda na Idade Média (entre os séculos XIII e XV) possuíam uma estrutura bastante rígida e tradicional. Eram formadas geralmente de quatro faculdades que formavam seus pilares: a faculdade de Teologia, de Direito, de Medicina e de Filosofia. Esta última era reconhecida como uma propedêutica para as demais e não era considerada como formadora de nenhuma profissão em si. Dito de outra forma, passavam pela Faculdade de Filosofia todos aqueles que seguiam carreiras tanto no clero, como nas áreas do direito ou medicina. As faculdades de Filosofia, antes das reformas educacionais da Prússia, tinham, portanto, pouca proeminência, e, invariavelmente, recebiam, por isso mesmo, poucos recursos financeiros.

Aqui cabe ressaltar que, como o projeto reformador educacional previu uma maior intensificação na formação do pensamento reflexivo e na formação humanística, a faculdade de Filosofia começou a receber uma revalorização de seu papel dentro das próprias estruturas das universidades alemãs. Como já dito anteriormente, essas medidas já eram defendidas por diversos outros pensadores como Kant e Fitche, porém é só neste contexto político e acadêmico específico das reformas educacionais que seria possível levar ao cabo tais intentos. As faculdades de Filosofia, neste novo contexto, receberam uma particular função, qual seja, a de formar os futuros professores ginasiais, os quais, por sua vez, estariam encarregados de formar os futuros estudantes universitários. Foi exatamente por esta faculdade ter se tornado o centro de formação de professores, que a Psicologia encontrou um espaço fecundo e oportuno para crescer, junto, inicialmente, às faculdades de Filosofia dentro da estrutura organizacional das universidades alemãs.

Conforme já fora dito anteriormente, a reforma "humanista" teve repercussão nos níveis educacionais anteriores ao ensino superior, e a mais notável delas foi a criação do *Gymnasium*, cuja principal função era preparar seus alunos para a entrada na universidade através da obtenção de um diploma (o *Abitur*). O *Abitur* certificava o

aluno e possibilitava o ingresso deste em qualquer universidade alemã. Esta foi uma forma de tornar o acesso às universidades mais abrangente, de forma a tornar todo e qualquer jovem alemão, que tivesse suas competências selecionadas pelo *Gymnium*, apto para se tornar um estudante universitário. Essa padronização dos currículos do ensino médio irá influenciar diretamente a formação dos futuros professores ginaciais, que passaram também a ser submetidos a avaliações padronizadas, através de currículos pré-determinados pelos próprios agentes públicos. Como ressalta Gundlach (2006):

Os exames eram aplicados nas universidades por professores universitários, porém de acordo com leis estatais e sob a supervisão de um comitê de representantes do estado. Assim, o estado legislava segundo suas necessidades e controlava o acesso a um grande número de profissões importantes, que agora ganhavam mais uma categoria. (p. 69, tradução nossa)

Desta forma, o representante estatal para a educação era capaz de controlar tanto o acesso às universidades, ao regular o que seria cobrado no exame que conferia o *Abitur*, como era também o responsável por ditar quais seriam os assuntos que constituiriam os exames a serem aplicados aos futuros educadores ginaciais. Essa foi a fórmula encontrada pelos reformadores para garantir que tanto estudantes dos *Gymnasiums* como seus professores, tivessem sua formação em um mesmo tipo de currículo estatalmente controlado.

É neste contexto, de obrigatoriedades de conteúdo a serem ministrados nos cursos ginaciais que a Psicologia entra “em cena”, conforme também descreve Gundlach:

Os aspirantes a professor de *Gymnasium*, tinham que provar seu domínio em assuntos que eles iriam ensinar, mas também de outros assuntos considerados indispensáveis para sua futura profissão. Entre esses estavam a ética, psicologia e pedagogia, esta última geralmente considerada como sendo baseada nas outras duas. (2015, p. 141)

Nas avaliações que habilitavam o estudante ginásial a receber o *Abitur*, ganharam destaque dois assuntos que deveriam compor a disciplina de filosofia, a saber: a lógica e a psicologia. Nesse momento, a psicologia ainda era composta de diversos conhecimentos dispersos que, *grosso modo*, poderiam ser considerados dentro do escopo da Filosofia. Esta padronização da formação dos estudantes do *Gymnasium* foi realizada através de um decreto ministerial de 1825, o qual, inclusive, especificava tópicos a serem tratados durante as aulas de psicologia, como “sensações a partir dos sentidos externos, a faculdade imaginativa, a memória e outras faculdades mentais; a associação de ideias; a diferença entre ideia, pensamento e conceitos, etc.” (Negebaur,

1835, p. 122, apud Gundlach, 2015, p. 143). O edito ministerial fora realizado após consultas aos mais eminentes filósofos prussianos da época, a saber, Hegel e Herbart, que foram unâimes em sugerir a adoção da disciplina psicológica entre os estudantes do *Gymnasium*, como uma espécie de disciplina propedêutica à filosofia.

Esta escolha pela inclusão da disciplina de psicologia nos currículos dos alunos secundaristas do *Gymnasium* refletia os ideais daquela mesma reforma educacional promovida por Humboldt e seus correligionários. A inclusão da psicologia como uma temática própria deste círculo educacional evidenciava a proposta de uma busca pela transformação do pensamento e das capacidades reflexivas destes estudantes que se preparavam para o ingresso nas Universidades. Assim, como defendido por Gundlach (2015), a psicologia, antes de se tornar uma ciência, com um corpus teórico genuíno e consolidado, foi concebida como uma disciplina, cujos objetivos eram tão somente corresponder a função burocrática, a qual, segundo se acreditava, corresponderia aos ideais defendidos pelo projeto reformador visando a construção de uma educação para a construção do homem “livre” e “responsável”. Assim, podemos compreender que a presença da psicologia, tanto nos níveis de ensino médio, quanto posteriormente, nos níveis superiores, fora introduzida de maneira política e ideológica. Contudo, foi a partir dessa sua valorização como disciplina presente nos cursos secundaristas, que foi possível pensá-la também como um campo autônomo e científico..

Assim, à medida que a reforma educacional encabeçada por Humboldt se estendia a toda a Alemanha, outras questões decorrentes desta surgiam: devido a crescente necessidade de professores que viriam a atuar nos *Gymnasiums*, surgia igualmente a necessidade de professores acadêmicos, ou seja, professores que ensinassem psicologia nas Universidades, e assim, surgiu, igualmente, a necessidade da institucionalização da psicologia como uma área de estudo, nas universidades alemãs. Contudo, a princípio, não foram criadas cátedras (vagas) nas Faculdades de Filosofia e Artes destinadas à psicologia exclusivamente, mas sim, foram repartidas as já existentes cátedras destinadas aos professores de filosofia, aos demais professores de psicologia e pedagogia que, aos poucos, começavam a se interessar cada vez mais pelo “novo” campo de atuação.

Neste momento, a Psicologia era ainda considerada um campo de estudo dentro da Filosofia e, salvo algumas exceções, poucos filósofos a encaravam como um campo autônomo a ser desenvolvido. A solução encontrada, neste contexto, foi a de dividir as cátedras já existentes de Filosofia em outras cátedras que compunham estes

novos saberes a serem ensinados em suas Faculdades. Assim, as antigas cátedras de Filosofia passaram a ser denominadas cátedras de “filosofia, psicologia e pedagogia” (cf. Gundlach, 2015). Tal medida foi satisfatória naquele momento, em que as faculdades de Filosofia passavam por diversas mudanças. Contudo, como veremos, essa “solução” irá acabar por criar uma grande tensão, na primeira e segunda década do século XX, que se manifestará, precisamente, na necessidade de separação entre Filosofia e Psicologia.

Seguindo as consequências das reformas educacionais promovidas pelos reformistas, à medida em que a Psicologia tornava-se um campo de interesse pesquisadores oriundos de outras áreas das ciências, como por exemplo aqueles vindos da física e da fisiologia, tiveram as condições para que seus estudos e interesses encontrassem nessa nova ciência uma nova oportunidade para serem reconhecidos. Muito embora a maioria destes não considerasse o que realizavam especificamente “psicologia”, estes contribuíram significativamente para a fundação do campo da psicologia experimental. Entre alguns exemplos, estão Weber, que era professor de anatomia e fisiologia, Fechner, que era professor de física, Helmholtz, o qual fora professor de fisiologia e de física e o próprio Wundt, que iniciou sua carreira acadêmica como professor na Faculdade de Medicina. Houve ali pois, interesse em ocupar as novas vagas disponíveis nas Faculdades de Filosofia por não filósofos, vagas estas que, até aquele presente momento, eram ocupadas apenas por filósofos “puros”, e que tinham feito suas carreiras apenas na Filosofia.

Portanto, à medida que surgia a necessidade da institucionalização da Psicologia nas Universidades alemãs, decorrente da demanda por professores ginásiais que deveriam lecionar o conteúdo psicológico nos *Gymnasiums*, começou igualmente uma disputa, a princípio velada, pela forma que o campo da psicologia passaria a ser organizado, tanto teórica como institucionalmente. Esse crescimento do interesse pelos estudos dos fenômenos psíquicos, também por “não filósofos”, começou a criar certas dificuldades referentes à ocupação das cátedras, até então destinadas, exclusivamente, a filósofos. É importante notar, porém, que neste momento, havia pouco ou quase nenhum interesse em se pesquisar - principalmente por parte dos filósofos - materiais ou pesquisas no campo da Psicologia, que não passassem de manuais a serem utilizados pelos estudantes universitários nos exames estatais. Havia aí um verdadeiro “vácuo” a ser preenchido por aqueles que ainda pensavam na Psicologia como um campo autônomo, ou um campo a ser construído, o que não parecia ser o caso dos filósofos

que, como dito, cumpriam apenas uma obrigação “burocrática” decretada pela estrutura governamental da época. Esse cenário começa a mudar quando, para fomentar pesquisas nas universidades alemãs, o Estado começa a incentivar a criação de Institutos especializados junto às estruturas já existentes das Faculdades. Como ressalta Gundlach:

As universidades alemãs criaram, no século dezenove, estabelecimentos inovadores que até então não faziam parte das universidades europeias: *laboratórios e institutos*. Isso produziu uma enorme explosão nas ciências e disciplinas que conseguiram assegurar o financiamento público de tais instituições. A competição entre os diferentes estados alemães pelas melhores universidades resultou em um rápido avanço desse novo tipo de estabelecimento de pesquisa (2015. p. 150, grifo nosso).

Foi neste contexto de expansão do financiamento público para pesquisas e do crescente interesse por parte dos pesquisadores de fora da Faculdade de Filosofia, que surgiu a possibilidade de se criarem laboratórios de Psicologia. Assim, o recém assumido professor da cátedra de “filosofia, psicologia e pedagogia” em Leipzig, para dar continuidade aos seus estudos iniciados nos laboratórios de fisiologia, Wilhelm Wundt, decide fundar o primeiro laboratório de Psicologia de que se tem história, o qual se tornará, posteriormente, no primeiro Instituto de Psicologia do mundo (Araujo, 2010). À criação do Laboratório de Psicologia na Faculdade de Filosofia de Leipzig, logo seguiu-se a fundação do segundo Laboratório de Psicologia do mundo, na mesma universidade, só que na Faculdade de Medicina. Esse fato, por si só, já demonstra como, desde o surgimento da institucionalização da Psicologia, já havia uma disputa interna acerca de sobre quais fundamentos deveria ser erigido esse novo “edifício do saber”. O novo campo de pesquisa adotava experimentos com métodos oriundos das ciências práticas, como a fisiologia e óptica, por exemplo, mas buscava evidenciar algumas conclusões de ordem subjetiva e empírica. O crescimento que se deu dentro e fora da Alemanha (nesta época já unificada em um único Estado) dos diversos laboratórios levou a outra cisão, agora dentro da própria Faculdade de Filosofia. Se antes já havia a divisão das cátedras de Filosofia, em cátedras de “filosofia, psicologia e pedagogia”, com a ascensão destes laboratórios e institutos, a Psicologia passou a ser cada vez mais associada às pesquisas experimentais e cada vez menos aos conteúdos ensinados de forma obrigatória nas preleções das Faculdades de Filosofia.

De repente, tornou-se difícil para os filósofos conseguir uma indicação para aquelas cadeiras de filosofia associadas a um tal instituto ou laboratório. Como as maiores universidades alemãs nessa época tinham duas ou até mesmo três cadeiras de filosofia, foi criada uma

divisão informal de trabalho, de acordo com o modelo de Leipzig, sendo uma cadeira específica para metafísica e história da filosofia, e outra para psicologia, pedagogia e lógica. Entretanto, essa separação não era oficial, e a principal denominação dessas cadeiras continuou sendo de “filosofia”. (Gundlach, 2015, p. 153)

Tal dificuldade passou a refletir uma verdadeira cisão entre os filósofos “puros” e os psicólogos que passaram a ser aceitos nas cátedras de Filosofia, mesmo que possuidores de algum conhecimento filosófico. Contudo, ainda havia muita suspeita sobre estes psicólogos “híbridos” que possuíam alguma formação filosófica, mas que manifestamente não tinham interesses em pesquisas filosóficas - antes, aproveitavam-se das estruturas das Faculdades de Filosofia, para dar vazão aos seus interesses nos estudos de pesquisa experimental. Foi exatamente neste contexto que surge uma situação conflituosa em uma das principais universidades da Alemanha, a Universidade de Marburg em 1912. Este evento foi o verdadeiro estopim em um barril de pólvora, pronto a explodir diante das tensões crescentes entre filósofos e psicólogos, no início do século XX. A relação deste evento com o proponente da Fenomenologia, e qual a relação desta nova escola filosófica e a contenda entre Psicólogos e Filósofos, será objeto de nossa investigação na próxima seção.

1.3 O SURGIMENTO DA PSICOLOGIA EXPERIMENTAL, DO PSICOLOGISMO E A QUERELA DA CÁTEDRA

Enquanto crescia o interesse de pesquisadores não-filósofos na psicologia experimental, não havia nenhum interesse por parte dos filósofos em se aprofundarem nesta atividade. A maioria dos filósofos, durante boa parte do século XIX ou não tinham interesse pela disciplina, ou ainda assistiam de maneira pouco temerosa os avanços da “nova ciência”. Diversos daqueles pesquisadores que viriam a constituir os primeiros Institutos de Psicologia nas universidades alemãs, possuíam uma formação majoritariamente filosófica. São os casos dos acadêmicos com dupla formação (ao menos, uma delas, na filosofia) tais como Wundt, Müller, Külpe, Stumpf e Ebbinghaus. Tal fato, ou seja, a dupla formação, talvez ajude a explicar por que os avanços dos “psicólogos” eram vistos de maneira tão pouco ameaçadora por parte dos filósofos. Na verdade, houve filósofos que viam com bons olhos os avanços da nova ciência psicológica e que até mesmo começaram a pensar a psicologia como uma disciplina propedêutica da própria filosofia, conferindo-lhe tal importância ao ponto de colocarem toda a filosofia como uma espécie de disciplina subordinada. Estes eram conhecidos

como “psicologistas”. O psicologismo possuía diversos adeptos entre os mais proeminentes filósofos da época, que acreditavam que os avanços da ciência psicológica poderiam ajudar a explicar a fundação da filosofia, incluindo aí, a fundação da própria lógica. Para estes, a lógica, uma dos principais ramos da Filosofia, era mera “física do pensamento” (Lipps, 1880, 530) e que suas leis poderiam ser descritas através de generalizações empíricas da razão humana. Neste sentido, a psicologia se colocava como uma ciência capaz de explicar e fundamentar a própria lógica, subordinando a ela a lógica e, por consequência, toda a filosofia. Este era o ideal psicologista que animava estes filósofos que viam na nova ciência psicológica a possibilidade da superação da metafísica.

Os psicologistas, que defendiam que os diversos temas filosóficos, como a lógica ou a metafísica, poderiam ser compreendidos e analisados sob o ponto de vista psicológico, cresciam como uma forte corrente dentro da própria filosofia, e ganharam diversos adeptos, como Brentano, o citado Ebbinghaus, Lipps e, durante algum tempo, o próprio Edmund Husserl. Esta conexão nos é particularmente importante, já que é no contexto do crescimento da Psicologia que o interesse pelo psicologismo também cresce no meio filosófico. Como buscaremos demonstrar, a própria mudança filosófica frente ao psicologismo, ocorrida no início da carreira acadêmica de Husserl, reflete uma mudança não apenas em relação às bases psicologistas da Filosofia, mas também à defesa de um interesse pessoal e coletivo, que buscava evitar que a Filosofia fosse “engolida” ou mesmo substituída pela Psicologia Experimental nascente ao final do século XIX. Portanto, nossa principal hipótese aqui é a de que há conexões históricas e filosóficas suficientes para sustentar a tese de que a Fenomenologia se constituiu, ao menos na origem, como uma resposta filosoficamente robusta frente a ameaça que a Psicologia Experimental oferecia a própria Filosofia – institucional e teoricamente.

Assim, a crítica ao psicologismo, tão bem estabelecida por Husserl em suas *Investigações Lógicas*, e sobremaneira nos *Prolegômenos* (o primeiro volume das *Investigações Lógicas*), pode-nos dizer não apenas sobre seu posicionamento teórico, mas sobre seu posicionamento “político” e acadêmico frente ao avanço das tomadas de cátedras antes destinadas aos filósofos de maneira exclusiva, que foram, pouco a pouco, sendo “repartidas” aos novos psicólogos experimentais. Um movimento de negação a esta ocupação surgiu tanto filosoficamente quanto institucionalmente nas primeiras décadas do século XX. Neste contexto, propomos descrever o surgimento da Fenomenologia como uma resposta teórica e filosófica à própria tentativa de imposição

da psicologia experimental, atacando-lhe os limites e excessos, ao mesmo tempo em que também buscou demarcar as “fronteiras” entre ambas, muito embora tal relação, entre a psicologia e fenomenologia, jamais tenha deixado de existir (Martin, 2020).

Kusch (1995) irá ressaltar que este “papel híbrido”, desempenhado pelos primeiros psicólogos com formação filosófica, irá revelar e evidenciar a difícil tarefa de emancipação da Psicologia – enquanto uma pretensa ciência naturalista – das suas origens filosóficas, ao mesmo tempo em que estes buscavam se aproveitar de uma oportunidade gerada pelo interesse neste novo campo de estudo.

Um novo campo científico passou a existir apenas uma vez que um novo ‘papel profissional’ foi criado. No caso da psicologia, o novo papel resultou de um ‘papel híbrido’: os fundadores da nova psicologia fundaram eles mesmos uma situação onde, de um lado, a fisiologia se aproveitou da posição mais elevada que a filosofia e, do outro, onde as condições de competição era melhores na filosofia do que na fisiologia (Kusch, 1995, p. 125, tradução nossa).

Desta forma, foram criados os diversos Institutos de Psicologia por parte dos primeiros psicólogos, dentro das Faculdades de Filosofia, mas com uma forte característica experimental, fisiológica e, principalmente, psicologista. Em outras palavras, a Psicologia que nascia não apenas pretendia se tornar uma ciência autônoma, mas também, uma substituta à Filosofia, em suas versões mais radicais, ou quando menos, uma fundamentação experimental de toda e qualquer forma de pensamento, tendo como objetivo subordinar a Filosofia à Psicologia. A partir da institucionalização da Psicologia, realizada através da criação do Instituto de Psicologia e do Laboratório de Psicologia em Leipzig, e depois o mesmo nas universidades de Berlim, Göttingen e Würzburg (cf. Araujo, 2009), houve um crescente sucesso da Psicologia Experimental, dentro do ambiente universitário e fora dele. Este crescimento aumentou a disputa pelas cátedras de Filosofia e foi tida, por parte de diversos filósofos, como um ataque à própria Filosofia. A Psicologia, enquanto uma disciplina autônoma e experimental ganhava proeminência e interesse das autoridades educacionais do governo alemão, sem que, contudo, houvesse o interesse da separação institucional das disciplinas de Filosofia e Psicologia por parte destes agentes. Há de se supor uma “negligência proposital” por parte das autoridades educacionais alemãs ao não diferenciar as cátedras entre as duas disciplinas, o que levou estas a serem disputadas por diferentes professores, das duas áreas.

Contudo, para fazer frente a estes avanços dos psicólogos experimentais, e em oposição a ideia de uma naturalização da Psicologia, insurgiram-se aqueles filósofos,

também conhecidos como “filósofos puros”, que se organizaram – teórica e politicamente – contra as tentativas de colocarem a psicologia sob a égide das ciências naturais. Tal organização institucional entre os filósofos alemães foi original e, até certo modo, inusitada, uma vez que eram raras tais manifestações conjuntas por parte dos acadêmicos da época.

O estabelecimento de laboratórios e institutos de psicologia certamente impulsionou a ciência psicológica, mas gerou também graves tensões na disciplina, em que uma ruptura entre professores e acadêmicos, de outro, acabou produzindo comoção e até mesmo novos fenômenos sociais – como, por exemplo, professores de filosofia participando de uma ação coletiva (Gundlach, 2015, p. 155).

Tais filósofos buscavam reconquistar seu valor e sua importância, a qual haviam conseguido reestabelecer, a duras penas, apenas após as reformas educacionais, anteriormente citadas. Dividir este espaço com uma nova disciplina que, embora fosse promissora, não tinha a criação de cátedras (vagas acadêmicas) próprias, mas concorrentes com as cátedras em Filosofia, fazia com que fosse necessária uma organização teórica e institucional para fazer frente a esse avanço da “nova” Psicologia. Curioso é notar que tal insatisfação já tinha se dado desde a fundação do primeiro laboratório e instituto de Psicologia, em Leipzig, por Wundt, em 1879. Sobre esses diversos filósofos insatisfeitos escreveu Kusch:

Embora esses críticos [os filósofos] diferissem amplamente em suas próprias posições filosóficas, eles tinham uma crença central em comum: todos consideravam prejudicial à filosofia e ao seu progresso que a psicologia experimental fosse considerada parte integrante da filosofia. Em outras palavras, eles acreditavam que o papel do filósofo, conforme sugerido pelo sucesso acadêmico da psicologia experimental, precisava ser purificado, ou seja, esses 'filósofos puros' argumentavam que o papel do filósofo e o papel do psicólogo científico deveriam ser separados um do outro e mantidos separados" (1995, 157, tradução nossa).

Foi assim que, com a reunião destes diversos filósofos, e em especial aqueles que protagonizaram o movimento contra a psicologia experimental enquanto parte integrante da filosofia, surgiram diversas oposições, fossem aquelas feitas de maneira institucional, fossem aquelas feitas de maneira teórica. Aqui nos interessa, exatamente esta relação intrínseca entre os fatos ocorridos nas universidades alemãs, ou seja, a crescente tomada das cátedras em filosofia por parte dos psicólogos experimentais, bem como as reações filosóficas; em especial, a fundação da Fenomenologia, a qual possuiu, desde sua concepção, uma forte marca antipsicologista.

Conforme Kusch (1995) diversos filósofos se incomodaram com as seguidas tomadas de cátedras por psicólogos experimentais, contudo alguns se destacaram por sua produção enfática contra o crescimento dessas, entre eles: Dilthey, Rickert, Windelband e o próprio Husserl. Sobre Dilthey é digno de nota que boa parte de seu trabalho foi uma tentativa de criticar a psicologia que ele denominava “explicativa” – associada à psicologia experimental – ao mesmo tempo em que ele indicava a vantajosa possibilidade de uma psicologia descritiva e analítica. Após escrever seu famoso artigo denominado “Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica” (Dilthey, 2008), o autor entregou diversas cópias deste manuscrito a outros filósofos. Entre as reações, destacamos uma carta a Dilthey do filósofo Alois Riehl, que consideramos ilustrar bem a insatisfação dos ditos “filósofos puros” ao crescimento da psicologia experimental:

Não é apenas minha opinião, mas a opinião de muitos e bem respeitados colegas - e de fato, dado seu julgamento crítico adequado sobre a importância dos experimentos psicológicos, certamente é sua própria opinião também - que os interesses de nossa ciência [ou seja, filosofia] são severamente danificados pelo fato de que uma cadeira filosófica após a outra é entregue aos psicofísicos. É nosso dever neutralizar essa condição e sua propagação. E é isso que pretendo fazer com todos os meus poderes. Seria correto estabelecer cadeiras separadas para psicofísica; mas é injusto contra os representantes da filosofia que o sistema atual deva continuar - um sistema que levou a uma situação em que alguns titulares de cadeiras filosóficas de primeira classe degradam a filosofia na frente de um público que é incapaz de julgar por si mesmo. Eu sei disso por experiência própria. (Lessing, 1985 apud Kusch, 1995, p. 163, tradução nossa).

É possível, pois, compreender o envolvimento de Dilthey na empreitada contra o crescimento da Psicologia Experimental, tanto teórica quanto institucionalmente. Contudo, Dilthey não chegou a participar do ápice dessa disputa, a assinatura do manifesto dos filósofos contra a psicologia experimental de 1913 – o qual teve como estopim a nomeação da cátedra da Universidade de Marburg, como veremos a seguir – pois ele faleceu anos antes, em 1911. A presença da filosofia de Dilthey e seu empenho contra a tentativa de naturalização da psicologia foi sentida à época e, como o próprio Husserl reconhecerá anos mais tarde, foi fundamental para a evolução da própria Psicologia Fenomenológica.

Antes da conhecida manifestação em forma de declaração, o contexto em que se deu o desencadeamento deste, foi a já citada “querela” envolvendo a nomeação de um psicólogo experimental para a cátedra de filosofia na Universidade de Marburg, na Alemanha. Curioso é verificar que, inicialmente, a proposta da universidade era criar uma outra cátedra, para que não houvesse uma contenda entre os campos de pesquisa.

Contudo, o Ministério da Educação repetidamente rejeitou tal proposta, alegando que a “nova cátedra se destinava mais à filosofia histórica e sistemática do que à psicologia” (Kusch, 1995, p. 186, tradução nossa). Chegou-se ao cume desta disputa, em 1912, com a nomeação de Erich Jaensch, psicólogo experimental, para substituir a cátedra de filosofia da Universidade de Marburg, antes ocupada por Hermann Cohen, de formação filosófica (Araujo, 2013). Assim, após alguns anos de insistência e após a aposentadoria definitiva do então ocupante, o psicólogo experimental E. Jaensch assume a cátedra do filósofo Cohen. Houve protestos estudantis, mas sem muita repercussão. É digno de nota a manifestação do filósofo Natorp, feita em forma de artigo ao jornal Frankfurter Zeitung, no qual ele coloca de maneira “enigmática” que a escolha pelo psicólogo teria motivações políticas (cf. Kusch, 1995, p. 187). A partir de então, Natorp, Husserl, Rickert, Windelband, Alois Riehl e Rudolf Eucken, passaram a coletar assinaturas para seu manifesto, enviando sua declaração a diversas universidades de língua alemã, tanto na Alemanha, quanto na Áustria e na Suíça. Tais filósofos seguiam uma sugestão do próprio Husserl, a de que era necessário criar uma espécie de “sindicato dos filósofos”. É possível, pois, notar que a participação de Husserl não foi apenas marginal, mas fundamental para a concretização do manifesto, bem como toda a sua necessária organização.

Esta ação coletiva teve como resultado, no ano seguinte, em 1913, a publicação do conhecido manifesto (Araujo, 2013) que teve como signatários diversos filósofos, totalizando 106 assinaturas, entre elas, a do já citado Edmund Husserl. Alguns dos trechos deste manifesto nos ajudam a compreender não apenas o cenário acadêmico e a preocupação de parte dos filósofos em ver a filosofia acabando relegada a discussões metafísicas, como se lê neste trecho do referido manifesto (citado em Araujo, 2013):

Isso é ainda mais grave quando o campo da filosofia está cada vez mais se expandindo, e quando, exatamente em nossa época filosoficamente agitada, não se pode dar aos estudantes a oportunidade de se orientar cientificamente junto aos seus professores também sobre as questões gerais relacionadas à visão de mundo e à concepção de vida. (...)

Dito tudo isso, os signatários consideram como sua obrigação apontar para as faculdades de filosofia e também para as autoridades educacionais as desvantagens decorrentes dessa situação para o estudo da filosofia e da psicologia. Em nome do interesse comum de ambas as ciências, deve-se atentar cuidadosamente para que a filosofia preserve seu lugar na vida acadêmica. (Araujo, 2013, p. 304)

Como se pode compreender, há um misto de preocupações em relação tanto à própria “sobrevivência” da filosofia, quanto a um campo de estudo e de pesquisas autônomo. Assim, nas entrelinhas do manifesto, e diante dos diversos filósofos que já haviam escrito contra o psicologismo, como Husserl, Dilthey, Frege etc, estava lançada uma batalha não apenas institucional, mas também que possuía seus desdobramentos no campo teórico.

A luta teórica em questão, travada principalmente entre filósofos e os psicólogos experimentais, mas que possuíam também defensores entre os filósofos empiristas, trazia à tona a questão da possibilidade ou não da fundação de uma ciência do psíquico. Como a psicologia buscava, nesse momento histórico, a fundamentação de sua ciência, através da realização de experimentos, tanto de ordem “física” quanto “fisiológica”, sem uma devida preocupação com a construção teórica e epistemológica, tal “inversão” na ordem da fundamentação teórica da nova ciência comprometeu uma maior clareza da Psicologia, principalmente no que concernia a sua independência do campo filosófico. Os psicólogos experimentais, ao buscarem a fundamentação materialista e fisiológica dos fenômenos que até então tido apenas como fenômenos psíquicos, ou seja, tratados como “ideais” e, portanto, tidos como da ordem do metafísico por alguns filósofos; abriam então espaço para que contendas de ordem teórica, lógica, epistemológicas e metodológicas ocorressem. Os psicólogos experimentais, na tentativa de defenderem a possibilidade da fundamentação teórica da Psicologia, por um lado, acabavam por abrir a possibilidade de críticas, por parte dos filósofos. Estes filósofos viam, na tentativa da fundamentação teórica da Psicologia, um verdadeiro ataque à Filosofia, em especial aquela Psicologia que buscava, no empirismo, a própria “explicação” da fundamentação da lógica. Este modelo teórico de fundamentação da filosofia, através da psicologia experimental, o conhecido psicologismo, por sua vez, fundamentava a visão dos psicólogos experimentais que tratavam a filosofia como se fosse apenas “fenômeno estritamente psíquico”.

Digno de nota, contudo, foi a reação de Wundt à declaração dos “filósofos puros”. Wundt, já com mais de 80 anos, defendia a permanência da Psicologia junto à Filosofia. Ele se manifestou, abertamente, contra uma Psicologia totalmente experimental e desprovida de fundamentação filosófica sólida. Era contrário, igualmente, às tentativas de inserção da Psicologia em outras faculdades que não na filosofia, como, por exemplo, nas tentativas de colocar de maneira mais próxima as disciplinas da medicina com a Psicologia. Publicou então um livro no qual expôs estes e

outros argumentos, na tentativa de salvar o casamento entre a Filosofia e a Psicologia. Na opinião de Wundt, “a psicologia era ‘tanto uma parte da ciência da filosofia quanto uma Geisteswissenschaft empírica; e seu valor para a filosofia e as ciências empíricas especiais reside em ser o principal negociador entre elas’ (Wundt, 1913, apud Kusch, 1995, p. 192).

Passaria a ocorrer então, como decorrência daquela “batalha das cátedras”, e em paralelo a ela, outra batalha de cunho teórico, e que, conforme defendemos, será o que motivará Husserl a dar início ao seu projeto filosófico, nominalmente, a Fenomenologia. A participação de Husserl, de maneira alguma pode ser compreendida apenas como um caso isolado ou uma ação a qual Husserl foi levado de maneira descomprometida. Ao contrário, é possível supor a íntima relação entre a Filosofia de Husserl, sua Fenomenologia, a crítica ao psicologismo e o próprio surgimento da Psicologia enquanto ciência. A proeminência assumida pelo filósofo neste episódio, apenas reforça nossa argumentação de que, não apenas Husserl era contrário a edificação de uma psicologia naturalista, mas que também, como ele próprio buscou, era favorável a criação de uma teoria sólida capaz de fundamentar outro modelo de ciência, no qual haveria um destaque significativo para a própria psicologia. Tal psicologia, por sua vez, seria erguida e desenvolvida sob os auspícios de sua nascente fenomenologia.

CAPÍTULO 2

2. ANÁLISE DO CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NAS PRINCIPAIS OBRAS HUSSERLIANAS

O objetivo deste segundo capítulo é apresentar argumentos em defesa da tese de que a Fenomenologia se constituiu em dois aspectos indissociáveis: 1) como uma disciplina filosófica, a partir de uma crítica à Psicologia enquanto ciência experimental, principalmente ao Psicologismo; e 2) como uma fundamentação das ciências do Espírito e, em especial, como uma propedêutica à psicologia, uma Psicologia Teórica e Filosófica. Partimos de algumas análises e alguns comentadores sobre as principais obras husserlianás. Elegemos para nossa análise quatro das principais obras de Husserl, as quais julgamos mais significativas para o problema: 1) *Investigações Lógicas*, e em especial seus *Prolegômenos*; 2) *Filosofia como Ciência de Rigor*; 3) *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*” de 1913 e em especial seu terceiro volume (chamado de *Ideias III*); e 4) *As lições de 1925 (Hua IX)* sobre a Psicologia Fenomenológica. Tais obras serão analisadas buscando responder se “*podemos compreender a Fenomenologia de Husserl como uma proposta de fundamentação das Geisteswissenschaften e, portanto, da própria Psicologia?*”. Em outras palavras, subdividiremos a questão em outras três perguntas: a) “*A Fenomenologia husserliana foi uma resposta às questões levantadas pela tentativa de se naturalizar a Psicologia?*”; b) “*A Fenomenologia pode ser considerada uma proposta de fundamentação metodológica para as Geisteswissenschaften?*” e c) “*A Fenomenologia pode ser considerada uma teoria psicológica ou ainda uma espécie de ‘propedêutica à psicologia’, capaz de fundamentar esta ciência a partir de uma descrição do seu objeto de estudo específico?*”.

2.1 O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Estas serão, portanto, as perguntas que buscaremos responder a partir da análise das obras acima elencadas, assumindo, desde já, que não pretendemos esgotar todas as facetas de cada uma dessas obras. Contudo, buscaremos extrair os principais pontos defendidos em cada um destes textos, sem negligenciar nenhum dos pontos que podem oferecer dificuldades às hipóteses acima elencadas. Outros temas relacionados a cada uma das obras serão apenas citados quando for necessário e importante para

contextualizar o conteúdo, visando melhor esclarecer tais citações e a importância dessas frente aos temas de cada obra. Assim sendo, o que buscamos é compreender como tais obras, uma vez abordadas sobre o prisma da temática da fundamentação da Psicologia, podem auxiliar-nos a compreender sob um novo ângulo a obra husserliana e, consequentemente, como seus escritos poderão ser mais bem utilizados para um eventual embasamento da ciência psicológica na forma de uma Psicologia Teórica, tal como definida na introdução deste trabalho.

Contudo, antes de darmos início às análises de cada obra em particular, faz-se necessário apresentar, ao menos de maneira geral, do que se trata o conceito de Psicologia Fenomenológica, e como podemos encontrá-lo nas obras husserlianhas. Parte desta análise genérica, já foi alvo do nosso trabalho anterior apresentado como dissertação de mestrado (Cormanich, 2017).

Seguindo nossas análises anteriores, rememoramos que a construção e a definição do conceito de psicologia *fenomenológica* em Husserl perpassa toda a sua obra, e acompanha, passo-a-passos, a evolução de sua própria filosofia. A própria Fenomenologia tem sua origem na construção da crítica ao modelo de psicologia adotado à época de Husserl – como anteriormente citado. E, o próprio conceito da *psicologia fenomenológica* também acompanha as transformações e as “guinadas” dadas por Husserl em sua própria teoria.

Na sua primeira proeminente obra, as *Investigações Lógicas*, e mais precisamente no volume VI (Husserl, 1988), Husserl caracteriza sua nova metodologia como uma *psicologia descritiva*. Não uma psicologia semelhante a seu predecessor e mestre Brentano – uma psicogênese exaustiva dos fenômenos mentais – mas, como o próprio Husserl se viu obrigado a elucidar, uma psicologia descritiva dos atos psíquicos e também da clarificação das *essências dos atos psíquicos*. Sua análise, portanto, não buscava apenas uma descrição dos conteúdos desses atos, mas visava, principalmente, elucidar a própria essência do ato psíquico, sua constituição e sua origem no caráter intencional da consciência, como veremos adiante. O método que Husserl começara a desenvolver nesta obra, e que ele levará a termo em outras obras posteriores, é o que possibilitará a ele alcançar esse substrato da essência da vida psíquica. Esse método ele denominou *método fenomenológico*. A fenomenologia até então constituída, resulta dessa descrição pormenorizada dos atos psíquicos, com a busca da evidenciação de suas essências. Portanto, nesse primeiro momento, a psicologia descritiva de Husserl poderia ser facilmente confundida com a própria fenomenologia. Neste estágio inicial, a

"psicologia descritiva" husserliana já performa uma das funções centrais daquilo que viríamos a definir como Psicologia Teórica: a análise conceitual e a elucidação das estruturas essenciais (eidéticas) que devem anteceder e fundamentar qualquer investigação empírica sobre o psíquico.

Mas a partir das Investigações, Husserl começa a pensar em outra formulação para a própria fenomenologia, buscando desfazer o possível engano do qual era acusado, ao tratar como quase sinônimos os termos 'psicologia descritiva' e 'fenomenologia'. No seu artigo publicado na revista *Logos, a Fenomenologia como Ciência Rigorosa* (Husserl, 1911/2007), Husserl visa estabelecer as diferenças entre sua recém-fundada Fenomenologia e a ciência empírica psicológica. Segundo ele:

(...) na fenomenologia deparamos com uma ciência, cuja amplitude os contemporâneos ainda não imaginam, e que, apesar de ciência da consciência, não é psicologia: deparamos com a Fenomenologia da consciência, oposta à Ciência natural da consciência. Como não há de tratar-se de uma equivocação casual, é de esperar de antemão que a Fenomenologia e a Psicologia devem estar próximas uma da outra, referindo-se ambas à consciência, embora de modos diversos e em "orientação" diversa, podendo dizer que à Psicologia interessa a "consciência empírica", a consciência na continuidade da Natureza, ao passo que à Fenomenologia interessa a consciência "pura", isto é, a consciência na orientação fenomenológica (Husserl, 1911/2007, p. 19).

Esta distinção fundacional entre a "ciência natural da consciência" (psicologia empírica) e a "Fenomenologia da consciência" (a ciência do puro) espelha com precisão a distinção entre a pesquisa empírica e o seu fundamento teórico não-empírico. Neste sentido, a Fenomenologia se apresenta como a candidata natural a preencher o papel de Psicologia Teórica para a psicologia empírica. Ao buscar essa diferenciação, Husserl pretende deixar claro os objetivos de sua nova ciência fenomenológica, porém cria, consequentemente, um outro problema que posteriormente irá buscar solucionar: se há a possibilidade de uma ciência empírica psicológica, que estudará a "consciência empírica", como então a fenomenologia – a ciência que estuda "a consciência pura" – se relaciona com aquela? Esta questão abre um novo campo de estudos para o próprio Husserl, que passa então a se dedicar na elucidação desse problema, o que resulta na obra *Ideias para uma Fenomenologia Pura e Para uma Filosofia Fenomenológica*⁸ (Husserl, 1911/2014a). Nesta obra Husserl clarifica sua metodologia fenomenológica e

⁸ Esta obra é também conhecida pelo nome "Ideias I", por se tratar do primeiro volume de uma sequência de três volumes pertinentes ao mesmo tema. Para o português, atualmente, apenas o Ideias I encontra-se traduzido.

clarifica também o caráter eidético dos atos psíquicos ou da consciência. Ele proporá uma “nova psicologia”, a qual denominara de *psicologia eidética*, ou seja, aquela psicologia que tratará do caráter das essências dos atos intencionais da consciência, ou seja, dos atos psíquicos.

Husserl explicitará a necessidade de se fundamentar a pretensa psicologia científica através de uma ciência eidética que a anteceda. Segundo o filósofo, ainda em *Ideias I*, “toda ciência de fatos (ou ciência da experiência) tem seu fundamento teórico em ontologias eidéticas” (Husserl, 1911/2014a). É através dessa constatação que Husserl propõe, portanto, o surgimento de uma nova ciência eidética que torne possível a fundamentação da ciência psicológica. É justamente neste ponto que o projeto husserliano converge explicitamente para a definição de Psicologia Teórica: uma disciplina a priori e não-empírica, cuja função é fornecer a fundamentação conceitual, o “fundamento teórico” para a ciência de fatos, no caso, a psicologia empírica. A nova psicologia eidética terá como objeto de estudo a “explicitação das leis essenciais, apriorísticas, da região ontológica da alma (*Seele*), propiciando a clareza conceitual necessária para a investigação posterior dos fatos psíquicos, domínio da psicologia empírica” (Peres, 2014). Nasce aqui, portanto, um novo projeto husserliano que, apesar de estar subentendido em trabalhos anteriores, parece tomar forma e força, a fim dar a fundamentação metodológica e epistemológica para uma possível psicologia científica, que leve em conta os aspectos intencionais dos atos psíquicos. Este projeto da “psicologia eidética” é, em sua essência, um programa para uma Psicologia Teórica. Nos anos seguintes Husserl se dedicará exclusivamente a esse tema, e, entre os anos de 1925 a 1927, proferirá em Louvain suas “lições sobre a psicologia fenomenológica”.

Apesar deste ser o principal foco desse estudo, cabe-nos ressaltar que o tema da Psicologia Fenomenológica passaria por uma nova abordagem dentro da proposta husserliana. Mais especificamente, nas suas obras finais, e em especial, em *A Crise da Ciência Européia e a Fenomenologia Transcendental* (1954/2012), Husserl volta a tratar como sinônimos a então constituída Psicologia Fenomenológica e a Fenomenologia Transcendental. Com isso também, ele aparentemente igualou os objetivos de ambas, ou seja, a obtenção das essências dos atos psíquicos através da redução transcendental. No parágrafo 72 da Krisis, Husserl afirmará “Só existe uma psicologia transcendental, que é idêntica à filosofia transcendental” (Husserl, 1954/2012, p. 208). Embora este trecho seja alvo de algumas polêmicas, o que por ora indicamos é que a compreensão do pensamento husserliano, tal qual como defendemos

e nos propomos expor, só é possível a partir de uma análise transversal de sua obra e de seu ideário, que buscaremos apresentar à seguir.

Por ora, cabe-nos apenas ressaltar que a aparente confusão feita por Husserl ao final de sua vida, pode ter se dado por uma má compreensão do próprio ideário husserliano. Nossa objetivo aqui será, portanto, buscar uma interpretação de Husserl que corrobora com nossa hipótese central de que Husserl tem a oferecer uma nova perspectiva epistemológica e metodológica para o surgimento de uma “nova psicologia”, capaz de fundamentar teoricamente uma pretensa psicologia científica.

Passaremos, portanto, a analisar as principais obras husserlianás, principalmente aquelas que correspondem aos temas e assuntos abordados por Husserl entre os anos de 1900 até os anos de 1927. Nossa objetivo, conforme já anteriormente exposto, é tentar evidenciar que nos escritos de Husserl existe uma clara e distinta intenção em fundamentar teórica e epistemologicamente a Psicologia Científica a partir das análises e reflexões propostas por sua Fenomenologia. E para além desta evidência mais clara, queremos propor uma nova interpretação de parte substancial da obra husserliana, trazendo a possibilidade da interpretação de grande parte de sua Fenomenologia como ela própria uma Psicologia Eidética, capaz de fundamentar a própria Psicologia Científica e, por consequência, todas as *Geisteswissenschaften*.

2.2 ANÁLISE DA OBRA “INVESTIGAÇÕES LÓGICAS” DE 1901

Já no (primeiro) prefácio dos prolegômenos, Husserl assume que seria impossível e errático continuar a investigar a fundamentação da lógica à partir das análises psicológicas – sem contudo, especificar, quais análises seriam essas. Ele admite que em sua Filosofia da Aritmética ele teria deixado esse erro passar, de maneira despercebida. Diz ele que “Assim que passava das conexões psicológicas do pensar para a unidade lógica do seu conteúdo (a unidade da teoria), não se deixava evidenciar verdadeira clareza ou continuidade”. Assim, ele admite que a psicologia não conduz à lógica e seu conteúdo, que não há análise psicológica que possa conduzir à lógica; antes, é a lógica que fundamentará a possibilidade de qualquer ciência e qualquer conhecimento – tal qual ele objetiva em suas “Investigações Lógicas”. Aqui temos o primeiro movimento crucial de Husserl: a ruptura com o psicologismo. Esta ruptura, no entanto, não é uma rejeição da psicologia, mas uma redefinição de sua relação com a filosofia. Ao afirmar que a psicologia não pode fundamentar a lógica, Husserl está,

paradoxalmente, abrindo espaço para uma psicologia que não pretenda ser fundante, mas fundada – o que corrobora a tese de uma psicologia teórica de base fenomenológica.

Husserl “deixa escapar” no prefácio da segunda edição dos prolegômenos que o *Ideias* deveria se ocupar de uma fundamentação para a psicologia, quando, ao justificar a reedição das investigações ele diz: “Elas (as *Ideias*) deveriam fornecer uma representação geral e, contudo, substancial (porque assentando inteiramente em trabalho efetivamente realizado), da nova fenomenologia: do seu método, problemática sistemática, função de possibilidade de uma filosofia rigorosamente científica, bem como de uma teorização racional da psicologia empírica” (Husserl, 2014b, p. XV, Hua XVIII, <9>). Motivo pelo qual, não só devemos analisar a obra em questão, ou seja, as *Investigações Lógicas*, mas também associá-la às *Ideias*, que constituem a continuidade das investigações da presente obra (em especial, o volume III). Este trecho é de suma importância para a tese. Husserl explicitamente associa o projeto da fenomenologia (em “*Ideias*”) à tarefa de uma “teorização racional da psicologia empírica”. Isso não representa um abandono da psicologia, mas sim a promessa de sua fundamentação teórica por meio da fenomenologia. A “psicologia teórica” proposta encontra aqui seu respaldo direto.

É ainda no prefácio da segunda edição dos Prolegômenos que Husserl passa a admitir que a diferenciação feita por ele mesmo entre a descrição psicológica e a descrição fenomenológica precisava ser corrigida, ou seja, que a descrição fenomenológica e, juntamente a evidenciação das “interpretações transcendentais dos dados imanentes” deveriam também investigar as “vivências ou classes de vivências de pessoas empíricas (...) de vivências minhas ou de outros” (Husserl, 2014b, p. XVIII; Hua XVIII, <13>). Dessa forma, ele retorna para a fenomenologia transcendental – agora já mais elaborada e aperfeiçoada, através da publicação de *Ideias* – a função e o objeto de estudo das vivências psíquicas. De tal forma que, o método fenomenológico como psicologia descritiva fica abandonado, ou melhor ainda, fica integrado como apenas uma das etapas das diversas reduções descritas em *Ideias*. Este ponto, embora útil, revela-se decisivo. A “psicologia descritiva” das *Investigações Lógicas* não é simplesmente descartada, mas sim integrada em um arcabouço mais abrangente de caráter transcendental. Isso sugere uma continuidade e uma superação dialética: a psicologia descritiva constitui o momento inicial, necessário porém insuficiente, que será elevado a um novo patamar na psicologia fenomenológica transcendental. A

concepção de uma "psicologia teórica" pode ser interpretada como a sistematização desse momento descritivo em um corpo de conhecimento organizado.

Já no início de suas investigações, quando Husserl ainda trata da Controvérsia sobre a definição da lógica e do conteúdo essencial das suas doutrinas, o filósofo afirma que a lógica psicológica seria a mais dinâmica entre as demais (a formal e a metafísica) e que esta "exibe unidade de convicções unicamente no que se refere à delimitação da disciplina e quanto aos seus objetivos e métodos essenciais" (Husserl, 2014b, p.3, HUA XVIII, <20>). Husserl parece indicar que as proposições da lógica psicológica não poderiam ser ampliadas para as demais lógicas, ao mesmo tempo em que revela uma posição e defesa de que essa "lógica psicológica" poderia ser utilizada para a delimitação de sua disciplina própria (a psicologia, possivelmente), e na fundamentação de seus objetivos e métodos "essenciais". Neste ponto, Husserl realiza um movimento notável: ao mesmo tempo em que critica o psicologismo na lógica, ele parece reservar um espaço legítimo para uma "lógica psicológica" no âmbito da psicologia. Isso pode ser interpretado como a abertura para uma psicologia com autonomia metodológica, desde que compreendida em seu próprio domínio e fundamentada pela lógica pura – precisamente o que uma psicologia teórica de orientação fenomenológica almejaria.

Husserl cita que devido ao avanço dos estudos da psicologia a lógica passou a ser pensada e construída a partir daqueles princípios (psicológicos) tidos como válidos – ainda sem o citar aqui, deixando-o para realizar ao longo da obra. Contudo, já nesse momento de seu texto, ele deixa claro que essa lógica que possuí suas bases na ciência psicológica não conseguirá êxito, tendo em vista que suas conjecturas não estão razoavelmente esclarecidas.

Husserl irá citar o enorme perigo em se confundir as fronteiras das diversas ciências, quando não se ocupam de diferenciar "a mistura do que é heterogêneo numa pretensa unidade de domínio, especialmente quando se funda numa interpretação totalmente errônea do objeto cuja investigação pretende *ser o objetivo essencial da ciência visada*" (Husserl, 2014b, p. <22>, grifo nosso). Ele se refere explicitamente à lógica psicologista, contudo, o que ele diz poderia ser facilmente aplicável à psicologia, no sentido de uma ciência que traz para dentro de si uma mistura heterogênea de objetos que, grosso modo, poderiam ser facilmente identificáveis como objetos de ciências diferentes, tais como as emoções, percepções ou as volições, por exemplo. Esta é uma crítica profética à psicologia moderna e sua tendência a um ecletismo teórico sem fundamentação unitária. A proposta de uma psicologia teórica de base fenomenológica

se apresenta como antídoto a essa "mistura heterogênea", ao buscar uma unidade de domínio não na diversidade dos objetos (emoções, percepções, etc.), mas na unidade do método de acesso a eles: a descrição das essências das vivências intencionais.

Ainda na parte introdutória dos *Prolegômenos*, Husserl já se posiciona dizendo que considera a lógica como uma técnica, bem como uma "disciplina teorética, independente da psicologia e, simultaneamente, uma disciplina formal e demonstrativa". (Husserl, 2014b, p. 6, <23>). Husserl pretende demonstrar como a lógica pode ser entendida como lógica pura, "a qual se constitui o fundamento mais importante para toda a técnica do conhecimento científico, e possui o caráter de uma ciência apriorística, puramente demonstrativa" (Husserl, 2014b, p. 6 <23-24>).

É possível observar, pois, que Husserl busca uma "superação" da controvérsia apresentada, a saber, se a lógica possuí uma dependência ou não da psicologia, buscando uma resposta "dialética", na qual presume uma "lógica pura", que possibilita a fundamentação, tanto da própria lógica, quanto da psicologia. O que, em última instância, é a defesa de uma lógica sobre a psicologia (uma escolha "logicista" em detrimento do "psicologismo"), mas que revela uma fundamentação ulterior a qualquer tipo de lógica, a qualquer ciência possível, inclusive. Uma "lógica" mais profunda, ou ainda *transcendental* que estaria livre de determinações psíquicas, como a emoção, volição, desejos etc. Por outro lado, Husserl passa a revelar uma possibilidade de fundamentação lógica para a psicologia, enquanto uma ciência independente, que é o que nos interessa na leitura desta obra. Este parágrafo sintetiza o núcleo da nossa argumentação. A "superação dialética" significa que a psicologia não é destruída, mas realocada em seu lugar correto: não como fundamento da lógica, mas como ciência fundada por uma lógica mais originária (a pura/transcendental). A "possibilidade de fundamentação lógica para a psicologia" é o que autoriza, no contexto da tese, o projeto de uma psicologia teórica com ambição de rigor científico.

Outro tema bastante presente, já nos *Prolegômenos*, é o equívoco de que as ciências deveriam se fundamentar, especialmente, sobre as "verdades matemáticas". Essa era uma tese muito difundida entre cientistas contemporâneos de Husserl. Para eles, esta constituiria a *mathesis universalis*, sobre a qual estaria apoiada toda e qualquer ciência. Husserl, como matemático, e conhecedor das próprias fragilidades da fundamentação da matemática, criticará duramente, desde suas *Investigações Lógicas*, as tentativas de se buscar uma fundamentação da ciência em sua imitação, como se esta disciplina fornecesse de forma suficiente os parâmetros necessários para se considerar

um conhecimento universalmente válido. Essa é, em verdade, a grande temática de suas *Investigações*, a saber, sobre quais fundamentos se apoiam as ciências, e, em particular, a Psicologia, que naquele momento histórico, se colocava como fundação da própria lógica e, consequentemente, da própria filosofia (Husserl, 2014b). A crítica ao modelo matemático de ciência é um segundo front aberto por Husserl, tão importante quanto a crítica ao psicologismo. Para a psicologia, isso significa que seu ideal de científicidade não deve ser o da física-matemática, mas o de uma ciência eidética e descriptiva, fundada na evidência intuitiva das essências. A psicologia teórica, neste sentido, se afasta tanto do naturalismo quanto do formalismo.

Husserl tece uma dura crítica às ciências que buscam se fundamentar numa pretensa rigorosidade matemática. Segundo ele, a matemática não possuí em si mesma tal rigor, e conhecidos os seus fundamentos próprios, se revela a fragilidade dessa matematização da ciência. Segundo Husserl:

A esse respeito, nem a matemática, a mais avançada de todas as ciências, pode reivindicar uma posição de exceção. Ela representa de muitos modos, o ideal de toda a ciência em geral: mas quão pouco ela o é na verdade, ensinam as antigas disputas ainda hoje não resolvidas em definitivo, sobre os fundamentos da geometria, assim como os fundamentos justos do método do imaginário. Os mesmos investigadores que manuseiam com maestria incomparável os métodos maravilhosos da matemática, e enriquecem-na com novos, mostram-se com frequência inteiramente incapazes de dar razão satisfatória acerca da correção lógica desses mesmos métodos e dos limites da sua aplicada justificação (Husserl, 2014b, pp. 7-8; HUA XVIII, <26>, tradução nossa).

Neste sentido, este argumento soma-se aos demais, nos quais Husserl busca evidenciar a necessidade da explicitação de uma lógica pura, que prescinda, inclusive, da própria matemática. Uma fundamentação das ciências – o que abarca a própria psicologia – deverá se utilizar de uma lógica pura, que fundamente todas as demais possibilidades de conhecimento, inclusive a própria matemática.

Ainda sobre a temática da fundamentação das ciências, Husserl cita a metafísica presente na filosofia primeira de Aristóteles, que foi utilizada amplamente para fundamentar “metafisicamente o real”. Contudo, dirá ele, essa é uma maneira inadequada de se pensar esses termos, tais como a geometria à partir do real, todos igualmente submetidos ao tempo e sua causalidade, por exemplo. Dito isso ele irá defender, mais uma vez, a ideia de que é necessário fundar uma “ciência das ciências” (Husserl, 2014, p. 9,HUA XVIII, <27>), que não dependa apenas de uma demonstração de um objeto real para possuir uma lógica intrínseca – mas que dependa uma e

exclusivamente de uma lógica pura. Ele dirá que o nome desta ciência será “doutrina da ciência” (Husserl, 2014b, p. 9, HUA XVIII, <27>).

A “doutrina da ciência” a “ciência das ciências”, não poderá ser outra, que não a própria Lógica. E, esta, não poderá estar fundada em outra ciência ou em outro tipo de conhecimento específico. Tão pouco uma ciência, em especial a Psicologia. Husserl dirá que a ciência não se constitui apenas de um somatório de conhecimentos de diversos indivíduos em tempos diferentes. Antes, a ciência se constitui pelo

somatório de instituições externas que, do mesmo modo como surgiu a partir de atos de saber de muitos indivíduos singulares, pode também novamente transitar para atos precisamente semelhantes de inumeráveis indivíduos, de uma maneira facilmente compreensível, que não poderíamos, contudo, descrever de maneira exata sem mais pormenores (Husserl, 2014b, p. 9, HUA XVIII, <28>).

Assim, ele ressalta que a defendida replicabilidade e a neutralidade dos experimentos científicos, que constituem um dos dogmas do método científico, estão de certa maneira reduzidos à replicabilidade dos entendimentos desses sujeitos perante outros sujeitos que são capazes de entender do mesmo modo aqueles conhecimentos anteriormente adquiridos. Isso demonstra, de maneira ímpar, que não é a externalidade e a objetividade que constitui o saber científico, mas uma relação de vivência e da experiência que pode ser replicada, ou melhor, revivida e reexperimentada por diversos indivíduos ao longo do tempo. Em outras palavras, poderemos supor que compreendemos o mesmo problema e encontramos a mesma solução que um dia Newton encontrou para a queda dos corpos, ao imaginar uma força “invisível” que atraía os corpos para o centro terrestre. Não é a descrição apenas do experimento e suas condições que tornam possível a “replicabilidade” e, portanto, a eficiência do saber científico. Antes, é a possibilidade de que podemos “reviver” e “reexperimentar” os mesmos pensamentos, as mesmas sensações, as mesmas experiências e, ao cabo, a mesma lógica subjacente vivenciada anteriormente pelo cientista, que faz com que possamos validar aquele conhecimento como verdadeiro, coerente, lógico e, universalmente válido – e, portanto, científico.

Husserl continua dizendo que saber algo consiste em considerá-lo evidente. Apesar de haver evidências da probabilidade de um estado de coisas, e apesar dessa não fundar um conhecimento totalmente válido, é possível “distinguir, segundo conjecturas racionais e irracionais, ou mais bem ou mais mal fundamentadas” (Husserl, 2014b, p. 10, HUA XVIII, <29>). Aqui, portanto, mais uma vez, Husserl demonstra como qualquer afirmação, mesmo a probabilística, ainda possuí uma ciência lógica subjacente

que apoia as demais afirmações. “Em última análise, todo o conhecimento genuíno, e especialmente todo o conhecimento científico, assenta na evidência, e o conceito do saber estende-se até onde alcança a evidência” (Husserl, 2014b ,p. 10, HUA XVIII, <29>). Toda a construção do que se constitui “evidência” e como esta é alcançada será imprescindível para compreendermos como será possível posicionar a Fenomenologia e a própria Psicologia Fenomenológica como obtentoras dessas evidências.

O próprio caráter de verdade, segundo Husserl, encontra-se na possibilidade de reproduzirmos estes elementos “replicáveis”, não apenas em experimentos, mas na própria reconstrução lógica, compartilhada entre esses indivíduos singulares, mas que apontam para uma “verdade”, um saber, que se encontra além destes: “O sinal distintivo mais perfeito da correção é a evidência, que vale para nós como o perceber imediato da própria verdade” (p. 10, <29>). Assim, não é o ato apenas de replicar a metodologia, mas de revivê-la, em um mesmo padrão lógico-cognoscitivo, que torna a ciência “verdadeira e evidente”.

Não se pode considerar qualquer saber como uma ciência. “Quando vivenciamos ou reconhecemos como existentes percepções internas, isoladamente ou em grupo, temo um saber, mas não ainda uma ciência” (Husserl, 2014b, p. 11, HUA XVIII,<30>). Husserl aqui diz diretamente que não basta uma “descrição” das vivências para a constituição de uma ciência, e, em especial, a ciência psicológica. Ele continua:

Um grupo de conhecimentos químicos isolados, não justificaria certamente que se falasse de uma ciência química. Algo mais é obviamente requerido, a saber, a *unidade sistemática em sentido teorético*, e aí residem a fundamentação do saber e a ligação e ordem apropriadas na sequência das fundamentações” (Husserl, 2014, p. 11, HUA XVIII, <30>, grifo nosso).

Interessante perceber que, ao mesmo tempo que Husserl nega uma ciência de “um saber referente às percepções internas”, ele se aprofunda, igualmente, em buscar como é possível fundamentar qualquer conhecimento, e, no limite, como é possível perceber como esse tipo de conhecimento a respeito das percepções internas se relaciona com um saber maior. Desta feita, podemos pensar essa crítica também à Psicologia, no sentido de que não basta uma descrição das emoções e dos seus conteúdos, por exemplo. Antes, é necessário uma sistematização das categorias, das teorias e um aprofundamento da própria lógica que fundamenta tal ciência. Como prosseguirá Husserl:

Pertence, assim, à essência da ciência a unidade da conexão de fundamentação, na qual recebem unidade sistemática, juntamente com os conhecimentos isolados, também as próprias fundamentações e, com estas, igualmente os complexos superiores de fundamentações a que chamamos teorias. A sua finalidade não é, precisamente, proporcionar saber simplesmente, mas saber em tal medida e sob a forma tal que corresponda, na máxima perfeição possível, aos nossos mais elevados objetivos teóricos (Husserl, 2014, p. 11, HUA XVIII, <30>).

Se pois, podemos utilizar a Fenomenologia de Husserl para pensar a fundamentação da Psicologia, é necessário o aprofundamento das questões teóricas mais basilares, a saber, a própria Lógica que possibilita a fundamentação de tal ciência e como é possível, à partir dessa “lógica psicológica”, construir e tecer uma teoria que relate os diversos conhecimentos psíquicos.

Husserl também irá dizer que a obtenção da evidência não é fruto de uma “revelação” ou ação externa, onde o sujeito cognoscente é passivo. Antes, a evidência é fruto de um esforço metodológico, e só assim pode ser obtida – principalmente, quando nos referimos àqueles tipos de conhecimentos mais complexos, como os da ciência.

Dirá ele:

A evidência, sobre a qual assenta finalmente todo o saber, não é uma dádiva natural, que se oferece a par da mera representação do estado de coisas, dispensando quaisquer arranjos metodológicos e artificiais. Se assim fosse, jamais teria ocorrido aos homens construir ciências. Onde o êxito já está dado com a simples intenção, perdem sentido as complicações metodológicas. Para que investigar as relações de fundamentação e construir demonstrações, se a verdade já está comunicada à percepção imediata? (...) Pode haver diversas vias de fundamentação para a mesma proposição visada. Pode haver diversas vias de fundamentação para a mesma proposição, decorrendo uma de uns, outras de outros conhecimentos; característica essencial, porém, é a circunstância de que há uma diversidade infinita de verdades que, sem tais procedimentos metodológicos, jamais poderão se transformar num saber.” (Husserl, 2014, pp. 11-12, HUA XVIII, <31-32>).

Este trecho citado por Husserl é extremamente caro à Psicologia em geral. Pois esta, ao longo de sua história tem transitado entre um conjunto de saberes “válidos” e tentativas de construção de teorias. Aparentemente, todas as teorias psicológicas são válidas na construção de explicações plausíveis para o fenômeno psíquico. Contudo, um “saber”, ou seja, uma “ciência”, conforme dito por Husserl não se faz apenas de correlações internas, nem mesmo de suposições estatísticas. Antes, a ciência, e em especial a psicológica, precisa dar conta, precisa conseguir evidenciar às circunstâncias que envolvem seu objeto e, precisamente, precisa evidenciar a lógica subjacente e que

funda tal ciência. Ainda sobre a necessidade da fundamentação lógica das ciências, diz o filósofo:

E o fato de que precisamos de fundamentações para o conhecimento no saber ultrapassarmos o imediatamente evidente e, por isso, trivial, torna não só possíveis e necessárias as ciências mas, juntamente com as ciências, também uma doutrina da ciência, uma lógica.” (Husserl, 2014b, p. 12, <32>).

Como veremos no decorrer das análises das demais obras, para que se possa compreender o exato papel da Psicologia Fenomenológica de Husserl, é de extrema importância que se entenda, de antemão, a construção da evidenciação por meio do acesso à Lógica Pura, revelada, somente e apenas através da Redução Transcendental ao Ego Cognoscente que, aqui ainda nas Investigações Lógicas, não está amplamente desenvolvido. Seu gérmen porém já está aqui lançado, assim como a maior parte do seu ideário que será desenvolvido e construído anos mais tarde.

Retomando nossa análise dos Prolegômenos, a respeito da fundamentação Lógica das ciências, encontramos em Husserl a defesa da “verdadeira fundamentação”, a qual não poderá ocorrer quando parte de suas construções lógicas são quebradas ou tidas em isolado. Para se entender e compreender as estruturas lógicas, sobre isso Husserl dirá que “não são o arbítrio e o acaso que reinam nas conexões de fundamentação, mas a razão e a ordem, e isto significa: uma lei reguladora”. (Husserl, 2014b, p. 13, HUA XVIII, <33>). Aqui Husserl, mais uma vez argumenta, a respeito da necessidade da fundamentação lógica das ciências, e mais, a fundamentação da própria lógica – como ele irá expor adiante. O conhecimento não é, nem deve ser hipotético, no sentido de algo construído e provado, mas antes deve ser “evidenciado”.

Subsiste, contudo, simultaneamente, a lei apriorística de que toda fundamentação pretendida, decorrendo de acordo com ela, na medida em que parte em geral de premissas corretas, é também uma fundamentação efetivamente correta” (Husserl, 2014b, p. 13,HUA XVIII, <33>).

Isso significa dizer que a veracidade comprovada das alegações, afirmações, não provam apenas da forma (lógica), mas de uma relação também verdadeira entre os elementos em questão. Mas, por outro lado, há uma lógica, uma relação de verdade que antecede o próprio conhecimento – essa possibilidade de evidenciar algo está presente numa evidência mais “pura”, na própria lógica e não apenas na relação dos elementos em si. Assim, para pensarmos a (re)construção da Psicologia, sob estes mesmos moldes,

seria necessário não a criação de teorias que se auto explicam, ou que sejam apenas coerentes entre si. O fenômeno psíquico é algo pré-existente, já dado, e, tal qual nas demais ciências, precisa ser “revelado”, “evidenciado”, mais do que apenas teorizado. Nesse mesmo sentido, Husserl destaca:

Nenhuma fundamentação liga conhecimentos a outros conhecimentos sem que, seja no modo exterior da ligação, seja nesse mesmo modo e, simultaneamente, na construção interna da frase isolada, esteja caracterizado um tipo determinado, o qual, apreendido em conceitos gerais, remete imediatamente para uma lei universal referente a uma infinidade de fundamentações possíveis”. (Husserl, 2014b, p. 14, HUA XVIII, <34>).

Husserl, aqui, remete, novamente, a essa necessidade intrínseca da relação de verdade entre os “conteúdos”, contudo, fazendo alusão à necessidade de que essa relação se dê em uma forma, em uma lógica que propicie e que valide essas relações. E mais: é exatamente quando a lógica “auxilia” a fundamentação dessas relações de verdade entre os conteúdos que então se torna possível a universalização dessas relações de verdade em forma de uma “lei universal” e que fundamente outras relações possíveis, a saber, uma ciência. Assim, para a Psicologia, para que seu conteúdo e suas relações lógicas possam, nesse sentido, ser transformadas em ciência, é necessário, antes de mais nada, a evidenciação da verdade de seus constructos. Este é um ponto metodológico central para a psicologia teórica. Ela não pode se contentar em acumular “saberes psíquicos” ou correlações estatísticas. Seu desafio é “evidenciar a verdade de seus constructos”, o que significa retornar às próprias vivências intencionais para aí encontrar a fundamentação última de seus conceitos (como ‘emoção’, ‘percepção’, ‘consciência’). Estes constructos, aliados a uma lógica pura que valida suas relações, é que possibilitam a evidenciação e fundamentação de outras relações possíveis. Por exemplo, a afirmação de que “toda sensação pode ser sentida como dor ou prazer, a depender das circunstâncias que a envolvem” é verdadeira em função de seu conteúdo e forma lógica. Esses últimos pressupõem uma relação de necessidade e dependência entre a sensação e sua interpretação, para somadas as duas “evidenciações” fundamentam outras relações possíveis a partir desta primeira.

Prosseguindo na análise da obra, em referência à Psicologia, podemos inferir a necessidade de fundamentação das ciências, entendidas a partir do seu caráter geral de correlação e interdependência com a Lógica Pura. A doutrina das ciências, segundo Husserl, teria como objetivo uma “linguagem universal” a todas as ciências, a saber, uma fundamentação lógica comum a todas elas. Contudo, uma maneira específica de

pensar e resolver problemas específicos a cada ciência é criada a partir da especificidade dos objetos de cada uma dessas ciências. Assim também o método parte, necessariamente, da resolução, ao menos em parte, daqueles primeiros problemas de fundamentação. Ainda dirá ele que:

A tarefa que assim lhe [à ciência] é atribuída não é obviamente independente da anterior (em relação à fundamentação), mas pressupõe, em larga medida, a sua solução prévia; porque a pesquisa das ciências como unidades sistemáticas não é pensável sem a pesquisa prévia das fundamentações. Em todo caso, ambas residem no conceito da ciência enquanto tal. (Husserl, 2014b, p. 18, HUA XVIII, <40>).

Desta feita, não seria possível pensar uma ciência do psíquico sem a resolução de sua fundamentação, com o risco de se ter apenas uma “sequência” de conhecimentos psíquicos, ou ainda, “saberes psíquicos”, sem nenhuma relação entre si, e que não conseguiriam se desenvolver em nenhum sentido. E, como neste contexto, como outrora já apresentado, Husserl propõe tratar não apenas da fundamentação em caráter geral, mas principalmente como crítica à Psicologia de sua época (final do século XIX e início do século XX), fica claro que o fracasso do psicologismo em fundamentar a Lógica também revela a necessidade de que a Psicologia reveja sua própria fundamentação - ao invés de propor de maneira vazia a fundamentação da Lógica. Lógica essa que, como aqui já demonstrado, é quem é capaz de fundamentar toda e qualquer ciência, incluindo, obviamente, a própria Psicologia.

Sobre a temática da crítica e do embate ao psicologismo presente, especialmente, nos *Prolegômenos*, gostaríamos de demonstrar a seguir os principais argumentos utilizados por Husserl, além daqueles já expostos. Nossa intenção é, além de expor tais argumentos, refletir sobre como Husserl reposiciona a Psicologia, dentro de seu próprio ideário, como ele passa a criticá-la, mas, ao mesmo tempo, redirecionar a Psicologia a uma função primeira entre as “ciências do Espírito”, em especial em uma relação cada vez mais estreita com sua proposta fenomenológica. Que, aliás, neste momento ainda não está plenamente desenvolvida.

Husserl descreve no capítulo III dos *Prolegômenos* as controvérsias psicologistas e, em específico, a falácia de como as ciências ditas práticas, tal como a Psicologia, não são capazes de fundamentar as disciplinas teóricas. Dirá Husserl, se “as ciências teóricas fornecem o fundamento essencial para a doutrina da ciência?”, e continua,

é correto que as verdades teóricas que encontramos tratadas no âmbito da lógica tradicional e da lógica atual, e também, acima de tudo, que as verdades pertencentes ao seu fundamento essencial, possuem o seu lugar teórico dentro das ciências já delimitadas e autonomamente desenvolvidas?” (Husserl, 2014b, p. 39, HUA XVIII, <67>).

Com esses questionamentos, Husserl já anuncia o tom de sua investigação, como anteriormente mencionado, que buscará uma fundamentação teórica também para as ciências, sobretudo para a Psicologia, a fim de que esta não se exima da necessidade de se fundamentar teoricamente e, principalmente, que não se conceba uma Psicologia que questione o próprio fazer psicológico e, consequentemente, o pensamento e a discussão das leis da Lógica.

A definição de Husserl para o psicologismo, ou seja, a tese de uma Psicologia capaz de fundamentar a filosofia e a própria Lógica, é a que se segue: “A lógica está para a psicologia assim como um qualquer ramo da tecnologia química está para a química, como a agrimensura para a geometria, etc” (Husserl, 2014b, p. 39, HUA XVIII, <67>).

Citando Mill e Lips, Husserl resgata os conceitos que fundamentam essa definição do psicologismo:

‘A lógica não é uma ciência separada da psicologia e com ela coordenada. Na medida em que é, em geral, uma ciência, é uma parte, ou um ramo da psicologia, e distingue-se dela, por um lado, como a parte do todo e, por outro lado, como a arte da ciência. Deve-se por inteiro os seus fundamentos teóricos à psicologia, e inclui em si tanto desta ciência quanto o necessário para fundamentar as regras da arte.’ (Mill, in “*An Examination of Sir William Hamilton’s Philosophy*” apud Husserl, 2014 p. 39, HUA XVIII, <64>).

E em Lipps, ele ressalta: “é precisamente porque a lógica é uma disciplina particular da psicologia que ambas se distinguem de modo suficientemente claro”. (Lipps, in “*Grundzüge der Logik*” (1893), apud Husserl, 2014b, p. 40, HUA XVIII, <64>). Aqui notamos a preocupação de Husserl em deixar bem clara a posição e argumentos de seus opositores, para posteriormente os rebater. Husserl prossegue suas *Investigações* expondo a argumentação psicologista de que a Lógica, e quaisquer de suas formulações, seja como “técnica do pensar, julgar, raciocinar, conhecer, demonstrar, saber, técnica das orientações do entendimento na busca da verdade ou na avaliação dos fundamentos das demonstrações, etc” (Husserl, 2014b, p. 40, HUA XVIII, <64>) pode ser reduzida a fenômenos psicológicos, e, portanto, alvo de uma ciência psicológica.

Conforme ele ressalta, os argumentos dos psicologistas se embasam na premissa de que “a pesquisa científica de regras segundas às quais ele deve ser elaborado irá conduzir obviamente à pesquisa científica de suas propriedades: a psicologia e, mais precisamente, a psicologia empírica fornece então o fundamento teorético para a construção de uma técnica lógica” (Husserl, 2014b, p. 40, HUA XVIII, <64-65>). Esta pareceria uma posição forte, contudo, Husserl irá desmantelá-la, na sequência, ao demonstrar suas fragilidades e razão de ser insustentável. Alguns argumentos são dignos de nota, e nos ajudarão a entender a proposta Husseriana para esse aparente impasse: “A Psicologia, diz-se, considera o pensar como ele é, a Lógica como deve ser” (Husserl, 2014b, p. 40-41, HUA XVIII, <65>). Essa distinção é dada pelos logicistas que estão buscando responder à crítica psicologista, ao definir determinados “papéis” para ambas as disciplinas, sem confundí-las. Mais adiante, Husserl levará esse argumento a um outro patamar, ao deixar clara que a distinção também poderá se dar na diferença de objetivos, a saber, que “o lógico busca conexões ideais, que não encontra sempre, mas mesmo só excepcionalmente, realizadas no processo fático do pensar. O seu objetivo não é uma física, mas uma ética do pensar” (Husserl, 2014b, p. 42, HUA XVIII, <68>). Enquanto que os objetivos da Psicologia deveriam ser: “a de pesquisar, segundo as suas leis, as conexões reais entre si dos processos de consciência, bem como as disposições psíquicas associadas e os processos correspondentes no organismo corpóreo” (Husserl, 2014b, p. 42, HUA XVIII, <67>). Essa distinção, ou ao menos, essa maneira de pensar a distinção entre a Lógica e a Psicologia, as colocam em diferenças em termos de objetivos, contudo sem discriminá-los. Seria como se ambas pudessem tratar o pensar, de diferentes formas.

Contudo, a crítica psicologista, que como dito anteriormente, é de difícil resposta, reduz o pensar a fenômenos psíquicos que, portanto, seriam alvo de uma ciência. Em contrapartida, Husserl relembra, a crítica dos logicistas irá no sentido de ressaltar que:

‘a lógica(...), não pode assentar sobre a psicologia, tão pouco quanto sobre qualquer outra ciência; posto que qualquer ciência só é ciência por intermédio da sua harmonia com as regras da lógica, ela pressupõe já a validade destas regras. Seria, por conseguinte um círculo, querer fundar a lógica originalmente na psicologia’ (Lotze, in “Logik”, *apud* Husserl, 2014, p. 43, HUA XVIII, <69>).

Os psicologistas irão contra-argumentar dizendo que a fundação da própria lógica necessita de pressupostos lógicos, de tal maneira a buscar invalidar o argumento logicista. De qualquer maneira, o argumento sobre a fundação e, consequentemente,

sobre a explicitação de uma circularidade fundamental será alvo das investigações de Husserl, que tentará expor, como já dito na citação anterior, que a pressuposição de uma ciência não leva necessariamente a pressupostos lógicos. O filósofo irá dizer “Que uma ciência pressupõe a validade de certas regras, pode significar que elas são as regras segundo as quais a ciência tem de proceder para ser, em geral, uma ciência. O argumento confunde os dois significados; inferir *segundo* regras lógicas, e inferir *a partir* delas” (Husserl, 2014b, p. 44, HUA XVIII, <69>, ênfase do autor). Assim, Husserl começa a então diferenciar como é possível analisar essa circularidade, admitindo, de antemão, a possibilidade de uma ciência que não precisa, necessariamente, das regras lógicas como fundamentação de essência, mas apenas como regras normativas (“como esta deve ser”, ou “qual forma deve possuir”).

Husserl anuncia sua “saída” dizendo que, para solucionar tal impasse, seria necessário se pensar regras que constituíssem uma “lógica pura”, que antecedesse tanto a própria lógica, quanto as próprias disciplinas teoréticas e normativas que fundamentam as ciências. A respeito da lógica pura, ele dirá: “E se estas verdades eram exatamente aquelas verdades às quais toda a regulamentação lógica em última instância se refere, e nas quais se tem de pensar em primeiro lugar quando se fala de verdades lógicas, então poderia facilmente chegar-se a encontrar nelas o essencial da lógica inteira, e a denominar a sua unidade teorética com o nome de ‘lógica pura’.” (Husserl, 2014b, p. 45, HUA XVIII, <71>). Assim, a ideia da Lógica Pura aparece como a solução para a dificuldade imposta sobre a fundamentação da própria Lógica. Nesse sentido, Husserl deixa revelar os objetivos de seu método e, provavelmente, a melhor definição do que ele busca alcançar por meio da Fenomenologia, a evidenciação da Lógica Pura como resultado de uma reflexão (redução) da própria consciência ao mesmo tempo que estabelece e revela a possibilidade de fundamentação de toda e qualquer ciência a partir não de uma fundamentação em idéias matemáticas, nem experimentos complexos; mas sim a partir de descrição autoevidente da própria Lógica Pura e sua fundamentação no Ego Transcendental. Desta feita, são beneficiadas todas as demais ciências, inclusive as ciências do Espírito, que não precisam mais se equiparar ou buscar imitar os métodos exteriores das ciências da Natureza, mas podem encontrar “em si mesmas, através da análise fenomenológica, suas próprias autoevidências. Obviamente, para a Psicologia essa parece ser a melhor e mais aceitável possibilidade de fundamentação - e será exatamente isso que proporá Husserl.

Husserl inicia o Capítulo X dos *Prolegômenos* anunciando que quer buscar clarificar o que faz da “ciência uma ciência”, em outras palavras, o que promove a unidade entre as realidades objetivas e as unidades ideais:

Interessa-nos, (...), o que faz da ciência ciência, e isto não é, em todo caso, a conexão psicológica e real em geral a que os atos de pensar estão ordenados, mas uma certa conexão objetiva e ideal que cria para eles uma relação objetiva unitária e, nesta unidade, também validade ideal” (Husserl, 2014, p. 171, HUA XVIII,<230>)

Assim, Husserl já anuncia que o que pretende defender é uma evidência do que seja a ciência, e portanto uma “verdade unificada”, a partir de elementos ideais e, consequentemente, oriundos da própria Lógica, que possibilitam a própria evidência de verdade. Ele passa a distinguir unidades de verdades, das unidades de objetividade. Estas últimas são retiradas das vivências (efetivas e possíveis) do pensar, enquanto que aquelas primeiras são obtidas através da correlação entre as primeiras “vivências” com uma Lógica pura e/ou uma intuição auto-evidente. Diz-nos Husserl que uma e outra nos são dadas a priori “conjuntamente e como mutuamente inseparáveis” (Husserl, 2014,p. 171, HUA XVIII,<231>), contudo esta aparente inseparabilidade, ele mesmo dirá, não constitui uma “identidade”:

O existir efetivo das coisas e das conexões das coisas exprime-se nas verdades ou conexões de verdades respectivas. As conexões de verdades, contudo, são diversas das conexões das coisas que nela são “verdadeiras”; isto se mostra imediatamente em que as verdades válidas acerca de verdades não coincidem com as verdades válidas acerca das coisas que são postas naquelas verdades”. (Husserl, 2014,p. 172, HUA XVIII, <231>).

Em suma, Husserl quer nos demonstrar que é necessário mais do que a experiência das coisas, do mundo, para dali extrair as “verdades” e/ou juízos. É necessário uma consciência que, de alguma maneira, “preencha”, e ainda, revele a evidência de verdade, utilizando-se de critérios internos que possibilitem as correlações significativas e lógicas existentes entre aquilo que é vivido (unidades objetivas) e ou experimentado, e, depois, elevado a um nível de conhecimento universalmente válido (unidades de verdade), através de uma Lógica Pura e da possibilidade de uma consciência transcendental - embora esse termo não seja aqui utilizado.

Husserl buscará esclarecer as primeiras tarefas da lógica pura, a saber, o que pode fundamentar uma teoria a partir dos seus pressupostos mais básicos, ou seja, “um conceito dos conceitos”, ou ainda, os “conceitos primitivos”. Estes tais conceitos primitivos não apenas possibilitam uma fundamentação de uma teoria a partir da

chamada Lógica Pura, mas tem como objetivo igualmente determinar “os enlaces dedutivos de proposições dadas” (Husserl, 2014b, p. 181, HUA XVIII, <244>).

Assim, tal fundamentação, teoricamente e logicamente fundamentada na lógica pura, fornece a “forma” sobre a qual a teoria de uma ciência pode ser fundamentada:

Tem-se, por outras palavras, em vista os conceitos que constituem a ideia da unidade teórica, ou também conceitos que com estes estão em conexão ideal-legal. Intervêm aqui, comprehensivelmente, conceitos constitutivos de segundo grau, a saber, conceitos de conceitos e de outras unidades ideais. Uma teoria dada é um determinado enlace dedutivo de proposições dadas, e estas são determinados enlaces específicos de conceitos dados. A ideia da ‘forma’ da teoria correspondente surge por substituição destes conceitos dados por conceitos indeterminados, e conceitos de conceitos e de outras ideias ocupam o lugar dos simples conceitos. Aqui pertencem já os conceitos: conceito, proposição, verdade etc. (Husserl, 2014b, p. 181, HUA XVIII, <244-245>).

Como pode-se extrair do excerto acima, mesmos os conceitos pretensamente indeterminados, que possam vir a “surgir” como fundamentação da teoria correspondente, deverão possuir uma fundamentação mais original, na própria “estrutura” teórica, predeterminada pelas “tarefas” aqui descritas, pela Lógica Pura.

Uma possibilidade de se aplicar esta teoria para a Psicologia, seria o estabelecimento de critérios que determinem a própria definição de quais conceitos são aceitáveis como descriptores das experiências psíquicas. Este critério, conforme a própria exigência fundacional de toda e qualquer teoria, em especial a partir do entendimento que para qualquer teoria seria necessário uma “Lógica Pura” subjacente a qualquer tipo de explicação psíquica possível, levaria a determinar que toda e qualquer teoria psicológica, deve possuir uma possibilidade lógica de existência e, consequentemente, uma evidenciação a partir desta correlação entre o conhecimento adquirido (unidade de conhecimento) e suas subjetividades lógicas necessárias (unidades de verdade). Para se pensar um exemplo prático, tendo como objeto de análise a teoria do Inconsciente da Psicanálise, uma tal teoria que funda seus conceitos a partir da existência de uma “indeterminação” do sujeito, inacessível e, portanto, sobre o qual nada é possível se falar, não corresponde, de maneira nenhuma, a nenhum destes requisitos “lógicos básicos”. Tendo em vista que a própria indeterminação é o que determina a “estrutura” desta teoria, aqui, de maneira explícita a própria psicanálise, esta é ilogicamente fundamentada e, portanto, impossível de cumprir estes requisitos básicos para a construção de um conhecimento psicológico. Tal argumento, contudo, não esgota, na

sua totalidade, a questão propriamente. Foi aqui apenas utilizado como exemplo da necessidade apontada por Husserl para o estabelecimento de toda e qualquer teoria, incluindo, as que se colocam como candidatas à descrição dos fenômenos psíquicos.

Husserl continua apresentando aquilo que, posteriormente, se constituirá a base de sua filosofia, a saber, o método fenomenológico. Contudo, aqui, ele não busca apenas uma “pré-descrição”, mas, por outro lado, atribui um sentido e um “objetivo” a sua descrição intuitiva das essências, a saber, a própria fundamentação das ciências. Neste sentido, é possível daqui extrair, ao mesmo tempo, a possibilidade da fundamentação da Psicologia, como, por consequência, também extrair, de uma maneira um pouco mais forçosa, que a Fenomenologia é a própria tentativa de fundamentação da Psicologia.

Todos esses conceitos devem ser fixados, e a sua ‘origem’ individualmente traçada. Não que a questão psicológica pelo surgimento das representações conceituais respectivas ou disposições representativas tenha o menor interesse para a disciplina em questão. Não é disto que se trata; mas da origem *fenomenológica* ou – se preferirmos pôr completamente de lado a expressão inadequada da origem, resultante da falta de clareza – trata-se da *intelecção da essência* dos conceitos correspondentes e, no aspecto metodológico, da fixação para as palavras de significados unívocos, claramente diferenciados. Este objetivo só pode ser alcançado por meio de uma *presentificação* intuitiva da essência na ideação adequada ou, em conceitos complicados, pelo conhecimento da essencialidade dos conceitos elementares neles residentes e dos conceitos das suas formas de enlace (Husserl, 2014b, p. 182, HUA XVIII, <246>).

Assim, Husserl nos coloca que, uma vez sendo possível através da “intelecção das essências” o alcance dos “conceitos unívocos”, os quais apenas são possíveis ser alcançados através de uma “presentificação intuitiva da essência”, é possível então fundamentar as ciências. Essa fundamentação seria tanto sobre a correspondência com a Lógica e seus pressupostos mais básicos, quanto em relação ao erguimento de conceitos, sem ambiguidade, que promoveriam a fundamentação inequívoca da ciência. Dessa forma, conceitos já conhecidos como os de ‘intencionalidade’ e da descrição das ‘experiências puras’, poderiam fornecer a fundamentação adequada à ciência psicológica. A clareza destes conceitos é de fundamental importância para o “sustento” do edifício científico.

Ao final, Husserl defende que a não atenção a esse primeiro grupo, o mais fundamental de todos, seria o que acarreta todos os erros subsequentes. Assim:

(...) enquanto os conceitos não estão diferenciados e esclarecidos com recurso à sua essência numa intuição ideativa todos os esforços

subsequentes são inúteis" (Husserl, 2014b, p. 183, HUA XVIII, <246>).

Assim, poderíamos pensar que a fundamentação das teorias necessita uma fundamentação categorial ideal, também aqui pensada como "leis categoriais". Assim, mais uma vez, o surgimento e a fundação das teorias, pressupõe, uma correção entre as categorias com a lógica pura que a possibilita, e a sustenta, ao passo que, assim e somente assim ela pode fundamentar categorias e leis categoriais que fundamentam o edifício restante da teoria.

No caso particular da Psicologia poderíamos pensar como as estruturas mais "básicas", tais como a intencionalidade da consciência e a experiência, enquanto possibilidades lógicas e categorias da experiência do psíquico, podem e devem, necessariamente, desvelar, categorias "básicas", como as emoções, sensações, percepções, imaginações, etc., como categorias regidas por leis categoriais "autoevidentes". Aqui se esboça um programa de pesquisa para a psicologia teórica: a investigação das "leis categoriais autoevidentes" que regem o psiquismo. Por exemplo, a lei da intencionalidade (toda consciência é consciência de algo) é uma dessas leis. A tarefa seria estender essa análise eidética a todas as categorias fundamentais da vida psíquica, construindo uma arquitetura teórica baseada nessas evidências. Por exemplo, que à consciência não é possível se ocupar de mais de uma destas categorias, ao mesmo tempo, e na mesma intensidade. De maneira mais exemplar, seria importante discernir e investigar se "de um objeto imaginado poderia, ao mesmo tempo, senti-lo e percebê-lo, ao mesmo tempo em que se varia-o na imaginação". Se, por exemplo, é possível sentir o objeto imaginado, e em que medida a imaginação se relaciona com o objeto percebido etc. Tais formas de pensar as relações categorias básicas, ao que parece, forneceriam uma "sólida" teoria, capaz de ser logicamente fundamentada e, a partir de evidências da própria "validade objetiva" a qual está, sempre – como critério de validade – dependendo da existência do próprio conhecimento lógico.

Concluindo nossa análise dos *Prolegômenos*, reiteramos que Husserl defende claramente a necessária fundamentação das ciências sobre a ideia de uma Lógica Pura, transcendental a todas e quaisquer experiências de evidenciação do conhecimento, incluindo a própria Psicologia. Nesse momento, ainda não está desenvolvida de forma completa a ideia de uma disciplina intermediária, ou seja, explicitamente, Husserl ainda não desenvolveu a Psicologia Fenomenológica - ao menos não nesses termos -. Ele, porém, já indica que esta função de evidenciadora da Lógica Pura e de fundamentação

das ciências faz parte de seu ideário Fenomenológico, que possui, portanto, a vocação de fundamentar as ciências do Espírito e, em especial, a própria Psicologia. Esta conclusão é vital. Ela reconhece que a Psicologia Fenomenológica, enquanto disciplina nomeada e sistematizada, ainda não está presente nos *Prolegômenos*. No entanto, o ideário que a tornará possível – a fenomenologia como fundamentação das ciências do espírito – já está plenamente em operação. A "psicologia teórica" da tese pode ser compreendida como a atualização e o desenvolvimento sistemático desse ideário para o campo específico da psicologia.

Nesta obra Husserl objetiva descrever, de forma "generativa" as teorias, ou seja, a partir da evidenciação da Lógica Pura, quais são as condições necessárias para se fundamentar logicamente uma teoria. Contudo, ele não aceita apenas a evidenciação da Lógica Pura como único critério, de forma estática. A Lógica Pura se torna tão capaz de fundamentar qualquer teoria, na mesma medida em que a consciência é capaz, a partir das próprias experiências, desta extrair suas essências, as quais evidenciam sua existência e relações intrínsecas, a partir da doação de sentido que apenas a Lógica Pura é capaz de atribuir. Em suma, a Lógica Pura é evidenciada a partir da própria capacidade em se intuir as essências das experiências vividas. Husserl deixa explícito aqui, ao final dos *Prolegômenos*, aqueles temas que irá desenvolver no decorrer do volume dois de suas *Investigações Lógicas*. Contudo, o que nos chama a atenção é a definição dos "achados empíricos" como uma "constatação de hipóteses" que, em um primeiro momento, podem ser logicamente fundamentados, mas que precisam, igualmente, de evidenciações experimentais (aqui, a palavra "experimental" é tomada em seu sentido mais lato, como aquilo que é experienciado pelo indivíduo, e da experiência da qual se pode tirar uma evidência). Estas, em conjunto com hipóteses logicamente e dedutivamente fundamentadas, podem conferir à, então hipótese, seu grau de validade, agora, não apenas lógica, mas também empírica.

Toda a teoria nas ciências empíricas é meramente pressuposta. Ela não fornece explicação a partir de leis fundamentais intelectivamente certas, mas somente intelectivamente prováveis. Assim, também as próprias teorias são somente de probabilidade intelectiva, teorias somente provisórias, não definitivas [...] Pelo aumento do conhecimento das hipóteses que se mostraram utilizáveis, penetrarmos sempre mais fundo na 'verdadeira essência' do ser real, retificarmos progressivamente a nossa concepção das coisas fenomênicas, que enferma de mais ou menos incoerências" (Husserl, 2014b, p. 191, HUA XVIII, <257>).

Assim, Husserl parece querer, mais uma vez, demonstrar a necessidade da Lógica como fundamento das próprias hipóteses e que, mesmo com a prevalência das experimentações utilizadas como critérios de validação, ao final, o que se obtém é a confirmação ou não das hipóteses, ou seja, o que é obtido é um conhecimento ideal acerca da evidenciação das experiências e das vivências, as quais necessitam ser logicamente fundamentadas:

Na percepção estão, alegadamente, as próprias coisas e processos perante nós, intuídos e apreendidos, por assim dizer, sem véu. E o que aí intuímos, exprimimos em juízos de percepção; estes são os ‘fatos’ primeiros ‘dados’ da ciência” (Husserl, 2014b, p. 191, HUA XVIII, <257>).

Husserl deixa bem clara a sua posição de que aquilo que é obtido como conhecimento não é mero fruto de achados de “dados cientificamente comprovados”, mas é uma relação intrínseca entre teorias logicamente fundadas, seus conceitos devidamente esclarecidos, e hipóteses que, cada vez mais, se adequam a uma correta descrição das experiências evidenciadas, através de uma metodologia rigorosa da descrição das próprias estruturas que possibilitam tais vivências:

No progresso do conhecimento, todavia, modifica-se então aquilo que de conteúdo fatual ‘efetivo’ admitimos residir nos fenômenos da percepção; as coisas intuitivamente dadas – as coisas das ‘qualidades secundárias’ – valem então somente como ‘meros fenômenos’; e para de cada vez determinar o que neles é verdadeiro ou, por outras palavras: para determinar objetivamente o objeto empírico do conhecimento, precisamos de um método adequado ao sentido desta objetividade, e de um domínio por ele a adquirir (que se amplia progressivamente) de conhecimento de leis científicas” (Husserl, 2014b, p. 191, HUA XVIII, <257>)

É difícil encontrar um outro momento em que Husserl deixa tão claro o papel de sua Fenomenologia como aquilo que possibilita o rigor e a objetividade das próprias leis científicas. Mais uma vez, em relação à Psicologia, isso deve levar em conta que a própria elucidação das formas de vivência pertencem, em alguma medida, ao próprio uso do fazer fenomenológico, como acima já advogamos. Esse seria o mesmo exercício, tanto da Fenomenologia quanto da Psicologia, a saber, buscar esclarecer em que medida as estruturas transcendentais da consciência se relacionam com o mundo e os conteúdos das vivências existentes nos sujeitos, nas contingências nas quais se encontram.

2.3 ANÁLISE DA VI INVESTIGAÇÃO LÓGICA: A PSICOLOGIA DESCRIPTIVA COMO FUNDAÇÃO DA PSICOLOGIA TEÓRICA

Conforme avançamos na obra *Investigações Lógicas*, é na VI Investigação que Husserl desenvolve de maneira mais densa o que ele denomina “psicologia descritiva” – um termo que, em nossa leitura, pode ser entendido como o embrião metodológico de uma psicologia teórica fundada na fenomenologia.

Nesta investigação, Husserl concentra-se na análise intencional dos atos de conhecimento, explorando a relação entre intenção e preenchimento (Erfüllung), a estrutura dos atos categoriais e a evidência como experiência de verdade. É precisamente nesse contexto que a fenomenologia se apresenta como uma psicologia descritiva, não no sentido empírico ou causal, mas como uma ciência eidética das vivências conscientes.

Husserl estabelece, assim, uma distinção crucial entre: Psicologia empírica: que busca explicações causais e fatos contingentes e a Psicologia descritiva ou eidética: que busca as essências dos atos conscientes, suas estruturas intencionais e suas condições de possibilidade.

No §1 da VI Investigação, Husserl afirma:

A fenomenologia pura representa um campo de investigações neutras, no qual várias ciências têm suas raízes. Por um lado, ela serve de fundamento à psicologia empírica como ciência de fato. A investigação fenomenológica deve fazer ver as essências ‘psíquicas’ puras, as ‘essências’ dos viventes, dos atos, das configurações de atos etc. (Husserl, 2001, p. 243).

Aqui, Husserl já sinaliza que a fenomenologia não é apenas uma preparação para a psicologia, mas seu fundamento eidético. Ou seja, a psicologia descritiva não descreve fatos, mas as estruturas invariantes da consciência que tornam possível qualquer fato psíquico.

No §8, ao tratar da intuição categorial, Husserl avança ainda mais:

Assim como na esfera sensível falamos de percepção, devemos falar aqui de uma percepção categorial [...] que nos dá o próprio objeto em pessoa, mas em uma forma categorial (Husserl, 2001, p. 268).

Isso é central para a psicologia teórica: a ideia de que há uma intuição das essências psíquicas – uma visão direta das estruturas do psiquismo – que não deriva da indução, mas de uma evidência apodíctica. Essa intuição não é psicológica no sentido naturalista, mas fenomenológico-eidética.

No §10, Husserl aborda a evidência como experiência de verdade:

A evidência é, em geral, a experiência da verdade [...] a consciência de que um estado de coisas é assim e não pode ser de outro modo (Husserl, 2001, p. 275).

Para uma psicologia teórica, isso implica que o critério de validade não é a mera correspondência com dados externos, mas a experiência interna de evidência – o que Husserl mais tarde chamará de vivência de sentido. A psicologia, como ciência, deve buscar evidências sobre o psiquismo, não apenas regularidades observáveis.

No §45, Husserl retoma a relação entre fenomenologia e psicologia:

A psicologia descritiva coincide em grande medida com a fenomenologia pura [...] mas esta última é mais ampla, pois inclui também a investigação das essências de atos que não pertencem à esfera do psíquico no sentido usual (Husserl, 2001, p. 320).

Aqui, Husserl já esboça a ideia de que a fenomenologia é uma ciência mais fundamental que a psicologia, mas que, ao mesmo tempo, serve como sua base descritiva e eidética. A psicologia descritiva é, portanto, uma parte da fenomenologia voltada para as vivências do ego empírico.

No §62, ao tratar da constituição do objeto ideal, Husserl escreve: “O ato do pensamento categorial não cria o objeto ideal, mas apreende-o; ele é descoberto, não produzido” (Husserl, 2001, p. 355).

Isso tem implicações diretas para a psicologia teórica: o psiquismo não é um constructo, mas uma realidade intencional que pode ser desvelada através da descrição fenomenológica. A tarefa da psicologia teórica seria, então, sistematizar essas descrições em uma teoria eidética do psíquico.

Por fim, no §64, Husserl sintetiza: “A fenomenologia é a ciência das vivências em geral, englobando todas as questões relativas à essência dessas vivências e suas conexões de sentido” (Husserl, 2001, p. 360).

Essa definição é a chave para nossa interpretação: a fenomenologia é, ela mesma, uma psicologia eidética – uma psicologia teórica que estuda as estruturas necessárias da consciência. A “psicologia descritiva” das Investigações é, portanto, o primeiro esboço sistemático do que viria a ser uma psicologia fundada na fenomenologia.

A VI Investigação Lógica não é apenas um tratado de método fenomenológico; é também a fundação metodológica da psicologia teórica. Através da descrição eidética dos atos conscientes, da análise intencional e da teoria da evidência, Husserl oferece os

instrumentos para uma ciência do psíquico que não se reduz ao naturalismo, mas que também não é mera especulação: é uma ciência rigorosa das essências psíquicas.

Portanto, a “psicologia descritiva” das Investigações é o germe daquilo que, nessa tese, propomos como psicologia teórica: uma disciplina que une a descrição fenomenológica com a sistematização teórica, tendo como horizonte a fundamentação eidética da psicologia científica.

2.3 ANÁLISE DA OBRA “FILOSOFIA COMO CIÊNCIA DE RIGOR” DE 1911

Dando sequência às análises das obras husserlianhas que versam sobre a temática da Psicologia, passaremos a analisar o artigo publicado na Revista Logos no ano de 1911 cuja temática principal é a crítica à Psicologia e às suas intenções de substituir a Filosofia, bem como uma crítica ao naturalismo e ao historicismo. como podemos extrair do prefácio à edição em espanhol do texto, de Miguel Garcia-Baró:

Husserl preocupado, sobretudo, por separar a fenomenologia da psicologia (como a ciência da naturalidade) e a filosofia primeira em geral do historicismo relativista que não reconhece nada ser ideal, não elabora em sua contribuição para Logos a teoria deste passo primeiro de abstenção respeito de toda engenhosidade que conhecemos como epoché fenomenológica. (Husserl, 2009, p. 6, tradução nossa)⁹

Dessa forma, compreendemos que este texto se insere no contexto no qual há ainda, por Husserl, uma grande preocupação pela crítica à Psicologia, como aquela ciência que exemplifica a tendência naturalista junto às ciências. Em especial, buscaremos destacar como a crítica ao naturalismo, neste texto e neste contexto, demonstram a grande preocupação que Husserl possuía pela ascensão da Psicologia enquanto uma ciência “autônoma” da Filosofia, bem como uma ciência que possui grandes perdas ao buscar utilizar-se do método das ciências naturais. Como já descrito por Garcia-Baró, ainda não há aqui neste texto uma apresentação do que viria a ser a conhecida “Epoché” fenomenológica; contudo, para um leitor atento, é possível verificar alguns germens dessa progressão do método fenomenológico. Aqui fica explícito o duplo movimento de Husserl: ao mesmo tempo que critica a psicologia naturalista, ele está implicitamente defendendo a necessidade de uma outra psicologia –

⁹ Husserl, preocupado sobre todo por separar a la fenomenología de la psicología (como ciencia de la naturaleza) y a la filosofía primera en general del historicismo relativista que no reconoce ningún ser ideal, no elabora en su contribución a Logos la teoría de este paso primero de abstención respecto de toda ingenuidad que conocemos como epójé fenomenológica. (Husserl, 2009, p. 6)

não naturalista – que só poderia surgir a partir de uma fundamentação filosófica rigorosa. Esta é a abertura para a psicologia teórica de base fenomenológica.

Vale ressaltar que este texto foi escrito e publicado ainda no contexto que antecedeu a “Querela da Cátedra” de Marburg, na qual Husserl desempenhou um papel muito importante, ao lado de outros quatro filósofos. Este núcleo organizou, durante o ano de 1911, um abaixo assinado, colhendo assinaturas de diversos professores catedráticos de filosofia das mais diversas universidades alemãs, austríacas e suíças. Portanto, o tom crítico aqui demonstrado à Psicologia e seus investigadores pode e deve ser interpretado frente a este contexto específico. Dentro do possível, buscaremos apontar as possíveis manifestações mais enérgicas orientadas por este contexto antinaturalista em se tratando, em especial, da crítica à Psicologia.

Husserl inicia o texto do artigo tecendo um elogio e ao mesmo tempo evidenciando a importância da Filosofia, como aquela que possibilitou a adequada fundamentação das ciências, as quais, inclusive, em um sentido mais epistemológico, passaram a ser organizadas em Ciências da Natureza (*Naturwissenschaften*) e Ciências do Espírito (*Geisteswissenschaften*). Diferença essa que não é produto das ciências em si, mas que é apenas possível pela existência de uma reflexão filosófica sobre as ciências em si. Dirá Husserl:

O único fruto maduro destes esforços foi a fundação e a independência das rigorosas ciências da natureza e do espírito, bem como de certas novas disciplinas da matemática pura. A própria filosofia, no sentido peculiar que agora surge pela primeira vez, continuou a carecer do caráter de uma ciência rigorosa [...]. A filosofia, então, não pode ser configurada como uma ciência eficaz; quando, para os seus fins históricos, é a ciência suprema, a mais rigorosa de todas, aquela que representa a inalienável pretensão humana ao conhecimento puro e absoluto (e à valorização e ao desejo do puro e do absoluto, que dele são inseparáveis). [...] Kant gostava de dizer que não se pode aprender filosofia, mas apenas filosofar. Que outro significado tem esta frase além da confissão de que a filosofia não é ciência? (Husserl, 2009, p. 7, Hua XXV, <289-290>, tradução nossa)¹⁰

¹⁰ Pero el único fruto maduro de estos esfuerzos ha sido la fundamentación y la independización de las ciencias rigurosas de la naturaleza y del espíritu, así como de ciertas nuevas disciplinas de la matemática pura. La filosofía misma en el sentido peculiar que ahora por vez primera emerge siguió carente del carácter de ciencia rigurosa. [...] La filosofía, pues, no logra configurarse como efectiva ciencia; cuando, por sus miras históricas, ella es la ciencia suprema, la más rigurosa de todas, la que representa la inajenable pretensión humana al conocimiento puro y absoluto (y al valorar y el querer puros y absolutos, que le son inseparables). [...] Le gustaba decir a Kant que no se puede aprender filosofía, sino sólo filosofar. ¿Qué otro significado tiene esta frase más que la confesión, de que la filosofía no es ciencia? (Husserl, 2009, p. 7, Hua XXV, <289-290>)

Husserl estabelece aqui o paradoxo fundamental: a filosofia é a "ciência suprema", mas carece do caráter de ciência rigorosa. Esta tensão é o motor que impulsiona todo o artigo. A fenomenologia se apresentará como a resolução deste paradoxo - uma filosofia que finalmente atinge o estatuto de ciência rigorosa. Para nossa tese, isso significa que a psicologia teórica só pode surgir quando a filosofia atingir este patamar de rigor.. Podemos depreender deste trecho, facilmente, que a filosofia não é entendida como um conteúdo a ser ensinado, mas como uma forma "rigorosa" de se pensar. Neste sentido, Husserl quer indicar que a Filosofia, e consequentemente sua Fenomenologia, possuí um valor intrínseco ao próprio ato de filosofar, e não depende de validações ou reconhecimentos "exteriores" que passem a justificar a própria necessidade e "relevância". Nesse sentido, parece-nos muito claro que Husserl busca, com a própria temática do texto, e com a própria crítica que tecerá - sobretudo à Psicologia – mostrar que a Filosofia não pode ser substituída, e que sua autonomia é, inclusive, condição para a compreensão das próprias ciências enquanto tal. Este é um ponto crucial para desmontar a pretensão de auto-suficiência da psicologia experimental. Se o rigor das ciências deriva da filosofia, então a psicologia que rejeita a filosofia está, paradoxalmente, minando suas próprias bases de rigor. Tal assunto, é bom recordar, já havia sido tratado em suas *Investigações*. Nesse texto, porém, temos a oportunidade de conhecer - como raras vezes acontece - um modo de escrita de Husserl no qual ele, de fato, se preocupa em exemplificar e explicar a maioria das incursões teóricas as quais realiza.

Neste mesmo sentido, Husserl defenderá que o caráter de rigor, aparentemente exclusivo das ciências, principalmente daquelas ditas "exatas", é, na verdade, um caráter conferido pela própria Filosofia. Isso significa dizer que o caráter de conferência de "verdade" das ciências não é uma exclusividade única das ciências positivistas, antes, é uma consequência do embasamento filosófico que as proporciona tal característica. Esse ponto, inclusive, o qual será analisado neste texto, também já foi alvo das próprias *Investigações Lógicas*, anteriores a este escrito. Dirá Husserl sobre essa temática:

É necessário repetir esta convicção com ênfase e sinceridade, e fazê-lo precisamente neste lugar, no início do Logos, que deseja testemunhar uma viragem significativa na filosofia e preparar o terreno para o futuro "sistema" de filosofia. Na verdade, ao sublinhar enfaticamente o caráter não científico de toda a filosofia que existiu até hoje, coloca-se simultaneamente a questão de saber se a filosofia quererá continuar a manter o objectivo de ser uma ciência rigorosa, se pode e

deve querer fazê-lo. . (Husserl, 2009, p. 11, Hua XXV, <291>, tradução nossa)¹¹

A crítica de Husserl, como podemos também depreender, se estende aos próprios filósofos. Husserl conclama, para a sua causa, contra as investidas naturalistas, presentes em especial nas intenções daqueles ditos psicólogos em substituir a Filosofia, os filósofos, para que estes passem a acreditar e confiar no próprio fazer filosófico. Mais do que isso, irá novamente se posicionar contra as intenções da Psicologia em se posicionar como uma alternativa válida à Filosofia, ao mesmo tempo em que demonstra os argumentos teóricos que sustentam sua luta institucional contra os psicólogos experimentais que, naquele momento, disputam as cátedras de professores “titulares”. Husserl eleva o tom retórico aqui, transformando uma constatação histórica num apelo quase moral. A decisão pela ciência rigorosa não é apenas epistemológica, mas é uma escolha sobre o destino da filosofia. Para a psicologia teórica, isso significa que sua possibilidade está condicionada a esta "viragem" na filosofia, que possibilitará a sua fundamentação igualmente rigorosa.

Para finalizar esta introdução, Husserl ainda defenderá que essa necessidade de rigor metodológico na própria Filosofia e, consequentemente, no próprio modo de se pensar, terá como produto sua própria filosofia, ou seja, a Fenomenologia. Não há, como pode se supor, uma referência direta em que Husserl deixa explícita suas intenções de oferecer aqui a Fenomenologia como a tal “ciência rigorosa”. Contudo, todo seu esforço, todos os seus elogios à Filosofia em geral, irão desembocar, como veremos, em um tipo específico de filosofar. O filosofar que exigirá do filósofo a suspensão de suas próprias convicções, a fim de analisar as origens e fundamentos de todo e qualquer tipo de conhecimento. A estratégia de Husserl é sutil: ele não nomeia a fenomenologia como a solução, mas constrói um cenário onde ela se torna a única resposta possível. Da mesma forma, a psicologia teórica não é nomeada, mas se torna a consequência necessária da aplicação da fenomenologia ao campo do psíquico. E a isso se prestará boa parte de toda a sua Fenomenologia. Sobre isso, Husserl enfatiza que:

As páginas que se seguem baseiam-se na ideia de que os interesses supremos da cultura humana exigem que seja construída uma filosofia rigorosamente científica; que, portanto, se quiser haver uma razão

¹¹ Es preciso repetir tajante y sinceramente esta convicción, y hacerlo precisamente en este lugar, en los comienzos de Logos, que desea dar testimonio de un significativo giro de la filosofía y preparar el terreno para el futuro «sistema» de la filosofía. En efecto, al subrayar tajantemente el carácter no científico de toda la filosofía habida hasta hoy, se suscita simultáneamente la cuestión de si querrá la filosofía seguir manteniendo la meta de ser ciencia rigurosa, de si puede y debe quererlo. (Husserl, 2009, p. 11, Hua XXV, <291>)

para uma revolução filosófica no nosso tempo, ela deve, sem dúvida, ser animada pela intenção de refundar a filosofia no sentido de ciência rigorosa. Esta intenção não é nada estranha ao presente. Está plenamente vivo precisamente dentro do naturalismo predominante. Desde o início perseguiu com total resolução a ideia de uma reforma rigorosamente científica da filosofia, e sempre acreditou, tanto nas suas formas passadas como contemporâneas, que já a tinha alcançado. (Husserl, 2009, p. 13-14, Hua XXV, <293>, tradução nossa).¹²

Repetindo nosso argumento, é de supor que esta “filosofia rigorosamente científica” não poderia ser outra, que não a própria Fenomenologia. E, como buscaremos demonstrar, será na oposição, em princípio, à própria Psicologia, que esta “nova” Filosofia buscará seu *lócus*, e sua principal motivação. De igual forma, o dito “naturalismo predominante” pode ser compreendido, senão em todo, ao menos em grande parte como uma crítica à Psicologia e ao seu psicologismo. Husserl faz aqui uma jogada brilhante: apropria-se do ideal de “ciência rigorosa” do naturalismo, mas mostra que o naturalismo é incapaz de realizá-lo. A fenomenologia se apresenta como a verdadeira herdeira deste ideal. Para a psicologia, isso significa que a aspiração de científicidade da psicologia experimental é legítima, mas seu método a trai. Dessa forma é possível compreender que a Fenomenologia nasceu como uma crítica ao psicologismo, e se estrutura a partir desta crítica, quando busca, ao revelar as próprias limitações da psicologia, estabelecer suas bases. Dito de outra forma, é por meio das ausências deixadas pela Psicologia, principalmente a Psicologia Experimental, que Husserl irá desenvolver sua Fenomenologia. Primeiramente como crítica, e, posteriormente, como proposta de uma fundamentação mais rigorosa, para esta própria Psicologia. A tese fica explícita: a fenomenologia constitui-se em oposição à psicologia naturalista, mas esta oposição é produtiva - é dela que surge a possibilidade de uma psicologia teórica fenomenologicamente fundamentada.

Abrindo a temática da “Filosofia Naturalista”, Husserl destaca, desde o início da parte dedicada à crítica ao Naturalismo, a necessidade de se tratar o conteúdo da consciência e sua natureza específica, como sendo inabordáveis pelo método das

¹² Las páginas que siguen se apoyan en la idea de que los intereses supremos de la cultura humana exigen que se construya una filosofía rigurosamente científica; de que, por tanto, si ha de haber razón para un revolucion filosófico en nuestro tiempo, tiene sin duda que estar animado por la por tanto, si ha de haber razón para un giro filosófico en nuestro tiempo, tiene sin duda que estar animado por la intención de refundar la filosofía en el sentido de la ciencia rigurosa. Esta intención no le resulta en absoluto extraña al presente. Está plenamente viva justamente en el interior del naturalismo predominante. Desde el principio persigue con toda resolución la idea de una reforma rigurosamente científica de la filosofía, e incluso cree siempre, tanto en sus formas pasadas como en las contemporáneas, que ya la ha realizado (Husserl, 2009, p. 13-14, Hua XXV,<293>).

ciências naturais. Essa defesa forte da Filosofia, mas também de um modelo filosófico novo para as ciências, demonstra já em Husserl que sua crítica ao Naturalismo e, portanto, à tentativa da Psicologia de se naturalizar, não é uma crítica “vazia”, antes, é ela sustentada por uma indicação de solução ao problema apresentado. Dentro ainda de seu diagnóstico, Husserl destaca que:

O que é característico de todas as formas de naturalismo extremo e consistente, começando com o materialismo popular e terminando com o monismo sensorial e o energeticismo contemporâneos, é, por um lado, a naturalização da consciência, incluindo todos os dados intencionais-imanentes da consciência; de outro, a naturalização das ideias e, portanto, de todos os ideais e normas absolutas (Husserl, 2009, p. 16, Hua XXV, <294-295>, tradução nossa).¹³

Esta é uma das definições mais precisas de naturalismo em Husserl. O duplo movimento de naturalização - da consciência e das ideias - revela o cerne do problema. Para a possibilidade de uma psicologia teórica, isso significa que qualquer tentativa de estudar o psiquismo através de métodos naturalistas já pressupõe uma deformação do próprio objeto de estudo. A psicologia fenomenológica, ao contrário, partiria do reconhecimento da irreduzibilidade da consciência à natureza. Ainda sobre a tentativa de naturalização do mundo e, em última instância, de naturalização da própria razão, Husserl a descreverá como uma contradição que não encontra sustentação em si mesma, tendo em vista que o naturalista, para afirmar que tudo o que existe, inclusive o próprio pensamento, é fruto da natureza e que, portanto, não existe a ideia, já faz uso das próprias essencialidades e da própria região eidética para realizar tais afirmações. Segundo Husserl, “Ele [o idealista] até rejeitaria tal coisa longe de si mesmo. Nele o absurdo não é manifesto, mas oculto aos seus próprios olhos, e consiste no fato de ele naturalizar a razão” (Husserl, 2009, p. 17, Hua XXV, <295-296>). E é exatamente esta tentativa de “naturalização da razão” apontada por Husserl que consistirá em um dos maiores erros epistemológicos e paradigmáticos no ideário dos psicólogos experimentais. Eles se negam a perceber que o seu próprio fazer psicológico e científico carece de fundamentação filosófica e epistemológica. Husserl indica claramente que não compreender que seja impossível naturalizar a razão, e a própria Lógica, demonstra já que os psicólogos experimentais não apenas não conseguem fundamentar sua ciência,

¹³ Lo característico de todas las formas del naturalismo extremo y consecuente, empezando por el materialismo popular y terminando por los contemporáneos monismo de las sensaciones y energeticismo, es, de un lado, la naturalización de la conciencia, incluidos todos los datos de conciencia intencional-inmanentes; de otro, la naturalización de las ideas y, por tanto, de todos los ideales y normas absolutos. (p. 16, <294-295>)

como também não poderão alcançar maiores progressos dentro da Psicologia, por não terem caracterizado adequadamente seu próprio objeto de estudo. Esta é uma crítica na qual Husserl antevê os impasses que a psicologia experimental enfrentaria no século XX. A "crise da psicologia" que se seguiria deriva precisamente desta falta de fundamentação filosófica. A psicologia teórica pode se apresentar como a solução para esta crise.

Na sequência, Husserl irá explicitamente destacar a Psicologia, em especial a Psicologia Experimental, e como esta, em seu afã de conseguir se tornar uma disciplina autônoma, ao assumir os mesmos moldes e métodos das ciências naturais, deixa de lado sua vocação de se tornar, de fato, fundamento para as demais ciências do Espírito. Nesse sentido, dirá Husserl:

Certamente, não remetemos as nossas análises críticas às reflexões mais populares dos cientistas naturais que filosofam, mas tratamos de uma filosofia de natureza técnica e que se apresenta com toda a bagagem verdadeiramente científica; mas, sobretudo, com um método e uma disciplina pelos quais acredita ter ascendido definitivamente à categoria de ciência exata. [...] Pois bem, se pedirmos a filosofia exata, embora ainda construída de forma limitada, isto é, a analogia da mecânica exata, somos informados da psicologia psicofísica e, muito especialmente, da psicologia experimental, à qual ninguém pode negar a categoria de ciência rigorosa. [...] A lógica e a teoria do conhecimento, a estética, a ética e a pedagogia teriam finalmente, graças a ela, alcançado a sua fundamentação científica e devem mesmo estar em plena transformação que as transforme em disciplinas experimentais. (Husserl, 2009, p. 20, Hua XXV, <297-298>, tradução nossa)¹⁴

Neste trecho que está já no início desta obra, na qual Husserl anuncia, desde o início, que tratará sobre as tentativas de naturalização da Filosofia e da própria consciência, o filósofo já destaca o papel controverso da Psicologia Experimental. Aqui, a Psicologia Experimental é compreendida por Husserl e localizada já como o exemplo máximo de sua crítica. Por outro lado, poderíamos depreender igualmente que a própria crítica à naturalização da Filosofia e da própria consciência apenas tem seu motor por

¹⁴ Ciertamente, no referimos nuestros análisis críticos a las reflexiones, más populares, de los científicos naturales que filosofan, sino que nos ocupamos con la filosofía de índole técnica y que se presenta con todos los bagajes realmente científicos; pero, sobre todo, con un método y una disciplina a causa de los cuales cree haber definitivamente escalado hasta el rango de una ciencia exacta. [...] Pues bien, si preguntamos, por la filosofía exacta, aunque todavía limitadamente construida, o sea, por lo análogo de la mecánica exacta, se nos indica la psicología psico- física y, muy en especial, la psicología experimental, a la que nadie podrá negar el rango de ciencia rigurosa. [...] La lógica y la teoría del conocimiento, la estética, la ética y la pedagogía habrían por fin, gracias a ella, logrado su fundamento científico e incluso han de encontrarse en plena transformación que las vuelva disciplinas experimentales. (p. 20, <297-298>)

causa da própria Psicologia Experimental que, como vimos, neste momento, desponta como um novo ramo e como uma nova concorrente à Filosofia, tanto no campo teórico como institucional. A psicologia experimental torna-se o "caso paradigmático" do naturalismo. Isto é significativo: mostra que a luta contra o naturalismo se dá principalmente no terreno da psicologia. A psicologia teórica, fenomenologicamente fundamentada seria, portanto, a vanguarda da resistência ao naturalismo. Husserl não deixa de reconhecer o esforço metodológico dos primeiros psicólogos experimentais e que alguns avanços foram possíveis, graças a um rigor metodológico aplicado a alguns fenômenos mensuráveis, tais como o tempo de reação e percepções. Contudo, como ele próprio descreve ao longo deste artigo, a fundamentação desta nova ciência é limitada e não permite o próprio progresso da Psicologia. Husserl é justo: reconhece os méritos da psicologia experimental em seu próprio terreno, mas mostra sua limitação fundamental. Esta postura é importante para a psicologia teórica - ela não precisa negar os achados da psicologia experimental, mas sim recolocá-los em um quadro teórico mais adequado.

Neste texto, igualmente, Husserl busca atualizar sua crítica ao psicologismo – que já fora alvo de suas *Investigações Lógicas*, publicadas 10 anos antes da publicação do artigo que estamos analisando neste momento. Contudo, neste contexto, a crítica à ciência psicológica é mais direta e mais explícita. Retomando sua crítica ao psicologismo, ele dirá que:

Em primeiro lugar, como mostraria uma breve consideração, deve-se ver claramente que a psicología, como ciencia dos hechos, es inadecuada para proporcionar fundamentos para aquellas disciplinas filosóficas que tienen que ver con los principios puros de todas las normas, esto es, los principios puros de todas las normas, lógica, axiología y práctica pura. Podemos ahorrarnos una discusión detallada: esto nos devolvería, por supuesto, a los absurdos escépticos de los que ya hemos hablado. Pero con respecto a la teoría del conocimiento, que ciertamente separamos de la lógica pura en el sentido de pura *mathesis universalis* (y que como tal no tiene nada que ver con el conocimiento), se pueden decir varias cosas contra el psicologismo y el fisicalismo epistemológico, algunas de las cuales Lo mencionaré. (Husserl, 2009, pág.21, <298>, traducción nossa)¹⁵

¹⁵ En primer lugar, como mostraría una breve consideración, debe verse claramente que la psicología, como ciencia de los hechos, es inadecuada para proporcionar fundamentos a aquellas disciplinas filosóficas que tienen que ver con los principios puros de todas las normas, es decir, los principios puros. todos los estándares, lógica, axiología y práctica pura. Podemos ahorrarnos una discusión detallada: esto nos devolvería, por supuesto, a los absurdos escépticos de los que ya hemos hablado. Pero con respecto a la teoría del conocimiento, que ciertamente separamos de la lógica pura en el sentido de pura *mathesis universalis* (y que como tal no tiene nada que ver con el conocimiento), se pueden decir varias cosas contra el psicologismo y el fisicalismo epistemológico, algunas de las cuales Lo mencionaré. (Husserl, 2009, pág.21, <298>)

Aqui Husserl atualiza sua crítica ao psicologismo para o contexto da psicologia experimental. O cerne do argumento permanece: fatos não podem fundamentar normas. Porém, agora o alvo é mais específico - a pretensão da psicologia experimental de fundamentar até mesmo a teoria do conhecimento. Tal qual o naturalismo é considerado por Husserl uma contradição em termos ao tentar fundamentar a própria natureza e o próprio mundo, assim também a Psicologia Experimental, sendo uma ciência de fatos, não pode ela fundamentar aquelas disciplinas filosóficas que possuem como princípios e fundamentação "princípios puros". Essa crítica aqui relembrada por Husserl é de extrema importância, levando-se em conta que, diante dos "achados" e possíveis avanços demonstrados pela Psicologia Experimental, esta ainda está sustentada por bases frágeis. Husserl estabelece aqui uma hierarquia clara: as ciências de fatos pressupõem princípios puros que elas mesmas não podem fundamentar. A possibilidade de uma psicologia teórica, fenomenologicamente embasada, ocuparia justamente este espaço - o estudo dos princípios puros que tornam possível a fundamentação teórica e rigorosa da psicologia empírica. Notadamente Husserl se posiciona contra uma suposta argumentação pragmatista segundo a qual a capacidade de explicar e prever determinados fenômenos psíquicos não deve ser encarado como argumento suficiente para se compreender a própria natureza destes fenômenos. Falta a Psicologia, conforme buscará demonstrar Husserl, a verdadeira caracterização de seu objeto de estudo e a verdadeira descrição das categorias que compõem a complexa relação entre tais fenômenos e tipos de categorias psíquicas. Em uma maior especificação desta crítica, Husserl aponta a fragilidade desta falta de caracterização do objeto da Psicologia:

O objetivo das ciências naturais é conhecer, de forma rigorosamente científica e objetivamente válida, esses dados que são tidos como certos. O mesmo se aplica à natureza no sentido amplo, no sentido psicofísico; e o mesmo acontece com as ciências que o investigam, isto é, sobretudo, com a psicologia. O psíquico não é um mundo em si: ele se dá como um ego ou como uma experiência de um ego (em sentidos muito diferentes), e o ego e as experiências se mostram, segundo a experiência, unidos a certas coisas físicas chamadas corpos vivos. [...] A tarefa da psicologia, então, é investigar cientificamente, determinar de uma forma objetivamente válida, esse psíquico, dentro do contexto psicofísico natural em que, é claro, ele existe; descubra as leis segundo as quais ele se forma e se transforma, vai e vem. [...] Mesmo onde a psicologia – essa ciência empírica – se propôs determinar meros acontecimentos de consciência e não dependências psicofísicas no sentido estrito habitual, tais acontecimentos são pensados como pertencentes à natureza, isto é, como pertencentes às consciências humanas ou animais que, por sua vez, é claro, eles estão ligados – e isso por si só figura na apreensão que se tem deles - com

corpos vivos de homens ou animais. (Husserl, 2009, p. 21-22, Hua XXV, <298-299>)¹⁶

Husserl primeiramente destaca que a existência do psíquico não pode estar apartada de uma relação com um sujeito, “um corpo vivo”. Contudo, a análise dos fenômenos psíquicos não pode ser de tal forma reduzida que se investigue apenas o aspecto corpóreo dos fenômenos psíquicos. Embora o aspecto fisiológico e corpóreo esteja presente nas análises psicológicas, buscar fundamentar a ciência psicológica e o estudo destes fenômenos apenas por esta via seria, segundo Husserl, descharacterizar o fenômeno psíquico em si. Ademais, a própria tentativa de se caracterizar tais fenômenos desta forma, aponta Husserl, já demonstra o uso de habilidades reflexivas e de reduções eidéticas – características próprias do método fenomenológico – as quais ocorrem sem que os próprios psicólogos se deem conta de que o fazem. Dito de outra forma, um psicólogo que busca descrever os fenômenos psíquicos a partir da categoria analítica da fisiologia, o faz não porque é capaz de utilizar fisiologicamente sua consciência, mas porque, já nesse momento, se utiliza de uma capacidade única presente na sua própria consciência que categoriza seus próprios conhecimentos e suas próprias experiências enquanto tais. O ofício do psicólogo, é, portanto, a própria demonstração de que a Psicologia busca ignorar um aspecto do fenômeno psíquico, da própria estrutura da consciência, contudo, da qual se utiliza para explicar seu objeto de estudo.

Conforme prosseguirá Husserl em sua linha de raciocínio, a Psicologia também carece dos fundamentos que ousa tentar explicar. Assim, não pode qualquer ciência da natureza se esquivar da sua necessária fundamentação na própria filosofia, que é quem lhe confere os critérios de validação e de verdade. E o mesmo se aplica à Psicologia, como dirá Husserl:

¹⁶ La meta de la ciencia de la naturaleza es conocer de modo rigurosamente científico, objetivamente válido, estos datos que se dan por supuestos. Lo mismo es verdad respecto de la naturaleza en sentido amplio, en sentido amplio, en sentido psicofísico; y lo mismo es verdad de las ciencias que la investigan, o sea, sobre todo, de la psicología. Lo psíquico no es por sí un mundo: está dado como yo o como vivencia de un yo (en sentidos, por lo demás, muy distintos), y el yo y las vivencias se muestran, conforme a la experiencia, unidos a ciertas cosas físicas llamadas cuerpos vivos. [...] La tarea de la psicología, pues, es investigar científicamente, determinar de modo objetivamente válido, esto psíquico, dentro del contexto natural psicofísico en que, por supuesto, existe; descubrir las leyes según las cuales se forma y se transforma, va y viene. [...] Incluso allí donde la psicología —esa ciencia empírica— se ha propuesto determinar meros acontecimientos de conciencia y no dependencias psicofísicas en el usual sentido estricto, tales acontecimientos están pensados como pertenecientes a la naturaleza, o sea, como pertenecientes a conciencias humanas o animales que, a su vez, por supuesto, se vinculan —y esto mismo figura en la aprehensión que se tiene de ellas— con cuerpos vivos de hombres o de animales. (Husserl, 2009, p. 21-22, Hua XXV, <298-299>)

Daí é evidente que, se existem argumentos decisivos em virtude dos quais a ciência física da natureza não pode ser filosofia num sentido específico, nem pode alguma vez servir de fundamento para a filosofia, de modo que só com base numa filosofia anterior consegue para serem usados filosoficamente para os propósitos da metafísica, todos esses argumentos teriam de ser aplicados sem mais delongas à psicologia (Husserl, 2009, p. 22, Hua XXV, <298>)¹⁷.

A Psicologia, aqui entendida por Husserl, novamente, como Psicologia Experimental, não pode ser ela "Filosofia", no sentido de fundamentar ela mesma a própria Filosofia e, menos ainda, a ciência física da natureza. Por outro lado, aqui Husserl já admite sua "deficiência", porém, demonstrando sua "solução", qual seja, que a psicologia possa ter uma "base filosófica prévia" que lhe sirva para fundamentar-se metafisicamente. Esta é uma concessão importante: Husserl não rejeita a psicologia em si, mas sua pretensão de auto-fundamentação. A "base filosófica prévia" que ele sugere será desenvolvida como fenomenologia nos trabalhos posteriores. Visando a nossa análise e nosso objetivo, nos parece claro que Husserl trata aqui de sua Fenomenologia, como possibilidade de fundamentação para esta Psicologia. Apontar a necessária fundamentação da Psicologia e, ao mesmo tempo, demonstrar a necessidade de uma Filosofia Rigorosa, como um outro nome para a sua Fenomenologia, deixa transparecer nos escritos da husserliana que a deficiência existente na fundamentação da Psicologia poderá ser suplantada pela Fenomenologia.

Husserl passa, posteriormente, a aprofundar a sua crítica à Psicologia, e, ao mesmo tempo evidenciar que bases a sua Fenomenologia poderá alicerçar assim melhor embasando a Psicologia. Ele buscará demonstrar que, não só o pensamento claro, autoevidente, baseado na evidenciação da Lógica é necessário para a fundamentação da Psicologia, mas que, igualmente, as experiências enquanto tais, como parte de uma maior gama de fenômenos psíquicos, também devem ser alvo da investigação psicológica. Aqui Husserl começa a esboçar o que seria uma psicologia fenomenologicamente fundamentada, ou seja, uma ciência que leve a sério tanto a lógica pura quanto a descrição rigorosa das experiências em sua imanência. Tal investigação, a evidenciação de suas categorias e a própria compreensão de sua

¹⁷ De donde resulta con evidencia que, de haber argumentos decisivos en virtud de los cuales no pueda ser filosofía en sentido específico la ciencia física de la naturaleza ni pueda jamás servir a la filosofía de fundamento, de modo que sólo sobre la base de una previa filosofía logre ser filosóficamente aprovechada para los fines de la metafísica, todos esos argumentos habrían de aplicarse sin más a la psicología (Husserl, 2009, p. 22, Hua XXV, <298>).

estruturação deverá ser objeto desta “Filosofia Rigorosa”, ou seja, de sua Fenomenologia. Conforme dirá Husserl:

Contudo, por más que este modo de crítica da experiência nos satisfaça enquanto estamos na ciencia da natureza e pensamos sobre a atitude que lhe é propia, ainda há espaço para – e é essencial – uma crítica da experiência completamente diferente: uma crítica de experiência que põe em questão ao mesmo tempo toda a experiência e o pensamento das ciencias empíricas. (Husserl, 2009, p. 23, Hua XXV, <299>, tradução nossa)¹⁸

Husserl quer demonstrar, assim, que a crítica que a Psicologia busca evidenciar, através de experimentos, às realidades psíquicas correspondentes, evidencia outros problemas das próprias ciências da natureza. A Psicologia, portanto, serve como “mau exemplo” de uma ciência que chegou ao limite do próprio método científico (naturalista) ao buscar naturalizar a experiência. A psicologia torna-se o caso limite onde as contradições do naturalismo se tornam mais evidentes. Por tentar naturalizar a própria experiência, ela revela os limites do projeto naturalista como um todo. Essa tentativa demonstra como parte da construção de todo e qualquer conhecimento científico está “entremeado” de considerações psicológicas e, portanto, eidéticas. Assumir e reconhecer que existam realidades eidéticas também no próprio fazer científico é, para Husserl, uma necessária clarificação do próprio método, a ponto de tornar-se evidente e necessário a tomada como rigorosa todo a metodologia filosófica subjacente a todo fazer científico. Desta forma, ao demonstrar a necessidade de uma clarificação do que são os “pensamentos puros”, Husserl também passa a delimitar, ainda que incipientemente, quais são os “fenômenos psíquicos”, aqui, denominados de experiências. Experiências essas que, neste momento, traduzem uma variada gama de atos presentes na consciência, como o próprio pensamento, as emoções, as sensações e as percepções.

Seguindo neste tema, Husserl também critica como a teoria construída pelos psicólogos experimentais, especialmente a tentativa de se fundamentar as experiências sobre outras experiências, reflete, na verdade, uma fragilidade da própria ciência psicológica. Para Husserl não é possível descrever os acontecimentos na consciência sem antes descrever e compreender a própria consciência em si:

¹⁸ Sin embargo, por más que nos satisfaga este modo de crítica de la experiencia mientras estamos en la ciencia de la naturaleza y pensamos en la actitud que es la suya, aún cabe —y es imprescindible— una crítica de la experiencia completamente distinta: una crítica que pone en cuestión al mismo tiempo la experiencia entera y el pensamiento propio de las ciencias empíricas. (Husserl, 2009, p. 23, Hua XXV, <299>)

Já se sabe que a teoria do conhecimento é a disciplina que quer responder a tais questões e que, até agora, apesar de todo o trabalho intelectual que os maiores investigadores lhe dedicaram, não as respondeu de forma científicamente clara, unívoca, maneira decisiva (Husserl, 2009, p.24, Hua XXV, <300>, tradução nossa)¹⁹.

Husserl aponta para o círculo vicioso da psicologia experimental: ela pretende estudar a consciência sem ter clarificado o que é a consciência. A fenomenologia se apresenta como aquela que pode realizar esta clarificação prévia. O filósofo aponta o problema que, precisamente, sua fenomenologia será capaz de responder. O problema, a saber, é a própria dificuldade em se fundamentar o estudo da experiência, sem a capacidade de fundar, na própria consciência e, mais especificamente, no Ego Cognoscente, a própria experiência. Segundo ele mesmo, "uma experiência não pode fundar outra experiência", o que, em outras palavras significaria dizer que a experiência é produto de outro processo, e que os "resultados" não possuem uma relação de causa entre si, senão a própria relação entre aquilo que é experienciado e aquele que experiencia. Quem funda o "cogitato" não é outro "cogitato", mas sim a "cogitante" na atitude do "cogito".

Nesse sentido Husserl vai ao âmago da questão da fragilidade da fundamentação da Psicologia ao evidenciar que, por essa ciência não ter se dedicado da forma adequada a fundamentar seu método próprio de investigação dos fenômenos psíquicos e, principalmente, por não ter ainda descrito de forma adequada a própria consciência - a ferramenta essencial na investigação psicológica - a Psicologia estaria fadada a uma "circularidade absurda":

Querer esperar da própria ciencia da natureza a solución de um problema que é inherente à ciencia da natureza enquanto tal - isto es, que lhe es siempre inherente, do principio ao fim; até acreditar que pode contribuir con algo - o sea, que es siempre inherente a ele, do inicio ao fim -; Até mesmo acreditar que ella possa fornecer algunas premissas para la solución de tal problema es andar num círculo absurdo. (Husserl, 2009, p. 24, Hua XXV, <300>, tradução nossa)²⁰

¹⁹ Ya se sabe que la teoría del conocimiento es la disciplina que quiere responder semejantes preguntas y que, hasta ahora, pese a todo el trabajo intelectual que han dedicado a ella los mayores investigadores, no las ha respondido de manera científicamente clara, unívoca, resolutiva (p. 24, <300>).

²⁰ Querer esperar de la misma ciencia de la naturaleza la solución de un problema que es inherente a la ciencia de la naturaleza como tal - o sea, que le es inherente siempre, desde que empieza hasta que acaba -; creer siquiera que ella puede aportar tal - o sea, que le es inherente siempre, desde que empieza hasta que acaba -; creer siquiera que ella puede aportar algunas premisas para la solución de un problema tal, es moverse en un círculo absurdo. (Husserl, 2009, p. 24, Hua XXV, <300>)

Não parece que há algo novo aqui que Husserl já não tenha dito nas *Investigações Lógicas*, contudo o "tom" aqui contra a Psicologia Experimental se torna mais incisivo do que 10 anos antes. Está mais explícito o argumento de que, sendo a Psicologia uma ciência natural, que buscou imitar as ciências naturais, não pode ela mesma, fundar o que busca imitar. O que não quer dizer o contrário, ou seja, de que, sendo a Psicologia uma ciência fundada em uma ciência eidética, não possa ela também fundar outras ciências a partir das descrições dos fenômenos psíquicos e que fundamentam o próprio ato de conhecer em si. A diferença de tom reflete o contexto histórico: em 1911, a psicologia experimental já se consolidara como disciplina autônoma, tornando-se assim um alvo mais urgente e definido para a crítica fenomenológica. Vemos que essa temática em Husserl aqui não será plenamente desenvolvida, mas já antecipa temas que ele discutirá em *Ideias* e nos demais escritos posteriores.

Retomando nossa análise, e relembrando a própria pergunta que nos propomos investigar, a saber, se a Fenomenologia poderia ser considerada uma proto-psicologia, uma espécie de "Psicologia Teórica", expomos o trecho a seguir, na qual Husserl busca evidenciar a relação própria da Fenomenologia com a Psicologia. De forma mais explícita, o contexto no qual Husserl demonstra a fragilidade da fundamentação teórica da Psicologia, ao mesmo tempo em que eleva a Fenomenologia como a única capaz de descrever as experiências e os atos da consciência de forma "pura" e sem danos:

Além disso: se a teoria do conhecimento quiser, porém, investigar os problemas da relação entre consciência e ser, ela só poderá ter o ser diante de seus olhos como um correlato da consciência, como conscientemente "mentcionado": como percebido, lembrado, esperado, representado em imagem, fantasiado, identificado, diferenciado, acreditado, suspeitado, valorizado, etc. Vê-se então que a investigação deve ser dirigida ao conhecimento científico da essência da consciência: àquilo que é a própria consciência, segundo a sua essência, em todas as suas configurações distinguíveis; mas também, ao mesmo tempo, ao que significa, bem como às diferentes maneiras pelas quais, de acordo com a essência de tais configurações, a consciência mente sobre os objetos e, talvez, verifica se eles são entidades reais e válidas. Refiro-me a modos como luz e escuridão; apresentar e reapresentar; o modo significativo e o modo imaginativo; o simples e o mediado pelo pensamento; os diferentes modos de

atenção e inúmeras outras maneiras. (Husserl, 2009, p. 25, Hua XXV, <300-301>, tradução nossa)²¹

Husserl descreve os modos de se visar a consciência, seus modos únicos de se operar e modos específicos nos quais ela se configura. Dessa forma, o que Husserl acaba por definir é uma exemplificação daquilo que falta à Psicologia, ou seja, uma clarificação das formas sobre as quais a experiência – e os vários tipos de experiência – estão apoiados. A crítica é precisa: a psicologia experimental utiliza termos como "percepção", "memória", "atenção" sem realizar a análise fenomenológica prévia que esclareceria o que esses termos significam em termos de vivências conscientes. Neste sentido, fica mais do que claro que apenas uma Fenomenologia plenamente desenvolvida como psicologia teórica – ou psicologia fenomenológica – é que possibilitaria a compreensão profunda dos vários tipos de experiências possíveis. Apenas uma Psicologia Teórica, entendida aqui como uma teoria que fundamente a descrição do seu objeto de estudo, e que reflita de forma adequada sobre como o método pode evidenciar tais experiências - seja na descrição em 1^a pessoa, ou em 3^a pessoa - é aquela que poderia ser efetivamente elevadas ao *status* de uma *mathesis universalis*, capazes de descrever as categorias das experiências psíquicas, que uma vez compreendidas e correlacionadas entre si, seriam capazes também de tornar evidentes as regularidades internas aos próprios aspectos destas experiências. Em suma, apenas uma Psicologia Teórica, plenamente desenvolvida, a partir dos critérios fenomenológicos seria capaz de descrever de forma clara as categorias das experiências psíquicas e, a partir destas, evidenciar as relações de seus tipos possíveis. E sobre esta possibilidade, Husserl parece já antever em seu texto:

Deparamo-nos assim com uma ciência - de cujo alcance formidável os nossos contemporâneos ainda não têm ideia - que é ciência da consciência, mas não psicologia: consciência fenomenológica, oposta à ciência natural da consciência. E como não se trata de um mal-entendido casual, pode-se esperar de antemão que a

²¹ Más aún: si la teoría del conocimiento quiere, sin embargo, investigar los problemas de la relación entre la conciencia y el ser, sólo puede tener ante los ojos el ser como correlatum de la conciencia, como «mentado» conscientemente: como percibido, recordado, esperado, representado en una imagen, fantaseado, identificado, diferenciado, creído, sospechado, valorado, etc. Se ve entonces que la investigación ha de dirigirse al conocimiento científico de la esencia de la conciencia: a aquello que es la conciencia misma, según su esencia, en todas sus configuraciones distinguibles; pero también, a la vez, a aquello que ella significa, así como a los distintos modos en los que, conforme a la esencia de tales configuraciones, mienta la conciencia objetos y, quizás, comprueba que se trata de entes válidos reales. Me refiero a modos tales como la claridad y la oscuridad; el presentar y el re-presentar; el modo signitivo y el modo imaginativo; el simple y el mediado por el pensamiento; los diferentes modos atencionales, e incontables formas más (Husserl, 2009, p. 25, Hua XXV, <300-301>).

fenomenologia e a psicologia terão relações muito estreitas, na medida em que ambas têm a ver com a consciência, embora de maneiras diferentes: “atitudes” diferentes. Diremos que a psicologia tem a ver com a “consciência empírica”, com a consciência na atitude empírica, existente no contexto da natureza. Por outro lado, a fenomenologia tem a ver com a consciência “pura”, isto é, com a consciência na atitude fenomenológica. (Husserl, 2009, p. 27, Hua XXV, <302>, tradução nossa)²²

Este parece se configurar o ápice da relação aqui proposta por Husserl neste texto, a saber que a Psicologia não é a ciência da consciência. A Psicologia “habita” na consciência, dela se utiliza e ali estuda os seus fenômenos. Porém, não é a Psicologia quem “teoriza” sobre a consciência; não é a Psicologia quem descreve a estrutura consciência. Apenas o fenomenólogo - ou, em certa medida, o psicólogo teórico fenomenologicamente embasado - é quem consegue, através de uma redução fenomenológica, descrever as características da consciência e, a partir daí, evidenciar suas categorias. E apenas assim, como parte de suas pesquisas, fundamentadas na filosofia rigorosa proposta pela Fenomenologia, é que os psicólogos poderiam buscar as evidências dos fenômenos psíquicos e deles tratarem. Apenas após uma reflexão fenomenológica rigorosa se poderia sair de uma “suposição” da existência dos atos psíquicos, para sua evidenciação, suas variações e suas possibilidades de existência - as quais, inclusive, abririam novas possibilidades para a própria experimentação em Psicologia. É imprescindível um nível de análise que seja rigoroso o suficiente para se transcender à experiência para dela falar e para ela estudar. Só assim poderemos compreender que, para que a Psicologia possa se desenvolver, um método tão rigoroso como o método fenomenológico é imprescindível como forma de descrição pura dos fenômenos psíquicos e de suas relações de causa e efeito possíveis. O nível de evidenciação aqui, contudo, é apenas da exploração da possibilidade desta estruturação epistemológica, fornecida à Psicologia, por meio da Fenomenologia. Trata-se aqui de fundamentar nossa hipótese, que busca demonstrar que a Fenomenologia de Husserl tem a intenção de fundamentar a ciência psicológica e dessa fazer um paradigma para as

²² Tropezamos así con una ciencia —de cuyo formidable alcance nuestros contemporáneos no tienen aún idea— que es ciencia de la conciencia pero no psicología: la fenomenología de la conciencia, opuesta a la ciencia natural de la conciencia. Y como no es que se trate de un equívoco casual, cabe esperar de antemano que la fenomenología y la psicología habrán de estar en relaciones muy estrechas, en la medida en que ambas tienen que ver con la conciencia, aunque en modos diferentes: «actitudes» distintas. Lo expresaremos diciendo que la psicología tiene que ver con la «conciencia empírica», con la conciencia en la actitud empírica, existiendo en el contexto de la naturaleza. En cambio, la fenomenología tiene que ver con la conciencia «pura», o sea, con la conciencia en la actitud fenomenológica. (Husserl, 2009, p. 27, Hua XXV, <302>)

demais Ciências do Espírito – comparável à relação que a matemática tem com as Ciências da Natureza.

E se havia ainda alguma suspeita de que esta relação de necessidade entre Fenomenologia e Psicologia poderia ser entendida como uma interpretação inadequada, é o próprio Husserl que descreve a possibilidade de uma “psicologia filosófica”:

Se assim for, verificar-se-á então que, sem prejuízo da verdade, a psicologia é e pode ser filosofia tão pouco quanto a ciência física da natureza; mas que o primeiro, por razões essenciais, deverá estar próximo da filosofia - através da fenomenologia - e os destinos dos dois deverão permanecer intimamente ligados. (Husserl, 2009, pág. 27, Hua XXV, <302>)²³

Como complemento do que comentamos anteriormente, a partir desta conclusão do próprio Husserl: é apenas em estreita ligação com a Fenomenologia que a Psicologia pode alcançar seu "ápice" e sua própria "teleologia". A psicologia pode alcançar seu objeto de estudo de uma maneira realmente apropriada às suas características, se apenas do método fenomenológico se utilizar. A saber, se tratar seu objeto de estudo a partir de uma descrição e estruturação das regras que formam e possibilitam a própria compreensão da consciência. Apenas assim poderíamos falar de uma autêntica Psicologia, no sentido fenomenológico mais profundo.

Insistindo um pouco mais em seu argumento, e ampliando sua crítica à Psicologia Experimental, Husserl argumenta que a verdadeira psicologia é esta feita de modo teórico e de forma fenomenológica, ou seja, através do uso da análise da experiência própria, a qual alcança não apenas o conteúdo em si do que é vivenciado, mas toda a estrutura que possibilita essas vivências:

O que acabamos de dizer de maneira geral e, especialmente, o que foi dito sobre a estreita afinidade entre psicologia e filosofia, concorda, aliás, muito pouco com a psicología exata contemporánea, que está tão distante da filosofía quanto pode estar. Ora, por más que se queira considerar tal psicología, debido ao método experimental, como a única científica, e se olhe para a "psicología de escritorio" com desprezo, devo declarar que a idea de que isso es psicología, ciencia psicológica em o sentido pleno. (Husserl, 2009, pág. 28, Hua XXV, <302>)²⁴.

²³ Si esto es así, resultará entonces que, sin perjuicio de la verdad, la psicología es y puede ser en tan escasa medida filosofía como la ciencia física de la naturaleza; pero que la primera, por razones esenciales, habrá de estar próxima de la filosofía —a través de la fenomenología— y los destinos de las dos deben quedar enlazados muy íntimamente. (Husserl, 2009, p. 27, Hua XXV, <302>)

²⁴ Cuanto se acaba de decir de manera general y, especialmente, lo que se ha dicho de la cercana afinidad entre psicología y filosofía, concuerda, por cierto, muy poco con la contemporánea psicología exacta, que es todo lo ajena a la filosofía que se puede ser. Ahora bien, por más que se quiera considerar a tal psicología, debido al método experimental, como la única científica, y

É curioso e importante notar que, a psicologia “de escritório” a que se refere Husserl, é a “psicologia em seu sentido pleno”. Psicologia esta que pode e deve ser desenvolvida a partir das reflexões filosóficas e fenomenológicas. Psicologia esta que não possui o prestígio e a relevância, nem nos tempos de Husserl, nem nos tempos atuais; mas que, como o próprio Husserl demonstra e argumenta, é imprescindível para a estruturação teórica e metodológica da Psicologia Experimental. Aqui, neste momento, fica até mais próximo e facilitado a comparação com a relação entre outras ciências que possuem sua versão “teórica” e “prática”, como a Física ou a Química, por exemplo. Os físicos teóricos necessitam de muita reflexão, muitas abstrações - incluindo as abstrações matemáticas - para alcançarem teorias que apenas muito tempo depois poderão ser observadas ou testadas. Não seria diferente com a Psicologia que, em um afã de se tornar uma ciência independente, buscou imitar de maneira vazia e irrefletida, sobre a necessidade de uma adequada descrição do seu próprio objeto de estudo. Portanto, assim como a Física teórica ilumina a Física Aplicada ou as demais áreas da Física - como a Mecânica, Óptica, Atômica etc.; assim também a Psicologia Científica necessita ser “iluminada” por uma Psicologia Teórica, a qual deve possuir um método tão rigoroso e tão apodítico quanto é a Matemática para as demais Ciências da Natureza.

Nesse sentido, Husserl advoga que não haverá maiores progressos para a própria Psicologia Experimental enquanto esta não assumir para si a necessidade de uma teorização de seus constructos. Não poderá a Psicologia Experimental falar de consciência, de “visão”, de “sons”, “imagens” e demais tipos de experiências, se não conseguir refletir e descrever como estes fenômenos se dão à consciência e as possibilidades e formas de aparecer destes à essa mesma consciência. Dirá sobre isso Husserl:

Da mesma forma, a psicología experimental es un método para registrar, en muchos casos, hechos y regularidades psicofísicas valiosas, que, no entanto, na ausencia da ciencia sistemática da consciencia que investiga inmanentemente lo psíquico, carecen de cualquier posibilidad de serem profundamente comprendidas e valorizadas de uma forma definitivamente científica. (Husserl, 2009, pág. 29, Hua XXV, <303>)²⁵

se mire con desprecio a la «psicología de escritorio», he de declarar que es un error cargado de consecuencias la idea de que aquélla es la psicología, la ciencia psicológica en sentido pleno. (Husserl, 2009, p. 28, Hua XXV, <302>).

²⁵ Del mismo modo, la psicología experimental es un método para registrar, en muchos casos, hechos y regularidades psicofísicos valiosos, que, sin embargo, a falta de la ciencia sistemática de la conciencia que investigue inmanentemente lo psíquico, carecen de toda posibilidad de ser

Neste sentido, a psicologia experimental poderia ter, conforme já comentamos, maiores avanços caso a natureza do psíquico pudesse ser mais bem esclarecida e mais profundamente compreendida, a partir das análises e reflexões fenomenológicas. A Psicologia Experimental poderia deixar de ser apenas uma “mera repetidora” dos métodos das ciências naturais, para uma proponente de um método revolucionário, capaz de reestruturar e reposicionar a própria definição de ciência. Pois, ao perseguirmos o itinerário husserliano, o que ele propõe é exatamente a fundamentação não apenas da Psicologia ou das Ciências do Espírito, mas de toda e qualquer ciência; de toda e qualquer possibilidade de afirmação autoevidente e apodíctica, a partir da compreensão do que é a própria intuição doadora de sentido.²⁶

Sobre os métodos utilizados pela Psicologia Experimental se destacam aqueles que buscam “neutralizar” qualquer participação do experimentador, tal como observar comportamentos, reações, mensurar ações etc. O método inicial das ditas psicologias experimentais, foi o muito utilizado e mesmo controverso método da introspecção. Tal método é caracterizado pela descrição autodeclarada das experiências dos fenômenos estudados. As declarações podem vir tanto do sujeito pesquisado quanto do pesquisador e/ou investigador, ou seja, são declarações realizadas tanto em primeira quanto em segunda pessoa. O método da introspecção sempre foi considerado o “calcanhar de Aquiles” do início da Psicologia Experimental, e por isso, os próprios psicólogos experimentais buscavam cada vez mais se afastar dele. Contudo, esse afastamento, por buscar uma pretensa “neutralidade”, eliminava igualmente a possibilidade de uma humanização do próprio conhecimento psicológico e, em última análise, ignorava a única possibilidade de investigação dos fenômenos a partir da própria redução dos atos conscientes daquele que observa esses atos, ou seja, o próprio sujeito cognoscente. E, exatamente por isso, Husserl irá igualmente criticar os intentos dos psicólogos experimentais de se afastarem daquele método que é o único que mantém a relação direta com o acesso aos fenômenos psicológicos:

A psicologia exata não tem consciência de que isto é aqui uma falta grave, e tanto menos o é quanto mais vigorosamente combate o método da introspecção e quanto mais energia despende para superar as suas deficiências com o método experimental; que é superar as falhas de um método que, como se vê, não é de forma alguma

hondamente entendidos y valorados de manera definitivamente científica. (Husserl, 2009, p. 29, Hua XXV, <303>)

²⁶ Assunto, este, o qual ainda não é desenvolvido neste texto analisado, mas será um tema a ser abordado no 3º capítulo desta tese.

questionado sobre o que deve ser alcançado neste ponto (Husserl, 2009, p. 29, Hua XXV, <303>)²⁷

Apesar de, aparentemente, Husserl não descrever ou se referir ao método da introspecção em outros textos sobre o tema, a novidade não é exatamente uma surpresa, visto que toda a Fenomenologia e seus achados poderiam ser rapidamente reduzidos, questionados e criticados a partir da constatação de que não passam de "mera introspecção". Porém, o que Husserl mostra é o exato contrário: a Psicologia tem muito a perder, por não querer se aprofundar e melhor desenvolver a introspecção. E mais ainda, tem muito a perder se não conseguir defender o uso da introspecção como o único método realmente válido para o estudo do objeto que pretende estudar, a subjetividade. A introspecção não pode ser deixada de lado sob a única justificativa de que não é um método "questionável" e influenciado pela "subjetividade" do pesquisador. É exatamente porque é um método que está todo imerso na subjetividade que ele pode e deve ser considerado o único método realmente adequado para a investigação da subjetividade. Esta é uma defesa radical da introspecção como método privilegiado para o estudo da consciência. Husserl não defende a introspecção ingênu, mas sim uma introspecção rigorosamente metodológica - o que será precisamente a redução fenomenológica. Se é a partir da própria subjetividade que temos acesso à nossa própria e, de outra forma, à subjetividade do outro, é então a partir da melhoria do método da introspecção que devemos buscar o início de uma Psicologia que se pretenda a alcançar sua teleologia, seu "destino", a saber, a ciência que conseguirá objetivar a subjetividade. E, para Husserl, não há outra forma senão a partir do desenvolvimento de um método rigoroso capaz de trazer à própria subjetividade a possibilidade de "purificá-la" a partir da análise dos processos imanentes. Essa análise não é outra coisa que as próprias etapas de seu método fenomenológico que, aqui neste texto por ora analisado, é apresentado sobremaneira como o modelo de "Filosofia Rigorosa" por excelência.

Husserl dá sequência à essa análise, e mesmo chega a elogiar alguns outros psicólogos, entre eles Lipps e Stumpf, os quais ele reconhece terem seu mérito por seguirem de forma mais fiel o proponente de uma Psicologia baseada na análise

²⁷ La psicología exacta no tiene conciencia de que se trata aquí de una grave falta, y tanto menos la tiene cuanto con más viveza combate el método de la introspección y más energía emplea en superar las carencias de ésta con el método experimental; lo cual es superar las faltas de un método que, como puede comprobarse, no entra en cuestión en absoluto a propósito, de lo que hay que lograr en este punto. (Husserl, 2009, p. 29, Hua XXV, <303>)

“descritiva das experiências intencionais” (Husserl, 2009, p. 31, Hua XXV, <304>), seu também mestre, Brentano. Estes elogios mostram que a crítica de Husserl não é global à psicologia, mas direcionada especificamente à psicologia experimental naturalista. Ele reconhece a existência de tradições psicológicas mais próximas da fenomenologia. Um elogio digno de nota, uma vez que Husserl reconhece o esforço de alguns poucos psicólogos que não apenas aceitam as críticas, como se destacam por esforçarem-se na tentativa de corresponderem às recomendações de Brentano, especificamente no que se referem à investigação analítica descritiva das vivências intencionais e da importância dessas na construção de uma Psicologia autêntica.

Ainda sobre esta temática, mas mais precisamente sobre a possibilidade da construção teórica da Psicologia, Husserl igualmente critica a ideia de se formar uma ciência partir dos experimentos de laboratórios que, em nome de um "rigor experimental", deixam de lado o "rigor experiencial", deixando de fora toda e qualquer análise destas experiências e como elas se dão à consciência. Sobre este ponto ainda, Husserl irá prosseguir sua crítica às análises de alguns fenômenos psíquicos, sua categorização, sem nem ao menos conseguir descrever quais são esses fenômenos:

Ao descrever, usamos as palavras percepção, memória, representação de fantasia, afirmação, etc. Quanta quantidade de componentes imanentes qualquer uma destas palavras mostra: componentes que lançamos sobre o descrito “ao apreendê-lo”, sem tê-los encontrado analiticamente nele! (Husserl, 2009, p. 35, Hua XXV, <307>, tradução nossa)²⁸

Neste sentido, Husserl irá criticar a posição empirista que diz que todo o conhecimento pode ser reduzido às experiências. Em certa medida, ele acompanha este fundamento, contudo, tal qual acabou de fazer em relação à Psicologia, aqui também critica a ideia de que não se pode falar de experiência, de percepção, recordação, memória ou fantasia, sem saber do que tratam essas coisas e quais são, em essência, suas características. E, mais ainda, como se dão, na consciência, tais percepções, memórias ou experiências. Apenas um método que investigue a essência destes atos da consciência e consiga descrevê-los de forma “pura” e indubitável estaria apto para

²⁸ Al describir, utilizamos las palabras percepción, recuerdo, representación de la fantasía, afirmación, etc. ¡Qué cantidad de componentes inmanentes muestra cualquiera de estas palabras: componentes que nosotros lanzamos sobre lo descrito «al aprehender-inmanentes muestra cualquiera de estas palabras: componentes que nosotros lanzamos sobre lo descrito «al aprehender lo», sin haberlos encontrado en él analíticamente! (Husserl, 2009, p. 35, Hua XXV, <307>)

fundamentar a própria teoria psicológica. Eis aí o campo da própria Fenomenologia, a descrição destas estruturas e de suas relações.

Mas pode uma psicologia reivindicar “exatidão” que deixa os conceitos que determinam seus objetos estabelecidos de forma não científica ou elaborados metodicamente? [...] A psicologia contemporânea não quer mais ser uma ciência da “alma”, mas dos “fenômenos psíquicos”. Se é isso que você deseja, você deve ser capaz de descrever e determinar esses fenômenos com rigor conceitual. Você deve se apropriar dos conceitos rigorosos necessários ao trabalhar com um método. Onde é feito esse trabalho com método na psicologia “exata”? Em vão o procuraremos em sua imensa bibliografia. (Husserl, 2009, p. 35-36, Hua XXV, <307>, tradução nossa)²⁹

Vale o comentário sobre este trecho sobre como a ideia de um "estudo da alma" pode ser substituído por estudo dos "fenômenos psíquicos". Pois, se o que aqui se trata é, exatamente, a clarificação de conceitos, também o conceito de alma pode e deve ser atualizado, se for o caso de ser mantido. Esta crítica mantém sua atualidade: a psicologia continua a lutar com a definição precisa de seus conceitos fundamentais. Husserl aponta para a necessidade de um trabalho conceitual que preceda a investigação experimental. Ainda sobre os psicólogos experimentais, Husserl continua sua análise crítica aos limites de seus métodos:

Eles [os psicólogos experimentais] não devem as razões do seu comportamento a nenhuma revelação, mas sim ao fato de terem se aprofundado no significado das próprias experiências ou, correlativamente, no significado do “ser” que nelas ocorre. Pois, embora “seja dado”, na experiência “vaga” só é dado “de forma confusa”; Portanto, surge a questão de saber o que realmente é, como deve ser determinado de uma forma objetivamente válida. Como, isto é: através de quais “experiências” melhores (e como elas ainda poderiam ser melhoradas); por qual método. (Husserl, 2009, Hua XXV, p. 36, <308>)³⁰

²⁹ Pero ¿puede pretender «exactitud» una psicología que deja sin fijar científicamente ni elaborar con método los conceptos que determinan sus objetos? [...] La psicología contemporánea ya no quiere ser ciencia del «alma» sino de los «fenómenos psíquicos». Si es esto lo que quiere, ha de poder describir y determinar estos fenómenos con rigor conceptual. Tiene que apropiarse de los conceptos rigurosos que necesita trabajando con método. ¿Dónde está realizado este trabajo con método en la psicología «exacta»? En vano lo buscaremos en su inmensa bibliografía. (Husserl, 2009, p. 35-36, Hua XXV, <307>)

³⁰ No deben a ninguna revelación los motivos de su proceder, sino a que han profundizado en el sentido de las experiencias mismas o, correlativamente, en el sentido del «ser» que en ellas se da. Ya que, aunque «se da», en la experiencia «vaga» sólo se da «confusamente»; por lo que se impone la pregunta de cómo sea realmente, de cómo haya que determinar lo de modo objetivamente válido. Cómo, es decir: mediante qué «experiencias» mejores (y cómo se las podría aún mejorar); mediante qué método. (Husserl, 2009, Hua XXB, p. 36, <308>)

Esta crítica de Husserl demonstra como ele acredita que os psicólogos experimentais podem até mesmo obter avanços, mas quando o fazem, é porque intuem algumas categorias eidéticas a partir de um uso intuitivo da própria fenomenologia e não por meio de um alcance dos próprios experimentos.

Por outro lado, a psicologia, com os seus institutos e os seus aparatos de precisão, com os seus métodos finamente elaborados, sente-se, com razão, acima do nível de conhecimento empírico ingênuo sobre a alma que existiu em tempos passados. Por outro lado, não deixaram faltar reflexões metodológicas cuidadosas e sempre renovadas. Como poderiam perder o que é, em princípio, o mais essencial de tudo? Como poderiam escapar de dar necessariamente aos seus conceitos puramente psicológicos - dos quais não podem prescindir - um conteúdo que não é simplesmente extraído do que é realmente dado na experiência, mas que lhe é aplicado? Como poderiam ter escapado de que, inevitavelmente, tão logo se aproxima do significado do psíquico, realiza a análise desses conteúdos conceituais e reconhece como válidas muitas outras relações fenomenológicas que aplica à experiência, mas que, no que diz respeito à experiência, são a priori? Como poderiam ter esquecido que os pressupostos do método experimental, na medida em que quer tornar o conhecimento verdadeiramente psicológico, não podem ser fundados por eles mesmos, e que seu procedimento é fundamentalmente diferente do da física, porque esta última, justamente, desconecta o fenomenal em princípio para buscar a natureza que nele está exposta, enquanto a psicologia desejava ser, em vez disso, uma ciência dos próprios fenômenos? (Husserl, 2009, p. 37, Hua XXV, <308-309>, tradução nossa)³¹

Tais perguntas, em forma de crítica, apontam sobremaneira para aquilo que Husserl insistentemente aponta como sendo o vazio apresentado pela Psicologia Experimental, vazio o qual apenas uma reflexão fenomenológica seria capaz de preencher. Husserl inclusive aponta que para algumas análises, é perfeitamente possível compreender que os psicólogos se utilizam de reduções comparáveis a da

³¹ En cambio, la psicología, con sus institutos y sus aparatos de precisión, con sus métodos tan sutilmente tramados, se siente, con razón, por encima del nivel del conocimiento empírico ingenuo acerca del alma que había en épocas pasadas. Por otra parte, no ha dejado que le faltaran cuidadosas y siempre renovadas reflexiones metodológicas. ¿Cómo pudo escaparse lo que por principio es lo más esencial de todo? ¿Cómo pudo escaparse que necesariamente da a sus conceptos puramente psicológicos —de los que no puede prescindir— un contenido que no está tomado sencillamente de lo que se da de modo efectivo en la experiencia, sino que está aplicado a ello? ¿Cómo pudo escaparse que, indefectiblemente, en cuanto se aproxima al sentido de lo psíquico, realiza análisis de esos contenidos conceptuales y reconoce por válidas otras tantas relaciones fenomenológicas que aplica a la experiencia pero que, respecto de la experiencia, son a priori? ¿Cómo pudo escapársele que los supuestos del método experimental, en la medida en que éste quiere rendir conocimiento realmente psicológico, no pueden ser fundamentados por él mismo, y que su proceder se diferencia cardinalmente del de la física, por cuanto ésta, justamente, desconecta por principio lo fenoménico para buscar la naturaleza que en él se expone, mientras que la psicología deseaba ser, en cambio, ciencia de los fenómenos mismos? (Husserl, 2009, p. 37, Hua XXV, <308-309>)

Fenomenologia, contudo, por outro lado, assumem como “dadas” (“a priori”) determinadas categorias que nem sequer são questionadas; muito menos são analisadas e descritas da forma devida e necessária para uma ciência do psíquico.

Posto de outra maneira Husserl aqui coloca o absurdo que é a Psicologia buscar como referência de método o método das ciências exatas, como as da Física, pois que seu objeto não é tangível, mensurável ou mesmo acessado do mesmo modo. Apenas um método que acessa de forma rigorosa o objeto da ciência psicológica é que pode dele falar, a ele descrever e a ele "mensurar", nas suas várias formas possíveis de apresentação

Nas suas laboriosas e muitas vezes muito perspicazes considerações sobre a possibilidade de experiências psicofísicas, ao conceber os protocolos das suas experiências, construir aparelhos muito delicados, procurar possíveis fontes de erro, etc., ele [os psicólogos experimentais] omitiu aprofundar-se na questão de como, pois que método pode trazer do estado de confusão para o de clareza e validade objetiva aqueles conceitos que entram essencialmente nos julgamentos psicológicos. (Husserl, 2009, p. 38, Hua XXV, <309>, tradução nossa)³².

Aqui, a Fenomenologia é subentendida como aquela que poderá trazer uma maior clareza ao método experimental e, principalmente, auxiliar a sanar “erros” que poderiam ser corrigidos, uma vez que determinadas categorias, ou evidenciações de regularidades poderiam ser obtidas, não experimentalmente, mas reflexivamente, através das reduções fenomenológicas e eidéticas.

Será que podemos afirmar, com algum grau de certeza, ao final, que o que Husserl defende é todo um novo paradigma científico, no qual o papel da psicologia é preponderante? Explico-me: se a crítica a psicologia sugere a necessidade de uma fundamentação desta ciência que negue o naturalismo, ou seja, que aponte que para se estudar os fenômenos psíquicos é necessário encontrar um grau de certeza que não é dado pela realidade – e, portanto, pela rigidez dos experimentos e de suas mensurações – mas que é dado, isso sim, pela evidenciação do ego transcendental, do ego cognoscente, o qual é o único, em última instância que confere veracidade às ciências

³² En sus laboriosas y a menudo agudísimas consideraciones sobre la posibilidad de los experimentos psicofísicos, mientras proyecta los protocolos de sus experimentos, construye aparatos delicadísimos, va a la caza de posibles fuentes de error, etc., ha omitido profundizar en la cuestión de cómo, por qué método, quepa traer del estado de confusión al de claridad y validez objetiva aquellos conceptos que entran esencialmente en los juicios psicológicos. (Husserl, 2009, p. 38, Hua XXV, <309>).

todas, em geral, então, a Psicologia, como uma ciência que descreve o puro psíquico, é condição necessária para todo e qualquer conhecimento.

Em última análise, a descrição de “como conhecemos”, a partir de um ponto de vista psicológico, e, em profundidade, através de um ponto de vista fenomenológico, é o que sustenta toda a possibilidade de conhecimento e, portanto, ciência. Tal paradigma, pudemos supor, seria um novo tipo bem específico de psicologismo, um “neopsicologismo”, ou, em termos fenomenológicos, um psicologismo fenomenológico. Obviamente, que se trata igualmente de um tipo de idealismo, mas que não carrega consigo a negação da experiência, mas a fundamentação desta e a descrição incansável desta a partir de uma análise minuciosa da própria experiência que, tem por finalidade, revelar o ego transcendental que possibilitou sua própria existência.

Esta análise detalhada de "Filosofia como Ciência de Rigor" mostra a consistência e profundidade da crítica husserliana à psicologia experimental de seu tempo. Husserl não se limita a uma rejeição global, mas oferece uma crítica interna que aponta tanto as contradições fundamentais quanto o caminho para sua superação através de uma relação de complementaridade com a fenomenologia. A obra estabelece as bases para o desenvolvimento posterior da psicologia fenomenológica, mostrando que a crise da psicologia como ciência só pode ser resolvida através de uma fundamentação filosófica rigorosa.

2.4 ANÁLISE DA OBRA “IDEIAS PARA UMA FENOMENOLOGIA PURA E PARA UMA FILOSOFIA FENOMENOLÓGICA” DE 1913

O título do terceiro volume das “*Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*”, é o que se segue: “Fenomenologia e os fundamentos das ciências” (também conhecido como *Ideias III*). Contudo, conforme buscaremos demonstrar, e conforme avançamos na leitura do próprio texto, poderíamos sugerir que ele seria mais bem intitulado “Fenomenologia e os fundamentos da Psicologia”. Ao longo da nossa análise deste texto, exporemos os motivos que nos levam a cogitar a mudança, não apenas do título do terceiro volume, mas uma reinterpretação da relação entre Fenomenologia e Psicologia, na qual a primeira se revela como o projeto central de uma Psicologia Teórica, ou seja, uma disciplina de fundamentação que define o objeto, o método e as categorias do psíquico antes de qualquer investigação empírica.

O texto que nós propomos aqui analisar foi escrito originalmente juntamente com a primeira edição de *Ideias* (também chamado de Ideias I) no ano de 1912. Contudo, sua publicação se deu apenas postumamente, de forma que sua veiculação e conhecimento ainda em vida de Husserl foi limitada. Vale ressaltar que, conforme analisamos no capítulo anterior, o ano de 1912 foi marcado por diversas disputas institucionais entre filósofos e psicólogos, onde Husserl se destacou. A “Querela da Cátedra” ocorre neste mesmo exato ano. Algumas críticas à Psicologia estão pujantes e nítidas nas páginas de *Ideias III*, bem como a própria descrição do que Husserl idealiza para a Psicologia e sua fundamentação na própria Fenomenologia. Diferente do que ocorreu no texto da “Filosofia como Ciência Rigorosa” de 1911, aqui Husserl não desenvolve tanto argumentos críticos à Psicologia - muito embora também não o deixe de fazê-lo por vezes. Husserl coloca em *Ideias III* a possibilidade de fundamentação teórica e filosófica da Psicologia de maneira mais propositiva e positiva, o que torna o texto fundamental ao nosso propósito de discutir a relação epistemológica entre a Fenomenologia e a Psicologia. Diferente do que ocorreu no texto da “Filosofia como Ciência Rigorosa” de 1911, aqui Husserl desenvolve de maneira mais propositiva a fundamentação teórica da Psicologia. Isso torna o texto fundamental para nosso propósito, pois é aqui que Husserl opera de forma mais clara como um teórico da psicologia. Ele não se limita a criticar a psicologia empírica; ele esboça os lineamentos de uma Psicologia Teórica de base fenomenológica, cuja função é estabelecer, a priori, a essência do objeto psíquico, definindo assim as condições de possibilidade para qualquer psicologia empírica que aspire ao rigor. Isso é imprescindível, tanto na visão husserliana quanto na nossa, para a adequada fundamentação teórica e epistemológica do objeto *sui generis* da Psicologia.

Para dar início a nossa análise do texto de *Ideias III*, propomos apresentar um breve “resumo” do próprio tradutor, na introdução da versão traduzida para o inglês. Na citação abaixo, o tradutor busca destacar os principais temas que Husserl desenvolverá neste texto. Vale informar que o termo “PFS” utilizado na citação é uma escolha do tradutor, que decidiu abreviar os termos em inglês “Phenomenology and the Foundations of the Sciences”.

A linha de pensamento do PFS começa com as diferentes regiões da realidade: coisas materiais, organismos animados e psiques ou egos psíquicos. Cada um é um tipo distinto de objeto experimentado, correlacionado a priori com uma maneira típica de experimentar. Da correlação a priori surge em cada caso uma ciência distinta ou família de ciências. Este é o primeiro estágio da redução a fundamentos. Do

primeiro e do terceiro surgem a ciência física e a psicologia. Não há dificuldade em seguir Husserl aqui, mas da segunda correlação da ciência da somatologia é dito surgir, e não conhecemos nenhuma ciência como tal. (Husserl, 1980, p. viii, tradução nossa)³³

A dificuldade do tradutor evidencia justamente a ausência, em seu horizonte, da noção de uma Psicologia Teórica. O que ele identifica como uma 'ciência de organismos animados' é, na verdade, a proposta husseriana de uma ciência eidética do psíquico – o próprio cerne de uma Psicologia Teórica. Esta não é uma ciência factual sobre organismos, mas uma disciplina de fundamentação que busca revelar as estruturas conceituais e necessárias da consciência, que por sua vez servem de norma para a ciência psicológica empírica. Esta é uma atividade tipicamente teórica, ou seja, isolar e definir as categorias fundamentais de um domínio. Segundo esta interpretação que aqui defendemos, é perfeitamente adequado - e buscaremos justificar esse juízo na sequência - que a Fenomenologia seja entendida (se não na totalidade, ao menos em partes) como a ciência que revela as estruturas formadoras da consciência e de seus atos, incluindo os atos que são alvos da ciência psicológica.

Em seguida o próprio tradutor, ainda na introdução, destaca o importante papel do objetivo de Husserl de descrever de forma rigorosa a forma como as sensações se revelam à experiência: "Sua solução para as relações das outras ciências entre si em termos do papel das sensações pode ser a pista para a solução deste problema ou pode ser o problema que o bloqueia (Husserl, 1980, p. viii, tradução nossa)".³⁴

Seguindo comentando o tradutor, é importante ressaltar que o problema aqui se trata de uma aparente dificuldade em compreender como Husserl categoriza as demais ciências dentro de sua proposta epistemológica fenomenologicamente embasada. As ciências "humanas" e ciências "naturais", não são distintas por sua raiz epistemológica. Conforme buscaremos ressaltar, ambos os tipos de ciências estão fundamentados pelos mesmos axiomas essenciais, a "visão das essências". Dito de outra forma, o que o

³³ The train of thought of PFS begins with the different regions of reality: material things, animate organisms, and psyches or psychic egos. Each is a distinct type of experienced object, correlated apriori with a typical way of experiencing. Out of a priori correlation arises in each case a distinct science or family of sciences. This is the first stage of reduction to foundations. Out of the first and third arise physical science and psychology. There is no difficulty in following Husserl here, but out of the second correlation of the science of somatology is said to arise, and we know of no such science as such. (Ideias III, introdução, p. viii)

³⁴ His solution to the relations of the other sciences to each other in terms of the role of sensations may be the clue to this problem's solution or it may be the problem blocking one. (Husserl, 1980, p. viii).

tradutor e escritor desta introdução não consegue compreender é que, em um sentido fenomenológico, apenas a partir de uma redução eidética seria possível compreender a fundamentação das ciências em um mesmo ponto basilar, a própria lógica pura, acessível somente através da redução ao ego transcendental.

A seguir o próprio autor da introdução busca diminuir a ênfase dada por Husserl a relação entre a Fenomenologia e a Psicologia, propondo que o texto central desta obra, o capítulo dois, intitulado “As relações entre a Fenomenologia e a Psicologia”, não deveria ser interpretado como uma análise exclusiva:

O título do segundo capítulo parece indicar um estreitamento do foco para uma das ciências, a psicologia, e grande parte do capítulo é dedicada a várias psicologias. No entanto, a linha de pensamento não abandona completamente as outras ciências aqui. O problema que orienta as análises é o da relação das ciências com suas ontologias e, em menor extensão, suas lógicas. Essas são ciências eidéticas e, até certo ponto, são fundamentais para as ciências empíricas. Assim como “sensação” é a chave para as soluções de Husserl para os problemas das relações das regiões e suas ciências entre si, aqui a chave são os diferentes sentidos e usos de “descrição”. (Husserl, 1980, p. viii, tradução nossa)³⁵

Aqui, mais uma vez, o tradutor ou parece negligenciar o histórico envolvendo a fenomenologia husserliana e a psicologia, ou demonstra uma tentativa de não dar ênfase que Husserl confere à Psicologia. Muito embora Husserl busque expandir as possíveis associações de sua Fenomenologia às outras ciências, principalmente às outras ciências humanas, é inegável que ele deu especial atenção à relação entre a Fenomenologia e Psicologia, não apenas de maneira a conferir exemplos, mas demonstrando, em diversos momentos, a relação intrínseca e necessária que ele gostaria de estabelecer entre a possibilidade da fundamentação filosófica e teórica da Psicologia a partir de sua Fenomenologia. Portanto, neste sentido, o que Husserl busca realizar não é apenas utilizar a Psicologia como um "exemplo" a ser colocado para que ele desenvolva a sua teoria. Ao contrário, a Psicologia é exatamente o exemplo único no qual Husserl é capaz de demonstrar como sua Fenomenologia é capaz de fundamentar eideticamente todo um

³⁵ The title of the second chapter seems to indicate a narrowing of focus to one of the sciences, psychology, and much of the chapter is devoted to several psychologies. Nevertheless, the train of thought does not completely abandon the other sciences here. The problem guiding the analyses is that of the relation of the sciences to their ontologies, and to a lesser extent their logics. These are eidetic sciences and to an extent they are foundational for the empirical sciences. Just as “sensation” is the key to Husserl’s solutions to the problems of the relations of the regions and their sciences to each other, so here the key is the different senses and uses of “description. (Husserl, 1980, p. viii)

ramo das ciências, as Ciências do Espírito, a partir da fundamentação eidética da Psicologia, como um novo paradigma.

Ainda sobre a edição do texto de *Ideias III*, o tradutor menciona que na publicação do primeiro volume (*Ideias I*) em 1913, na sua introdução, Husserl já havia destacado que um novo volume estaria sendo preparado e que este abordaria, exclusivamente, os exemplos das formulações sistemáticas colocadas naquele primeiro volume:

Posteriormente, em meados de abril de 1913, apareceu na Introdução à edição alemã do primeiro livro das Ideias o anúncio de um segundo livro, que “abordaria, de forma completa, alguns grupos particularmente importantes de problemas cuja formulação sistemática e solução típica é a pré-condição para a possibilidade de esclarecer a difícil relação da fenomenologia com as ciências físicas, com a psicologia e com o sociocultural [*Geisteswissenschaften*] e, por outro lado, com todas as ciências *a priori*. (Husserl, 1980, p. xvii, tradução nossa)³⁶

Ao que nos consta, essa é a única menção, em vida, que Husserl faz do texto das *Ideias II* e *III* (ao menos em uma de suas publicações). Aqui ele deixa claro que o tema desse "segundo livro" abordaria, exatamente, a "difícil relação" entre as ciências naturais, as Ciências do Espírito, Psicologia e a sua Fenomenologia. Essa é a exata ênfase que estamos buscando destacar, quando dissemos que a Psicologia não é apenas uma das ciências à qual Husserl se dedica para exemplificar sua Fenomenologia, antes, a Psicologia é a ciência modelo, por excelência, com a qual estabelece o nexo necessário e essencial entre a Fenomenologia e as demais ciências do espírito. Conforme apresentaremos mais tarde, é a partir desta relação específica entre a Fenomenologia e a Psicologia que será possível compreender o ideário da fundamentação fenomenológica sistemática para as ciências como um todo.

Como curiosidade, apesar de Husserl ter anunciado o texto dos volumes II e III de *Ideias*, durante sua vida eles foram tratados apenas como manuscritos. Sua organização póstuma, infelizmente, não contou com a revisão do próprio Husserl, o que, por um lado, demonstra talvez de forma mais visceral quais eram suas principais ideias

³⁶ Thereafter, in the middle of April 1913, there appeared in the Introduction to the German edition of the first book of the Ideas the announcement of a second book, that “would deal, in a thorough manner, with some particularly important groups of problems whose systematic formulation and typical solution is the pre-condition for the possibility of clarifying the difficult relationship of phenomenology to the physical sciences, to psychology and the socio-cultural [*Geisteswissenschaften*] and, on the other hand, to all of the *a priori* sciences. (Husserl, 1980, p. xvii)

e argumentos referentes à relação entre a Fenomenologia e a Psicologia ali expostas. Segundo ainda o autor da introdução:

Eles [os manuscritos] foram colocados de lado com a nota (escrita a lápis azul) “Ideias III”. Em 1924/25, Ludwig Landgrebe rascunhou um texto digitado que, sob o título “Ideias III: A Parte da Teoria da Ciência”, representava uma cópia do manuscrito original a lápis de 1912 (pp. “16-45”). Husserl submeteu esta versão digitada de 1924/25 junto com “Material Suplementar Espírito Público I e II”, que era destinado à seção principal sobre “A Constituição do Mundo Espiritual”, como uma parte ainda a ser retrabalhada e não como um livro real. Os títulos e divisões dos parágrafos foram assumidos por Landgrebe da “primeira elaboração” de Stein. (Husserl, 1980, p. xviii, tradução nossa)³⁷

Estes relatos sobre o texto de *Ideias III* demonstra que este foi escrito já logo após a escrita de *Ideias I* - e, até de certo modo, ao mesmo tempo - o que corrobora a hipótese de que este texto pertence não só ao mesmo tempo em que o texto de *Ideias I* foi escrito, mas tem uma íntima relação com aquele, não sendo, portanto, possível distinguir um de outro, a não ser por questões que envolveram interesses e, provavelmente, prioridades que foram exigidas naquele momento. Portanto, embora não seja alvo desta nossa análise, a saber, não iremos nos deter em uma descrição pormenorizada do texto completo de *Ideias*, é necessário saber que uma de suas mais importantes obras, considerada como um “ponto de virada” em sua Fenomenologia, tem aqui seu ápice e sua demonstração, em um texto que ficou durante muito tempo oculto e até mesmo esquecido de vários comentadores de Husserl, e que, agora, de forma inédita em língua portuguesa, nos propomos a analisar.³⁸

Husserl inicia o texto de *Ideias III* buscando caracterizar e diferenciar o conceito de sensação, já em uma perspectiva fenomenológica. Nesse sentido, ele busca, desde o início, demonstrar que a perspectiva fenomenológica traz novidades à compreensão das ciências naturais, principalmente ao indicar, na própria sensação enquanto tal, o componente egológico, ou seja, quem sente e como sente, como determinante para compreendê-la enquanto tal. A primeira grande questão colocada por

³⁷ They were set aside with the note (written in blue pencil) “Ideas III.” In 1924/25 Ludwig Landgrebe drafted a typed text which, under the title “Ideas III: The Theory of Science’s Part,” represented a copy of the original pencil manuscript of 1912 (pp. “16”- 45”). Husserl submitted this 1924/25 typed version together with “Supplementary Material Public Spirit I and II,” which was intended for the main section concerning “The Constitution of the Spiritual World,” as a part still to be re-worked and not as an actual book. The paragraph titles and divisions were taken over by Landgrebe from Stein’s “first elaboration.” (Husserl, 1980, p. xviii)

³⁸ Muito embora o texto de *Ideias III* já tenha sido abordado por Peres (2014), ainda ali foi realizado de forma incipiente. Aqui buscamos uma análise mais detalhada da obra.

Husserl é que o fenômeno de sentir denota ao mesmo tempo aquilo que é sentido e quem sente. Em uma mesma descrição, feita na atitude natural, passaria despercebida a diferença entre aquilo que se descreve, do próprio ato de sentir algo, ou seja, a experiência enquanto tal. Seguindo o próprio Husserl:

Percebemos o organismo animado, mas junto com ele também as coisas que são percebidas “por meio” do organismo animado nos modos de sua aparência em cada caso, e junto com isso também estamos conscientes de nós mesmos como seres humanos e como Egos que percebem tais coisas por meio do organismo animado. O organismo animado, apreendido como organismo animado, tem seu estrato de localização de sentimentos táteis, mas tocamos essa coisa aqui, “sentimos” o contato de nossas roupas, etc. Daí a ambiguidade de “sentir”. O organismo animado sente, e isso diz respeito ao que é localizado. Por meio dele, “sentimos” coisas; aqui, “sentir” é a percepção de coisas espaciais, e somos nós que, ao perceber, dirigimos nossa consideração intelectual para a coisa, e esse organismo animado é nosso organismo animado. (Husserl, 1980, p. 9, Hua V, <10-11>, tradução nossa)³⁹

A fenomenologia "incomum" aqui tratada é a necessidade de se compreender como um ato único o ato de perceber e o percebido, ao mesmo tempo em que o "percebente", no caso, o próprio Ego, como alvo da análise. Aquilo que possibilita a apreensão da percepção, a própria ação, retorna como forma de autoapreensão de si mesmo. Husserl já demonstra, mesmo que de forma incipiente, a grande diferenciação que sua Fenomenologia proporá, ao evidenciar o caráter intencional dos atos sensoriais. Em outras palavras, em uma perspectiva fenomenológica, ao se analisar as sensações, por exemplo, o calor, ou o frio, há diferença entre aquilo que é sentido, a descrição da sensação em si, e a própria experiência em si e o modo único daquela experiência pelo sujeito. Sentir que uma superfície metálica está quente ao toque da mão é diferente de tomar consciência desta superfície e de sua característica específica, o seu calor. Sensação e consciência da sensação, apesar de serem considerados atos contínuos, ou em uma perspectiva da atitude natural, como se fossem o mesmo ato, são considerados pela Fenomenologia como partes distintas de uma mesma experiência. Sem precisar

³⁹ We perceive the animate organism but along with it also the things that are perceived “by means of” the animate organism in the modes of their appearance in each case, and along with this we are also conscious of ourselves as human beings and as Egos that perceive such things by means of the animate organism. The animate organism, apprehended as animate organism, has its localization-stratum of factual feelings, but we touch this thing here, we “sense” the contact of our clothing, etc. Hence the ambiguity of “to sense.” The animate organism senses, and this concerns what is localized. Through it we “sense” things; here, “sensing” is the perceiving of spatial things, and it is we who, in perceiving, have directed our intellectual regard at the thing, and this animate organism is our animate organism. (Husserl, 1980, p. 9, Hua V, <10-11>)

aprofundar a temática aqui neste momento, o que Husserl busca evidenciar, no princípio desta obra, já demarca a diferença entre uma perspectiva que busca não apenas descrever as sensações enquanto tais, mas principalmente, a descrição daquilo que possibilita a conscientização desses atos e, consequentemente, a capacidade de teorização destes.

Husserl busca, desde esse ponto, já diferenciar os domínios de ciências tidas, naquele momento, como próximas, principalmente a ideia de que a Psicologia poderia ser considerada um tipo de “Fisiologia aplicada”. A Psicologia, conforme buscará defender Husserl, deve tratar de fenômenos psíquicos cujas substâncias não são de ordem material, mas essencialmente psíquicas e, portanto, acessadas não por meio de medidas ou instrumentos, mas apenas e tão somente pela consciência enquanto tal.

Exemplificando de maneira mais explícita por meio de uma passagem do texto analisado, Husserl busca clarificar o termo do uso “psicológico” ao assemelhá-lo com o conceito de “somatológico”. De forma a deixar clara a diferença do “fato” que gera a sensação da própria sensação em si e dos desdobramentos da sensação no âmbito estritamente psíquico. Sobre isso, Husserl diz:

Mas se analisarmos fenomenologicamente as interconexões de apreensões, então a estratificação de apreensões, que descrevemos em detalhes, torna-se evidente. E seja corretamente reconhecida reflexivamente ou não, ela domina a experiência teórica e os problemas a serem colocados em seu terreno, na medida em que são problemas corretamente colocados e trabalhados com sucesso, como são em todas as teorias e ciências genuínas. E a estes pertencem, é claro, a zoologia e especialmente a fisiologia e, por outro lado, a psicologia, tudo isso entendido dentro dos limites adequados. Pois em ambos os lados — e precisamente na esfera do especificamente somatológico, que está aqui em questão — grandes massas de problemas erroneamente colocados não faltam e anexados a eles, teorias de valor correspondente (como, por exemplo, todo o complexo de problemas e teorias colocados sob o título, “origem psicológica das ideias de espaço, de tempo, de coisa física”, está cheio de contrassenso, e especialmente com relação ao que teria que ser

incluído na esfera somatológica). (Husserl, 1980, p. 9-10; Hua V, <11>, tradução nossa)⁴⁰

Husserl aponta, especificamente, um problema ao atribuir "noções psicológicas" de tempo ou espaço, sem a correta descrição destas vivências, e sem a correta separação daquilo que é compreendido como somatologia orgânica (animal ou fisiológica) de uma somatologia psicológica e/ou fenomenológica destas vivências. Ainda aqui, sem entrar na questão propriamente dita, contudo, deixando claro que para ele, Husserl, não é possível misturar as duas formas de se descrever estas vivências, estes dois campos do vivido, a saber, não é possível tratar em 3^a pessoa tais fenômenos do organismo vivido, antes, é necessária uma descrição eidética da própria experiência a fim de esclarecer as interconexões dos tipos de vivências compartilhadas por este "ego transcendental cognoscente". Ou seja, está sempre em questão "como se vivencia" tal experiência, tal sensação, a fim de que se possa descrever e deixar conhecer o âmbito estritamente psicológico e, por consequência, também o âmbito da consciência.

Continua Husserl:

O estrato apreensivo no qual as sensibilidades do organismo animado, e, portanto, o próprio último, são constituídas mostrou-se a nós, por outro lado, como intimamente fundido com aqueles estratos que são constitutivos para a psique e o Ego psíquico, e de fato tão intimamente que a apreensão da psique deve necessariamente tomar para si os estados de sensação do organismo animado. Claro, do ponto de vista da consciência pura, as sensações são a base material indispensável para todos os tipos básicos de noeses; e se a consciência que chamamos de experiência de uma coisa física ou mesmo experiência de um organismo animado contém essencialmente em sua unidade concreta sensações como materiais de apreensão (nas Investigações Lógicas usei a expressão mal compreendida "conteúdos representativos"), como toda consciência entra no Ego psíquico, com relação a circunstâncias reais — se assim for, então é evidente que as mesmas sensações que funcionam na apreensão realizadora da percepção material como conteúdos presentivos para características materiais recebem localização como estados de sensação e fazem a

⁴⁰ But if we analyze phenomenologically the interconnections of apprehensions, then the stratification of apprehensions, that we have described in detail becomes evident. And whether it is correctly recognized reflectively or not, it dominates theoretical experience and the problems to be posed on its ground, to the extent that they are correctly posed and successfully worked out problems, as they are in all genuine theories and genuine sciences. And to these belong, of course, zoology and especially physiology and, on the other hand, psychology, all of this understood within the proper limits. For on both sides — and precisely in the sphere of the specifically somatological, which is here in question — great masses of wrongly posed problems are not lacking and attached to them, theories of corresponding value (as, e.g., the whole complex of problems and theories posed under the heading, "psychological origin of the ideas of space, of time, of physical thing," is full of countersense, and especially with regard to that which would have to be included in the somatological sphere). (Husserl, 1980, p. 9-10; Hua V, <11>)

organicidade animada específica aparecer na nova apreensão realizadora que chamamos de experiência do organismo animado; e terceiro, finalmente, são componentes do psíquico sob o título de estados de percepção do Ego (percepção material e, da mesma forma, experiência do organismo animado) e, portanto, pertencem à psique (ou seja, conjuntos de estados da psique) e correspondentemente à vida do Ego. (Husserl, 1980, p. 10, Hua V, <11>, tradução nossa)⁴¹

Se nossa interpretação sobre este trecho estiver correta, o que basicamente é defendido aqui é que aquela mesma estrutura que ele já havia descrito nas *Investigações Lógicas*, e que propicia a apreensão do vivido em relação ao mundo físico, como as percepções, também se refletem no "Ego psíquico", o qual seria uma região a qual abarcaria as "sensações". Contudo, o que ele aqui coloca é que essas duas regiões, o "Ego percebente" - aqui chamando-o assim para diferenciar do "ego psíquico" - é, na prática, um mesmo com esse ego psíquico, já que o que proporciona a percepção do mundo físico é a mesma estrutura que proporciona a "percepção" do mundo interno, ou seja, das sensações vivenciadas. Assim, portanto, Husserl busca definir estas duas regiões como "unidas" a partir deste Ego psíquico, que consolida as vivências, externas e internas, em um mesmo *locus* e/ou região. Algo que ele aqui comprehende e descreve como região somativa. É importante ressaltar que esta definição, apesar de aparentemente sutil, é extremamente importante para demarcar as regiões nas quais estão fundados os atos analisados pela Psicologia e pela Fenomenologia. Ao propor a diferença entre os estímulos exteriores e a percepção destes na consciência, Husserl busca estabelecer toda uma esfera diferenciada de investigação, a qual não se confunde com a materialidade do mundo, muito embora possa estar com ele relacionado. É importante frisar que o nível de análise que Husserl aqui propõe é substancialmente

⁴¹ The apprehensional stratum in which sensitivities of the animate organism, and therefore the latter itself, are constituted showed itself to us, on the other hand, as intimately fused with those strata that are constitutive for the psyche and the psychic Ego, and indeed so intimately that the apprehension of psyche must necessarily take into itself the sensation states of the animate organism. Of course, from the standpoint of pure consciousness sensations are the indispensable material foundation for all basic sorts of noeses; and if the consciousness that we call experience of a physical thing or even experience of an animate organism essentially contains in its concrete unity sensations as materials of apprehension (in the Logical Investigations I used the misunderstood expression "representative contents"), as every consciousness enters into of the psychic Ego, with relationship to real circumstances — if that is so, then it is evident that the same sensations that function in the realizing apprehension of material perception as presentive contents for material characteristics receive localization as sensation states and make specific animate organicity appear in the new realizing apprehension we call experience of animate organism; and third, finally, they are components of the psychic under the heading of states of perceiving of the Ego (material perceiving and, likewise, experiencing of animate organism) and therefore belong to the psyche (i.e., sets of states of the psyche) and correspondingly to the life of the Ego. (Husserl, 1980, p. 10, Hua V, <11>)

diferente do nível fisiológico ou experimental. O acesso à experiência, entendida aqui como “experiência interna”, ou psíquica, é possível apenas a partir da clarificação da consciência, a qual se dá somente através da própria redução desta experiência através do método fenomenológico. Portanto, por psíquico, é preciso, segundo Husserl, determinar que não se trata de uma consequência apenas da análise de consequências fisiológicas e/ou materiais que afetam o organismo. O que a Psicologia precisa destacar das experiências é a independência do seu objeto de estudo como puramente psíquico e, portanto, acessível de forma completamente diferente da metodologia das ciências da natureza.

De forma mais clara, e objetivando purificar o próprio argumento, Husserl propõe que o objeto da Psicologia deve ser compreendido também como um objeto eidético, e não empírico, ou psíquico apenas. Não se trata de descrever as sensações pura e simples. É necessário compreender que os atos psíquicos são constituídos, necessariamente, do seu componente eidético e, portanto, acessíveis apenas por uma estrutura própria que possibilita o acesso a esses fenômenos psíquicos puramente eidéticos, ou seja, a consciência. Consciência esta, que é sempre bom lembrar, é caracterizada essencialmente pela sua mais fundamental particularidade, ela é sempre intencional; ou seja, é sempre consciência de algo. Husserl, portanto, busca trilhar este caminho no qual quer deixar claro que o fenômeno psíquico possui, também ele, seu caráter eidético, conforme podemos depreender do seguinte trecho da obra em questão:

Pode-se ver tudo isso, pode-se dar a clareza para si mesmo; e quem acompanhou nossas exibições viu conosco. Portanto, não é acidental, mas sim para ser entendido em bases essenciais, se a psicologia, entendida como ciência da psique, também tem a ver com todas as sensações. A questão de como ela tem a ver com elas ou deve ter a ver com elas — isso só pode ser tirado do sentido inerente à “experiência psicológica”, do real psíquico que é constituído nessa nova forma básica de experiência. Temos que examinar essa experiência, para ver como o psíquico é dado sempre que a intenção desse tipo de experiência, encontrando realização unívoca, se efetiva — e isso não factualmente, mas de acordo com a essência. E o mesmo vale em relação à questão geral do que ela tem a ver em geral, o que pertence a ela e em que sentido, e quais princípios de método o sentido desse “o

que” prescreve para ela. (Husserl, 1980, p. 10-11, Hua V, <12>, tradução nossa)⁴²

Assim, Husserl aqui aprofunda a questão de como deve a Psicologia abordar os fenômenos das sensações. As sensações, no sentido fenomenológico aqui descrito por Husserl, devem ser compreendidas na sua forma eidética, através de uma apreensão a partir de uma redução eidética (ou apreensão das essências) e não apenas através de um método experimental ou meramente descritivo. Isso significa dizer que, apenas a Fenomenologia, com seu método de análise rigoroso, será capaz de conferir à Psicologia a validade e a devida fundamentação do seu objeto de estudo. O “real psíquico”, descrito aqui como a experiência em si mesma, é apenas o ponto de partida da análise do fenomenólogo (ou psicólogo fenomenológico), para efetivamente evidenciar tal objeto como um “fato” a ser analisado pela Psicologia. O termo “real”, embora utilizado aqui de uma forma não tão rigorosa - já que por oposição ao real teríamos o próprio “ideal”, ideias opostas estas que o próprio Husserl se utiliza, por exemplo, na Hua IX - pode ser equiparado aos mesmos princípios utilizados pelo sociólogo Durkheim quando buscou definir o objeto da Sociologia como “fato social” (Durkheim, 2001). Por “fato psicológico”, podemos compreender, neste contexto, um conceito que permite a Husserl evidenciar o objeto de estudo próprio da Psicologia e do ideário que ele projeta para esta ciência ao descrever tais fenômenos como substancialmente eidéticos e, portanto, como já dissemos, apenas passíveis de serem investigados a partir do método fenomenológico. Esses juízos captados pela consciência são acessados “não factualmente, mas de acordo com a essência”, segundo o próprio Husserl.

Seguindo nossa análise, nos deparamos com um trecho nesta obra em que Husserl busca explicitamente defender que a Fenomenologia é essencial para a fundamentação da Psicologia. Husserl ainda vai além, ao sustentar que a fundamentação da Psicologia não se encontra nos laboratórios ou por meio dos experimentos. Antes,

⁴² One can see all that, can bring it to clear givenness for oneself; and whoever has followed our exhibitions has seen it with us. Therefore, it is not accidental, but rather to be understood on essential grounds, if psychology, understood as science of the psyche, also has to do with all sensations. The question of how it has to do with them or must have to do with them — that can only be taken from the sense inherent in “psychological experience,” from the psychic-real that is constituted in this new basic form of experience. We have to examine this experience, to see how the psychic is given whenever the intention of this sort of experience, univocally finding fulfillment, effectuates itself — and this not factually, but according to essence. And the same holds regarding the general question of what it has to do with in general, what belongs to it and in what sense, and what principles of method the sense of this “what” prescribes for it. (Husserl, 1980, p. 10-11, Hua V, <12>)

apenas a partir de uma correta interpretação do que significa o papel da Filosofia, enquanto a única disciplina autorizada a elaborar as próprias definições categoriais essenciais para se compreender os fenômenos psíquicos. Apenas assim seria possível compreender o seu projeto para a Psicologia:

Outros podem pensar diferentemente sobre isso e sustentar que é preciso ir aos institutos psicológicos e interrogar os especialistas para se informar sobre a essência da psicologia e seu método, como, de fato, geralmente se encontram convicções correspondentes amplamente disseminadas entre os “especialistas”: entre matemáticos ou investigadores da natureza, por exemplo, que somente um matemático profissional ou um investigador profissional da natureza pode fornecer informações sobre a essência, objetivos e métodos da matemática ou da ciência natural, respectivamente — e assim é em todos os lugares. Não posso discutir com ninguém que julgue o assunto dessa forma, uma vez que ele ainda não chegou ao ponto de entender o que a filosofia, em oposição às ciências não filosóficas, é propriamente sobre — e deve ser sobre. Mas quem entendeu isso sabe que a técnica metodológica não é o interesse e o assunto do filósofo, mas sim do investigador dogmático, da ciência dogmática; que, pelo contrário, a essência fundamental, a ideia de toda ciência de tipo categorial e a ideia do seu método como “sentido” de toda ciência, precede a própria ciência e pode — e deve — ser estabelecida a partir da essência própria da ideia da sua objetividade, que determina o seu dogma, isto é, pode ser estabelecida a priori. (Husserl, 1980, p. 11, Hua V, <12-13>, tradução nossa)⁴³

Husserl aqui deixa claro que parte de seu esforço - senão todo ele - é o de garantir que o que ele está discutindo sobre a necessidade da descrição das essências dos fenômenos dito psíquicos, tais como as sensações, são necessários para todos aqueles que se dizem psicólogos. Em específico, irá dizer sobre a psicologia institucionalizada e que aqueles que se dizem "psicólogos experimentais", grosso modo, não são capazes de descrever nem fornecer informações sobre "a essência, os objetivos e os métodos" mais adequados para o estudo das sensações e demais fenômenos do ego

⁴³ Others might think differently about this and maintain that one must go to the psychological institutes and interrogate the experts in order to inform oneself about the essence of psychology and its method, as, indeed, one generally finds corresponding convictions widely disseminated among the “experts” : among mathematicians or investigators of nature, e.g., that only a professional mathematician or a professional investigator of nature can provide information about the essence, goals, and methods of mathematics or natural science, respectively — and so it is everywhere. I cannot dispute with anyone so judging the matter, since he has not yet reached the point of understanding what philosophy, as opposed to non-philosophical sciences, is properly about — and must be about. But whoever has understood this knows that methodological technique is not the interest and affair of the philosopher, but rather of the dogmatic investigator, of dogmatic science; that, on the contrary, the fundamental essence, the idea of every science of a categorial type and the idea of its method as the “sense” of every science, precedes the science itself and can — and must — be established from the proper essence of the idea of its objectivity, which determines its dogma, that is to say, can be established apriori. (Husserl, 1980, p. 11, Hua V, <12-13>)

psíquico e, portanto, da própria natureza do objeto psíquico. Para nosso objetivo de compreender o projeto husserliano da Fenomenologia como uma Psicologia Teórica, este trecho acima citado, indica o quanto ocupado estava Husserl das questões de fundamentação da Psicologia. Em especial, se ocupava da relação entre a necessidade das evidenciações dos constructos psíquicos a partir de sua análise eidética, ou seja, que não se deve apenas descrever de forma experimental os fatos psíquicos, mas, antes, deve-se descrevê-lo e, portanto, acessá-los de forma fenomenológica, a partir da própria redução do fenômeno ao seu caráter essencial, categorial e, portanto, cognoscitivo. Somente a partir daí, em uma visão fenomenológica, seria possível se constituir uma autêntica ciência psicológica.

De forma ainda mais explícita, Husserl busca determinar a relevância do filósofo - e, neste caso, também do fenomenólogo - em determinar quais são as essências dos “fatos psíquicos” e de como tal tarefa não compete ao psicólogo experimental:

Para compreender a “essência” do número, para esclarecer o conceito básico da aritmética e entender as fontes fundamentais de sua metodologia, nenhuma teoria de equações integrais nem quaisquer reflexões sobre tais teorias podem nos instruir; para isso, nem precisamos conhecer as tabuadas de multiplicação. Esclarecer ou determinar cientificamente a essência da psique e, com isso, os possíveis objetivos e métodos (na universalidade fundamental) não é tarefa do técnico psicológico, ou seja, do psicólogo, mas sim do filósofo. (Husserl, 1980, p. 11, Hua V, <13>, tradução nossa)⁴⁴

Husserl se utiliza mais uma vez do paralelo entre a fundamentação da matemática, a qual é necessária como ciência eidética para as demais ciências naturais, mas que encontra, na exata descrição fenomenológica de seus fundamentos, a possibilidade da fundamentação de qualquer intento de conhecimento universalmente válido. Assim, ele coloca algo ímpar ao declarar, de forma muito explícita, que a

⁴⁴ To grasp the “essence” of number, to clarify the basic concept of arithmetic and understand the fundamental sources of its methodology, no theory of integral equations nor any reflections on such theories can instruct us; for that, we do not even need to know the multiplication tables. To clarify or to determine scientifically the essence of the psyche and with the possible goals and methods (in fundamental universality) is not the business of the psychological technician, i.e., the psychologist, but rather of the philosopher.

This holds for all categories of being that lead correlatively back to categorial basic forms of bestowing consciousness. Statements like these: that all scientific method is one and the same; ;that therefore philosophy has to proceed methodologically according to the model of exact science, e.g., mathematics and especially natural science; that philosophy obviously has to lean on special sciences for support, to further process their results - such statements have been repeated so often that they, with all accompanying elucidations, have become completely trivial. The grain of truth that lies in them has not become larger through repetition; on the other hand, the damage caused by the much greater portion of untruth in these distorted statements has become enormous. It threatens to consume German Philosophy. (Husserl, 1980, p. 11-12, Hua V, <13>)

fundamentação dessa ciência eidética, que por sua vez fundamentaria a psicologia, deve ser realizada por um filósofo, e não um psicólogo. Aqui, desta forma posta, deixa explícita a sua discordância tanto teórica, quanto institucional, de que os psicólogos empíricos ou experimentais deveriam substituir ou mesmo se equivaler ao trabalho do filósofo. Estabelece assim a Fenomenologia como fundamento da Psicologia - e não o contrário.

Husserl deixa claro que a senda percorrida pelo fenomenólogo é justamente a necessária fundamentação da ciência psicológica, que opera como "ciência paradigmática" para as ciências do espírito. O que, para nossa tese, apenas corrobora a necessidade de uma volta dos psicólogos para a busca de uma fundamentação fenomenológica da sua própria ciência e a necessária conjunção entre os interesses da fundamentação, por parte dos psicólogos, de sua ciência, através da correta apreensão e utilização do método fenomenológico. Aqui, deixando claro que a tarefa da fundamentação da Psicologia apenas seria possível a partir da apropriação por parte desta do método rigoroso de análise de seus objetos eidéticos. Eis pois, um dos argumentos mais fortes, extraídos do próprio Husserl, para sustentar nossa posição de que é necessário um campo intermediário capaz de tratar de maneira teórica e filosófica a própria Psicologia.

Para exemplificar o que tratamos até aqui, e para colocar de uma maneira mais direta e mesmo "pedagógica" como Husserl aborda a diferenciação entre uma sensação "somática" da sensação psicológica, vale a pena citar aqui o trecho na íntegra em que, para dirimir qualquer dúvida, Husserl descreve de maneira ímpar, a diferenciação e a relação entre tais atos. Essa descrição é importantíssima para marcar o território próprio da Psicologia que, diferentemente da Psicologia Experimental, deverá se ocupar das descrições eidéticas dos fatos psíquicos. Dirá ele:

Se agora olharmos por meio de comparação para a maneira como a sensação funciona na experiência somática, por um lado, e na experiência psicológica, por outro, ou para o que vem à doação com a sensação, uma distinção nítida nos confronta. Nos dois casos, a sensação é apreendida de uma maneira basicamente diferente e, portanto, algo diferente também vem à doação nos dois casos: de um lado, uma sensibilidade do organismo animado, ou um sentimento como comportamento do organismo animado; do outro lado, o sentimento, como aquilo que torna conhecido algo organísmico, não tem nada a ver com a experiência de um estado psíquico; essa apreensão somática não é, digamos, uma parte componente da apreensão do estado psíquico, ou mais precisamente, do estado da percepção de uma coisa física, na qual a sensação funciona como presentiva, ou da apreensão receptiva de uma figura-ficção (da

"figura" pintada) e semelhantes. Nada em tudo isso altera de forma alguma a circunstância de que a apreensão da psique é, em geral, fundada na apreensão do organismo animado. Ambas as apreensões se entrelaçam uma com a outra por meio da dupla função da sensação, que não é apenas uma dupla de fato, mas também é dupla em sua natureza básica; e embora as duas estejam entrelaçadas, nenhuma entra na outra. Isso vale para todas as sensações. Vale também para os sentimentos sensoriais fundados nas sensações primárias, sentimentos esses que, por um lado, manifestam somatologicamente a sensibilidade ao sentimento do organismo animado, enquanto, por outro lado, entram em funções emocionais e não importam para a última nenhuma apreensão somática. (Husserl, 1980, p. 13-14, Hua V, <15>, tradução nossa)⁴⁵

O que Husserl aqui propõe é uma diferenciação importante entre a sensação "física" e uma sensação "psicológica", que não se traduz apenas em relacionar a sensação psicológica com o mundo físico, mas em apreender tal sensação como algo próprio e capaz de auxiliar na própria tomada de consciência de si mesmo. Husserl propõe um campo todo único e ao mesmo tempo essencial e entrelaçado com a percepção exclusiva do mundo natural para uma percepção exclusiva de uma realidade "psíquica" que proporciona a ligação entre aquilo que é sensível daquilo que é tomado como uma autoconsciência de si enquanto percebendo ou ser-sciente. Essa relação tão difícil de ser apreendida – pois está sempre indissociada uma à outra – parece-nos realmente fundamental para compreendermos o que em Husserl se traduz como campo de uma ciência do psíquico. Essa não pode e não deve apenas se ater com aquilo que é vivido no empírico, no factual; mas, ao contrário, faz parte exclusiva de uma Psicologia: a necessária compreensão dos modos únicos e universais de se "perceber o percebido"

⁴⁵ If we now look by way of comparison at the manner in which sensation functions in somatic experience on the one hand and psychological experience on the other, or at what comes to givenness with sensation, a sharp distinction confronts us. In the two cases sensation is apprehended in a basically different way, and therefore something different also comes to givenness in the two cases: on the one side, a sensitivity of the animate organism, or a feeling as behaviour of the animate organism; on the other side, the feeling, as that which makes known something organismic, has nothing to do with the experience of a psychic state; this somatic apprehension is not, say, a component part of the apprehension of the psychic state, or more precisely, of the state of the perception of a physical thing, in which the sensation functions as presentive, or of the receptive apprehension of a picture-figment (of the painted "picture") and the like. Nothing in all of this in any way alters the circumstance that the apprehension of psyche is in general founded in the apprehension of animate organism. Both apprehensions become interwoven with one another through the double function of sensation, which is not only a factually double one but one that is also double in its basic nature; and though the two are interwoven, neither enters into the other. That holds for all sensations. It holds also for the sensory feelings founded in the primary sensations, which feelings on the one hand somatologically manifest feeling-sensitivity of the animate organism, while on the other hand they enter into emotional functions and do not import into the latter any somatic apprehensions. (Husserl, 1980, p. 13-14, Hua V, <15>)

ou ainda, do próprio "aperceber" o mundo de forma a tornar compreensível as formas únicas e universais das formas de vivências e suas regras conexas.

Husserl, ao contrário do que se poderia pensar, não cogitou uma descrição "estática" apenas destas vivências e da descrição dos seus modos ideais. Ele insiste em buscar descrever o modo vivenciado pela consciência como o *locus* primário onde toda a consciência ocorre, e cuja ação, a saber o ato da consciência, é condição necessária para a própria apreensão da vivência em si. Desta forma, a ciência Psicologia não poderá tratar de outro objeto que não as próprias vivências enquanto tais, para, a partir delas, passar a encontrar os nexos inerentes a essas vivências:

É inerente ao sentido da apreensão da psique, ou a apreensão do ser humano, que o ser humano, com relação aos seus estados somáticos e psíquicos, é dependente da coisa material animada-organísmica não apenas em virtude do fato de que são as sensações desta última, mas também em relação ao especificamente psíquico. A extensão disso é determinada, como com qualquer apreensão experiencial, pelo processo contínuo de experiência realmente ocorrendo, que determina mais precisamente o que a forma do sentido apreensivo deixa em aberto, o que ele implica em si mesmo como determinabilidade. Assim, o curso das reproduções sensoriais e, consequentemente, o curso das reproduções em geral, e todo o modo e ritmo da vida apreensiva e, além disso, da vida intelectual e emocional dependente dela, mostram-se dependentes da organização psíquica do organismo animado. (Husserl, 1980, p. 16, Hua V, <14>, tradução nossa)⁴⁶

Aqui Husserl parece estar descrevendo que aquilo que ele mesmo denominou como "especificamente psíquico", não tem possibilidade de um existir próprio que não seja relacionado a um "organismo animado" e que, por isso mesmo, tem relação interconexa com a coisa "materialmente animada". O que leva a questão que o que sentimos, sentimos no corpo e através deste. Isto não tem necessariamente ligação única e exclusiva com algo "além do corpo", mas sempre "no corpo" e "através dele". Não se trata de uma aceitação simplista do argumento empiricista, o qual tudo reduz à experiência sensível. Antes, é a aceitação que existe, entre a sensação vivida, ou seja, os atos psíquicos, e a capacidade de interação proporcionada pelo organismo animado, uma correlação necessária. Contudo, para Husserl, ainda que possam existir tais

⁴⁶ It is inherent in the sense of the apprehension of psyche, or the apprehension of the human being, that the human being, with regard to his somatic and psychic states, is dependent on the material animate-organismic thing not only by virtue of the fact that it is the latter's sensations, but also in respect of the specifically psychic. The extent of this is determined, as with any experiential apprehension, by the continuing process of actually occurring experience, which more precisely determines what the form of the apprehensional sense leaves open, what it implies in itself as determinability. Thus do the course of sensory reproductions and, consequently, the course of the reproductions in general, and the entire mode and rhythm of the apprehensional life and further of the intellectual and emotional life dependent on it show themselves to be dependent on the physical organization of the animate organism. (Husserl, 1980, p. 16. Hua V, <14>)

correlações, elas estão substancialmente dissociadas, a ponto de se pensar a Psicologia como uma ciência exclusiva do psíquico, e não da relação psicofísica em si. Husserl busca deixar isso mais claro na seguinte passagem da obra analisada:

Olhando mais de perto, no entanto, encontramos na realidade psíquica, em vista de sua dependência do organismo animado e da matéria, algo essencialmente diferente de qualquer outra dependência, mesmo aquela que é própria do organismo animado: a saber, a impossibilidade fundamental da persistência imutável da psique e, juntamente com ela, a impossibilidade fundamental de um retorno ao mesmo estado. (Husserl, 1980, p. 15, Hua V, <17>, tradução nossa)⁴⁷

Aqui há uma descrição bastante específica e fenomenologicamente caracterizável da chamada, por Husserl, "realidade psíquica", entendida como tendo a característica fundamental da "fluidez". Ou seja, seria praticamente impossível uma sucessão temporal imutável da realidade psíquica, que sempre se comporta como "impossibilidade de persistência imutável", dando a entender que, na base de sua diferenciação com uma "sensação", que viria da somatologia do próprio corpo, a realidade psíquica está sempre se diferenciando dela mesma, nunca retornando a um mesmo estado.

Adiante Husserl complementa, com um exemplo de que se fosse possível uma permanência imutável do estado psíquico, seria possível, em última instância, uma pessoa mais idosa retornar a um estado psicológico de uma criança, se considerássemos apenas uma relação de causa e efeito entre os fenômenos físicos e os psicológicos. Essa seria a falha do conceito do "paralelismo psicofísico" segundo o filósofo:

Em tudo isso, deve-se ter em mente o seguinte: a dependência unilateral e uniforme que as ocorrências dos campos sensoriais têm da materialidade do organismo animado (sua constituição material determinada em qualquer momento dado) não altera o fato de que uma nova objetividade com um novo estrato é constituída pela apercepção somática, ou experiência. (Husserl, 1980, p. 15-16, Hua V, <18>, tradução nossa)⁴⁸

⁴⁷ Looking at it more closely, however, we found in psychic reality, in view of its dependence on the animate organism and on matter, something essentially different as opposed to every other dependency, even that which is proper to the animate organism: namely, the fundamental impossibility of the unchanging persistence of the psyche and, at one with it, the fundamental impossibility of a return to the same state. (Husserl, 1980, p. 15, Hua V, <17>)

⁴⁸ In all this the following must be kept in mind: the unilateral and uniform dependence that the occurrences of the sense fields have on the materiality of the animate organism (its determinate material constitution at any given time) does not change the fact that a novel objectivity with a novel stratum is constituted by the somatic apperception, or experience. (Husserl, p. 15-16, Hua V, <18>)

A defesa de Husserl aqui é a de que mesmo que haja uma interconexão necessária e essencial entre as sensações e a realidade psíquica, ainda assim faz-se necessário a defesa de uma "nova objetividade" a partir da evidenciação de que o fenômeno psíquico constitui-se de um tipo novo de fenômeno, que se difere das sensações organísmicas - embora relacionado com este - mas possuindo, em específico, uma objetividade própria, ou seja, determinações e regramentos específicos para este tipo de realidade.

É certo que as dependências do psíquico atropelam o físico-organísmico. Até onde elas realmente alcançam é uma questão para a investigação empírica psicofisiológica decidir. Até onde elas podem alcançar, por outro lado, isto é, até onde questões sobre "correlatos fisiológicos" e construções hipotéticas correspondentes podem ser sensatas e orientadoras para o processo de pesquisa real, é uma questão para a investigação fenomenológica em essências. (Husserl, 1980, p. 16, Hua V, <17>, tradução nossa)⁴⁹

É de extrema importância, mais uma vez, Husserl colocar a "divisão" entre as investigações experimentais e que partem do pressuposto que é possível encontrar algum tipo de "paralelismo psicofísico" entre os fenômenos físicos e as sensações "físico organísmicas" e a tarefa do "psicólogo fenomenológico". Esta última deve se destacar e evidenciar que há um limite de essências, ou de "substâncias", até onde aquela realidade psicofísica pode alcançar. Ainda mais, ele deixará claro que aqui se trata de uma investigação de "essências", alegando, de certa forma, que há uma irreduzibilidade do fenômeno psíquico – pois trata-se de um fenômeno possuidor de uma essência própria – que, uma vez alcançado revela sua existência autônoma e independente da própria sensação física em si que o possa ter gerado.

Tentando exemplificar, poderíamos supor que existe uma dor nas costas relacionada com a formação ou deformação física de uma cadeira, na qual se é obrigado esperar para um atendimento médico, por exemplo. A sensação física da dor se "traduz" no fenômeno psicológico do "desconforto" e este em uma relação com uma "raiva" (a qual pode, inclusive, em um primeiro momento ser da ordem do próprio inconsciente). A existência de um desconforto e a vivência da emoção da raiva, embora possam estar relacionados à dor e à própria configuração anormal da cadeira, ainda assim possuem

⁴⁹ It is certain that dependencies on the psychic run over into the physical-organismic. How far they actually reach is a matter for psycho-physiological empirical investigation to decide. How far they can reach, on the other hand, that is to say, how far questions about "physiological correlates" and corresponding hypothetical constructions can be sensible and guiding for the process of actual research, is a matter for the phenomenological inquiry into essences. (Husserl, 1980, p. 16, Hua V, <17>)

uma existência totalmente autônoma e uma essência diferente da sensação da dor física ou mesmo da cadeira. Em poucas palavras pode-se supor que mesmo que a cadeira seja alterada, ou que se levante desta, a vivência do "desconforto" e da "irritação" possuem uma existência própria na pessoa e nela se mantém de formas diversas e com tonalidades próprias que podem, inclusive, estar relacionadas a características psicológicas únicas do próprio indivíduo.

Neste caso, no entanto, como em todas as ciências da realidade, o Objeto peculiar é precisamente o tipo de realidade em questão, isto é, a psique, ou o ser humano com relação à sua psique; e a psique não é um "feixe" de processos conscientes, mas sim, a unidade real que se manifesta neles. Pode-se manter silêncio mortal sobre a psique, pode-se designá-la com desdém como um *façon de parler*: ela ainda é a coisa dominante na apreensão e, com as ideias que correlativamente pertencem a ela, a coisa determinante na investigação. Mas é melhor quando alguém fala corretamente e não interpretar o que quer, na medida em que alguém supõe que se pense corretamente, sempre permanecerá vivo [a verdadeira compreensão]. (Husserl, 1980, p. 17, <19>, tradução nossa)⁵⁰

Essa diferença proposta por Husserl aqui, como uma espécie de crítica à ideia de que o "fluxo da consciência" poderia ser expresso como vários processos interligados entre si – sugerindo a ideia de uma causalidade entre eles – é aqui substituída por uma outra forma de compreensão do fenômeno psíquico, visto aqui como uma "unidade real". Tal unidade, por sua vez, só seria possível de ser totalmente apreendida e compreendida a partir de uma consciência que "traduz" a experiência em forma de unidade psicológica, a qual, por sua vez, evidencia e só é possível de ser compreendida por um Ego psíquico, atrelado, necessariamente, a um Ego cogitante ou Ego Transcendental, que elucida e confere unidade à experiência psíquica.

Neste sentido Husserl defende que pensar a categoria da "realidade psíquica" não é meramente um recurso didático ou uma elucubração mental sem sentido; ao contrário, a existência desta realidade psíquica é a única capaz de explicar a própria relação entre a experiência psicológica e sua necessária relação com a forma correta de se pensar.

⁵⁰ In this case, however, as with all sciences of reality, the peculiar Object is precisely the sort of reality in question, that is to say, the psyche, or the human being with regard to his psyche; and the psyche is not a "bundle" of conscious processes, but rather, the real unity that manifests itself in them. One can maintain dead silence about the psyche, one can scornfully designate it as a *façon de parler*: it is still the dominant thing in the apprehension and, with the ideas that correlatively belong to it, the determining thing in the investigation. But it is better if one speaks correctly and does not interpret away what must, insofar as one is supposed to think correctly, always remain alive. (Husserl, 1980, p. 17, Hua V, <19>)

Se Objetos psíquicos são conectados uns aos outros, são combinados em associações, sociedades de vários níveis, isso não produz novas Objetividades com relação à fundação pela natureza original. Pois nenhuma nova psique surge aqui como uma psique de nível superior construída sobre a soma dos organismos animados e suas psiques, nenhum nexo unitário de consciência sobre o fundamento do qual uma nova realidade, a de uma psique comunal, pode ser constituída. O que se tem aqui, do ponto de vista da ciência natural, é um número de seres humanos individuais, cada um com uma consciência particular, uma psique particular com um Ego particular pertencente a cada um. No contexto psicofísico inter-relacionado que é possibilitado pelas inter-relações materiais dos organismos animados, surgem nas psiques individuais atos que são intencionalmente direcionados a algo psiquicamente externo. Mas o que aparece aqui são sempre apenas novos estados das psiques individuais. Não é diferente quando uma pluralidade de coisas materiais tem uma coerência de efeito relativamente fechada e, portanto, produz sistemas materiais que talvez devam ser considerados como unidades materiais. (Husserl, 1980, p. 18, Hua V, <20>, tradução nossa)⁵¹

Aqui Husserl busca descrever não só uma possibilidade de compreensão do fenômeno social, no sentido de uma "comunidade de mônadas", mas já descreve como é indissociável a compreensão desta psiquê coletiva da compreensão das próprias psiques individuais, estabelecendo assim uma interconexão entre a própria Psicologia e a Sociologia. A compreensão de que a consciência é “única” e “exclusiva” a cada indivíduo em nada impossibilita a pretensão da ciência do psicológico, que pode acessar as categorias transcendentais que permeiam cada consciência. A Psicologia fenomenologicamente fundada não é uma ciência solipsista ou exclusiva às experiências de um indivíduo. Antes, é o caráter eidético e, portanto, transcendental das vivências psíquicas, que confere à esta ciência seu *status* de universalidade e científicidade.

O dado único da experiência, por exemplo, de alguma apreensão”, “percepção” ou algo semelhante, contou apenas como um exemplo; sempre mudamos imediatamente para a atitude eidética e exploramos eideticamente o que pertence à essência, as possibilidades incluídas na essência de certas apreensões: a possibilidade de passar para séries de

⁵¹ If psychic Objects are connected with one another, are combined into associations, societies of various levels, this produces no new Objectivenesses with respect to the foundation by original nature. For no new psyche arises hereby as a psyche of higher level built upon the sum of the animate organisms and their psyches, no unitary nexus of consciousness on the ground of which a new reality, that of a communal psyche, might be constituted. What one has here, from the point of view of natural science, is a number of individual human beings each with a particular consciousness, a particular psyche with a particular Ego belonging to each. In the psycho-physical interrelated context that is made possible by the material interrelations of the animate organisms, there arise in the individual psyches acts that are intentionally directed at something psychically external. But what appears here is always only new states of the individual psyches. It is not otherwise than when a plurality of material things has a relatively closed coherence of effect and thereby produces material systems that must perhaps be regarded as material unities. (Husserl, 1980, p. 18, Hua V, <20>)

intuições, séries de experiências, de assim se cumprirem univocamente, e de explicitar seu sentido, ou seja, o sentido do que é pretendido, o que é experimentado como tal, e com ele o sentido das objetividades envolvidas. (Husserl, 1980, p. 19, Hua V, <21>, tradução nossa)⁵²

Husserl aqui descreve o que ele tem feito durante o texto das *Ideias III* que é sempre passar por uma descrição fenomenológica, ou seja, eidética das vivências, não se atendo, até então, na análise das vivências psicológicas propriamente ditas. Abrir a possibilidade de se extrair das vivências psicológicas as intuições eidéticas, é o que possibilitaria, portanto, a correta fundamentação da Psicologia enquanto tal. Apenas a partir de uma redução eidética da vivência psíquica, sua adequada descrição e, portanto, correta apreensão, é que seria possível falar de uma ciência do psíquico.

Ao mesmo tempo, por meio dessas análises — que, se necessário, ainda podem ser desenvolvidas no mesmo sentido em várias direções — todas as pré-condições são cumpridas (ou podem ser cumpridas suplementarmente) para determinar as características fundamentais do método dessas ciências e para trazer à compreensão intuitiva até que ponto, por exemplo, o método da ciência natural física e o método psicológico podem ser paralelos e até que ponto eles devem ser basicamente diferentes. (Husserl, 1980, p. 19, Hua V, <21-22>, tradução nossa)⁵³

Este é um ponto também crucial dentro do que entendemos em Husserl como um paralelismo entre a fundamentação das ciências do Espírito, pela Psicologia, e das ciências da natureza, pela Física. E, cada uma dessas apoiadas sobre outra ciência eidética, a saber, a Psicologia sobre a Psicologia Fenomenológica e a Física sobre a Matemática.

Normas que emergem aqui originalmente não podem ser desconsideradas sem trazer confusão ao curso da ciência e induzi-la a caminhos errados de definir problemas e modos errados de experiência. Não é o que se autodenomina “ciência moderna” e nem aqueles que se autodenominam “especialistas” que fazem o método; mas sim, a essência dos objetos e a essência pertinente da experiência

⁵² The single datum of experience, e.g., of some apprehension,” “perception,” or the like, counted throughout only as an example; we always shifted immediately to the eidetic attitude and explored eidetically what belongs to the essence, the possibilities included in the essence of certain apprehensions: the possibility of passing over into series of intuitions, series of experiences, of thereby univocally fulfilling themselves, and of explicating their sense, i.e., the sense of what is intended, what is experienced as such, and with it the sense of the objectivities concerned. (Husserl, 1980, p. 19, Hua V, <21>)

⁵³ At the same time, through these analyses — which, if necessary can still be further developed in the same sense in various directions — all the preconditions are fulfilled (or, can be fulfilled supplementarily) for determining the fundamental characteristics of the method of these sciences and for bringing to intuitive understanding how far, e.g., the method of physical natural science and the psychological method can run parallel and to what extent they must be basically different. (Husserl, 1980, p. 19, Hua V, <21-22>).

possível de objetos da categoria em questão (que é o a priori da constituição fenomenológica) prescreve tudo o que é fundamental no método; e é característico do especialista de gênio apreender essa essência Intuitivamente (mesmo que não para trazê-la de forma filosófica ao nível de conceitos rigorosos e normas formuladas) e orientar os problemas particulares e métodos particulares de acordo com ela. (Husserl, 1980, p. 19-20, Hua V, <22>, tradução nossa)⁵⁴

Aqui Husserl expõe muito claramente que a definição do método para a Psicologia necessita de uma constituição *a priori* fenomenológica e que apenas desta forma é possível definir tanto o objeto como o método adequado na investigação da ciência psicológica.

Todas as descobertas e invenções dos especialistas se movem dentro da estrutura de um *a priori* absolutamente intransponível que não se pode extrair de suas doutrinas, mas somente da Intuição fenomenológica. (Husserl, 1980, p. 20, Hua V, <22>, tradução nossa)⁵⁵

Husserl revela que as descobertas na psicologia se dão porque estas, de alguma forma, usam de uma intuição para compreender os fenômenos e categorias psíquicas. Husserl aqui deixa entrever que é possível que estes psicólogos façam descobertas, mas que todas elas, invariavelmente, passaram pelo método fenomenológico, em especial, a redução eidética.

Compreendê-lo cientificamente, no entanto, é uma tarefa especial da filosofia e não das ciências dogmáticas em si. Para ficar claro, o que determina normativamente o método em geral é o tema da noética geral, que alcança além de todas as categorias de objetividades e intuições constitutivas. Mas ainda não possuímos isso. Será possível somente depois que uma doutrina eidética fenomenológica geral da cognição tiver sido levada adiante o suficiente com relação à intuição

⁵⁴ Norms that emerge here originally cannot be disregarded without bringing the course of science into confusion and misleading it into wrong ways of setting problems and wrong modes of experience. It is not what calls itself “modern science” and not those who call themselves “experts” that make the method; but rather, the essence of the objects and the appurtenant essence of possible experience of objects of the category concerned (that is the a priori of the phenomenological constitution) prescribes everything fundamental in the method; and it is characteristic of the expert of genius to grasp this essence Intuitively (even if not to bring it in a philosophical way up to the level of rigorous concepts and formulated norms) and to orient the particular problems and particular methods according to it. (Husserl, 1980, p. 19-20, Hua V, <22>)

⁵⁵ All discoveries and inventions of the experts move within the framework of an absolutely intransgressible a priori that one can draw not from their doctrines but only from the phenomenological Intuition. (Husserl, 1980, p. 20, Hua V, <22>)

e com relação ao pensamento específico. (Husserl, 1980, p. 20, Hua V, <22>, tradução nossa).⁵⁶

Aqui Husserl deixa claro que é necessário a criação de uma "doutrina eidética fenomenológica" que seja capaz de definir, para "além das objetividades e intuições constitutivas", as categorias eidéticas do pensamento, das sensações, das emoções e das interconexões entre essas, de forma universalmente compreendida. Este é mais um dos trechos que fundamentam nossa tese de que há, desde Husserl, um apontamento do projeto a ser percorrido pelos psicólogos, em especial, por aqueles capazes de compreender e aplicar de forma correta o método fenomenológico de investigação das estruturas necessárias da consciência, na qual emergem os fenômenos psíquicos.

Ainda corroborando nossas interpretações, Husserl declara a necessidade de uma reflexão eidética própria aos psicólogos, a fim de corretamente fundamentar seu respectivo objeto de estudo:

Mas isto é claro mesmo sem uma noética completa: que o método de cada ciência deve ser determinado pelo tipo de intuição originária, ou o tipo básico de apreensão originária, essencialmente pertencente à categoria de objeto à qual está relacionada (talvez junto com outras ciências). (Husserl, 1980, p. 20, Hua V, <22>, tradução nossa)⁵⁷

Husserl passa a admitir aqui que há uma interrelação entre as ciências e que estas, por sua vez, estão fundamentadas em uma intuição originária das próprias categorias que as compõem (talvez pudéssemos pensar na “célula” para a biologia, ou o “átomo” para os químicos, ou o “tempo” para os físicos, etc. como categorias que não são dadas de forma natural, mas sempre a partir de uma redução eidética da realidade). Ao passo que, em seguida, Husserl chega a defender que, em absoluto, toda e qualquer ciência também possui essa característica: em última análise toda ciência é fundamentada na experiência a qual, porém, sempre leva a uma reflexão eidética sobre as categorias que constituem aquela ciência. Deixando, entrever, desta forma, a busca por um equilíbrio equidistante entre a noção empiricista e idealista do conhecimento.

⁵⁶ To grasp it scientifically, however, is a special task of philosophy and not of the dogmatic sciences themselves. To be sure, what normatively determines method in general is the theme of general noetics, which reaches out beyond all categories of objectivities and constitutive Intuitions. But we do not yet possess this. It will be possible only after a general phenomenological eidetic doctrine of cognition has been carried through far enough with respect to Intuition and with respect to specific thinking. (Husserl, 1980, p. 20, Hua V, <22>).

⁵⁷ But this much is clear even without a completes noetics: that the method of every science must be determined by the sort of originally bestowing intuition, or the basic sort of originary apprehension, essentially belonging to the object-category to which it is related (perhaps along with other sciences). (Husserl, 1980, p. 20, Hua V, <22>)

Contudo, a ênfase husseriana recai sobre uma espécie de idealismo fenomenológico, ou ainda, como podemos caracterizar, a defesa por um intuicionismo, ou seja, a descrição de que todo e qualquer conhecimento tem de ser, necessariamente, eideticamente fundamentado. E, embora alvo de muitas críticas, esta posição, ao que nos parece, reflete a coerência interna daquele que busca a inspiração necessária na experiência somativamente vivida, mas que apenas se converte em conhecimento quando “traduzida” em formato eidético:

O mesmo deve naturalmente ser válido para todas as ciências em geral; em todas elas, a fundamentação conduz necessariamente, em última análise, para além da esfera do pensamento, para a intuição e, em última análise, para a intuição originariamente outorgada, que só pode ser uma experiência se as suas objetividades forem diferentes das objetividades experientiais (realidades da esfera da natureza). (Husserl, 1980, p. 20, Hua V, <22-23>, tradução nossa)⁵⁸

Desta forma, compreendemos que Husserl quer demonstrar que toda e qualquer ciência está fundamentada não apenas na possibilidade da evidenciação destas categorias, a partir da experiência, mas em uma apreensão eidética, que só é possível através da aplicação do método fenomenológico. Vale ressaltar que, aqui neste momento, Husserl não apresenta a mesma discussão sobre uma redução transcendental, a qual seria por definição a possibilidade de fundamentação de toda e qualquer experiência consciente, na qual a obtenção do conhecimento e das próprias ciências são apenas uma das categorias possíveis de evidenciação. O que está aqui posto é que, tal qual a Psicologia precisa de uma fundamentação eidética que possibilite a evidenciação de suas categorias e as posteriores descobertas de suas interrelações, tal modo de se pensar já está presente em todas as ciências, inclusive nas ciências da natureza. Desta forma, a proposta aqui apresentada de fundamentação da Psicologia a partir de uma ciência eidética, que podemos compreender como uma Psicologia Fenomenológica, segue os mesmos princípios que as demais ciências, com a grande diferença de que a realidade psíquica não é acessível materialmente, mas apenas a partir da reflexão:

O método em todas as ciências também é determinado pela essência universal da objetividade que intuitivamente vem à tona na apresentação completa de tal objetividade, isto é, no desdobramento completo das intenções contidas em sua apreensão e, naturalmente, na atitude eidética e na direção não da apreensão, mas do assunto

⁵⁸ The same must naturally hold for all sciences in general; in all of them, grounding necessarily leads ultimately beyond the sphere of thinking to intuition and ultimately to originally bestowing intuition, which can only be an experience if its objectivities are other than experiential objectivities (realities of sphere of nature). (Husserl, 1980, p. 20, Hua V, <22-23>)

objetivo que está sendo constituído. (Husserl, 1980, p. 21, Hua V, <23>, tradução nossa)⁵⁹

Husserl retoma neste trecho da obra, a sua hipótese já levantada anteriormente ainda nas *Investigações Lógicas* de que a própria ideia de "verdade", ou uma evidenciação apodíctica, que fundamentam as ciências e o próprio método científico, é, antes de qualquer coisa, o resultado próprio de uma redução eidética e de uma redução transcendental.

A essência universal pode ser desdobrada no pensamento, e seu desdobramento necessariamente leva a uma ontologia. O método completo pressupõe o desenvolvimento sistemático da ontologia, ou seja, a doutrina eidética que pertence a essa categoria de objeto envolvida. A redução eidética, e com ela a revelação de essências universais leva, a uma ontologia, ou seja, a descrição do jeito próprio de ser daqueles fenômenos evidenciados. O desenvolvimento natural desta ontologia leva a uma "doutrina eidética", a ponto de desenvolver aquela ontologia em um campo distinto dentro da própria ciência. O inventário total de cognições que ele oferece é uma norma incondicional para tudo que a possível cognição empírica das ciências factuais relacionadas às categorias pode oferecer, e ele vai simultaneamente para a cognição factual. Cada passo à frente com relação à ontologia — e em particular com relação à formulação de cognições básicas ontológicas ou disciplinas ontológicas que trazem à apreensão ontológica um lado ainda não apreendido ontologicamente da categoria objetiva em questão — deve ser em vantagem para a ciência empírica. No caso de uma psicologia teórica - ou fenomenológica - a descrição dessa ontologia, como teve por base a própria experiência (da qual partiu aquela primeira redução eidética), vai se aproximando a própria cognição factual. A cognição factual apreendida a partir da evidenciação das categorias que a formam, traduz de forma teórica a própria gama de fenômenos cognitivos e psíquicos. Já falamos sobre isso, e só o trazemos aqui para a legitimidade, de fato a necessidade incondicional, de uma *psicologia racional*. Foi nas investigações em direção à fenomenologia da cognição (nas *Investigações Lógicas*) que nos tornamos cientes de que deve haver tal disciplina, e, com certeza, uma de enorme escopo, uma não construída de cima a partir de "conceitos" vazios (vagas significações de palavras), como a velha psicologia metafísica, mas sim, uma doutrina eidética extraída da pura Intuição. (Husserl, 1980, p. 21, Hua V, <23-24>, tradução nossa, grifo nosso)⁶⁰

⁵⁹ The method in all sciences is also determined by the universal essence of the objectivity that Intuitively comes to light in the complete presentation of such objectivity, that is to say in the complete unfolding of the intentions lying in its apprehension, and naturally in the eidetic attitude and in the direction not of apprehension but of the objective affair that is being constituted. (Husserl, 1980, p. 21, Hua V, <23>)

⁶⁰ The universal essence can be unfolded in thought, and its unfolding necessarily leads to an ontology. Complete method presupposes the systematic development of ontology, i.e., the eidetic doctrine that belongs to this object-category involved. The total inventory of cognitions that it offers is an unconditional norm for everything that possible empirical cognition of the factual sciences related to the categories can ever offer, and it goes along simultaneously into the factual cognition. Every step forward with regard to ontology — and in particular with

Há um primor aqui, qual seja, a colocação do próprio Husserl da necessidade da criação desta disciplina que comporte uma espécie de psicologia racional (a qual pode ser compreendida, como já dissemos, como psicologia teórica, ou ainda, psicologia fenomenológica). Contudo, aqui, de forma mais explícita, ele a define como uma psicologia extraída “da pura Intuição”. Esse tema que reaparece nas *Lições sobre Psicologia Fenomenológica*, revela, ao mesmo tempo, a coerência do pensamento husserliano como nossa hipótese sobre a possibilidade de se pensar a fenomenologia como proposta de uma psicologia teórica. Ou ainda, como provedora destas reflexões que possibilitam a construção de uma disciplina ainda não construída, mas que já tem suas bases aqui descritas. Estas bases só podem ser compreendidas a partir do uso de um “método rigoroso” de investigação das realidades psíquicas, tratadas como fatos psíquicos, contudo apreensíveis tão somente a partir da redução eidética e da evidenciação destas realidades a partir da construção categorial que emerge desta chamada “eidética universal” que desemboca, necessariamente, em uma “doutrina ontológica”. Poderíamos considerar este um dos trechos mais relevantes para a corroboração de nossa hipótese, qual seja, a necessária correlação entre o método Fenomenológico e o projeto de uma Psicologia Teórica, a partir do próprio método fenomenológico. Husserl continua:

Isso parece ter escapado completamente de todos os investigadores anteriores da cognição, investigadores da consciência em geral, apesar de toda a conversa antiga de um a priori do pensamento e da vontade sob os títulos de lógica e ética. Pois, o que eles deram e quiseram dar sob esses títulos era tudo menos *doutrina eidética psicológica* no sentido em questão aqui. (Husserl, 1980, p. 21, Hua V, <23-24>, tradução nossa, grifo nosso)

Tal doutrina eidética psicológica é exatamente o que defendemos como a fundamentação da ciência psicológica, a partir da obtenção de uma nova ontologia categorial e, a partir dessa fundamentação, a fundamentação de todas as demais Ciências do Espírito. Tal qual há um fisicalismo que fundamenta as ditas Ciências da

regard to the formulating of ontological basic cognitions or ontological disciplines that bring to ontological apprehension an as yet not onto- logically apprehended side of the objective category concerned — must be to the advantage of the empirical science. We have already talked about that, and we only bring it up here in order to the legitimacy, indeed the unconditional necessity, of a rational psychology. It was in the investigations toward the phenomenology of cognition (in the Logical Investigations) that we first became aware that there must be such a discipline, and, to be sure, one of enormous scope, one not construed from above out of empty “concepts” (vague word-significations), like the old metaphysical psychology, but rather, an eidetic doctrine drawn from pure Intuition. (Husserl, 1980, p. 21, Hua V, <23-24>)

Natureza, assim também há a possibilidade de um Psicologismo, que possibilita a fundamentação de todas as Ciências do Espírito, a partir de uma descrição e evidenciação das categorias próprias do pensamento e da estrutura psíquica.

No trabalho acima mencionado, a fenomenologia foi dada como uma descrição puramente imanente do que é dado na intuição interna (de uma maneira fraca, às vezes é chamada lá de “experiência interna”), uma descrição que, no entanto, não estabelece fatos empíricos, mas sim, na atitude de “ideação”, apenas interconexões essenciais. Precisamente nisso repousava a refutação definitiva (tentada na “Sexta Investigação”) do psicologismo da teoria da cognição. Posteriormente, nas Investigações Lógicas, a doutrina eidética fenomenológica e a psicologia racional coincidiram. Que é incorreto de várias maneiras que uma psicologia racional deva ser apreendida como a ontologia de algo real se constituindo no nexo do processo vivido e não pode então coincidir com a essência de um nexo do processo vivido, seremos capazes de ver depois que tivermos esclarecido a ideia de realidade em geral, bem como a da realidade psíquica e tivermos desistido da velha desconfiança (que ainda controla até mesmo o autor das Investigações Lógicas) da realidade psíquica e Egóica.⁶¹ (Husserl, 1980, p. 21, Hua V, <23-24>, tradução nossa)

Outro tema abordado no trecho acima mencionado, igualmente importante para o desenvolvimento da fundamentação fenomenológica da Psicologia, diz respeito a argumentação que Husserl faz para buscar esclarecer que a Psicologia não pode evidenciar a realidade, e nem qualquer tipo de experiência do real - com o prejuízo de cair em uma espécie de psicologismo vazio. Dirá ele também que é necessário distinguir a realidade em geral da realidade psíquica, o que pode ser compreendido também com o necessária caracterização da realidade psíquica como possuindo uma existência autêntica e autônoma em si mesma. Essa, mesmo possuindo uma íntima relação com os conteúdos da experiência sensível, ainda assim deve ser tomada como algo diferente

⁶¹ This seems to have completely escaped all earlier investigators of cognition, investigators of consciousness generally, despite all the age-old talk of an *a priori* of thinking and will under the titles of logic and ethics. For, what they gave and wanted to give under these titles was anything but psychological eidetic doctrine in the sense in question here. In the above-mentioned work phenomenology was given as a purely immanent description of what is given in inner intuition (in a lax manner it is sometimes called their “inner experience”), a description that does not, however, establish empirical facts, but rather, in the attitude of “ideation,” essential interconnections only. Precisely on this rested the definitive refutation (attempted in the “Sixth Investigation”) of the psychologism of the theory of cognition. Thereafter in the Logical Investigations phenomenological eidetic doctrine and rational psychology coincided. That it is in various ways incorrect that a rational psychology must be apprehended as the ontology of something real becoming constituted in the nexus of lived-process and cannot then coincide with the essence of a nexus of lived-process, we will be able to see after we have clarified the idea of reality in general as well as that of the psychic reality and have given up the old mistrust (still controlling even the author of the Logical Investigations) of psychic and Egoical reality. (Husserl, 1980, p. 21, Hua V, <23-24>)

disso, como algo do “puro psíquico”, possuidor de regularidades próprias e que tem sua descrição e entendimento sem a necessidade de reduzí-las ao conteúdo do real em si. Tema este que ele havia já abordado anteriormente, e que ele resgata, dentro do contexto da discussão específica sobre a fundamentação da Psicologia.

Concluindo este trecho, Husserl nos presenteia com a descrição da relação intrínseca e, portanto, indissociável entre a Fenomenologia e a Psicologia Eidética:

A notável relação entre fenomenologia e ontologia psicológica que permite que a primeira encontre seu lugar na última e novamente de certa maneira também permite que a última, como todas as disciplinas ontológicas, encontre um lugar na primeira, nos ocupará extensivamente, e aprenderemos a ver relações paralelas para a ontologia da mente. (Husserl, 1980 p. 21, Hua V, <23-24>, tradução nossa)⁶²

É esperado que Husserl retorne a esse ponto tanto na sequência de sua própria obra em questão - as *Ideias III* - quanto no restante de sua vida, como é possível depreender desta relação através dos textos das Lições de 1925 e do próprio texto de Krisis.

2.4.1 Psicologia Racional e Fenomenologia - Psicologia Experimental

Digna de uma subseção dentro da análise do texto de *Ideias III*, é a menção ao capítulo 8 desta obra, intitulado, tal qual descrito no subtítulo, “Psicologia Racional e Fenomenologia - Psicologia Experimental”. Husserl reserva parte essencial desta obra à discussão da relação intrínseca entre a Fenomenologia e a Psicologia. Contudo, é neste capítulo que ele buscará explicitar – se já não o fez anteriormente – de forma clara e distinta, a urgente necessidade da fundamentação da ciência do psíquico por meio de uma descrição de suas categorias eidéticas, apenas possível a partir do método fenomenológico que Husserl desenvolveu, até então, a partir das críticas ao psicologismo, com várias evidências de que o tenha feito, de forma quase exclusiva, para auxiliar na fundamentação da Psicologia.

Um dos primeiros trechos extraídos deste capítulo de *Ideias III*, parece resumir de forma clara o que temos defendido até então:

Mesmo que falte uma explicação sistemática da ideia de realidade psíquica, ainda assim possuímos já - na forma de fenomenologia -

⁶² The remarkable relationship between phenomenology and psychological ontology which permits the former to find its place in the latter and again in a certain manner also permits the latter, like all ontological disciplines, to find a place in the former, will occupy us extensively, and we will learn to see parallel relationships for the ontology of the mind (Husserl, 1980 p. 21, Hua V, <23-24>).

uma porção considerável de uma psicologia racional. E aqui voltamos novamente ao principal interesse que guia nossa investigação, não importa o quanto este último ainda tenha outras funções necessárias a cumprir com relação ao nosso nexo posterior de interesses. (Husserl, 1980, p. 33, Hua V, <37>, tradução nossa)⁶³

Husserl é explícito: 'possuímos já - na forma de fenomenologia - uma porção considerável de uma psicologia racional'. Afirmamos que esta 'psicologia racional' é a denominação husserliana para o que definimos como Psicologia Teórica. Ela é o campo que, através da redução eidética, estabelece o a priori do psíquico. A separação de ofícios entre o filósofo e o psicólogo se dissolve aqui: o fenomenólogo, ao fundar a psicologia, está necessariamente atuando como teórico da psicologia. A separação entre um ofício e outro, a saber, do filósofo e do psicólogo teórico, no que se refere à Fenomenologia coincide e se repete, quando ambos buscam descrever a própria fundamentação do psíquico. O uso da redução eidética não é exclusivo do filósofo. Antes, ele é o genitor do método, porém, tendo como grande beneficiário o psicólogo que se interessa por conseguir fundamentar teoricamente e eideticamente seu campo de estudo.

Husserl deixa, ainda mais claro, no trecho a seguir, a necessária reforma na "nova" ciência psicológica:

Só assim também se explicam aquelas rejeições literárias superficiais (na verdade, nem mesmo superficiais, porque não se comprehende de todo o sentido das coisas) da pretensão que a fenomenologia faz, e deve fazer, através do seu próprio caráter específico, de abrir caminho para uma reforma da psicologia (como também, por outro lado, da filosofia) que no sentido literal é fundamental e nova. (Husserl, 1980, p. 33, Hua V, <38>, tradução nossa)⁶⁴

Embora Husserl entenda como quase intuitivo o uso do método da redução eidética por parte de alguns psicólogos - como já havíamos mencionado acima -, dentro do argumento husserliano se faz necessária a correta compreensão do método fenomenológico e seu uso para a reformulação da ciência psicológica. A contribuição da Fenomenologia para a Psicologia, na visão de Husserl, não é apenas ocasional ou

⁶³ Even if there is a lack of a systematic explanation of the idea of psychic reality, still we possess already - in the form of phenomenology - a considerable portion of a rational psychology. And here we come back again to the chief interest that guides our investigation, no matter how much this latter still has other necessary functions to fulfill with regard to our further nexus of interests. (Husserl, 1980, p. 33, Hua V, <37>)

⁶⁴ Only in this way also are explained those superficial (indeed not even superficial, because not understanding at all the sense of the matters) literary rejections of the claim that phenomenology makes, and must make through its own specific character, of paving the way for a reform of psychology (as also, on the other hand, of philosophy) that in the literal sense is fundamental and novel. (Husserl, 1980, p. 33, Hua V, <38>)

benéfica, é condição necessária para a devida investigação de seu objeto de estudo. Nesse sentido, o próprio Husserl irá especificar a natureza do objeto da Psicologia:

Se apreendermos a psique não como fato, mas como essência eidética, então os estados também são tomados como essências eidéticas e têm a forma eidética do conjunto de estados. Podemos ter interesse em contestar isso e podemos ver a possibilidade de fazer isso. Podemos limitar nossa análise eidética aos processos vividos em si mesmos, desconsiderando o que os distingue como conjuntos de estados, como autenticações de uma unidade psíquica real com propriedades psíquicas. Mas tudo o que exploramos na estrutura de tal processo vivido naturalmente também pertenceria à estrutura da investigação racional-psicológica. Pois é evidente que a essência peculiar de cada processo vivido (como ideia e não como fato) não é alterada pela apercepção realizadora e não pode ser mudada. (Husserl, 1980, p. 34, Hua V, <39>, tradução nossa)⁶⁵

Husserl aqui busca categorizar o objeto da psicologia como o "processo vivido" que neste caso é compreendido como uma essência eidética, e não apenas como fato. E sendo uma "essência eidética" somente pode ser acessada pela consciência. Assim, aqui, neste exemplo simplista oferecido, buscamos deixar claro nosso entendimento do que Husserl aqui propõe como uma necessária diferença entre as sensações de ordem "psicofísicas" e aquelas vivências completamente autônomas e passíveis de serem compreendidas como "realidade psíquicas" eidéticas. Estas últimas, portanto, são possuidoras de objetividades próprias e regramentos completamente dissociados dos fatos físicos que, em uma atitude natural, poderíamos supor que as teriam originado. Contudo, o que Husserl insiste em demonstrar aqui é que o objeto de estudo da Psicologia deve ser necessariamente eidético, ou seja, acessível por um ego cognoscente que não apenas "sente", mas que atribui sentido e, portanto, conhece o que vivencia, não apenas de forma exclusivista, individualista; conhece, outrossim, de forma categorial, capaz de ampliar aquela experiência pessoal em uma característica universal.

A instância, por fim, capaz de conferir essa universalidade ao conhecimento psíquico por meio da vivência, não é outra que a própria intuição eidética:

A teoria eidética do processo vivido deve tomar o processo vivido com todo o conteúdo com o qual eles se apresentam na intuição

⁶⁵ If we grasp the psyche not as fact but as eidetic essence, then the states are also taken as eidetic essences and have the eidetic form of the set of states. We can have an interest in disputing this and can see the possibility of doing this. We can limit our eidetic analysis to the lived-processes in themselves, disregarding what distinguishes them as sets of states, as authentications of a real psychic unity with psychic properties. But everything that we explore in the framework of such a lived-process would naturally also belong in the framework of rational-psychological investigation. For it is evident that the peculiar essence of every lived-process (as idea and not as fact) is not altered by the realizing apperception and cannot be changed. (Husserl, 1980, p. 34, Hua V, <39>)

eidética, e como eidética ela repousa (direcionada para essências de estados psíquicos, como é) na intuição psicológica, seja na experiência psicológica ou na ficção psicológica. Todo o conteúdo de um processo vivido que está na visão da experiência interior reflexiva, na medida em que essa visão pode compreender, ou todo o conteúdo daquilo que é dado na visão do reflexo da fantasia interior, muda para a essência na atitude eidética. Ela perde apenas a relação com o fato da natureza-actualidade experimentada; o factualmente existente é transformado em essencialmente existente, o individualmente único em um “universal”; da mesma forma, a existência factual Ativa desaparece com a natureza-actualidade Ativa, a individualidade Ativa. (Husserl, 1980, p. 35-36, Hua V, <41>)⁶⁶.

Husserl está descrevendo como a atitude eidética possibilita que todo o conteúdo do vivido passe a ser compreendido também como universal e, neste sentido, satisfaça à exigência científica positivista de que alcançar conhecimentos universais e não apenas falar do particular.

Os temas imponentes de *noesis* e *noema* devem ser necessariamente tratados tanto por interesse psicológico quanto na apercepção psicológica-eidética. Digo em apercepção psicológica porque o que é apresentado ao psicólogo em sua intuição psicológica é precisamente algo psíquico, psíquico-real, ou seja, os processos vividos em um dado caso como estados psíquicos. E eles entram nessa apercepção realizadora com tudo o que ela requer, ou seja, eles entram com a relação com o espaço e o tempo no *eidos*. Toda tese experiencial cai fora, mesmo a tese da realidade de toda a natureza com o espaço pertencente a ela, o tempo pertencente a ela, como com qualquer intuição eidética.

A essência pura não contém nenhuma outra tese além de uma tese eidética. O que é experimentado é, portanto, precisamente o mesmo que o do geômetra que transforma a intuição empírica usual de coisas espaciais em eidética, sejam figuras no quadro ou mesmo modelos que ele tira do armário de modelos. Seu interesse é direcionado à forma espacial, mas não à forma experienciada ou à forma quase experienciada em sua fantasia, mas sim à forma espacial “pura”, ou seja, a forma-essência a ser apreendida na atitude eidética no terreno de apreensões empíricas. Na medida em que a forma é um momento basicamente essencial da coisa material como a res extensa, o geômetra, o investigador da essência de possíveis formas de coisas, é o ipso simultaneamente um físico racional. Exatamente assim no caso da psicologia. E precisamente assim em todos os lugares em que

⁶⁶ The eidetic theory of lived-process must take the live-process with the whole content with which they present themselves in the eidetic intuition, and as eidetic it rests (directed toward essences of psychic states, as it is) on psychological intuition, whether it be on psychological experience or on psychological fiction. The whole content of a lived-process standing in the view of reflective inner experience, to the extent that this view can grasp at all, or the whole content of that which is given in the view of the reflection of inner phantasy, changes into the essence in the eidetic attitude. It loses only the relation to the fact of the experienced nature-actuality; the factually existent is changed into an essentially existent, the individually unique into a “universal”; likewise the Active factual existence disappears with the Active nature-actuality, the Active individuality. (Husserl, 1980, p. 35-36, Hua V, <41>).

uma região de realidades é isolada originalmente e necessariamente fornece a base para dois tipos de ciências, para ciências experenciais e ciências eidéticas. (Husserl, 1980, p. 36-37, Hua V, <41-42 >, tradução nossa)⁶⁷

Husserl antecipa aqui o mesmo argumento que ele utilizará nas *Lições sobre a Psicologia Fenomenológica* em 1925, no qual compara a intuição eidética das essências de um matemático ou um geômetra ao que o psicólogo também busca ao extrair das experiências noções gerais e universais, as essências. Aqui, Husserl estabelece a analogia fundamental que sustenta nossa tese, a saber, a Fenomenologia é para a Psicologia o que a Matemática e a Física Teórica são para as ciências naturais. Assim como o geômetra intui formas puras que fundamentam a física, o psicólogo teórico-fenomenológico intui as essências do psíquico que devem fundamentar a psicologia empírica. A crença de que a experiência e a indução, por si sós, fazem a ciência é, para Husserl, um equívoco – é a teorização eidética que fornece a estrutura inteligível para os dados empíricos. Seguindo o mesmo trecho anteriormente citado, Husserl coloca que quem realiza essa tarefa de descrição destas essências é a Fenomenologia enquanto uma espécie de "ciência eidética" como a Psicologia é uma "ciência experencial" - diferente de uma ciência experimental. E a Fenomenologia neste caso é para a Psicologia, uma espécie de disciplina suporte ou ainda, uma

⁶⁷ The imposing themes of noesis and noema are necessarily to be treated both out of psychological interest and in the psychological-eidetic apperception. I say in psychological apperception because what is presented to the psychologist in his psychological intuition is precisely something psychic, psychic-real, that is to say the lived-processes in a given case as psychic states. And they enter into this realizing apperception with all that it requires, that is to say, they enter with the relation to space and time into the eidos. Every experiential thesis drops out, even the actuality-thesis of the whole of nature with the space belonging to it, the time belonging to it, as with any eidetic intuition.

The pure essence contains no other thesis than an eidetic thesis. That which is experienced is therefore precisely the same as that of the geometrician who turns usual empirical intuition of spatial things into the eidetic, whether it be figures on the board or even models that he gets out of the model closet. His interest is directed to the spatial shape, but not the experienced shape or the shape quasi-experienced in his phantasy, but rather the "pure" spatial shape, i.e., the shape-essence to be grasped in the eidetic attitude on the ground of empirical apprehensions. To the extent that shape is a basically essential moment of the material thing as the res extensa, the geometrician, the essence- investigator of possible thing-shapes, is eo ipso simultaneously a rational physicist. Precisely so in the case of psychology. And precisely so everywhere that a region of realities is isolated originally and necessarily provides the foundation for two kinds of sciences, for experiential sciences and eidetic sciences.

Experiential science pursues factual existence, the eidetic pursues the essence, and the same essence that makes up the "content" of the factually existent and the possible factual existent in general. Eidetic science everywhere precedes experiential science. (Husserl, 1980, p. 36-37, Hua V, <41-42 >)

disciplina propedêutica, que, nessa visão, se torna essencial para sua sustentação metodológica:

A investigação teórica experiencial não pressupõe o eidético; o interesse teórico pode se dirigir ao que é experienciado, pode observar regularidades universais na experiência, averiguar, ordená-las, etc. Havia uma arte de topografia antes da geometria; havia uma astronomia antes da mecânica matemática. Havia também uma psicologia desenvolvida antes da psicologia eidética; havia uma e ainda há uma na forma da psicologia experimental moderna. Por outro lado, é claro que a constituição desta ciência deve significar um passo decisivo para a frente pela ciência experiencial correspondente, se em geral a soma das verdades eidéticas que pertencem a uma esfera regional da realidade é tão grande que compõe o campo de uma grande ciência adequada. Uma ciência: isso significa uma infinidade de verdades sistematicamente conectadas exploráveis em unidade sistemática e naturalmente verdades que não estão à mão, mas são descobertas apenas como frutos de árdua investigação (Husserl, 1980, p. 37, Hua V, <42-43>, tradução nossa)⁶⁸.

Husserl propõe que observações empíricas são necessárias para o estabelecimento de ciências eidéticas, que são, por essas, iluminadas. Contudo, entende, a mera observação não é capaz de fundamentar uma ciência e, neste caso, a Psicologia não poderá avançar a partir apenas dos experimentos empíricos a que se propõem os psicólogos experimentais. Conforme citado, uma ciência “significa uma infinidade de verdades sistematicamente conectadas exploráveis em unidade sistemática” e isso não se dá apenas pela observação ou pela experimentação, mas sim a partir do estabelecimento de verdades e conexões ideais. Para deixar mais claro, tomando um exemplo da mecânica clássica, a ideia de “velocidade” não é dada de forma natural, ou empírica, ela é estabelecida a partir de uma reflexão ideal sobre o mundo, de forma que duas grandezas diretamente mensuráveis, como o espaço e o tempo de deslocamento de um objeto de um ponto a outro, determinam uma grandeza eideticamente intuída, ou seja, a velocidade. Velocidade esta que pode ser medida em termos matemáticos e até

⁶⁸ Theoretical experiential investigation does not presuppose the eidetic; the theoretical interest can direct itself to that which is experienced, can observe universal regularities in the experiencing, ascertain, order them, etc. There was an art of surveying before geometry; there was an astronomy before mathematical mechanics. There was also a developed psychology before eidetic psychology; there was one and there still is one in the form of modern experimental psychology. On <43> the other hand it is clear that the constitution of this science must mean a decisive step forward by the corresponding experiential science, if in general the sum of the eidetic truths that belong to a regional sphere of reality is so great that it makes up the field of a proper great science. A science: that means an infinity of systematically connected truths explorable in systematic unity and naturally truths that do not lie at hand but rather are discovered only as fruits of arduous investigation (Husserl, 1980, p. 37, Hua V, <42-43>).

mesmo “controlada e prevista”, o que, de modo algum a torna “real” ou “empiricamente testável”.

É sobre estas e outras possibilidades de idealidade intuitivamente acessíveis que se refere Husserl ao defender que a Psicologia necessariamente deve-se utilizar da Fenomenologia para intuir eideticamente seus constructos e, a partir daí, estabelecer relações de necessidade, causa e intensidade. Husserl coloca que uma ciência da “observação prática” pode existir, no caso da Psicologia, e que ela pode ter uma independência, já que nas formas experimentais ela tem seus avanços. Contudo, para um entendimento mais profundo de suas essencialidades, ou seja, na descrição do que é propriamente dito o mental e o psíquico, é necessária uma ciência experiencial que se embase em uma ciência eidética, ou seja, que a psicologia experiencial (ou descriptiva) possa estar fundamentada na própria Fenomenologia.

Dessa forma, a ciência natural física no século XVII foi elevada a um novo nível através do reconhecimento de que a geometria, há muito estabelecida, é clara, é a fundação de uma mathesis da natureza abrangendo não apenas a forma de uma coisa física, mas a coisa material completa, e que sua construção deve fornecer uma fundação de método para uma nova ciência incomparavelmente mais produtiva porque iluminada pela luz da matemática racional. A crença de que a experiência e a indução (que foram usadas, afinal, muito antes de Galileu e Kleper) fizeram a ciência exata moderna - isso equivale a uma falha em entender o sentido e a história dessa ciência. Quanto à psicologia, por outro lado, para qualquer um que tenha assimilado apenas um pouco da fenomenologia real em seu sentido e, a partir da riqueza de problemas definidos, tenha compreendido com entendimento alguns grupos conectados deles (talvez aqueles abordados no presente tratado), deve ficar claro que a fenomenologia, ou melhor, a teoria eidética dos processos vividos que é incorporada na ideia de uma psicologia racional, abre um campo infinito de verdades que, como relacionadas a priori a estados psíquicos, enriquecem infinitamente a cognição psicológica, e o fazem em um sentido semelhante àquele em que a cognição mecânica ou cinematográfica

e, em geral, matemática a priori enriquecem a ciência natural empírica. (Husserl, 1980, p. 37-38, Hua V, <43-44>, tradução nossa)⁶⁹

Aqui, mais uma vez, não há espaço para dubiedades ou más interpretações. Husserl, literalmente, descreve a Fenomenologia como “teoria eidética dos processos vividos que é incorporada na ideia de uma psicologia racional”, deixando de forma muito clara a relação intrínseca entre sua Fenomenologia e a aqui chamada “psicologia racional”, a qual pudemos compreender facilmente como “psicologia fenomenológica” ou ainda, como estamos adotando neste trabalho, como Psicologia Teórica. Portanto, a afirmação de Husserl de que a Fenomenologia é a 'teoria eidética dos processos vividos' é a evidência textual definitiva para nossa interpretação. Ela não é apenas uma fundamentação, ela é a Psicologia Teórica em sua forma pura. Sua função é idêntica, ou seja, fornecer os conceitos, as leis e as estruturas a priori sem os quais a psicologia empírica permaneceria um aglomerado de dados desconexos. *Ideias III* demonstra, assim, que o projeto husserliano é, em sua essência, a construção do arcabouço teórico que a psicologia, como ciência, sempre necessitou.

Esta nos parece é a demonstração de que a Fenomenologia de Husserl busca fundamentar metodologicamente e epistemologicamente a Psicologia, inclusive a própria Psicologia Experimental, dando destaque à sua própria teoria como a teoria eidética da Psicologia. Verdade seja dita, contudo, esta afirmação não pode ser tomada de forma isolada para comprovar nossa hipótese. Temos de avançar ainda mais tanto na análise dos próprios textos husserlianos como na elucidação de como pode ser plausível a elaboração deste campo, tema que buscaremos discutir e desenvolver no próximo capítulo deste trabalho.

⁶⁹ In this way physical natural science in the 17th century was raised to a new level through the recognition that geometry, long since established of course, is the foundation of a mathesis of nature encompassing not merely the shape of a physical-thing but the complete material thing, and that its construction must provide a foundation of method for a new science incomparably more productive because illuminated by the light of rational mathematics. The belief that experience and induction (which was used, after all, long before Galileo and Kepler) made modern exact science - that amounts to a failure to understand the sense and the history of this science. As for psychology, on the other hand, to anyone who has assimilated only a bit of actual phenomenology in its sense and, out of the wealth of definite problems, has grasped with understanding a few connected groups of them (perhaps those touched upon in the present treatise) it must be clear that phenomenology, or better, the eidetic theory of lived-processes that is incorporated in the idea of a rational psychology, opens up an infinite field of truths which, as relating a priori to psychic states, endlessly enrich psychological cognition, and do so in a sense similar to that in which mechanical or kinematic and in general mathematical cognition a priori enrich empirical natural <44> science. (Husserl, 1980, p. 37-38, Hua V, <43-44>)

2.5 ANÁLISE DA OBRA “LIÇÕES SOBRE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA” DE 1925

Apresentaremos nesta seção o conceito de Psicologia Fenomenológica tal qual Husserl descreveu durante suas lições proferidas entre os anos de 1925 e 1927, compiladas em forma de texto, por seus alunos, no volume IX do conjunto de suas obras completas, a Husserliana, também intitulado “Psicologia Fenomenológica”. Essa análise se restringe à primeira parte desse volume, que corresponde às palestras proferidas por Husserl entre os anos de 1925 e 1927, na cidade de Freiburg, na Alemanha. Os demais textos da obra – tais como o artigo para a Enciclopédia Britânica e as Conferências de Amsterdã – não serão considerados aqui. Essa análise conceitual tem como objetivo ajudar a melhorar a compreensão do ideário husserliano para a Psicologia, assumindo seu objetivo como uma *ciência apriorística* e como uma *ciência empírica*, bem como na busca da satisfação de nosso objetivo, que é o de responder a questão sobre se podemos considerar a Fenomenologia uma espécie de Psicologia Teórica em relação à Psicologia Científica.

Postas estas ressalvas, apresentamos a seguir então uma “sumarização” das características fundamentais dessa “nova psicologia”. Segundo o próprio Husserl, ele dirá que podemos examinar as características básicas desta através dos seguintes “lemas”: “Aprioridade, Eidética, Intuição ou Descrição Pura e Intencionalidade⁷⁰” (Husserl, 1977, p. 33, *tradução nossa*). Seriam estas as características básicas oferecidas por Husserl para a Psicologia Fenomenológica. Percorremos então, nesta seção, cada uma dessas características. Apresentaremos primeiramente os principais argumentos que fundamentam a crítica de Husserl ao naturalismo almejado pela psicologia na subseção “Por uma Psicologia Não-Naturalista”. Em seguida, buscamos justificar a importância do redescubrimento do caráter intencional da consciência e de como este foi apropriado de maneira original pela fenomenologia de Husserl, além de sua importância para um novo modelo de ciência na subseção “Intencionalidade: a possibilidade de uma ciência do psíquico”. Posteriormente demonstraremos a necessidade de uma ciência *a priori*, que fundamente tanto a psicologia científica como as demais ciências do espírito na subseção “Psicologia Fenomenológica – Uma Ciência Apriorística”. Por último demonstraremos qual o objeto de estudo dessa ciência *a*

⁷⁰ Let us survey the basic characteristics of the new psychology, under the mottoes: Apriority, Eidetic, Intuition or Pure Description, Intentionality (Husserl, 1977, p. 33).

priori, a saber, as experiências puras e qual o método próprio para as alcançá-las na subseção “O Objeto da Psicologia Fenomenológica: a Experiência Pura”.

A análise desses quatro lemas fundamentais não é apenas um exercício de elucidação da psicologia fenomenológica, mas a própria demonstração de sua estrutura como uma Psicologia Teórica. Cada um desses pilares – o caráter *a priori*, a investigação eidética, o método intuitivo-descritivo e o foco na intencionalidade – define uma disciplina cuja função é fornecer a fundamentação conceitual e não-empírica para a ciência psicológica de fatos. Nossa metodologia de análise, portanto, desta importante obra do ideário husserliano, no que se refere à fundamentação da Psicologia, será essencial para elucidar nossa proposta de interpretação da Psicologia Fenomenológica de Husserl, como uma Psicologia Teórica.

2.5.1 Por uma Psicologia Não-Naturalista

Na análise husserliana, as várias tentativas de constituição da ciência psicológica foram fracassadas, pois estas 1) não conseguiram dar conta do problema da caracterização do seu objeto de estudo, 2) não estabeleceram uma metodologia própria, capaz de garantir o acesso e a compreensão do seu objeto de estudo e 3) não conseguiram erigir uma teoria solidamente fundada capaz de percorrer um *continuum* intrinsecamente lógico (Husserl, 1977). Serão esses os pontos que ele buscará fundamentar dentro do seu ideário para uma psicologia pretensamente científica. Estes diagnósticos dos fracassos da psicologia naturalista exemplificam, exatamente, uma das funções primordiais de uma Psicologia Teórica, a saber, a análise crítica dos fundamentos de um campo científico. Ao identificar a 'tentação do naturalismo' como um erro de pressuposição, Husserl não está fazendo ciência empírica, mas sim o trabalho de limpeza conceitual e fundamentação que cabe à teoria pura, preparando o terreno para a construção de uma psicologia genuína, ou seja, uma psicologia que não necessita adequar o seu objeto de estudo ao método das ciências naturais, mas sim descobrir o método próprio de análise da subjetividade, a Psicologia Fenomenológica, que poderá desembocar na própria Psicologia Teórica.

Husserl relembra que, durante os séculos XVI e XVII, a psicologia também não deixou de ser cultivada, por vezes, com o mesmo esforço encontrado nas ciências naturais. Ele concluirá, porém, que apesar destes esforços, a psicologia ainda não pôde situar-se em um mesmo caminho promissor que a levasse aos mesmos sucessos obtidos nas ciências naturais. Segundo ele, dificuldades profundas, ainda escondidas até então,

impediram sucesso similar. Esse insucesso seria devido ao fato de a psicologia ter cedido à “tentação do naturalismo” e a uma “imitação exterior dos modelos das ciências da natureza” (cf. Husserl, 1977), o que, para Husserl, é uma apropriação metodológica inadequada ao conjunto de fenômenos dos quais deveria se ocupar a psicologia.

Husserl argumenta que o modelo das ciências naturais não deve ser seguido pelas *ciências do espírito*. As ciências do espírito teriam um funcionamento e leis próprias que não se adequam ao naturalismo que fundamenta as ciências naturais. Assim, a psicologia contemporânea a Husserl, aquela mesma defendida por vários cientistas como J. V. Müller, E H. Weber, G. T. Fechner, e W. Wundt, estaria fadada ao insucesso, pois buscara enquadrar o seu objeto de estudo, a psique humana, em um modelo que não possui as mesmas leis de causação, nem pode ser estudado pela mesma metodologia de estudo das ciências naturais. Husserl dirá que as ciências da natureza seguem o ideal da física atomística moderna e, segundo ele, seguir esse modelo para as ciências do espírito seria “subordinar as aparências da vida psíquica a um nexo causal por meio de um número limitado de elementos de forma equivocadamente determinada⁷¹” (Husserl, 1977, p.4, *tradução nossa*).

Husserl defenderá que os elementos físicos (naturais) possuem equivalência aos fenômenos psíquicos (mentais), principalmente no que diz respeito à demonstração de sua existência e veracidade. Para ele não há distinção entre a verdade das duas modalidades de fenômenos, pois ambos têm como pressupostos as suas respectivas ciências apriorísticas, e essas, por sua vez, fundadas sob a mesma lógica pura universal. Husserl defende a suposição de um mundo real, não o nega; mas também sustenta a existência de um mundo que apesar de não-real (irreal) deva ser considerado como existente e, portanto, tão verdadeiro quanto aquele primeiro.

Portanto, Husserl assume que, embora os fenômenos mentais não possuam uma existência no plano das realidades, tais como os objetos das ciências naturais, por exemplo; a possibilidade da existência dos fenômenos mentais se dá pela mesma analogia. Em outras palavras, assim como para as ciências naturais existe uma ciência apriorística que possibilita a descrição do mundo real, qual seja, a matemática e a possibilidade de mensurar os objetos no mundo físico. Assim, da mesma forma, para as ciências do espírito, existiria uma ciência apriorística, ou seja, que não precisa de

⁷¹As the latter does with physical appearances, so it wants to subordinate the appearances of psychic life to a causal nexus by means of a limited number of univocally determined elements. (Husserl, 1977, p. 4).

fundamentação uma vez que ela é acessada a partir da evidenciação da própria intuição pura. Dessa forma a fundamentação epistemológica dos dois tipos de ciências se tornam, ambos, igualmente possíveis a partir das ciências apriorísticas, as quais são necessariamente ciências eidéticas. Assim como as ciências naturais têm como fundamento metodológico e epistemológico a ciência apriorística da matemática, as ciências do espírito possuem sua fundamentação em outra ciência apriorística, a Psicologia Fenomenológica. Portanto, ambos os tipos de fenômenos não diferem, entre si, no tipo de suas bases epistêmicas de fundamentação – pois, em Husserl, matemática e psicologia fenomenológica, se igualam em caráter de evidenciação -. Diferem apenas na maneira como se dão na própria experiência. Nesse sentido, ousamos argumentar que, tal como a Matemática fundamenta uma Física Teórica, capaz de erigir um paradigma para todas as demais ciências da natureza (o fisicalismo). De igual maneira, a psicologia fenomenológica, como descritora das intuições puras, tal qual a matemática, poderia fundamentar a própria Psicologia Teórica, a qual por sua vez, teria oportunidade de fundamentar as demais ciências do espírito.

Husserl constata que a matemática, a ciência apriorística da física moderna, e portanto, das ciências naturais, é ela também uma ciência que não trata de verdades ou proposições pertencentes ao mundo real. Argumentará Husserl que o que confere veracidade à matemática não é o mundo físico, mas a própria lógica que sustenta as suas proposições. Dirá ele: “Uma proposição ou um número não é um evento real no universo, assim como não é alguma coisa que ocorre aqui ou ali, numa irrepetibilidade individual, movendo-se ou parada, ou exercendo alguma causalidade⁷²” (Husserl, 1977, p. 15, *tradução nossa*). A matemática, portanto, possui uma relação de verdade própria que não precisa ter correlato no mundo real. É ela mesma irreal e possível de ser verificada, através de sua própria identidade numérica singular como verdadeira ou falsa, tais como os objetos do mundo real, dirá Husserl. (cf. Husserl, 1977). Importante ressaltar que, nesta visão husserliana, a própria matemática torna-se uma verdade objetificada, ou seja, pode ser tratada, investigada e julgada como um objeto, da mesma maneira que os objetos reais o são. Defenderá Husserl: “objeto no maior sentido lógico universal significa nada mais do que tudo aquilo que concerne a afirmações que podem

⁷² A proposition or a number is not a real event in the universe, thus not something which occurs here and there, in individual irrepeatability, moving or resting, and exercising real causality. (Husserl, 1977, p. 15)

ter sentido pleno e verdadeiro⁷³” (cf. Husserl, 1977, p. 15 *tradução nossa*). Tomando este conceito de objeto e esta definição de que *preposições verdadeiras não são necessariamente reais*, Husserl então estende aos fenômenos psíquicos (irreais, porém verdadeiros) as mesmas prerrogativas da ciência matemática; e o faz argumentando também que a existência dos fenômenos psíquicos independe da pressuposição de um mundo “real” e “externo”; mas antes estão com eles e neles intrinsecamente ligados, como veremos adiante.

Antes, porém, que qualquer relação com um idealismo velado possa ser feita, é importante ressaltar o cuidado que o próprio Husserl teve ao assumir tais pressupostos. Segundo a própria constatação da intencionalidade da consciência (que iremos melhor expor na subseção seguinte), não há como distinguir entre os aspectos vividos “interiormente”, ou seja, as vivências subjetivas, dos seus correlatos no mundo “exterior”. Ambos fazem referência a uma e mesma essência presente nos objetos⁷⁴. Esse entendimento a respeito dos fenômenos psíquicos é de extrema importância para a continuidade de entendimento da proposta husserliana. Por isso dedicamos uma subseção específica para tratar do caráter intencional da consciência e como este estabelecerá a possibilidade de uma ciência *a priori* – a psicologia fenomenológica – e para todas as demais ciências do espírito.

2.5.2 Intencionalidade: a possibilidade de uma ciência da psíquico

Husserl reconhece o trabalho de seu predecessor e mestre Brentano, principalmente por este ter trazido de volta o conceito de intencionalidade da filosofia medieval para a filosofia contemporânea. Apesar disso, segundo Husserl, Brentano ainda manteve apenas a possibilidade de uma psicologia descritiva. Através da constatação da intencionalidade da consciência, Brentano buscava alcançar a descrição do funcionamento das características da mente através da suposição do mundo externo e de como esta afetava a mente, o sujeito. Em outras palavras, Husserl considerará Brentano um naturalista, uma vez que este ainda defendia uma relação de causalidade entre o mundo natural e a consciência.

⁷³ Such unreal or as one also says, ideal objects are, in their numerically identical singularity, substrates of true and false judgments just as real objects are; conversely, "object" in the most universal logical sense means nothing else than anything at all concerning which statements can be made sense-fully and in truth. (Husserl, 1977, p. 15)

⁷⁴ O conceito de “objeto” aqui utilizado faz referência ao conceito husserliano de objeto, como anteriormente citado.

O conceito de intencionalidade vem da filosofia medieval que considerava que a consciência possuía uma *intentio*, ou seja, uma propensão a estar sempre voltada para algo fora dela, algo que não era ela mesma. Brentano resgata essa característica e lhe confere uma nova importância, ao considerar que toda a atividade psíquica também possuía esta característica, ou seja, todos os atos psíquicos, como emoção, pensamento, lembranças, estariam relacionados a um objeto distinto dele mesmo. Mesmo que tal suposição já pudesse ter sido defendida de maneira análoga por outros filósofos⁷⁵, em Brentano esse aspecto era colocado como uma característica fundamental da consciência que possibilitaria a instrumentalização do mundo psíquico. Ora, se tudo o que se passa na consciência provém do mundo externo que nos circunda, é possível acessar o conteúdo da consciência explicitando as relações entre ela e o mundo físico. A diferença de Brentano para seus antecessores se dava pelo fato dele identificar um novo tipo de fenômeno, que podia ser tratado como objeto de estudo de uma psicologia sob o ponto de vista empírico: o “fenômeno psíquico” (cf. Brentano, 1935). Tal qual Husserl irá defender, Brentano também pressupõe a existência do mundo interior, porém de maneira separada do mundo externo e dele dependente – o que Husserl discordará. Esse fenômeno psíquico, tomado como uma verdade, oriundo da constatação do caráter intencional da consciência, é o que possibilitará segundo Brentano a fundamentação de uma psicologia empírica. Porém, como Husserl observará, essa psicologia brentaniana apenas conseguirá fornecer um aspecto descritivo da vida mental, sem conseguir explicitar os nexos intrínsecos da subjetividade. Por essas razões Husserl caracterizará Brentano como um naturalista, pois este argumentará que toda a vida mental dependerá exclusivamente do mundo natural, acabando por repetir um tipo mais velado de dualismo – ao supor um mundo “externo” que afeta o mundo “interno” -. Será diante deste dualismo, que precisa supor a primazia do mundo externo, que Husserl proporá uma nova compreensão do caráter intencional da consciência.

Husserl percebia que a constatação do caráter intencional da consciência poderia assegurar mais do que a simples descrição da vida interior. Ao assumir que nossa experiência interior se dá toda ela voltada a algo que não é ela mesma, Husserl constatou que não é possível identificar uma relação de causalidade, pois do mesmo modo que podemos dizer que o mundo externo causa nossa experiência, poderíamos

⁷⁵ Como em David Hume (1711-1776), por exemplo, que considerava que todos os pensamentos tem sua origem numa impressão do mundo externo. Esse princípio ficou conhecido como o “princípio da cópia” (Hume, 2009).

assumir também que é a consciência que possibilita a existência do mundo externo e isso repetiria, novamente, o mesmo dualismo. Para fugir a este dualismo e a dupla causalidade, Husserl busca uma terceira via, e defende que não há consciência de algo em si fora dessa relação intencional, repetindo seu predecessor Brentano, e adiciona o caráter imediato da experiência, conferindo uma outra acepção ao caráter causativo. Isso implica em dizer que a vivência do mundo se dá num imediatismo entre aquilo que é conhecido e a tomada de consciência daquele que conhece. A intencionalidade revela a dependência mútua entre a natureza da psiquê e a própria possibilidade de conhecimento do mundo. Portanto, essa será a característica que, segundo Husserl, conferirá toda e qualquer possibilidade de conhecimento do mundo e de si mesmo, e, portanto, de toda e qualquer ciência possível. E é a partir da constatação do caráter intencional da consciência que Husserl constituirá toda a fenomenologia e, consequentemente sua metodologia própria, principalmente no que se refere à redução fenomenológica, como dirá Lyotard (2008):

Com efeito, a intencionalidade não é apenas esse dado psicológico que Husserl herdou de Brentano, mas ainda aquilo que possibilita a própria *epoché*: perceber este cachimbo em cima da mesa, de modo nenhum implica ter uma reprodução em miniatura desse cachimbo no espírito, mas visar o próprio objeto cachimbo. Ao pôr fora de circuito a doxa natural (posição espontânea da existência do objeto), a redução revela o objeto enquanto visado, ou fenômeno; o cachimbo não é, então, mais que um face-a-face (*Gegen-stand*) e a consciência aquilo de quem há esses face-a-face. (p. 37).

Entendemos, portanto, que o conceito de intencionalidade, em Husserl, não é apenas uma repetição de seu antecessor Brentano, mas é a própria busca da superação do dualismo cartesiano, que tanto caracterizou as disputas filosóficas de sua época, e mais especificamente, de toda a filosofia moderna. Não se pode, pois, confundir a descrição intencional da consciência apenas como uma descrição óbvia do conteúdo da consciência; a obviedade está, antes, em compreender uma interdependência recíproca entre o ato da consciência – de maneira geral, o ato de conhecer, tomar consciência de – e o próprio perceber e vivenciar o objeto. Husserl exalta que aqui não há distinção nem temporal nem de causalidade, é um e o mesmo ato. É a própria *síntese intencional*, ou seja, a maneira própria da consciência de conferir unidade de significação às experiências, voltando-se para as coisas mesmas.

A “demonstração” (*Aufweisung*) de que o *cogito*, quer dizer, o estado intencional, é consciência de alguma coisa só se torna fecunda pela elucidação do caráter original desta síntese. Quer dizer que só esta “demonstração” torna fecunda a importante descoberta de Franz

Brentano, a saber, que a intencionalidade é o caráter descriptivo fundamental dos “fenômenos psíquicos”. Apenas ela permite isolar realmente o método de uma ciência descriptiva da consciência, tão filosófica e transcendental como psicológica (Husserl, 1977, p. 58, *tradução nossa*).

A intencionalidade será a responsável por demonstrar a unidade da correlação entre a experiência vivida e o mundo, enquanto tal, e será ela mesma quem possibilitará a emergência de uma ciência do psíquico. Husserl defenderá que a psicologia tem na intencionalidade seu método próprio, a possibilidade de um acesso direto ao fenômeno psíquico. Dessa maneira, a intencionalidade seria capaz, ao mesmo tempo, auxiliar na superação de duas grandes dificuldades da psicologia: sua metodologia e seu objeto de estudo.

Na questão metodológica, poderíamos compreender que, para acessarmos o psíquico, não basta apenas “descrever” o conteúdo da consciência, antes é preciso desvendar a própria constituição da consciência, como esta “funciona”. Ora, se fica evidente através da argumentação de Husserl que a característica essencial da vida psíquica é a própria intencionalidade (cf. Husserl 1977, p. 24), então não há como haver uma ciência psicológica, que trate dos atos da consciência, sem levar em conta o caráter intencional próprio desta. A aceitação dessa evidência nos coloca uma nova maneira de compreender a própria relação entre o mundo e nossa consciência. Agora não mais tentamos outorgar a um ou a outro uma maior evidência, mas, ao contrário, nosso esforço deverá ser, a todo momento, evidenciar a intrínseca relação entre consciência e mundo que apenas pode ser considerada como existente na simultaneidade em que ocorre e não mais como uma pretensa causa de um sobre o outro. A análise da vida psíquica consiste, pois, antes de tudo, na capacidade do psicólogo em colocar em evidência essa mútua relação entre a experiência e sua significação, em outras palavras, sua imanência e sua transcendentalidade. Apenas assim, no esforço de evidenciar essa relação, será possível viabilizar uma psicologia que trate dos fenômenos psíquicos que, embora irreais, são tão passíveis de ter sua existência verificada quanto qualquer outro objeto real, tal qual como ocorre nas ciências naturais. Para fundamentar essa última afirmação, podemos lembrar da própria analogia entre matemática e a psicologia *a priori* feita por Husserl, quando ele afirma que tal como a matemática trata de objetos irreais, porém verdadeiros e, portanto, existentes; a psicologia *a priori* também trata de objetos irreais, porém também igualmente verdadeiros e existentes e passíveis de serem verificados através da explicitação de sua lógica intrínseca:

Essas ciências a priori estão relacionadas ao mundo na medida em que são formadas com vistas ao conhecimento do mundo e como meios para isso. A investigação a priori é ao mesmo tempo uma investigação mediata do mundo. Por exemplo, os múltiplos fatos espaciais na natureza factual correspondem ao a priori espacial, ou, equivalentemente, geométrico. A natureza dada como espacial deve obviamente satisfazer as formas essenciais e as leis essenciais de todo espaço concebível, todas as figuras espaciais concebíveis. Consequentemente, a geometria, na infinitude de suas leis a priori, é simultaneamente e *eo ipso* um conhecimento da natureza, um conhecimento do mundo da experiência, embora um conhecimento unilateral, incompleto, relacionado apenas à forma do espaço. No mesmo sentido, a teoria essencial pura do mental, do psíquico individual, bem como do psíquico social, e das produções da sociedade, é *eo ipso* simultaneamente um conhecimento do mundo, com relação à mentalidade que o permeia factualmente" (Husserl, 1977, p. 35, tradução nossa)⁷⁶.

Quanto ao objeto de estudo, como consequência também da aceitação da evidência da intencionalidade da consciência, surge uma nova tipologia, por assim dizer, de objeto. Não se trata aqui mais de um objeto mensurável e de existência real; é antes um objeto que se evidencia na intuição originária da experiência. Essa intuição, segundo Husserl, não é coisa estranha à nossa experiência e ao nosso conhecimento de mundo; ela é, na verdade, condição *sine qua non* de possibilidade de qualquer conhecimento do mundo, seja ela referente ao mundo intrapsíquico, seja ela referente ao conhecimento das coisas em si. A intuição é, antes de tudo, quem possibilita a própria capacidade do conhecimento

Assim, em vez de "uma linha reta é determinada por dois pontos", afirmo então: "Julgo, estou convencido, estou apenas pensando agora por meio de julgamento que, obviamente, posso agora perguntar como essa experiência vivida judicativa, o ato de julgamento, já passivamente dado em seu "como", parece em mais detalhes? Ela admite ser mais desdobrada? O que posso estabelecer nisso puramente por intuição? E assim em todos os casos. A tipologia universal da vida pensante teve que ser perseguida aqui, e perseguida em descrições universais e ainda assim puramente intuitivas. Isso pertencia claramente a uma psicologia no terreno da "experiência interna", que

⁷⁶ These a priori sciences are related to the world insofar as they are formed with a view to knowledge of the world and as means thereto. A priori investigation is at the same time immediately investigation of the world. For example, the multiple spatial facts in factual nature correspond to the spatial, or, equivalently, geometrical, a priori. Given nature as spatial must obviously satisfy the essential forms and essential laws of every conceivable space, all conceivable spatial figures. Accordingly, geometry, in the infinity of its a priori laws, is simultaneously and *eo ipso* a knowledge of nature, a knowledge of the world of experience, though a one-sided, incomplete knowledge, relating only to the form of space. In the same sense, the pure essential theory of the mental, of the individually psychic as well as of the socially psychic, and of the productions of society, is *eo ipso* simultaneously a knowledge of the world, with regard to the mentality which factually permeates it." (Husserl, 1977, p. 35)

já estava em demanda e em tentativa de execução desde o início do século XVIII, já desde o *Ensaio sobre o Entendimento Humano* de Locke (uma teoria psicológica do conhecimento). Mas, ao mesmo tempo, por razões mais profundas, nunca havia chegado a descrições sistemáticas e puras, nem para as experiências vividas de experimentar e pensar, nem para aquelas de valorizar, desejar e agir, nem para suas contrapartes imaginativas e neutras de fantasia. A razão provavelmente residia, em parte, no fato de que alguém se esforçou muito apressadamente para produzir uma explicação em psicologia, e para fazê-lo seguindo o modelo de explicação nas ciências naturais e, assim, deslizou rapidamente para além da região da pura intuição, da pura dádiva com base na experiência interna" (Husserl, 1977 p. 21, tradução nossa)⁷⁷

Será por isso que Husserl defenderá que a “nova psicologia”, a psicologia fenomenológica, irá, ao mesmo tempo, fundamentar uma ciência psicológica e as próprias ciências do espírito. A redescoberta da intuição como uma habilidade da consciência e, portanto, como ferramenta essencial no desvelamento da constituição da própria psique faz com que ela passe de mera conjectura abstrata para se tornar uma verdadeira “pedra angular” no entendimento da vida psíquica, *um a priori*, nas palavras de Husserl:

Em outras palavras, quer tomemos nós, homens, como sujeitos pensantes, ou quer imaginemos anjos, demônios ou deuses, etc., qualquer tipo de ser que conte, calcule, faça matemática - a contagem, matematização do fazer e viver interno é, se o lógico-matemático deve resultar disso, em necessidade *a priori* em todos os lugares essencialmente o mesmo. Ao *a priori* da lógica pura e da matemática pura em si, este reino de verdades incondicionalmente necessárias e universais, corresponde correlativamente um *a priori* de espécies psíquicas, a saber, um reino de verdades incondicionalmente necessárias e universais referindo-se à experiência vivida matemática, por exemplo, a apresentação matemática, o pensamento, a conexão, etc., ou seja, como uma vida psíquica múltipla de qualquer sujeito em tudo, na medida em que deve ser pensado, puramente idealmente,

⁷⁷ Thus, instead of "a straight line is determined by two points," I assert then: "I judge, I am convinced, I am just now thinking by way of judgment that, obviously, I can now ask how does this judicative lived experiencing, the act of judgment, already passively given in its "how," look in more details? Does it admit of being further unfolded? What can I establish therein purely by intuition? And so in every case. The universal typology of thinking life had to be pursued here, and pursued in universal and yet purely intuitive descriptions. That belonged plainly to a psychology on the ground of "internal experience," which had already been in demand and in attempted execution since the beginning of the eighteenth century, already since Locke's *Essay Concerning Human Understanding* (a psychological theory of knowledge). But at the same time for more profound reasons, it had never arrived at systematic and pure descriptions, neither for the lived experiences of experiencing and thinking, nor for those of valuing, willing, and acting, nor for their imaginative, neutral counterparts of fantasy. The reason probably lay partially in the fact that one strove all too hastily to produce explanation in psychology, and to do so after the model of explanation in the natural sciences and thus slid quickly past the region of sheer intuition, sheer given ness on the basis of internal experience" (Husserl, 1977 p. 21).

como um sujeito que conhece em si o matemático. Se tomarmos a objetividade lógico-matemática como tendo que ser capaz de se tornar evidente intersubjetivamente, então teríamos que adicionar ao sujeito único a subjetividade comunicativa e sua vida comunitária (Husserl, 1977, p. 27, tradução nossa).⁷⁸

Esta equiparação explícita entre o estatuto da matemática e o da psicologia fenomenológica é a pedra angular para se compreender esta última como uma Psicologia Teórica. Assim como a física teórica se expressa na linguagem da matemática, a psicologia empírica deve encontrar sua fundação lógico-conceitual na psicologia fenomenológica. Esta, por sua vez, cumpre o papel de uma teoria pura e formal do psíquico, cuja tarefa é descrever, com a mesma necessidade apodíctica de um teorema, as estruturas essenciais de qualquer consciência possível. Contudo, como poderemos alcançar essa intuição pura citada por Husserl e, por consequência, a própria experiência pura, é objetivo de todo o trabalho fenomenológico de Husserl que precedeu a própria ideia da psicologia fenomenológica. Ressaltamos que Husserl, ao estabelecer a intencionalidade como a estrutura universal da consciência, ele não está propondo uma hipótese psicológica a ser testada, mas descrevendo o objeto a priori e irreal que constitui o domínio de uma Psicologia Teórica. A intencionalidade é, portanto, a primeira e mais importante 'lei essencial' descoberta por esta disciplina teórica, fornecendo o arcabouço conceitual sem o qual a investigação do psíquico careceria de sentido. Será a intencionalidade, assim entendida como característica essencial da realidade psíquica, a qual poderá ser resgatada como ponto de partida fundante da própria Psicologia Teórica, como iremos descrever, de forma pormenorizada, no capítulo 3 desta tese. Por ora, cabe-nos enfatizar que o caráter intencional da consciência é a característica mais importante, resgatada de Brentano por Husserl, e elevada à sua máxima potência, quando compreendida como característica indissociável de toda a experiência consciente possível.

⁷⁸ In other words, whether we take us men as thinking subjects, or whether we imagine angels or devils or gods, etc., any sort of beings which count, compute, do mathematics - the counting, mathematising internal doing and living is, if the logical-mathematical is to result from it, in a priori necessity everywhere essentially the same. To the a priori of pure logic and pure mathematics itself, this realm of unconditionally necessary and universal truths, there corresponds correlatively an a priori of psychic species, namely, a realm of unconditionally necessary and universal truths referring to the mathematical lived experiencing, e.g., the mathematical presenting, thinking, connecting, etc., i.e., as a multiple psychic life of any subject at all insofar as it is to be thought, purely ideally, as a subject which knows in itself the mathematical. If we take logical-mathematical objectivity as having to be able to become evident intersubjectively, then we would have to add to the single subject communicative subjectivity and its communalized life (Husserl, 1977, p. 27).

2.5.3 Psicologia Fenomenológica – Uma Ciência Apriorística

Como ressaltamos já na introdução desta seção, em Husserl encontramos alguns termos que sugerem equivalência, ou que até mesmo podem ser considerados como sinônimos. Os termos *psicologia a priori*, *psicologia pura* ou *psicologia fenomenológica* são mencionados por Husserl em diversas passagens do texto da husserliana IX sempre fazendo referência a um campo de estudo que seja capaz de fundamentar uma psicologia científica, mas que seja análoga a uma “ciência apriorística”, tal qual o é a matemática para as demais ciências naturais. Husserl irá insistir nessa equivalência entre a ciência matemática e uma ciência apriorística da psicologia, de maneira a argumentar que ambas fundamentam tipos diferentes de ciência, a primeira, fundamentando as ciências naturais e a outra, as ciências do espírito.

É ser *a priori* no mesmo sentido sóbrio, no qual a matemática é chamada um *a priori* ou uma ciência não empírica ou, como dizemos também, uma ciência da essência, e, assim, ela demonstra uma particularidade que tem a sua evidência antes de qualquer "teoria" de um conhecimento *a priori*, isto é, antes de qualquer interpretação epistemológica.

Ao invés do fato de tratar dos seres humanos da terra e do mundo, esta psicologia lida, portanto, com essências ideais de qualquer matematização e, mais universalmente, de qualquer subjetividade conhecida, esta que está a ser fenomenologicamente revelada a título de exemplo, mas que é idealmente possível, concebível na universalidade incondicionada⁷⁹ (Husserl, 1977, p. 28, tradução nossa).

Husserl defenderá que a matemática é uma ciência que está alicerçada sobre uma lógica pura e que, portanto, também possuí entre os seus elementos fundantes os mesmos que alicerçam tal lógica. Um dos conceitos mais importantes dentro da descrição de lógica pura husserliana é o de *intuição*. A intuição segundo Husserl, como já dissemos, não é mera subjetividade. É antes possibilidade de constatação de verdade. Para Husserl não existe lógica, ou mesmo proposição verdadeira, sem que haja uma relação intrínseca com a intuição originalmente dada de maneira apodíctica, sem nenhuma pressuposição que a anteceda ou que lhe ofereça condições de existência.

⁷⁹ It is to be a priori in the same sober sense, in which mathematics is called an a priori or non-empirical science or, as we also say, a science of essence, and thereby it displays a peculiarity which has its evidence prior to all "theory" of a priori knowledge, that is, prior to all epistemological interpretation. Instead of the fact of human subjects of this earth and world, this psychology deals, therefore, with ideal essences of any mathematising and, more universally, of any knowing subjectivity at all, one which is to be phenomenologically disclosed by way of example, but one which is ideally possible, conceivable in unconditioned universality. (Husserl, 1977, p. 28)

Dessa maneira, atingir uma *intuição pura* é condição de verdade de qualquer proposição, seja ela lógica, matemática, ou, em nosso caso particular, psicológica. Dessa maneira ele acredita conseguir entrelaçar, sobre a mesma élide epistemológica, as ciências apriorísticas da matemática e da psicologia. Funda assim uma psicologia *a priori*, uma “psicologia pura”, ou, simplesmente, uma “psicologia fenomenológica” que possui as mesmas referências à lógica que fundamenta a ciência matemática.

Por conseguinte, temos de compreender, pois, a própria relação entre a intuição e o fenômeno psíquico. Se a intuição é um pressuposto da própria lógica, o fenômeno psíquico, por sua vez, será aquele que dará possibilidade de toda e qualquer atividade intelectiva a respeito do mundo e sobre si. Aqui, vale lembrar dos pressupostos apresentados na seção anterior, na qual apresentamos a noção de intencionalidade da consciência. Os atos conscientes, por si só, já correspondem à atividade psíquica, pois em Husserl a diferença entre os atos da consciência e os fenômenos psíquicos é só de abordagem, não de essência. Enquanto os atos da consciência dizem respeito aos diferentes modos de como nossa consciência experienciar o fenômeno, os fenômenos psíquicos por sua vez são a própria vivência destes tipos. A intuição, condição primária para a lógica, é quem confere o caráter de sentido da própria experiência. Mas não aquele sentido dado *a posteriori*, não um sentido obtido por meio da reflexão. Antes, este sentido, que é obtido através da redução fenomenológica, e que corresponde, portanto, à própria essência da coisa em si, a própria essência das coisas, se identifica com é quem dita, para a própria experiência em si. É também o que possibilita sua própria conscientização, sua retenção, não enquanto coisa material, mas enquanto marca indelével da própria experiência do ser. É a intuição que confere o caráter da experiência original, pois ela também está localizada neste mesmo âmbito das experiências originais. Portanto, nossa experiência original, nossa experiência pura, está intimamente ligada à própria noção de intuição, e esta por sua vez é manifesta nessas experiências, na nossa “visão interna” da experiência, como dirá Husserl:

Além disso, por um tal procedimento, a caracterização essencial mais universal do ser psíquico e do ser vivido está exposta: intencionalidade. Vida psíquica é a vida de consciência; a consciência é consciência de alguma coisa. Este título genérico, consciência, com os títulos que pertencem inseparavelmente a ele - eu, a personalidade como tal, e objetividade como objetividade da consciência - esses títulos sobre os quais tudo o que é psíquico permanece, a consciência tomada apenas como ela se apresenta de acordo com a sua própria essência, com base de uma visão interior, esta dupla centralização da vida da consciência fornece para toda a psicologia do interior um caráter teleológico de centralização em seu progresso: a tarefa

necessariamente surge de perseguir sistematicamente a descrição das multiplicidades coerentes da consciência, que dizem respeito, essencialmente, ao tornar-se consciente o cognitivo, ou ser capaz de tornar-se consciente, de objetividades de cada categoria. Cada categoria de possíveis objetividades designa um índice para uma metódica regularidade de uma possível vida psíquica; todos os possíveis mundos reais, uma regularidade da possibilidade da vida psíquica intersubjetiva⁸⁰. (Husserl, 1977, p. 34, tradução nossa).

O alcance, porém, destas experiências originais só é possível a partir de uma mudança particular de olhar de concepção de nossa própria experiência. Apenas uma reflexão rigorosa a partir da nossa própria experiência poderia revelar essa originalidade. Essa reflexão, essa mudança de olhar, Husserl denominará como o próprio método fenomenológico. É este que nos coloca diante da experiência em si, enquanto tal. É este método que nos capacita a abandonar uma suposta permanência do mundo, da ideia de que o mundo pode se garantir a si próprio como existente, antes, agora e depois. Essa noção de um mundo que se mantém para além de nossa capacidade de retê-lo precisa ser “suspensa”, ou ao menos, “colocada entre parênteses” a fim de que possamos alcançar a pureza de nossas experiências através de uma verdadeira redução dessas noções, uma redução fenomenológica; que, por sua vez, atinja a *redução transcendental*. É a partir do alcance da experiência pura que, segundo Husserl, poderá emergir uma possibilidade de psicologia objetivamente orientada:

O que também não foi observado foi o fato de que um método fenomenológico essencialmente similar também pode fundamentar uma psicologia *a priori* naturalmente objetiva desde o início, apenas se omite a mudança radical de atitude pela qual somente o transcendental pode se tornar temática e se não se permitir o co-funcionamento das intenções metódicas relativas ao transcendental, nem de questões filosoficamente finais, que levam muito além da ciência natural normal. O que não foi de fato observado, desde o início, é que a método fenomenológico é essencialmente similar a psicologia a priori; se omite a mudança radical de atitude pela qual apenas a (redução) transcendental pode se tornar uma temática e não se permite o co-funcionamento dos métodos intencionais relacionados ao transcendental, nem das relações com as questões

⁸⁰ “Further, by such a procedure, the most universal essential characteristic of psychic being and living is exposed: intentionality. Psychic life is the life of consciousness; consciousness is consciousness of something. This generic heading, consciousness, with the headings which belong inseparably to it - I, personality as such, and objectivity as objectivity of consciousness - this heading under which all that is psychic stands, consciousness taken just as it presents itself according to its own essence on the basis of inner seeing, this twofold centering of conscious life, furnishes every inner psychology a characteristic teleological centering in its progress: the task necessarily arises of descriptively pursuing systematically coherent multiplicities of consciousness which pertain essentially to the cognitive becoming aware, or being able to become aware, of objectivities of every category. Every category of possible objectivities designates an index for a methodic regularity of possible psychic life; every possible real world, a regularity of possible intersubjective psychic life.” (Husserl, 1977, p. 34)

filosóficas últimas, as quais levam muito além das questões da ciência natural.⁸¹ (Husserl, 1977, p. 32, tradução nossa).

Uma vez que obtenhamos a experiência pura, então podemos partir para uma análise mais pormenorizada deste conteúdo do psíquico. Essa análise e as constatações advindas dessa, é que formarão o primeiro corpus, a matéria-prima da psicologia *a priori*, a própria Psicologia Fenomenológica, que por sua vez, tem a missão, conferida por Husserl, de fundamentar uma autêntica Psicologia Teórica, pois, a 'experiência pura' husserliana não é um fenômeno a ser encontrado no mundo, mas o correlato de um método teórico. Ela é o objeto ideal e irreal com o qual opera a Psicologia Teórica fenomenologicamente embasada. A descrição de sua constituição – suas essências, seus nexos, suas estruturas intencionais – é a própria atividade desta psicologia teórica, que tem por meta mapear a priori o território do psíquico antes que qualquer investigação factual sobre ele se inicie.

2.5.4 O Objeto da Psicologia Fenomenológica: a Experiência Pura

Como citado na seção anterior, é através da metodologia fenomenológica, da redução da experiência de seu caráter tomado “naturalmente” até atingir sua caracterização transcendental, que será possível atingir a experiência pura. A experiência pura é a evidenciação dos fenômenos psíquicos, é ela que possibilita uma psicologia a priori e será ela o objeto primário de investigação da própria psicologia enquanto tal. O que Husserl busca demonstrar é a necessidade de se “purificar” essa noção de experiência, uma vez que na visão naturalista de mundo, a experiência possui certo “ruído” que impede que ela se dê a conhecer de maneira direta. Porém, mediante uma mudança do nosso olhar, mediante uma suspensão da visão naturalista de mundo, a *epoché* (*εποχή*), a experiência se apresenta na sua essencialidade, na sua forma “pura”, e, portanto, isenta dos ruídos que impedem o contato direto com sua essência. A originalidade de Husserl, repetimos, foi evidenciar o caráter intencional da consciência e, portanto, da própria experiência em si enquanto caráter inegável do ser psíquico vivenciado pelo sujeito. Husserl foi além de seu antecessor e mestre Brentano ao apontar a transcendentalidade da experiência, compreendendo-a não apenas como um reflexo mental da coisa em si – o que acabaria por repetir o dualismo – mas

⁸¹ What was not the fact that the phenomenological method essentially similar to a priori psychology from the start, if one only omits the radical change of attitude by which alone the transcendental can become thematic and if one does not permit the co-functioning of methodic intentions relating to the transcendental, nor of philosophically ultimate questions, which lead quite beyond the normal natural science. (Husserl, 1977, p. 32)

evidenciando a maneira própria da ocorrência dos fenômenos na consciência, sua dação fenomênica, a própria apresentação das essências na relação direta com a experiência do mundo. Perseguir e defender esse posicionamento, essa “atitude fenomenológica” perante o “mundo da vida” é a condição para a psicologia, a única possibilidade viável de uma ciência psicológica, segundo o próprio Husserl. Será a análise dessa intuitividade das essências que proporcionará a primeira possibilidade de uma psicologia intuitiva, uma psicologia que evidencie toda e qualquer experiência como experiência pura, como correlato da própria intencionalidade

Essa psicologia a priori (eidético-intuitiva) foi possível somente depois que a peculiaridade da análise intencional, das implicações intencionais, foi concretamente estabelecida e realizada em alguns segmentos; mas isso foi feito a princípio em intuição ingênua e antes de toda questão referente à sua significância empírica ou a priori. (Husserl, 1977, p. 28, tradução nossa)⁸²

Seguindo então a proposta husserliana, nos deparamos com a tarefa de tornar possível não apenas a evidenciação de uma experiência pura, mas também a possibilidade de justificar como verdadeiras as proposições advindas dessas evidenciações. A experiência, para que se torne auto evidente, precisou ser alcançada através do método fenomenológico, mas para que possa se tornar uma “verdade”, uma proposição universalmente válida precisa ser aprovada como auto evidente em todas as possibilidades de ocorrer, seja em diversos sujeitos, em diversos lugares, em diversas culturas e em diversos tempos. Esse caráter universal da experiência, segundo Husserl se dá do mesmo modo que na matemática – que até onde podemos alcançar é uma “verdade” que resiste a todos esses fatores antes mencionados. A matemática trata de proposições que não necessitam de uma correlação com o mundo físico para se constituírem como verdadeiras. Como vimos anteriormente, as proposições matemáticas tratam de realidades irreais (não materiais), porém, existentes. Com esse argumento Husserl então quer estender à psicologia fenomenológica, a psicologia apriorística, seu caráter universal. A psicologia fenomenológica também trata de proposições irreais – outro termo, também apropriado, seria “proposições eidéticas” - e, nem por isso, deveria ter suas proposições tratadas como menos evidentes, em relação, por exemplo, aos fenômenos físicos das ciências naturais. A força de sua evidenciação, porém, tal como

⁸² This a priori (eidetic-intuitive) psychology was possible only after the peculiarity of intentional analysis, of intentional implications, was concretely established and realized in some segments; but that was done at first in naive intuitiveness and before all question concerning its empirical or a priori significance. (Husserl, 1977, p. 28).

na matemática, não pode ser dada apenas por seu caráter eidético. Não é o caráter eidético da psicologia fenomenológica que lhe conferirá sua apoditicidade.

A força de verdade das proposições matemáticas encontra-se, antes, no seu nexo interno; ou para melhor explicitar, encontra sua condição de verdade na própria lógica que lhe antecede. Essa lógica Husserl defenderá como universal e eidética. Consumirá boa parte de seus esforços tirar a lógica de um aprisionamento psicologista para enfim conseguir devolvê-la seu *status* de pressuposto indubitável, auto evidente e apodítico. Será com este mesmo entendimento acerca da lógica que Husserl buscará fundamentar a Psicologia Fenomenológica. Husserl acredita ser possível encontrar nexos internos à psique que fundamentarão sua ciência apriorística. Esses nexos, o filósofo defenderá, podem ser encontrados em quaisquer tipos de vivência intencionais da consciência.

Os sentimentos, uma tonalidade afetiva, um pensamento que surge, um despertar esperançoso, etc. - nada deste tipo é uma experiência vivida de maneira isolada; isto é o que está no meio psíquico, nos seus entrelaçamentos, suas motivações, suas indicações, etc. Que são eles mesmo momentos indissociavelmente co-vividos em nexos, da função psíquica⁸³. (Husserl, 2001, pp. 16-17, tradução nossa).

O primeiro nexo, e talvez o mais importante a ser estabelecido, será o próprio caráter intencional da consciência, e, por consequência, o caráter que irá fundamentar todos os tipos possíveis de vivências. Como dito anteriormente é a “perseguição” constante desse caráter fundamental da vivência psíquica que possibilitará uma compreensão propositiva da experiência. Não será suficiente, porém, apenas este primeiro nexo. Outras proposições, advindas desse primeiro nexo, deverão ser estabelecidas, a fim de que se possa erigir uma base sólida que fundamente as demais ciências do espírito, e a própria psicologia científica.

Outra importante característica dos nexos psíquicos a serem buscados são a sua unicidade. Para Husserl a própria tentativa de divisão do psíquico de seu todo para as suas partes, faz com que o caráter teleológico da vivência psíquica se perca. Dentro da ótica husserliana não há como analisar o psíquico, suas diversas facetas, sem levar em consideração que, ao dividi-lo, há perdas irreparáveis e que descaracterizam ontologicamente as vivências e experiências enquanto tais. Dividir a experiência

⁸³ Un sentiment, une tonalité affective, une pensée qui surgit, un espoir qui s'éveille, etc. - de pareils événements ne sont jamais des vécus isolés, ils sont ce qu'ils sont dans le milieu psychique, dans ses entrelacements, ses motivations, ses indications, etc., qui sont eux des moments indissociablement co-vécus de l'échaînement, de la fonction psychique. (Husserl, 2001. pp. 16-17)

psíquica é retirar o caráter essencial da própria experiência. Assim como há nexos psíquicos entre as diversas experiências psíquicas, separá-las, sem levar em conta a unidade que as formam, seria descaracterizá-las daquilo que confere sua própria essência.

Depois de elencar essas características expostas por Husserl nos deparamos com uma limitação de sua proposta. Husserl não esclarece como poderiam ser obtidos e esclarecidos esses nexos psíquicos, de maneira a serem aceitos como universais. Algumas regularidades talvez fossem possíveis de encontrar, mas não a ponto de se tornarem universalizáveis. Isso ainda constitui um problema insolúvel dentro da proposta husserliana. Não é por menos que vários de seus críticos frisaram justamente este ponto de sua proposta como irrealizável. Entre eles, John Scanlon que escreveu o prefácio da edição da Husserliana IX, para o inglês, dizendo:

Contudo, nem ele (Husserl) mesmo faz todas as perguntas relativas a regularidades da psicologia empírica, nem mesmo, tal como consegue envolver uma orientação fenomenológica em relação à vida psíquica ou mental realmente observável em sua factualidade. Apesar de reconhecer o nível de trabalho como pertencente à psicologia, Husserl nem entra nele, nem discute o método que seria adequado para ela. Em vez disso, ele discute a tarefa de uma clarificação fenomenológica dos conceitos básicos da psicologia, os conceitos que expressem fielmente as estruturas e características essenciais de qualquer vida psíquica e mental possível⁸⁴. (Husserl, 1977, pp. x-xiii, tradução nossa).

Apesar dessa pertinente crítica, defendo que podemos ainda resgatar a proposta husserliana e conferir-lhe outras possibilidades. Husserl não explicitou como seria possível a experimentação e a evidenciação desses nexos psíquicos. Porém, em vários trechos, ele evidencia a necessidade de transpor as experiências e constatações individuais para o âmbito das experiências comunitárias e universais. É neste ponto que emerge outro tema, muito importante para o entendimento da obra e da proposta husserliana, a *intersubjetividade*. Husserl cita em vários trechos da husserliana IX que sua nova psicologia, a psicologia fenomenológica, é quem evidenciaria os traços intersubjetivos da psique. Num trecho onde ele compara mais uma vez a matemática e a

⁸⁴ However, neither does he ask any questions concerning empirical psychological regularities, not even such as might involve a phenomenological orientation toward actually observable psychic or mental life in its factuality. While recognising that level of work as pertaining to psychology, Husserl neither enters into it nor discusses the method which would be appropriate to it. Instead, he discusses throughout the task of a phenomenological clarification of the basic concepts of psychology, concepts which would faithfully express the essential features and structures of any possible psychic and mental life (Husserl, 1977, pp. x-xi).

psicologia (como ciências apriorísticas) ele dirá: “Se nós tomamos à objetividade lógico-matemática como sendo capaz de tornar-se evidente intersubjetivamente, então nós devemos adicionar a subjetividade singular à subjetividade comunicativa e à vida comunalizada.” (Husserl, 1977, p. 27).

Se, por um lado, Husserl não define como essa psicologia fenomenológica deverá ser estabelecida, por outro ele estabelece critérios bem definidos sobre quais elementos deverão constituir tal campo. São elementos que não podem deixar de ser levados em consideração como, 1) o caráter eidético da psicologia fenomenológica; 2) o caráter intencional da consciência como constituinte do fenômeno psíquico; 3) a caracterização apriorística dessa nova psicologia, que dará condições para uma psicologia científica e 4) a busca pelos nexos psíquicos universais que formam a psiquê humana. A psicologia fenomenológica, porém, ainda parece estar distante de uma concretização, mas sua originalidade e sua crítica ainda são relevantes. Husserl defendia um modelo de ciência psicológica que não aceitasse o julgo naturalista, pois era consciente das perdas advindas dessa aceitação. Compreendia que caso a Psicologia buscasse se adequar aos modelos das ciências naturais perderia por renegar uma atribuição que lhe é própria, a saber, o estudo das próprias vicissitudes e vivências do ser humano que caracterizam aquilo que de mais próprio possuí a essência humana, sua psiquê.

Concluímos, portanto, a análise desta obra, em relação ao conceito de psicologia fenomenológica, que este pressupõe uma compreensão de que não é possível 1) uma relação entre o modelo das ciências naturais e o modelo das ciências do espírito, uma vez que a fundamentação das ciências do espírito passa necessariamente pela compreensão da caracterização da experiência como conteúdo da consciência intencional, e não de um mundo exterior real matematizável previamente assumido; 2) que a psicologia fenomenológica só pode ser exercitada através de uma compreensão profunda da relação entre a intuição eidética e a significação dada pela experiência pura, a saber, a característica imanente e a característica transcendental da experiência pura; e 3) que para que a psicologia possa almejar uma evidenciação apodíctica aos moldes das ciências naturais é necessário que ela jamais abandone sua “vocação” teleológica, ou seja, que jamais deixe de conferir às experiências humanas, nos seus mais diversos âmbitos, individuais, coletivos e culturais, uma significação que a ligue com uma natureza psíquica humana universal.

Assim, ao finalizarmos as análises das principais obras husserlianias que versam sobre a relação da Fenomenologia com a Psicologia, e, principalmente, que descrevem a necessidade de uma Psicologia Teórica - citada, em alguns momentos, como Psicologia Descritiva, depois como Psicologia Eidética, como Psicologia Racional e, por fim, como Psicologia Fenomenológica -. Todas os nomes ofertados por Husserl, apesar de suas variações, apontam para uma e mesma necessidade, a fundamentação teórica da Psicologia, a partir da aplicação direta de sua Fenomenologia.

A análise empreendida ao longo deste capítulo demonstra que a psicologia fenomenológica, tal como concebida por Husserl nas Lições de 1925, não é simplesmente uma abordagem ou uma escola psicológica, mas sim a realização mais sistemática do projeto de uma Psicologia Teórica. Seus pressupostos, seu método e seu objeto a caracterizam inequivocamente como a disciplina fundacional, não-empírica e a priori cuja existência é postulada para dar rigor científico à investigação do psíquico. Podemos, pois, concluir que: 1) Husserl desenvolve sua Fenomenologia a partir de uma íntima relação com a Psicologia. Primeiramente como crítica ao Psicologismo, oferecendo uma alternativa teórica a este a partir de sua Fenomenologia, considerada neste momento, como análoga a uma Psicologia Descritiva. Posteriormente, buscamos demonstrar, igualmente a partir dos textos husserlianos elencados, como 2) a Fenomenologia é, ela mesma, uma proposta de fundamentação teórica e filosófica da Psicologia, enquanto atribui a si mesma, enquanto escola filosófica, a missão de descrever as estruturas eidéticas que explicam e melhor descrevem os fenômenos psíquicos. Por último, 3) a Fenomenologia husserliana pode ser considerada uma Psicologia Teórica, uma vez que oferece os instrumentos e métodos que possibilitam não apenas a descrição dos fenômenos psíquicos, mas revelam sua real natureza (intencional) a partir da rigorosa auto evidenciação das categorias eidéticas que explicam os fenômenos psíquicos.

Se aqui ainda não está bem colocado, nem mesmo bem desenvolvido como se dará a descrição desta Psicologia Teórica, a partir da leitura dos textos husserlianos; por outro lado, seu não desenvolvimento não impossibilita sua correta localização e categorização. Dito de outra forma, o projeto husserliano de fundamentação fenomenológica da Psicologia Científica não foi realizado pelo filósofo, mas foi anunciado e filosoficamente bem fundamentado. Restando, ainda, por parte daqueles que compreendem ser necessária a fundamentação da ciência psicológica, sobre uma base rigorosamente verificável, o seguimento deste itinerário.

Nosso próximo capítulo buscará ser uma proposta do seguimento deste projeto husserliano, com todas as limitações que possam advir desta empreitada. Nossa única certeza é que a Psicologia necessita urgentemente abandonar teorias relativistas, que possuem uma pretensa ideia de liberdade para fundamentar teorias já preconcebidas que não traduzem a especificidade da experiência humana, enquanto tal. Seguir o projeto husserliano para a Psicologia, significa buscar o que essencialmente se traduz como a experiência humana vivida e as características universais do psiquismo, para além dos arranjos e conotações individualistas sobre as próprias vivências. Sem a possibilidade da universalização da experiência humana psíquica, morre com esta a própria possibilidade de uma ciência do psíquico. Esta ameaça, Husserl também já havia antevisto, e compreendido como a maior das ameaças ao gênero humano.

CAPÍTULO 3

3. A PROPOSTA DA CONSTITUIÇÃO DE UMA PSICOLOGIA TEÓRICA A PARTIR DO CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM HUSSERL

Vamos agora concluir nossa investigação da possibilidade de que a Fenomenologia husserliana possa contribuir diretamente e efetivamente, para a construção de uma Psicologia Teórica intrinsecamente ligada à Psicologia Científica. Por Psicologia Teórica, igualmente, entendemos uma descrição das idealidades que formam o campo específico das investigações de uma ciência do psíquico. Por analogia, pode-se supor, tal qual outras disciplinas consideradas “científicas” ou ainda, matrizes da própria ideia de ciência, como a Física, também possuem um correlato teórico, ou seja, uma Física Teórica.

3.1 SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA PSICOLOGIA TEÓRICA

Retomando aqui, as próprias descrições de Husserl, a própria tentativa de se colocar em termos matemáticos as realidades ditas físicas, ou materiais, já se constitui uma idealização do mundo fático, da materialidade do próprio mundo. Essa capacidade conferida por uma ciência eidética, neste caso, aqui entendida como a própria matemática, é o que possibilita uma apreensão teórica do próprio mundo, a partir da ciência física. Igualmente, mantendo a analogia, se insere a possibilidade de uma Psicologia Teórica que, a partir de uma ciência eidética, a Psicologia Fenomenológica, tornaria possível o estabelecimento de uma teorização dos fenômenos psíquicos.

Nos apoiamos, igualmente, em uma compreensão do constructo de Psicologia Teórica conforme estabelecida por outros autores, como por exemplo, em Castaño (2013), que afirma:

Psicologia Teórica (correlato psicológico da Física Teórica), que, partindo do pressuposto da possibilidade do conhecimento científico psicológico, executa investigações que são ao mesmo tempo (a) indispensáveis para o avanço do conhecimento científico psicológico; (b) totalmente não empíricas. Podemos citar entre estas atividades a construção de teorias, a dedução de consequências empiricamente testáveis de corpos teóricos, a análise de consistência de teorias e a identificação de seus pressupostos.

Este conceito de Psicologia Teórica traz em si a necessária teorização e adequada descrição dos fenômenos psíquicos. Cabe aqui a própria definição do que

podemos entender como fenômeno psíquico e porque é necessário utilizar tal denominação. Ao contrário da ideia de facticidade, ou seja, de uma existência por si do mundo, de sua materialidade, compreendida filosoficamente como independente – e que, portanto, dentro da tradição filosófica, se traduz com o estabelecimento do mundo a partir da tese realista – a ideia do fenômeno psíquico. Esta, na verdade, implica a assunção de um posicionamento de um realismo psíquico, o que, em breves palavras, significa dizer que a apreensão, a compreensão, o acesso aos fenômenos psíquicos – sensória e cognitivamente – não dependem de um corpo.

Tendo estabelecido, no capítulo anterior, os fundamentos filosóficos da Psicologia Fenomenológica husserliana, este capítulo assume a tarefa de operacionalizá-la como uma Psicologia Teórica propriamente dita. Nossa objetivo não é mais apenas interpretar Husserl, mas construir, a partir de suas ferramentas, o esqueleto conceitual de uma disciplina que seja para a Psicologia o que a Física Teórica é para a Física. Partimos, portanto, da definição de Castaño (2013) – que a caracteriza como uma atividade não-empírica e indispensável – e a preenchemos com o conteúdo metodológico e categorial extraído da Fenomenologia. O cerne desta proposta reside em um postulado ousado: a adoção de um realismo psíquico. Diferente do realismo ingênuo que postula a independência do mundo material, o realismo psíquico afirma a existência autônoma, verificável e irredutível do fenômeno psíquico, cuja realidade não deriva de um substrato neural ou corpóreo, mas se impõe à consciência com a mesma apoditicidade com que a matemática se impõe à razão. É sobre este axioma que erguemos a possibilidade de uma ciência eidética do psíquico.

A existência dos fenômenos psíquicos depende, única e exclusivamente da consciência constituidora da experiência. Em outras palavras, descrever o fenômeno psíquico como existente não depende de uma correlação física, como, por exemplo, a representação destes fenômenos através de imagens computadorizadas, de sinais gráficos ou captados a partir da atividade elétrica dos neurônios, nem mesmo, em última análise, a partir da existência ou não de um cérebro correspondente. A existência do fenômeno psíquico, como buscaremos demonstrar na próxima seção, deve ser descrita e compreendida de forma independente e de natureza completamente distinta da materialidade, seja do próprio corpo, seja do próprio mundo externo. Entretanto, essa existência está em relação direta com o mundo circundante e, em muitos casos, possui com ele uma relação de continuidade, mas não necessariamente dependência, o que será melhor desenvolvido posteriormente.

O que queremos estabelecer aqui já de antemão, é que a Fenomenologia husseriana oferece de forma decisiva o estabelecimento de pressupostos filosóficos e epistemológicos para se estabelecer uma ciência do psíquico. Contudo, deve-se tornar mais claro – se já não o ficou até agora – que o conceito de ciência em Husserl e a partir de sua Fenomenologia não se reduz apenas a uma visão positivista da ciência. Em outras palavras, significa dizer que os pré-requisitos para se aceitar como científico determinado conhecimento, fenomenologicamente falando, não se reduz à capacidade de mensuração, experimentação ou tradução em termos matemáticos ou em formatos de leis universais. O que em Husserl pode-se supor como científico, tem como pré-requisito último a capacidade de uma intuição originária daqueles conhecimentos. Para exemplificar, as verdades lógico-matemáticas, como “1+1=2” não são dadas pela capacidade de se mensurar tais elementos, nem tão pouco experimentar estas sentenças em várias formas. O que possibilita a apreensão de verdades é, em última análise, a nossa própria capacidade de intuir, diretamente ao ego transcendental cognoscente, a percepção desta verdade imanente, que só se realiza em uma consciência transcendental. Tal qual como descrito por Sacrini (2018, p. 31):

Os métodos de fundamentação do saber (e seus componentes conceituais elementares bem como as leis que regem sua validade) constituem o núcleo teórico mais geral do qual as mais diversas investigações científicas se desenvolvem. O estudo dessas estruturas, em sua pureza formal, circunscreve o domínio temático da lógica pura, a qual, dessa maneira, se caracteriza como “doutrina da ciência” [*Wissenschaftslehre*], quer dizer, como investigação daquilo que confere científicidade às disciplinas científicas.

A partir, igualmente, do que foi discutido no capítulo 2, quando avaliamos a necessidade da fundamentação da ciência psicológica sobre outros moldes científicos – não os das ciências naturais, mas sim a partir de uma mesma fundamentação em comum de ambos os paradigmas sobre a lógica pura⁸⁵. Queremos reafirmar a necessidade de se exigir da possibilidade da fundamentação epistemológica da Psicologia e a necessidade da aplicação desta sobre o mesmo método científico das ciências naturais. Igualmente, queremos suspender, para compreender a própria proposta fenomenológica da fundamentação da Psicologia, as exigências kantianas (Castanõn, 2009). O que se pretende antes disso, é revelar como seria possível a própria fundamentação de toda e

⁸⁵ Relembrando aqui a passagem de Husserl, quando ele diz que “E se estas verdades eram exatamente aquelas verdades às quais toda a regulamentação lógica em última instância se refere, e nas quais se tem de pensar em primeiro lugar quando se fala de verdades lógicas, então poderia facilmente chegar-se a encontrar nelas o essencial da lógica inteira, e a denominar a sua unidade teorética com o nome de ‘lógica pura’.” (Husserl, 2014, p. 45, HUA XVIII, <71>)

qualquer ciência (natural ou do espírito) a partir de uma mesma e única base em comum: a própria lógica pura, assim fenomenologicamente entendida.

Dessa forma, tornando mais clara a proposta husserliana, que endossamos neste trabalho, afirmamos que para a fundamentação da própria ideia de científicidade – e, em última análise, a ideia de verdade – o que se revela necessário, fenomenologicamente falando, é a necessidade da demonstração de que todo e qualquer conhecimento está fundado na possibilidade da intuição de verdades universais, reveladas única e exclusivamente a um ego transcendental. Esse Ego, o qual só é atingido a partir das reduções propostas pelo método fenomenológico de Husserl, a saber, a redução fenomenológica, a redução eidética e, por fim, a redução transcendental. É nesta região ontológica, a do ego transcendental, que se revela ao eu puro a própria noção de veracidade. Nesta região não há que se falar da existência ou não de um mundo prévio, ou mesmo um corpo que habita a consciência. O que está aqui posto, de maneira resumida, é a própria noção cartesiana de um cogito que fundamente toda e qualquer possibilidade de existir e de se conhecer. O que, por sua vez, irá diferenciar radicalmente a compreensão husserliana sobre esta fundamentação é a precisa noção de que a diferença proposta pelo filósofo francês entre *res cogitans* e *res extensa*, não é dada apenas em formas de diferença de substâncias, mas tão somente diferenças de aparecimento.

Ambas as substâncias estão alicerçadas sobre uma mesma matriz eidética, ou seja, são apreendidas e compreendidas a partir de uma mesma consciência que é capaz de teorizar e refletir sobre seus conteúdos e dinâmicas. A *res extensa* e a *res cogitans* estão fundados sobre a mesma possibilidade de apreensão que se dá de forma exclusiva pela consciência e pelo ego cognoscente que desta faz parte indissociável. Indissociabilidade esta que encontra eco na própria descrição de Husserl, em suas *Meditações Cartesianas*:

Uma ciência de uma peculiaridade inaudita entra, assim, no nosso campo de visão, uma ciência da subjetividade transcendental concreta, enquanto dada na experiência transcendental efetiva e possível, uma ciência que estabelece a mais extrema contraposição com as ciências no sentido até aqui vigente, com as ciências objetivas. Entre estas, encontra-se já certamente também uma ciência da subjetividade, mas da subjetividade objetiva, animal, pertencente ao mundo. Agora, porém, trata-se de, por assim dizer, uma ciência absolutamente subjetiva, de uma ciência cujo objeto é, no seu ser, independente da decisão sobre o não ser ou o ser do mundo. Mas mais ainda. Parece que o seu primeiro, que o seu único objeto seja e só possa ser o meu ego transcendental - o ego daquele que medita. Seguramente que

reside no sentido da redução transcendental que ela, no começo, não possa pôr como ser nada mais que o ego e aquilo que está nele próprio contido, certamente com um horizonte de determinabilidade indeterminada (Husserl, 2013, p. 68, Hua I <68-69>)

É na evidenciação deste ego transcendental que nasce toda a possibilidade de conhecimento sobre o mundo, e nele, incluído, toda a sorte de fenômenos psíquicos. Contudo, falta-nos aqui ainda caracterizar: o que é o psíquico enquanto tal? O que o difere das minhas outras vivências? Poderíamos, por acaso supor, como os idealistas gostariam, que todas as experiências são psíquicas, e, portanto, compreendidas e acessíveis a partir de uma espécie de pré-objetividade que a tudo fundamenta e tudo possibilita? Seguindo a reflexão husseriana, não podemos admitir tal constatação, ao menos não de maneira imediata. As vivências e as experiências tidas como “naturais”, ou seja, que não possuem nenhum tipo de reflexão sobre estas – que Husserl denominou de “atitude natural” – já revelam alguns outros tipos de experiências e vivências que não se dão apenas de ordem puramente material ou extensiva no mundo.

A vivência da sensação de frio diante de uma brisa, ou do calor por estar sobre um sol escaldante, mesmo que irrefletida já demonstra uma apreensão de uma determinada vivência individual, própria, vinculada a outras sensações como o desconforto. Essa percepção sobre si, de que aquela experiência é vivenciada apenas por mim, e não por outras pessoas as quais, por exemplo, poderiam estar próximas, me abre a uma dimensão nova e única, de que talvez exista uma sub-objetividade, algo não acessível a todos, mas única e exclusivamente a mim e a minha consciência apenas, a saber a minha subjetividade, ou ainda, o meu mundo psíquico. A constatação de que apenas eu posso determinadas vivências, determinadas sensações e experiências é de uma apoditicidade tão única e tão autoevidente que torna difícil até mesmo a sua descrição sem acabar caindo em circularidade. De fato, caracterizar a subjetividade, em sentido fenomenológico, é buscar caracterizar aquilo que possibilita a própria caracterização de qualquer coisa em si. Pois se é no campo da subjetividade, do pensamento, do sentir, do refletir que podemos falar sobre a própria subjetividade em si, o que nos resta é aceitar que não existe outra possibilidade de se fundamentar o psíquico que não seja através do próprio psíquico em si. Analogamente, seria dizer o mesmo sobre não conseguir explicar o que é uma palavra, sem fazer o uso da própria palavra em si. Portanto, como uma espécie de “metalinguagem”, entendida aqui como “metasubjetividade”, é que podemos, ao mesmo tempo, ao auto evidenciar a própria subjetividade em si e, consequentemente evidenciamos, sua própria existência.

Poderíamos, por fim, para finalizar tal reflexão, resgatar o que já também foi dito no capítulo 2, quando ainda tratamos das obras *Filosofia como Ciência de Rigor* (Seção 2.2) e *Ideias III* (Seção 2.3), nas quais Husserl busca desenvolver seu conceito de “puro psíquico”. Com este ele procura descrever a região ontológica, ou seja, o nível experiencial, que revela, a partir da reflexão, e portanto, da redução psicológica, o universo exclusivo de vivências apenas acessíveis a uma consciência que se volta para este nível. Dito de outra forma, é na exclusão de uma correlação causal entre mundo e as vivências que são aprendidas como dele decorrentes, como a experiência de sentir frio ou calor, mencionadas acima, é que se revela a exclusiva experiência do eu psíquico, ou seja, a certeza de que eu, e apenas eu vivencio, daquela forma exclusiva, aquela experiência.

A apreensão deste eu psíquico, aparentemente único e exclusivo, revela, como dissemos, este nível vivencial exclusivo, o que não impede, de forma alguma, sua comunicação, seja por meio de palavras, seja por forma de pensamentos judiciosos (“está quente”). É neste nível que ocorre outro tipo de consciência, um nível que não se dá apenas na linguagem, mas dá precisa correlação entre sensação e significado, significado este previamente compartilhado entre uma comunidade o qual, também previamente, estabeleceu outros significados correlatos que fazem alusão àquele. A mesma consciência a qual nos referimos, a consciência transcendental que revela o ego transcendental, ou ainda, ego cognoscente. Tomar, pois, consciência da sensação a qual se vive, revela, ao mesmo tempo, a tipologia daquela sensação e sua posterior reclassificação perante outros tipos de classificações possíveis, tais como, no exemplo, “muito quente”, “desconfortável”, “úmido”, etc.

Embora a simples constatação da experiência psíquica e sua judiciação não impliquem necessariamente em uma ciência sistematizada, ou ainda, irrefutável enquanto juízo universalizável (e, portanto, científico), o que aqui está em questão é a própria capacidade de correlacionar os níveis vivenciais e cognoscitivos. Em outras palavras, o que se pretendeu aqui definir é que o ego psíquico e o ego cognoscente podem estar intimamente correlacionados. Poderia mesmo dizer que estão concentricamente unidos, ou seja, estão envoltos em um e mesmo centro. Ambos os níveis de reflexão, ambas regiões ontológicas participam, cada uma a seu modo, da capacidade de apreensão do fenômeno psíquico.

Retomando, por fim, à tentativa de descrição do fenômeno psíquico, e trazendo alguns de seus pressupostos aqui defendidos, podemos afirmar aqui que: 1) o fenômeno

psíquico é parte de um tipo de realismo, realismo este que se traduz de forma psíquica, portanto, acessível a consciência de quem o vivência de forma direta, mas que, em última instância pode ser pressuposto a todo ente possuidor de consciência⁸⁶; 2) o fenômeno psíquico é de natureza não real, não dependendo de uma causa externa, e pode estar ou não correlacionado a um evento externo ao ego psíquico, porém existente, tal qual o admite a definição 1; 3) este fenômeno é acessível diretamente apenas por aquele que o vivencia e 4) este fenômeno pode ser caracterizável e tomado por conhecido tanto quanto seja possível descrevê-lo em termos formais.

3.2 PSICOLOGIA TEÓRICA COMO CIÊNCIA EIDÉTICO-IRREAL

Ao admitirmos a tese do realismo psíquico e suas implicações, entre elas a assunção de que o psiquismo possuí uma existência independente da materialidade embora se correlacione com esta, então assumimos, igualmente, que o psiquismo possuí tipos categoriais específicos. Estes se relacionam entre si e, em última instância, são regulares, e, portanto, passíveis de generalização à todos entes possuidores de psiquismo. De antemão assumimos que não fará parte de nossa análise outros tipos de psiquismo pretensamente assumidos como existentes, como, por exemplo, a possibilidade de psiquismo presentes em animais - e existem diversas evidências destes - ou ainda psiquismos ideais, como de anjos, deuses ou demônios. Muito embora fosse possível traçar alguma relação entre eles, este não é o objetivo do presente trabalho.

Buscamos, portanto, a descrição de um certo tipo de psiquismo, compreendido como ideal a todo o gênero humano. Por psiquismo ideal igualmente supomos que a um tipo de psiquismo básico e universal que garantiria a compreensão de todo e qualquer tipo de psiquismo humano. Inclui-se aí, igualmente, a possibilidade de psiquismos tidos como “patológicos” e que, portanto, aparentemente não teriam a mesmo tipo de organização de um tipo ideal, a princípio. Contudo, o que propomos são as descrições destas estruturas ideais do psiquismo, que, em alguma medida, descreveriam e explicariam até mesmos aquelas possibilidades de arranjos tomados como psicopatológicos.⁸⁷

⁸⁶ Sobre a possibilidade da universalização e evidenciação intersubjetiva do fenômeno psíquico discutiremos posteriormente.

⁸⁷ Cabe ressaltar que foge também do escopo deste trabalho a definição e o estabelecimento de critérios fixos sobre o que poderiam ser considerados psiquismos patológicos. O que assumimos, por ora, é que os ditos psiquismos patológicos são, em geral, arranjos das estruturas psíquicas que não correspondem a um ideal de psiquismo ajustado a determinadas sociedades e culturas (cf. Tatossian, 1997; Cheung & Mak, 2018).

O psiquismo ao qual nos referimos aqui diz respeito, antes de tudo, àquele que, a partir da experiência sensível, pode ser compreendido e descrito em termos categoriais e ideias. Conforme descrito no capítulo anterior a partir das leituras husserlianais, em especial em *Ideias III*,

A tarefa da psicologia, então, é investigar cientificamente, determinar de uma forma objetivamente válida, esse psíquico, dentro do contexto psicofísico natural em que, é claro, ele existe; descubra as leis segundo as quais ele se forma e se transforma, vai e vem (Husserl, 2009, p. 21)

Ora, se o psiquismo é acessível e descritível, então ele também é passível de ser analisado de forma categorial, ou seja, extraindo a partir das análises dos fenômenos psíquicos, diversas possibilidades de criação de tipos, a saber, percepções, sensações, emoções, pensamentos etc. Contudo, para o correto estabelecimento da Psicologia Teórica, nos furtaremos por ora do uso e tomada destes conceitos, como habitualmente são utilizados. Em verdade, a própria assunção do uso do método fenomenológico, aplicado ao estabelecimento e a refundação de uma psicologia teórica, exige que suspendamos nosso juízo e certezas acerca mesmo do conhecimento destas categorias *a priori*. Desta forma seguiremos mais de perto o percurso fenomenológico a partir de sua proposta como fundamentadora epistemológica da própria ciência do psíquico.

Por tudo isso, é importante destacar que a Psicologia Teórica, para ser bem sucedida em seu projeto do estabelecimento de teorias e construções teóricas sobre os fenômenos psíquicos, parte da evidenciação de que sua descrição dos fenômenos deverá sempre ser feita a partir do entendimento eidético destes. Por eidético, conforme propõe a própria Fenomenologia husserliana, devemos compreender como a descrição das essências destas vivências, obtidas a partir das deduções de ideias destas, originadas em uma intuição pura da consciência e, por meio desta, autoevidenciada. A obtenção destas essencialidades está, portanto, dependente do uso e da aplicação da própria redução eidética fenomenológica, a única a qual, conforme a própria teoria fenomenológica, é capaz de evidenciar a existência dos fenômenos psíquicos e, portanto, sua categorização universal.

Para que possa ficar ainda mais claro, apenas a partir da redução da experiência sensível ao nível do fenômeno psíquico e deste ao seu nível essencial, ou seja, a seu *eidos*, será possível o estabelecimento das categorias universais do psiquismo. Nossas propostas para realizar esta empreitada se darão na seção seguinte. Contudo, para que se

tornem mais claros nossos intentos, no nível teórico, buscaremos exemplificar do que se trataria tal empreitada.

Consideremos uma experiência sensível mais básica, e mais facilmente acessível, como a da percepção visual. Se eu olho para um objeto, como o copo sobre uma mesa, em uma sala branca e vazia na qual me encontro de pé⁸⁸. tenho ali a percepção de um objeto que, independentemente de seu conteúdo, forma ou materialidade, proporciona, de maneira imediata, a constatação de que “vejo”. A obtenção desta categoria imediata do fenômeno psíquico, a apreensão de uma percepção visual, é capaz de me levar a crer que “estou vendo algo”, que este “algo” está localizado “sobre uma mesa” que está “sobre o próprio chão desta sala” na qual eu me localizo. A “simples” visada deste objeto já revelou, por si só, não apenas sua presença através da minha percepção visual, mas a minha própria existência e a minha própria capacidade de visar, ou seja, de perceber visualmente.

Sem precisar entrar nos detalhes da percepção de um corpo, o qual poderia se dar também de forma visual ou tátil, percebo que ele faz parte de algo que consigo referenciar como sendo a continuidade da minha própria capacidade de me autorreferenciar algo que costumeiramente chamamos de “eu”. Não buscaremos, aqui, por ora, analisar a possibilidade de percepção da roupa que estou trajando, se respiro ou não, se consigo ou não ouvir meus batimentos cardíacos, se estaria ou não utilizando um dispositivo que simulasse todas as minhas percepções, como um óculos de realidade virtual etc. Nenhuma destas possibilidades tentaremos abarcar em nossa atual análise. Apenas, reduzindo o nosso nível de análise à experiência sensível do visar, já seria possível obter uma categoria ideal de fenômeno psíquico, a percepção visual, e, para além dela, a possibilidade de reunir sobre a mesma categoria outros tipos de experiências sensíveis, tais como percepções táteis, visuais, olfativas, de localização do espaço e até mesmo em um determinado tempo. E, se assim passamos a admitir de forma, ainda um pouco genérica, mas ainda assim ideal, surge a possibilidade de descrevermos de forma ideal o que pode ser entendido como perceber algo, quais os tipos específicos envolvidos nesta categoria de vivência psíquica e quais os limites e variações destas.

⁸⁸ Esse é um tipo bastante ideal de contextualização, diga-se de passagem, mas que busca eliminar, por ora, a necessidade de explicar e descrever outros elementos, não apenas visuais, mas também psíquicos que deveriam ser levados em conta. Ainda utilizando-se rapidamente da analogia com as ciências naturais, em específico com a Física, seria algo como o uso das condições normais de temperatura e pressão, denominadas CNTP.

Por exemplo, sentir o toque de outra mão humana e sentir o aperto da mesma mão humana, transformaria a percepção em dor? Seria a dor algum tipo específico de percepção? Ou a dor seria ela um tipo de subcategoria da percepção? Ou ainda, o que pode ser ou não considerado dor, deveria estar correlacionado a algum outro tipo de categoria? Estas são as perguntas possíveis de serem deduzidas, acessadas e perscrutadas a partir dos tipos ideais de categorias psíquicas, às quais, fenomenologicamente falando, no seu sentido do rigor eidético e intuitivo, nos propomos a analisar.

Antes de nos lançarmos a tal tipo de empreitada, algumas regras do uso metodológico das ferramentas fenomenológicas ainda devem ser pré-estabelecidas, ou mesmo compreendidas para que possam realmente construir uma teorização cujas capacidades possam alcançar êxito. Deve-se retomar, antes de tudo, que por obtenção das essências, não basta a simples descrição acima, como exemplificado, do que seria uma percepção. A variação eidética, tal qual definida por Husserl, a partir de *Ideias I*, exige que variemos incansavelmente, imaginativamente, as formas do aparecer do objeto para que possamos obter sua essência, seu *eidos*. Igualmente, para que possamos o reduzir à sua essência, categorias universalizáveis dos tipos psíquicos, será necessário muito mais do que poucos exemplos. A capacidade quase infinita de variar os tipos categoriais dos fenômenos psíquicos deve ser exaurida ao máximo a fim de que possa emergir, de forma fenomenologicamente rigorosa, os tipos ideais, e que consiga afastar qualquer possibilidade de dúvida, de que a essência e, portanto, a definição daquele tipo categorial, possa ser apreendido de forma incompleta ou mesmo enviesada.

Garantir, portanto, o devido estabelecimento de uma Psicologia Teórica, fenomenologicamente fundada, exige admitir a possibilidade de que as categorias psíquicas possam ser eideticamente evidenciadas. Isto significa também assumir, por outro lado, de que experimentalmente, e tão pouco materialmente, seja impossível constatar estes tipos categoriais psíquicos. Apenas de forma eidética, ou seja, a patir das descrições ideias das categorias psíquicas é possível revelar e evidenciar, de forma apodíctica, a possibilidade de existência destas mesmas categorias.

Tampouco se torna necessário, para a evidenciação destas categorias psíquicas, que haja um correlato neural dessas, ou substrato corpóreo qualquer que seja. Dito em outras palavras, não é a existência de um núcleo especializado em dor ou medo em um protoencéfalo que determina a existência deste, ou ainda, a sua forma ou qualidade da vivência do indivíduo. Alegar que o tamanho das “amigdalas cerebrais” afeta a forma

como o indivíduo sente a subcategoria emocional medo seria o mesmo acusar a mãe de Hitler pelo início da II Guerra Mundial. Embora possa ser encontrada uma relação de causalidade, não há nenhuma relação de necessidade entre uma e outra coisa. Não é necessário reduzir os fenômenos psíquicos a correlatos materialistas, naturais ou neurais a fim de que possa se atestar sua existência. A própria vivência destas categorias, e a redução aos seus tipos ideias, devem bastar para assumir sua existência e suas possíveis correlações e regramentos obtidos, repetimos, de forma ideal apenas e tão somente.

Antes de passarmos a sugerir qualquer tipo de descrição eidética das categorias psíquicas, é importante alcançar um próximo nível de evidenciação dos fenômenos psíquicos, ou seja, um critério de universalização que consiga satisfazer os critérios de apoditicidade e generalidade impostos a qualquer saber científico. A possibilidade de uma ciência psicológica e, portanto, da elaboração de uma Psicologia Teórica, passa, portanto, pela assunção da existência do nível intersubjetivo dos fenômenos psíquicos.

A assunção da existência deste nível intersubjetivo não deveria nos causar estranheza, uma vez que ele é decorrência lógica da própria assunção do caráter eidético dos fenômenos psíquicos. Dito de outra forma, ao assumirmos a possibilidade da existência dos fenômenos psíquicos e de sua elaboração eidética, ou seja, da capacidade de intuirmos as categorias universais dos tipos categoriais do psíquicos, também assumimos conjuntamente o caráter intersubjetivo da experiência psíquica. Dito de outra maneira, assumimos duas características: 1) que toda a experiência psíquica é acessível por qualquer consciência cognoscente e 2) que estas experiências, por possuírem as mesmas características em si mesmas, são igualmente passíveis de compartilhamento e mútua compreensão. Se percorremos o mesmo caminho para atingir determinada categoria eidética psíquica, então não há que se falar de entendimentos diferentes ou individuais sobre aquela categoria. Ambas as consciências podem compreender mutuamente a experiência alheia a partir da própria autocompreensão das próprias experiências, uma vez que são percorridos os mesmos passos para se atingir as essências categoriais do psiquismo. Tal assunto, Husserl também já o havia abordado, e colocado como possível, em pelo menos um dos trabalhos já citados, nas *Lições sobre a Psicologia Fenomenológica*, publicadas no volume IX das Husserlianás, que aqui retomamos:

Se nós tomamos à objetividade lógico-matemática como sendo capaz de tornar-se evidente intersubjetivamente, então nós devemos adicionar a subjetividade singular à subjetividade comunicativa e à vida communalizada.” (Husserl, 1977, p. 27).

De uma só vez Husserl nos auxilia ao evidenciar que, da mesma forma que somos capazes de compreender e intuir, coletivamente, as relações matemáticas universais, também somos aptos a generalizar e compreender, mutuamente, as realidades subjetivas, através da assunção do seu caráter intersubjetivo.

Deixamos claro aqui que, não é suficiente a mera assunção das categorias psíquicas como universais, para que se possa garantir sua universalidade. O requisito fundamental desta universalidade e, portanto, caracterização intersubjetiva, é a apreensão comum das categorias eidético-universais. Sem a devida descrição e investigação fenomenológica, não podemos evidenciar de forma clara e distinta a universalidade das categorias eidéticas do psiquismo. Portanto, o estabelecimento de uma Psicologia Teórica depende sempre da possibilidade da explicitação deste caminho investigativo e reflexivo, até que se possa evidenciar o caráter intersubjetivo das categorias eidéticas do psiquismo.

Dito de forma resumida, o que se pretendeu até aqui foi o estabelecimento de normas epistemologicamente comprováveis que possibilitem o abandono de teorias psíquicas que embora se apoiem em intuições genuínas, ainda se misturam e se contaminam com opiniões pessoais, culturais e provindas de outras teorias igualmente reprováveis. Isso acaba por desembocar em uma doxologia quase sempre permanente quando se refere a teorizações sobre o funcionamento psíquico humano. Para que fique ainda mais clara a nossa intenção, o que objetivamos é deixar de lado construções teóricas apoiadas na pura *doxa*, no contato apenas empírico com os diversos tipos de experiência psíquicas e humanas. Uma autêntica *episteme*, um conhecimento psicológico que supere as simples questões de visão ou paradigmas teóricos, deve partir de um núcleo em comum que torne possível o estabelecimento de um conjunto de consensos no que se refere a conceitos básicos psicológicos. Somente a partir do estabelecimento destas categorias universais, suas descrições e, portanto, seus entendimentos, é que poderemos buscar estabelecer teorias psicológicas que, efetivamente e, fenomenologicamente, possibilitem o conhecimento universal sobre os fenômenos psíquicos. Apenas assim, uma vez atingidos tais consensos mínimos, poderemos definir a Psicologia como uma ciência rigorosa.

3.3 DESCRIÇÃO DAS ESTRUTURAS DA CONSCIÊNCIA PSICOLÓGICA

Partimos da descrição proposta pela Fenomenologia de Husserl de que toda a consciência é intencional, ou seja, de que todo o conteúdo da consciência é sempre algo diferente de si mesma. Tal conceito, como também é sabido, foi extraído da obra de Franz Brentano (Brentano, 1935), o qual influenciou grandemente a Husserl. Contudo, o conceito não foi aplicado exatamente como o desenvolveu Brentano. Husserl ao dar continuidade às suas investigações e reflexões fenomenológicas aprofundou a noção de intencionalidade como descrição de características da consciência que, *a priori*, impediriam que Husserl desenvolvesse a descrição da própria consciência em si. Se para Brentano tomar consciência da intencionalidade da própria consciência é o degrau último que se poderia alcançar na investigação desta, para Husserl esse “solo comum” é o início de suas investigações de ordem transcendental.

Husserl passará a admitir um caráter dual da experiência consciente - algo tomado como incoerente com a noção brentaniana da consciência - ao descrever o caráter *noético* e *noemático* da dação de sentido da consciência às vivências (*Erlebnis*). Husserl inaugura assim outro nível de compreensão das vivências, que poderíamos traduzir como a tomada de consciência das vivências, a ponto de serem tomadas como experiências (*Erfahrung*).

Essa diferenciação é de extrema importância para que se possa estabelecer as descrições das estruturas da consciência enquanto categorias universais dos fenômenos psíquicos. O critério de conscienciabilidade das vivências, ou seja, sua possibilidade de serem tomadas como experiências, é extremamente necessário para que consigamos alcançar a definição do que possa ser considerado um fenômeno psíquico. Não se exclui, porém, que existam vivências de ordem inconscientes que possam afetar a própria experiência consciente, já que por definição que agora trazemos de forma simplificada, a vivência é descrita exatamente por seu caráter inconsciente. Contudo, a evidenciação do fato, o possível acesso aos fenômenos psíquicos prescinde da característica fundamental de sua conscienciabilidade. Não será possível se falar de fenômenos psíquicos sem que esses tenham, em alguma medida, a capacidade de serem tomados como conscientes (conscienciáveis).

Podemos também supor níveis diferentes de consciência, a ponto de conferir gradações distintas ao que podemos considerar ou não acessível à análise deste fenômenos, tais como as ideias de subconsciente, não-conscientes, quase conscientes

etc. O que não seria possível, porém, é admitir que a simples possibilidade da existência de vivências ou fenômenos psíquicos inconscientes deveria ser levada sempre em consideração na análise dos fenômenos psíquicos e suas descrições. Pensar que em todo o momento os fenômenos psíquicos conscientes poderiam estar sofrendo a influência de outros fenômenos psíquicos inconscientes, e que isso portanto invalidaria toda e qualquer análise sobre os conteúdos conscientes, tornaria a análise destes conteúdos impossível.

Poderíamos utilizar uma analogia com a ciência física da seguinte forma: tal qual a materialidade é um pressuposto básico para a investigação dos fenômenos físicos, ou seja, é imprescindível que para que seja estudado, medido e analisado o fenômeno físico possua uma “extensão” física, assim o é para os fenômenos psíquicos, que necessitam de um pressuposto básico para que haja a descrição, o estudo e a compreensão dos fenômenos psíquicos. Alongando ainda mais a analogia, tal qual a Física admite a possibilidade de um outro tipo de matéria que é, por definição inacessível e que está mais presente, em teoria, do que a matéria visível, a chamada “matéria escura⁸⁹”; assim poderíamos classificar igualmente o conteúdo inconsciente dos fenômenos psíquicos. Podemos admitir sua existência e sua influência, mas, partindo do pressuposto que o conteúdo inconsciente é por definição inacessível a consciência, então não há que levar em conta, ao menos na descrição de uma teoria psicológica de bases fenomenológicas, a existência de vivências que ainda não se tornaram experiências. Ou seja, vivências que não alcançaram a possibilidade de ser acessadas pela consciência para assim, e somente assim, ser reconhecidas como parte da estrutura da consciência enquanto tal.

Este pressuposto básico do critério de análise da Psicologia Teórica é fundamental para a capacidade de análise fenomenológica que nos propomos. Obviamente que a escolha aparentemente arbitrária não exclui as críticas e possíveis

⁸⁹ A matéria escura é, por definição, invisível ou, mais precisamente, indetectável por radiação eletromagnética (luz, raios-X, etc.). Isso significa que ela não emite, absorve, nem reflete luz ou qualquer outro tipo de radiação, o que torna impossível observá-la diretamente com telescópios tradicionais que captam luz visível ou outras formas de radiação. A existência da matéria escura é inferida a partir de seus efeitos gravitacionais sobre objetos visíveis, como estrelas, galáxias e aglomerados de galáxias. Por exemplo, os cientistas perceberam que as galáxias giram mais rápido do que seria esperado apenas com a massa visível (estrelas, gás e poeira). Para explicar essa discrepância, eles sugeriram que deve haver uma quantidade significativa de matéria que não podemos ver, mas que exerce força gravitacional — a chamada matéria escura. Portanto, embora não possamos “ver” a matéria escura, seus efeitos sobre a matéria visível revelam sua presença. (cf. Benone, 2019)

reformulações. Contudo, o voto aqui estabelecido pressupõe que, para que sejam consideradas as vivências inconscientes na análise dos próprios fenômenos psíquicos, é necessário que se estabeleça sua adequada correlação, tanto em termos de qualidade, quanto de intensidade.

Partindo então do ponto em que ficou estabelecido o caráter fundamental da conscienciabilidade dos fenômenos psíquicos, precisamos analisar mais de perto o caráter também intencional dos fenômenos psíquicos. Se por intencionalidade, conforme já foi apresentado, entendemos o caráter indissociável da experiência psíquica com seu caráter consciencitivo - de forma explícita, seu caráter indissociável noético-noemático - devemos pressupor, portanto, que a vivência anuncia a essência da experiência ao mesmo tempo em que a consciência reconhece a vivência enquanto tal. É dado, em um e mesmo momento, o caráter sensível da vivência e seu correlato eidético, que possibilita a sua apreensão.

No exemplo já utilizado da visão do copo sobre a mesa contextualizada em um ambiente ideal de experiência, foi dado o caráter tanto vivencial, ou seja, a imagem apreendida, quanto o caráter judicativo, ou seja, “vejo”, e sei que vejo, porque “vejo algo”. Aqui se apresentam já os níveis que queremos por ora explicitar, a saber, a descrição da vivência da atitude natural (“vejo o copo”), quanto seu aspecto categorial (“vejo”) que revela uma primeira categoria psíquica eidética, a da percepção. Contudo, apenas nos retraindo um pouco mais, até um eu cognoscente transcendental, é podemos, a partir da experiência individualizada, admitir que o que constato a partir do que vejo, trata-se, na verdade, de uma categoria universal, que designamos, comumente, ‘percepção’. Categoria essa que, por ora, não nos preocupará em seu caráter universal, intersubjetivo. Interessa-nos, neste momento, apenas a descrição da categoria e suas multiplicidades.

Por percepção podemos compreender uma característica fundamental da consciência que possibilita acesso a diversos corpos supostamente existentes para além da consciência e do eu psíquico. A partir da percepção do meu próprio corpo - e da capacidade deste de corresponder a volições oriundas deste mesmo eu psíquico - que se move em um ambiente que me responde oferecendo igualmente sensações, que me confirmam sua presença para além dos limites do eu psíquico, como o chão em que piso, a roupa que visto, as diversas aparições de imagens que se conectam entre si. Da extração de todas essas aparições, sejam elas imagéticas, táteis, proprioceptivas etc, posso reduzir e compreender que a percepção é a capacidade da minha consciência de

tornar sensível, junto ao meu eu psíquico, como supostamente existente o mundo sensível acessível aos meus sentidos.

Dito de outra forma, percepção é a “ponte” que possibilita o eu psíquico receber as múltiplas formas de vivências ofertadas pelo mundo sensível, ao mesmo tempo em que fornecem a estas vivências seus significados⁹⁰. Há aqui, como é de se supor, a assunção de certa circularidade causal no que se refere a apreensão da experiência, de tal forma que não é possível determinar onde a experiência se origina, se no mundo sensível ou se na consciência deste, uma vez que a experiência se traduz pela imediata apreensão da consciência do mundo vivido, e que sua separação é feita apenas de forma teórica e/ou didática, nunca de forma correspondente ao efetivamente vivido.

Outra importante categoria psíquica que compõe e está presente dentre as multiplicidades dos fenômenos psíquicos é aquela que se revela na capacidade volitiva de se criar os fenômenos psíquicos. Esta capacidade é compreendida como o fantasiar, mas que poderia englobar, igualmente, o próprio pensar. De forma análoga à percepção, o que poderíamos entender como fantasia e/ou pensamento, se dá apenas quanto a origem, contudo, todas as demais consequências advindas deste fenômeno psíquico, poderiam ser facilmente igualadas. Por exemplo, é possível fantasiar uma sensação, e dela colher toda a sorte de consequências tanto sensíveis como psíquicas. Por exemplo, é possível fantasiar (gerar) a sensação sensível de um barulho e dali depreender e tonar-se consciente de que alguém anda sobre o telhado da casa, para daí imaginar a possibilidade de ser assaltado. A existência ou não do ladrão físico não importa quanto à experiência do medo, o que se apreendeu foi a sensação sensível sonora que, independentemente da origem, gerou consequências psíquicas vivenciadas de forma real. A fantasia pode, neste mesmo contexto ser compreendida como uma alteração da sensação sensível em experiência psíquica diferente daquela do mundo sensível.

Se neste mesmo exemplo pudéssemos supor que houve um ruído sonoro diverso em qualidade daquele de uma pessoa andando sobre o telhado, mas que foi “interpretado” como se fosse, o que houve, neste caso, foi a alteração, por meio da consciência intencional, do próprio conteúdo psíquico, que apenas se explica a partir do conteúdo noemático da experiência, que afeta, modifica, amplia ou diminui a vivência sensível, conferindo a esta outras qualidades que afetam, independente da correlação do

⁹⁰ Daí a alusão a uma “ponte” que possibilita o duplo sentido do “trânsito” entre a *noesis* e o *noema*.

mundo sensível, o eu psíquico de forma psíquica real. Realidade psíquica esta, que como já apresentamos, independe do realismo material, como demonstrado neste caso.

A categoria pensamento foi colocada aqui, semelhante à fantasia, por terem ambas a mesma gênese, o puro psíquico, entendido aqui como diferente do puro material. Puro material este inacessível, a não ser pelas possibilidades de apresentação à consciência por meio dos seus aspectos sensíveis. O puro psíquico possuí correlação apenas com a própria estrutura da consciência e deve ser compreendido como uma categorial ideal da descrição da experiência, uma vez que, dada a indissociabilidade do caráter das experiências com o mundo sensível, a experiência do “eu psíquico” é, antes de tudo, de caráter ideal e puramente teórica.

Podemos compreender, a partir da redução transcendental ao eu cognoscente, a possibilidade da pura experiência psíquica como originária tanto da fantasia quanto do pensamento. Porém, o que diferencia estas duas categorias são os seus conteúdos vivenciados, enquanto a fantasia se traduz pela gênese das sensações, o pensamento se traduz pela gênese dos sentidos. Sentidos esses que podem, ou não, estar ordenados de forma estruturada a partir da linguagem.

Diferenciamos assim, dois tipos de pensamentos, um de caráter formal e outro de caráter eidético. Enquanto o tipo de pensamento formal necessita de uma estrutura de significantes, ou seja, do uso de palavras encadeadas, de forma a conferirem significados, o que denominamos pensamentos eidéticos seriam as experiências do puro eidético, dificilmente traduzíveis em formatos formais e linguísticos, mas que podem ser aprendidos a partir de um ego cognoscente.

Como exemplos destas duas tipologias de pensamento, podemos utilizar a própria fenomenologia a partir das suas reduções: na redução fenomenológica, ao buscar variar as possibilidades de existência de um determinado objeto, como um copo, a partir inclusive da própria categoria de fantasiar, utilizando-se de maneira explícita da própria linguagem para tal, já está fazendo uso do pensamento formal, de forma direta algo como “posso fantasiar o copo como sendo de vidro, ou outro material, como o plástico; posso fantasiar ele sendo grande ou pequeno; de cores diversas; mas não posso fantasiar um copo que não possua a capacidade de reter líquidos, a ponto deste perder sua qualidade essencial, e então passo a obter a essência da ideia de copo”. Toda esta descrição da variação dos tipos de aparição do copo, sua descrição em si, traduz o próprio ato de pensar, sua própria categorização. Neste sentido, o pensamento do tipo

formal está intrinsecamente ligado a possibilidade do encadeamento lógico e formal da sua estrutura.

A obtenção, contudo, da própria essência que este tipo de pensamento produz, revela outro tipo de subcategoria do pensamento, o pensamento eidético, o qual acessa a própria essência em si, que, no exemplo, se traduz pela obtenção da ideia de copo. Porém, o acesso aos tipos ideias, às essências, não se dá única e exclusivamente através da redução eidética, própria do método fenomenológico. Ela se dá o tempo todo, em diversos momentos da vida cotidiana, quando buscamos compreender e apreender determinados conhecimentos sobre coisas e fatos, conceitos e ideias, nestes e em diversos outros momentos estamos a utilizar a categoria psíquica do pensamento eidético. Apenas para retomar, tais categorias, o fantasiar e o pensamento e seus subtipos, são todos equivalentes quanto a sua gênese, ou seja, são do tipo puramente psíquicos.

Outra categoria de fenômeno psíquico que gostaríamos de descrever estaria localizada de forma intermediária entre as categorias do perceber e da categoria do pensar, seria uma categoria que, por falta de uma nomeclatura melhor, poderíamos rotulá-la de “sentir”. O sentir poderia ser compreendido como a capacidade de perceber as variações das emoções, as quais, por sua vez, também de forma análoga às cores, poderíamos descrever como variações de tonalidade do eu psíquico. Sentir para as emoções está do mesmo modo que o perceber para as sensações, ou seja, é possível extraír daí, de forma igualmente noética-noemática, as análises do que poderíamos supor como vivências que são elevadas à consciência por meio de seu aparecimento enquanto experiências de forma análoga. Vivenciar uma emoção, seja qual for sua “tonalidade” afetiva, por exemplo o medo, ou a ansiedade, poderiam ser descritas tanto em termos de vivências, como de experiências, a depender do nível de consciência correlacionado à emoção em si. Desta forma, podemos atribuir, de forma análoga às emoções, tal qual às sensações, a diferenciação noético-noemática que poderia ser descrita por “sentir algo” e tomar consciência “do que se sente”. O próprio ato de nomear a emoção que se sente, já traduz, em termos não puramente emocionais, aquilo que se sente. Porém, tal qual uma sensação sensível, como o calor ou a imagem de um copo, a emoção pode ser reduzida de seu caráter puramente descritivo para o nível eidético, conforme normalmente se traduzem as emoções, como “medo”, “ansiedade”, “alegria”, “raiva” etc. Posteriormente buscaremos traçar algumas correlações entre as

tonalidades afetivas. Por ora, cabe-nos apenas destacar, novamente, a categoria do sentir e suas principais características.

Uma característica singular do sentir é que esta está correlacionada a aspectos tanto do puro psíquico quanto das sensações. Não é estranho imaginar a descrição da experiência de uma grande tristeza, como a perda de alguém muito próximo, alguém se referir a uma dor sensível em alguma parte específica de seu corpo, como se estivessem sobrepostas as categorias da percepção da sensação de dor e da categoria do sentir tristeza. Daí podermos considerar a analogia do sentir também como uma espécie de “perceber do eu psíquico”, suas tonalidades e características.

Do que foi possível depreender até o momento, sobre as categorias psíquicas e seus conteúdos, gostaríamos de propor as seguintes correlações entre estas: que o conteúdo da categoria percepção pode ter como conteúdos as sensações, costumeiramente originadas do mundo sensível; que o fantasiar pode ter igualmente como conteúdos as sensações, conquanto trazem conteúdos correlacionadas às sensações do mundo sensível por vezes, mas não de maneira exclusiva; que os conteúdos da categoria sentir são caracterizados pelas emoções, descritas como tonalidades afetivas do eu psíquico; que os conteúdos da categoria do pensar podem ser descritas em formas de significantes (linguagem formal) ou significados, sendo uma característica fundamental deste último sua obtenção apenas através do ego cognoscente, diretamente à intuição e de forma dificilmente formalizável.

Tabela 1 - Descrição Geral das Categorias Psíquicas Primárias

Categoria Psíquica	Conteúdo Psíquico	Região Ontológica	Natureza
Percepção	sensações sensíveis	Ego psíquico	Noética-noemético
Sentimento	emoções	Ego Psíquico	Noética-noemático
Pensamento	Significantes	Ego Psíquico	Noético-noemático
Pensamento	Significado	Ego Transcendental	Noemático

Por ora não buscaremos descrever de forma exaustiva os tipos de conteúdo destas categorias. Algumas destas poderiam ser descritas ao infinito, como por exemplo, os diversos tipos de significados existentes. O que buscamos aqui foi estabelecer, ao menos, três categorias psicológicas que são fenomenologicamente evidenciáveis a partir dos seus conteúdos correlatos, tal qual aparecem à experiência.

Em seguida buscaremos traçar algumas relações intrínsecas a essas categorias, buscando identificar, portanto, como variam os tipos de conteúdo dentro das próprias categorias e como estes podem estar correlacionados, transversalmente uns aos outros.

3.4 SOBRE A MULTIPLICIDADE DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS E SUAS CORRELAÇÕES

Passaremos agora a descrever algumas possíveis “escalas” de variação dos tipos de conteúdo psíquicos, que podem ou não estar correlacionados a uma categoria psíquica em específico ou a mais de uma delas. Alguns destes tipos de variações possíveis dos fenômenos psíquicos já foi apresentado de alguma maneira nos exemplos anteriores. Agora buscaremos conferir alguma sistemática destes.

Quanto a gênese dos fenômenos psíquicos, gostaria de descrever uma escala, que poderíamos imaginar, variasse em uma espécie de gradiente. Sendo que por gênese queremos destacar em um dos extremos, as sensações puramente somatológicas, e, no extremo, as sensações puramente psicológicas. Como exemplos de sensações que variam neste espectro, podemos tomar a sensação tátil como aquela que maior somatogênese comporta, e, no outro extremo, uma fantasia auditiva, como exemplar das sensações que maior dificuldade apresentam na sua identificação com correlatos do mundo sensível. Esta escala, portanto, da gênese das sensações, poderíamos transitoriamente chamar de grau de psicogenia.

Outra forma de categorizarmos os fenômenos psíquicos, e em especial sua relação com a volição, seria entre seu grau de passividade ou agência, ou seja, em qual medida uma sensação ou emoção é experienciada na forma de sua passagem do não-consciente para o consciente. Em outros termos, esta escala poderia ser descrita entre seu grau de “passividade” até o outro extremo, que seria o grau de “agência” ou “atividade”. Assim compreendido, poderíamos classificar alguns tipos de emoções como totalmente passivas, tais como o medo ou a tristeza, até outros graus mais complexos de emoções, como saudade ou ansiedade, as quais possuem, entre outras características, maior grau de agenciamento, ou seja, de uma participação consciente dos elementos que influenciam tais emoções. O mesmo grau de agenciamento podemos supor na diferença entre sensações somatológicas das psicológicas, porém em outro nível, pois nem toda sensação puramente somatológica possui um grau de agenciamento baixo (muito embora estas sejam predominantes). O mesmo poderíamos supor para as

sensações com maior grau de psicogenia. Elas podem não possuir um auto grau de agenciamento, já que sensações psicogênicas intrusivas, como aquelas fantasiadas sem um grau de agência elevado, são também possíveis. Desta forma, propomos uma escala que poderíamos chamar de grau de agência dos fenômenos psíquicos.

Poderíamos supor igualmente uma escala dos fenômenos psíquicos em relação a sua ocupação do “espaço” da consciência. A variação destes fenômenos, segundo esta escala, seria medida através da capacidade que determinado fenômeno psíquico “ocupa” ou não do fluxo da consciência, a ponto, inclusive, de diminuir a presença e/ou intensidade de outros fenômenos psíquicos. Como exemplo típico poderíamos supor a capacidade de concentração em uma determinada tarefa que impede ou diminui em muito a capacidade de perceber sensações ou mesmo tomar consciência de sentimentos. Poderíamos supor alguém que, ao ter sua consciência quase que completamente ocupada pela tarefa de ler algum texto (e estar, portanto, reproduzindo dentro do seu ego psíquico aqueles fenômenos psíquicos relacionados com os significantes e significados típicos desta categoria), diminui a capacidade de tomar consciência de sensações auditivas e não percebe quando sua esposa o chama para o jantar. Poderíamos, portanto, supor certo grau de ocupação da consciência, tomando como análogo a ideia de que seja possível “medir” o espaço consciencial em graus de ocupação deste. O denominaremos, portanto, por falta de outra melhor palavra, de “volume consciencial”.

Apesar de serem possíveis tantas outras escalas e tantas outras formas de classificar os fenômenos psíquicos, para além de suas categorias, e correlacionando cada uma delas, o que buscamos propor foi o início de uma sistematização que pudesse oferecer uma análise transversal às categorias anteriormente elencadas (percepção, sentimento e pensamento) e as múltiplas formas como estas poderiam se organizar. Deixamos, abaixo, a sugestão de organização destas escalas, sem nenhuma pretensão de esgotar as possibilidades de suas descrições:

Tabela 2. Descrição Específica das Categorias Psíquicas Primárias

Escalas psíquicas	Categorias Psíquicas	Exemplos inferiores	Exemplos superiores
Grau de Psicogenia	Percepção, Sentimento Pensamento	Sensação de dor Sentimento de medo Leitura	Toque Saudade Elaboração conceitual
Grau de Agência	Percepção Sentimento Pensamento	Fantasiar um ruído Paixão Intrusivos	Degustar Amar Cálculo
Grau de Volume Consciencial	Percepção Sentimento Pensamento	Sensação das roupas Ansiedade Meditação	Sensação de dor Paixão Intrusivos

Como dito acima, são apenas alguns exemplares de variações escalares possíveis dos fenômenos psíquicos, que o presente trabalho não buscou esgotar. Ao contrário, o presente trabalho tem como objetivo lançar as discussões de ordem filosóficas e de organização do próprio campo do que poderia vir a ser a Psicologia Teórica de base fenomenológica. O que foi dito na maior parte deste capítulo disse respeito a exemplos do que deveria ter se tornado uma Psicologia Teórica de bases fenomenológicas. Para muito além de traçar conhecimentos fenomenológicos sobre os tipos de vivências e experiências, uma Psicologia Teórica buscará traçar categorias universais e eidéticas que, uma vez adequadamente estabelecidas, poderiam suprir os anseios pessoais do filósofo Edmund Husserl em ver sua filosofia sendo aplicada na fundamentação de uma ciência que ela considerava fundacional para o próprio futuro das Ciências do Espírito em geral.

CONCLUSÃO

De tudo o que foi dito neste trabalho, não nos resta nenhuma dúvida de que Husserl, o fundador da Fenomenologia, propôs que sua filosofia pudesse vir a fundamentar epistemologicamente a Psicologia, enquanto ciência do espírito, e, mais ainda, enquanto ciência paradigmática para todas as demais ciências do espírito.

A partir daí, fica-nos fácil observar que nossa primeira hipótese levantada, a saber, a de que a Fenomenologia se constitui como uma resposta crítica à “elevação” da Psicologia, de filosofia a ciência, fica claramente comprovada, e em diversos níveis. A Fenomenologia não apenas esteve presente no mesmo contexto histórico e acadêmico que o surgimento da Psicologia Experimental, e portanto, Científica. A Fenomenologia foi uma reação direta às tentativas de se naturalizar a filosofia, e em especial a Lógica à nova ciência psíquica.

Foi possível depreender das leituras das *Investigações Lógicas*, por exemplo, e à luz dos demais excertos escolhidos, que todo esforço inicial de Husserl, principalmente nas primeiras duas décadas do século XX, tinham como objetivos 1) impedir que a Psicologia pudesse seguir adotando o modelo das ciências naturais e 2) fundamentar a Psicologia por meio do uso do ontologia e da metodologia proposta por sua Fenomenologia. Nos textos que se seguiram, diversos excertos demonstraram nossa hipótese de que a Fenomenologia husseriana tinha como objetivo declarado e explícito a fundamentação filosófica, metodológica e teórica da Psicologia, enquanto uma ciência paradigmática no que tange a fundamentação de todas as demais ciências do espírito.

Contudo, quanto à nossa segunda hipótese, cremos que não seja possível afirmar que toda a Fenomenologia é ela uma Psicologia Teórica. Pelo simples fato de que há toda uma discussão de fundamentação de todo o conhecimento, a partir das descrições da própria lógica pura, e suas correlações com o ego transcendental que impedem que a Fenomenologia seja reduzida à apenas a Psicologia. Contudo, podemos supor uma solução intermediária, qual seja, de que toda a Fenomenologia pode ser aplicada diretamente na fundamentação da Psicologia enquanto ciência, desde as discussões transcendentais sobre a fundamentação das ciências a partir da lógica pura, até as descrições pormenorizadas dos vários tipos de vivências e atos da consciência. Daí decorre que, todos aqueles psicólogos que se interessam por uma adequada fundamentação das ciência psicológica, podem encontrar na Fenomenologia toda a base, filosófica, epistêmica, ontológica e metodológica necessária para a correta

fundamentação desta ciência. A Fenomenologia tem a oferecer à Psicologia a possibilidade da descrição detalhada e analítica de toda a sorte de categorias e, portanto, ontologias necessárias a evidenciação e descrição dos tipos vivências e experiências.

Dito isso, queremos ressaltar que existe a urgente necessidade de que muitos maiores estudos voltados à descrição fenomenológica das vivências e das categorias psíquicas da experiência possam ser desenvolvidos de maneira orgânica e altamente unificada. Se torna igualmente necessário que haja uma adequada organização do campo de estudo da Fenomenologia e dos seus estudos filosóficos de forma que possam contribuir diretamente para a fundamentação e a categorização de toda uma ciência psicológica, bem como das demais ciências do Espírito. Há muitos trabalhos desenvolvidos no sentido de conferir substratos importantíssimos ao conhecimento das realidades psíquicas, que ficam alheios aos próprios psicólogos, seja por falta de acesso desses ao que é produzido no âmbito filosófico, seja porque não é de interesse aos próprios filósofos impulsionar o desenvolvimento de uma ciência que, como o próprio fundador da Fenomenologia colocou, reúne todas as condições de levar a cabo o projeto da Fenomenologia.

Concluímos, pois, compreendendo que o objetivo propriamente filosófico da Fenomenologia, enquanto Filosofia primeira, é o de fundamentar e organizar formalmente e intuitivamente os tipos com que se descreve e comprehende o mundo e suas múltiplas formas de aparição; e que a tarefa do psicólogo fenomenológico é a de organizar, a partir da Fenomenologia, todo o campo teórico da Psicologia enquanto ciência, a começar da elaboração de uma Psicologia Teórica.

A Psicologia Teórica é um campo que necessita ser (re)descoberto por aqueles psicólogos interessados em fundamentar rigorosamente a ciência psicológica. O campo necessita de descrições e conceituações que não esbarram em axiomas ou crenças infundados, ou que dependam exclusivamente de afeições pessoais, como se vê no que tange a tipos de teorias psicológicas que, quando muito, refletem apenas identificações pessoais e raramente escolhas conscientes e teoricamente embasadas. A ciência psicológica necessita urgentemente de pessoas capazes de se dedicarem a fundamentar e refletir sobre a organização teórica deste campo de estudo. Tal qual a Física possuí seu correlato teórico, suas categorizações eidéticas que, inclusive, impulsionam novas descobertas naquela área; também a Psicologia, mais do que nunca, necessita de ter um campo unificado no que se refere à compreensão das categorias universais do psíquico.

Portanto, neste sentido, defendemos uma continuidade das reflexões sobre a Fenomenologia e as possibilidades que a aquisição de seus conceitos permite. A Fenomenologia não se restringe a um campo específico de atuação prática e/ou clínica. Tão pouco se resume a uma aplicação metodológica de investigação dos fenômenos psíquicos. Entender a Fenomenologia e sua potencialidade apenas a partir destas aplicações seria análogo a usar uma pepita de ouro ou um grande diamante bruto como peso de papel. A Fenomenologia, em especial a Fenomenologia de Edmund Husserl, precisa ser redescoberta, e o possibilidade da fundamentação da Psicologia e de todas as ciências do Espírito a partir de uma ciência apodíctica, como a Psicologia Fenomenológica está mais próxima e necessária do que nunca. Espero que este trabalho possa ter contribuído, se não em pavimentar o projeto, ao menos em instigar outros estudiosos que o consigam trilhar e desenvolver, pelo bem da Psicologia e pelo zelo à verdade que tanto inspirou o filósofo Edmund Husserl.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Araujo, S. F. (2013). O Manifesto dos filósofos alemães contra a psicologia experimental: introdução, tradução e comentários. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 13(1). <https://doi.org/10.12957/epp.2013.7937>

Araújo, S. F. (2010). **O projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: uma nova interpretação**. Juiz de Fora: Editora UFJF.

Araujo, S. F. (2009a). Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. **Temas em Psicologia**, 17(1), 9–14.

Araujo, S. F. (2009b). Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. **Scientiae Studia**, 7(2), 209–220. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200003>

Beavers, A. F. (2009). **The Phenomenological Mind: An Introduction to Philosophy of Mind and Cognitive Science**. In *Philosophical Psychology* (Vol. 22, Issue 4). <https://doi.org/10.1080/09515080903157932>

Bell, M. (2005). **The German Tradition of Psychology in Literature and Thought, 1700–1840**. Cambridge: Cambridge University Press.

Bertone, G., & Hooper, D. (2018). **History of dark matter. Reviews of Modern Physics**, 90(4). doi:10.1103/revmodphys.90.045002.

Brentano, F. (1935). **Psicología desde un punto de vista empírico**. Madrid: Revista de Occidente.

Castañon, G. A. (2013). **Filosofia da psicologia: uma taxonomia**. In: S. F. Araujo (2012), História e filosofia da psicologia: perspectivas contemporâneas. (pp. 187-221). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.

Castañon, G. A. (2009). Psicologia como ciência moderna: vetos históricos e status atual. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.17, n.1, p. 21-36. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X200900100004&lng=pt&nrm=iso>.

Cormanich, E. L. (2017). **O conceito de psicologia fenomenológica na Husserliana IX e suas implicações para a psicologia**. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora] Repositório Institucional: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5663> UFJF.

DeCastro, T. G. de, & Gomes, W. B. (2011). Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 27(2), 233–240. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722011000200014>

Dilthey, W. (2008). **Ideias acerca de uma psicologia descritiva e analítica**. Covilhã: Lusosofia Press.

Cheung, F. M., & Mak, W. W. S. (2018). Sociocultural factors in psychopathology. In *APA handbook of psychopathology: Psychopathology: Understanding*,

assessing, and treating adult mental disorders, Vol. 1 (pp. 127–147). **American Psychological Association.** <https://doi.org/10.1037/0000064-006>

Ebbinghaus, H. (1908). **Psychologie.** In: **P. Hinneberg (ed.) Systematische Philosophie** (p. 173-247). Berlin: B. G. Teubner (Die Kultur der Gegenwart, Teil I, Abt. VI).

Feest, U. (2012). Husserl's Crisis as a crisis of psychology. *Studies in History and Philosophy of Science Part C :Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 43(2), 493–503. <https://doi.org/10.1016/j.shpsc.2011.11.008>

Feijoo, A., & Goto, T. (2016). É Possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia?. **Psicologia em Pesquisa**, 32(4), 1-9.

Fernandez, A. V. (2017). Phenomenology and the crisis of contemporary psychiatry: Contingency, naturalism, and classification. **Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences**, 78(2-A(E)). <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=psyh&AN=2017-01057-255&site=ehost-live>

Fréchette, G. (2019). **The Origins of Phenomenology in Austro-German Philosophy.** In A Companion to Nineteenth-Century Philosophy. <https://doi.org/10.1002/9781119210054.ch16>

Gallagher, S., & Zahavi, D. (2007). **The Phenomenological Mind: An Introduction to Philosophy of Mind and Cognitive Science** (1st ed.). Routledge

Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia.** Fim de Século.

Golomb, J. (1976). **Psychology from the Phenomenological Standpoint of Husserl.** *Philosophy and Phenomenological Research*, 36(4), 451–471. <http://links.jstor.org/sici?&si=0031-8205%28197606%2936%3A4%3C451%3APFTPSO%3E2.0.CO%3B2-F> Philosophy

Gracia, J. (1992). **Philosophy and its History: Issues in Philosophical Historiography**, State University of New York Press, Albany, N.Y.

Gundlach, H. (2012). **A Psicologia como ciência e como disciplina: o caso da Alemanha.** In: de Freitas Araujo, S. (Ed. e Trad.) *História e filosofia da psicologia: perspectivas contemporâneas..* Editora da UFJF.

Gundlach H. (2006). **Psychology as science and as disciplina: the case of Germany.** *Physis Revista Internazionale Di Storia Della Scienza*, 43(1–2), 61–89.

Hatfield, G. (1994). **Psychology as a Natural Science in the Eighteenth Century.** *Revue de Synthèse*, 115(3–4), 375–391. <https://doi.org/10.1007/BF03181250>

Holanda, A. (2009). Fenomenologia e Psicologia: diálogos e interlocuções. **Revista Da Abordagem Gestáltica**, 15(2), 87–92.

Husserl, E. (2022). **Philosophie als strenge Wissenschaft** (Vol. 16, Issue 1).

Husserl, E. (2015). **Investigações Lógicas para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Husserl, E. (2014a). **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica** (M. Suzuki, Trad.). 5^a Ed. Aparecida: Ed. Ideias e Letras. (Obra originalmente publicada em 1911)

Husserl, E. (2014b). **Investigações Lógicas (Primeiro Volume): Prolegômenos a Lógica Pura**. (Diogo Ferrer, Trad.). Forense Universitária: Rio de Janeiro.

Husserl, E. (2013). **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris**. P. S. Alves (Trad.). Forense Universitária: Rio de Janeiro.

Husserl, E. (2012). **A Crise das Ciências Européias e a Fenomenologia Transcendental: Uma introdução à Filosofia Fenomenológica** (P. M. S. Alves, Trad.). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária (Obra originalmente publicada em 1954).

Husserl, E. (2008). **A crise da Humanidade Europeia e a Filosofia** (P. M. S. Alves, trans.). In Universistas Olisiponensis. Lusosofia Press.

Husserl, E. (2007). **La filosofía como ciencia estricta** (E. Tabernig, Trad.). Buenos Aires: Ed. Terramar. (Obra originalmente publicada em 1911)

Husserl, E. (2002). **Philosophy as Rigorous Science**. In The New Yearbook for Phenomenology and Phenomenological Philosophy II (pp. 249–295).

Husserl, E. (2001). **Psychologie Phénoménologique: 1925-1928** (P. Cabestan, trad.). Paris: Vrin.

Husserl, E. (1980). **Phenomenology and the Foundations of the Sciences - Third Book: Ideias pertaining to a Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy** (T. E. Klein & W. E. Pohl, trans.). Martinus Nijhoff Publishers: The Hague.

Husserl, E. (1988). **Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento)**. (Z. Loparic, trad.). São Paulo: Ed. Nova Cultural.

Husserl, E. (1977); **Phenomenological Psychology: Lectures, Summer Semester 1925** (John Scanlon, trad.). Den Haag: Martinus Nijhof.

Husserl, E. (1957). **Dilthey-Husserl :en torno a la Filosofía como ciencia estricta y al alcance del historicismo : correspondencia entre Dilthey y Husserl de 29 junio, 5/6 julio y 10 julio de 1911**. Rev. de Filosofia da Universidade de Costa Rica 1(2), 1957, 101-124.

Hutcheson, P. (1981). **Solipsistic and Intersubjective Phenomenology**. Human Studies, 178(4), 165–178.

Hume, D. (2000). **Tratado da Natureza Humana**. (D. Danowski, trad.). São Paulo: Ed. Unesp. (Obra originalmente publicada em 1739).

Inwood, M. J. (1996). The Cambridge Companion to Husserl. In **International Philosophical Quarterly** (Vol. 36, Issue 4, pp. 490–492). <https://doi.org/10.5840/ipq199636449>

Kant, I. (1972). Immanuel Kant: Werke / Der Streit der Fakultäten. **Anthropologie in pragmatischer Hinsicht**. Berlin, Germany: De Gruyter.

Kitchen, M. (2013). **História da Alemanha moderna de 1800 aos dias de hoje** (C. G. Duarte (trad.); 1a). São Paulo: Editora Cultrix.

Kinzel, K. (2018). Inner experience and articulation: Wilhelm Dilthey's foundational project and the charge of psychologism. **Hopos**, 8(2), 347–375. <https://doi.org/10.1086/698696>

Kockelmans. J. J. (1987). Husserl's Original View on Phenomenological Psychology. Joseph J. Kockelmans. In. J. J. Kockelmans (Ed.) **Phenomenological Psychology** (Phenoemenologica; 103) (pp. 3-29). Dordrecht: Martinus Nijhoff.

Kusch, M. (1995). **Psychologism: A Case Study in the Sociology of Philosophical Knowledge**. In: Philosophy and Phenomenological Research (Vol. 57, Número 4). Rout. <https://doi.org/10.2307/2953815>

Lipps, T. (1880), 'Die Aufgabe der Erkenntnistheorie und die Wundt'sche Logik I', **Philosophische Monatshefte** 16:529–39.

Lyotard, J. (2008). **A Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70.

Martin, J. S. (2020). The relation between phenomenology and psychology as the driving force of Husserl's transcendental phenomenology. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, (1-2), 206-218.

Meleau-Ponty, M. (1973). **Ciências do Homem e Fenomenologia**. (S. T. Muchail, trad.). Saraiva: São Paulo.

Moran, D. (1999). **Introduction to Phenomenology**. Routledge.

Östling, J. (2020). **Humboldt's University: The History and Topicality of a German Tradition**. In L. Engwall (Org.), **Missions of Universities : Past, Present, Future** (p. 63–80). Springer International Publishing.

Porta, M. A. G. (2013). **Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia**. São Paulo: Ed. Loyola.

Peres, S. P. (2014). O Desenvolvimento do Projeto de uma Psicologia Fenomenológica em Husserl. **Psicologia em Pesquisa**. 8 (2), 221-229.

Raffaelli, R. (2004). Husserl e a Psicologia. **Estudos de Psicologia**, 9(2), 211–215.

Sacrini, M. (2018). **A Cientificidade na Fenomenologia de Husserl**. São Paulo: Edições Loyola.

Steiner, L. (2015). **Education**. In M. N. Forster & K. Gjesdal (Orgs.), **The Oxford Handbook of Germany Philosophy in the Nineteenth Century** (1st ed). Oxford University Press.

Tatossian, A. (1997). **Psychiatrie phénoménologique**. Paris: Acanthe.

Tourinho, D. (2014). Lições fundamentais de Husserl em Prolegômenos. **Problemata**, 5(1), 130–148. <https://doi.org/10.7443/problemata.v5i1.19122>

Spiegelberg, H. (1960). **The Phenomenological Movement: A historical introduction** (Vol. 5, Ser. Pheanomenologica). Springer Netherlands Imprint : Springer.

Zahavi, D. (2004). **Phenomenology and the project of naturalization**. Phenomenology and the Cognitive Sciences, 3, 331–347. <https://doi.org/10.1023/B:PHEN.0000048935.94012.4e>

Zahavi, D. (2003). **Husserl's Phenomenology**. Stanford University Press.

Zahavi, D. (2001). **Husserl and Transcendental Intersubjectivity: A response to the Linguistic-Pragmatic Critique** (E. A. Behnke (trans.)). Ohio University Press.